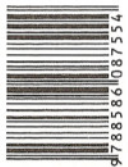


*Textos de*

Ângela C. S. Rodrigues  
Beth Brait  
Diana L. P. de Barros  
Dino Preti  
Hudinilson Urbano  
Ieda Maria Alves  
J. Gaston Hilgert  
Leonor Lopes Fávero  
Lygia C. D. Moraes  
Paulo de T. Galembeck

ISBN 85-86087-55-6



417  
P958  
v.1 / 4.ed.  
e.10

ANÁLISE DE TEXTOS ORAIS

Projetos Paralelos - NURC/SP  
(Núcleo USP)

1

**Dino Preti (org.)**

4ª. edição

Humanitas  
PUBLICAÇÕES  
FFLCH/USP

USP

Humanitas  
PUBLICAÇÕES  
FFLCH/USP  
1999

USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Prof. Dr. Jacques Marcovitch

Vice-Reitor Prof. Dr. Adolpho José Melfi

FFLCH FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

Vice-Diretor Prof. Dr. Renato da Silva Queiroz

CONSELHO EDITORIAL ASSESSOR DA HUMANITAS

Presidente Prof. Dr. Milton Meira do Nascimento (Filosofia)

Membros Prof. Dr. Lourdes Sola (Ciências Sociais)

Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro de Moura (Filosofia)

Prof. Dr. Sueli Angelo Furlan (Geografia)

Prof. Dr. Elias Thomé Saliba (História)

Prof. Dr. Beth Brait (Letras)

PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGÜÍSTICA  
URBANA CULTA DE SÃO PAULO  
(PROJETO NURC/SP - NÚCLEO USP)

Endereço para correspondência

Comissão Editorial

PROJETO NURC/SP - NÚCLEO USP FFLCH/USP  
Área de Filologia e Língua Portuguesa  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403  
sala 205 - Cidade Universitária  
05508-900 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel: (011) 818-4864  
e-mail: nurc@edu.usp.br

Compras e/ou assinaturas

HUMANITAS LIVRARIA - FFLCH/USP  
Rua do Lago, 717 - Cid. Universitária  
05508-900 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel/Fax: 818-4589  
e-mail: publch@edu.usp.br  
<http://www.usp.br/ffch/ffch.html>  
SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO  
Tel.: 818-4612 - e-mail: di@edu.usp.br

ISBN: 85-86087-55-6

PROJETO DE ESTUDO DA NORMA LINGÜÍSTICA  
URBANA CULTA DE SÃO PAULO  
(PROJETO NURC/SP-NÚCLEO USP)

*Ângela C. S. Rodrigues - Beth Brait - Diana L. P. de Barros - Dino Preti -  
Hudinilson Urbano - Ieda M. Alves - J. Gaston Hilgert - Leonor Lopes  
Fávero - Lygia C. D. Moraes - Paulo de T. Galembeck*

# ANÁLISE DE TEXTOS ORAIS

*Dino Preti (Org.)*

4ª. edição

SBD-FFLCH-USP



325969

USP

Humanitas Publicações - FFLCH/USP - junho 1999

Humanitas  
PUBLICAÇÕES  
FFLCH/USP



Humanitas  
PUBLICAÇÕES  
FFLCH/USP

1999

417  
P 952  
V. 1  
41 ed.  
c. 10

Copyright 1999 da Humanitas FFLCH/USP  
É proibida a reprodução parcial ou integral,  
sem autorização prévia dos detentores do copyright

Série **PROJETOS PARALELOS**

**Vol. 1** ANÁLISE DE TEXTOS ORAIS

**Vol. 2** O DISCURSO ORAL CULTO

**Vol. 3** ESTUDOS DE LÍNGUA FALADA

Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH/USP  
Ficha catalográfica: Márcia Elisa Garcia de Grandi CRB 3608

A532 Análise de textos orais / Dino Preti (organizador). 4. ed. - São Paulo : Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999 - (PROJETOS PARALELOS: V. 1)

Acima do título: Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP - Núcleo USP).

237p

ISBN: 85-86.087-55-6

1. Análise da conversação 2. Língua escrita 3. Língua oral 4. Linguagem culta 5. Português - São Paulo (cidade) 6. Sociolingüística I. Preti, Dino, org. II. Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo III. Série

CDD (20. ed.)  
469.798611

HUMANITAS PUBLICAÇÕES FFLCH/USP

e-mail: editflch@edu.usp.br

Tel.: 818-4593

*Editor Responsável*

Prof. Dr. Milton Meira do Nascimento

*Coordenação editorial e Diagramação e Capa*  
M. Helena G. Rodrigues

*Revisão*  
dos autores

*Montagem*

Charles de Oliveira / Marcelo Domingues

**DEDALUS - Acervo - FFLCH**



20900091099

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	7
<b>Normas para transcrição dos exemplos</b> .....	1
<b>1. Língua falada e língua escrita</b>	
<i>Ângela Cecília Souza Rodrigues</i> .....	13
<b>2. O tópico discursivo</b> .....	33
<i>Leonor Lopes Fávero</i> .....	
<b>3. O turno conversacional</b> .....	55
<i>Paulo de Tarso Galembeck</i> .....	
<b>4. Marcadores conversacionais</b> .....	81
<i>Hudinilson Urbano</i> .....	
<b>5. Procedimentos de reformulação: a paráfrase</b> .....	103
<i>José Gaston Hilgert</i> .....	
<b>6. Procedimentos de reformulação: a correção</b> .....	129
<i>Diana Luz Pessoa de Barros</i> .....	
<b>7. O léxico na língua falada</b> .....	157
<i>Ieda Maria Alves</i> .....	
<b>8. A sintaxe na língua falada</b> .....	169
<i>Lygia Corrêa Dias de Moraes</i> .....	
<b>9. O processo interacional</b> .....	189
<i>Beth Brait</i> .....	
<b>10. A língua falada e o diálogo literário</b> .....	215
<i>Dino Preti</i> .....	
<b>Glossário</b> .....	229

## APRESENTAÇÃO

Dino Preti

Desde a publicação do volume da série **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – Estudos**, em 1990, os pesquisadores que compõem a equipe do Projeto NURC/SP vêm continuando a realizar estudos sobre o material gravado (316 horas), em especial sobre uma parte representativa do *corpus* (18h e 22 min) que abrange todas as variáveis previstas no Projeto. Esse material selecionado foi todo transcrito e publicado nos três primeiros volumes da série acima referida.

Esta obra, publicada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo é o resultado desse trabalho, realizado ao longo dos anos de 91 e 92, e tem objetivos bem definidos.

O Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta, conhecido como Projeto NURC, tem âmbito nacional, e gravações foram realizadas em cinco capitais brasileiras: São Paulo (Projeto NURC/SP), Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. Cada uma dessas cidades gravou aproximadamente 300 horas com falantes cultos (entendidos como tal os de formação universitária completa); brasileiros; nascidos na cidade em que as gravações foram realizadas; filhos de luso-falantes; distribuídos em três faixas etárias (25-35, 36-55, 56 anos em diante); de sexo masculino ou feminino; que deixaram seu testemunho oral da fala urbana e dos três tipos de inquérito realizados: elocuições formais, diálogos e entrevistas.

Conforme sabemos, o estudo da modalidade oral da língua ampliou-se consideravelmente nas décadas de 80 e 90 e a aplicação das teorias da Análise da Conversação tornou possível o estudo do fenômeno da oralidade, fora dos métodos tradicionalmente usados para a análise da língua escrita. Problemas novos, como o do turno (a macrounidade da língua falada) e suas estratégias de gestão; das leis de simetria na conversação natural; da estruturação dos tópicos ou temas; dos procedimentos de reformulação; do emprego de sinais característicos da língua oral (marcadores conversacionais); da sobreposição de vozes; do fluxo conversacional; da densidade informativa; etc. vieram mostrar que a língua falada tem suas regras próprias.

**Análise de textos orais** procura tratar desses e de outros assuntos ligados à língua oral, inclusive sua comparação com a escrita e até mesmo sua presença no diálogo literário.

Os pesquisadores da equipe NURC/SP preocuparam-se em escrever uma obra de iniciação à análise da língua oral, empregando um estilo acessível a estudantes universitários (ou até pré-universitários), a professores secundários e usando apenas a nomenclatura técnica essencial. E, principalmente, partindo de textos falados reais, retirados do *corpus* do Projeto NURC/SP, usando, às vezes, textos escritos para comparação das teorias desenvolvidas.

Se percorrermos os vários ensaios aqui reunidos, poderemos ver que esta obra pretende oferecer uma visão geral, abrangente, que poderá servir como ponto de partida para analisar textos orais ou para compará-los com os escritos.

Assim, no primeiro artigo, Ângela C. S. Rodrigues, da área de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo, apresenta algumas reflexões sobre a língua falada e escrita, desde o problema da transcrição até outros importantes, como o do contexto conversacional, do planejamento, do envolvimento dos interlocutores na conversação. Em seguida, partindo de um texto literário de Carlos Drummond de Andrade, observa os mesmos problemas na língua escrita, para concluir que, embora o sistema lingüístico seja o mesmo, "as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados são diversos e específicos", na sua realização.

Em "O tópico discursivo", Leonor Lopes Fávero, professora de Lingüística, na Universidade de São Paulo, procura mostrar como se constrói o conteúdo da interação, ligando-o a uma série de fatores contextuais, como as circunstâncias em que ocorre, o conhecimento de que os interlocutores partilham, as pressuposições etc. Para estudar essa construção colaborativa do discurso, a A. passa por temas como o da centração, da organicidade, da segmentação e da digressão.

No terceiro ensaio, Paulo de Tarso Galembeck, professor de Língua Portuguesa, na Universidade Estadual Paulista – *campus* de Araraquara – propõe-se, segundo suas próprias palavras, "a efetuar um estudo das formas de participação de cada interlocutor (turnos) e dos procedimentos pelos quais ocorre a troca de falantes". Seu ponto de partida é o "exame das duas modalidades básicas da interação, quais sejam, as situações de simetria e assimetria na participação dos interlocutores".

Hudnilson Urbano, da área de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo, ao tratar dos marcadores conversacionais, um dos te-

mas mais discutidos da Análise da Conversação, propõe-se a analisar esses sinais, sob o aspecto formal, semântico, sintático e também quanto às suas funções comunicativo-interacionais.

José Gaston Hilgert, da área de Lingüística, na Universidade de Passo Fundo (RS), e Diana Luz Pessoa de Barros da mesma área, na Universidade de São Paulo, tratam dos "Procedimentos de reformulação" na linguagem falada. O primeiro, especificamente da paráfrase; a segunda, da correção. O prof. Hilgert introduz o quinto texto da obra, falando sobre a construção do texto, sua formação e planejamento e, depois, estuda o fluxo da formulação (descontinuidade e problemas). A seguir, entra nas atividades lingüísticas de reformulação e na paráfrase propriamente dita, que constitui o tema central de seu artigo. Diana Luz Pessoa de Barros centra seu ensaio (o sexto do livro) na correção, caracterizando-a e classificando-a em **reparação** e **correção** propriamente dita. A A. passa pelas muitas variações que esses fenômenos apresentam na língua oral. Por último, refere-se aos marcadores e padrões lingüísticos de correção e às funções que a correção representa no ato conversacional.

No sétimo artigo, Ieda Maria Alves, lexicógrafa da área de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo, escreve a propósito das características apresentadas pelo léxico da língua falada. Partindo do texto de uma elocução formal (aula universitária), discute o problema da definição dos vocábulos científicos e técnicos, levando em conta o aspecto didático do texto lexicográfico e do texto do professor. Por meio de comparações de exemplos, a A. estabelece as equivalências entre definição sinonímica e paráfrase por variação lexical; entre definição por síntese e paráfrase explicativo-definidora; e entre definição por denotação e paráfrase exemplificadora.

Lygia Corrêa Dias de Moraes, da área de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo, estuda "A sintaxe na língua falada". Em seu texto preocupa-se a A. em esclarecer previamente as definições da frase, oração e período, para, em seguida, fazer a comparação entre o que ocorre na língua falada e na escrita. Utilizando-se sempre de exemplos do diálogo que abre seu texto, estuda a sintaxe intraturno (abordando o problema da estrutura sintática das frases, a organização do período e dos elementos internos da oração) e a sintaxe interturnos (estudando, entre outros problemas, a presença das conjunções e **mas** e suas funções na organização dos turnos). Na conclusão de seu ensaio, afirma que, embora se possa dizer que "tudo o que se encontra na língua escrita se acha também na falada, o certo é que a recíproca não é verdadeira: nem tudo

o que há na língua falada está também na escrita" e as razões disso são as condições de produção das duas modalidades de língua.

Em "O processo interacional", Beth Brait, da área de Lingüística, na Universidade de São Paulo, escreve sobre as estratégias utilizadas por falantes em contextos de interação verbal. Examina, entre outros problemas, o das condições de poder reveladas na conversação e procura, segundo suas próprias palavras "caracterizar a interação como um fenômeno que inclui aspectos sociais, culturais, discursivos e lingüísticos", demonstrando a influência de tais características no sentido do texto.

No último ensaio desta obra, Dino Preti, professor de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo, estuda a elaboração do diálogo literário num fragmento de conto de Rubem Fonseca, procurando fazer um levantamento das marcas da oralidade no processo escrito literário.

Encerrando o livro, inclui-se um "Glossário", elaborado pelas professoras Marli Quadros Leite e Rosane Malusá Gonçalves Peruchi, do Curso de Pós-Graduação (doutorado) da Universidade de São Paulo.

Se a **Análise de textos orais**, por um lado, continua a linha de publicações da equipe do Projeto NURC/SP, por outro, inaugura uma série nova e mais abrangente – a de "PROJETOS PARALELOS" – que é decorrência natural da primeira. Foi a experiência trazida pelo trabalho com um *corpus* transcrito (e publicado pela primeira vez no Brasil) que permitiu a realização de projetos paralelos (como o da Linguagem dos idosos, de Dino Preti) e que possibilitou ampliar as linhas de análise do ato conversacional, como esta obra está demonstrando, com alguns estudos sobre as modalidades oral e escrita da língua.<sup>1</sup>

Em breve, novas publicações deverão surgir, nesta série, visando a trazer aos lingüistas, aos professores de línguas e ao leitor universitário em geral o fruto do trabalho de uma equipe que, ao longo de uma década, vem pesquisando os materiais gravados do Projeto NURC/SP (o primeiro volume de **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo** surgiu em 1986, como resultado de um projeto iniciado em 1984) e o fez, portanto, muito antes de os estudos de língua oral se terem consolidado na Lingüística do Brasil. A procura dos quatro primeiros volumes (três dos quais já esgotados) constitui o testemunho dessa atividade e da repercussão que mereceu dos vários setores da Lingüística, em nosso país e no exterior.

(1) Dino Preti - *A linguagem dos idosos*. São Paulo, Contexto, 1991.

Este trabalho foi realizado sob a coordenação do professor Dino Preti (USP-NURC/SP- Núcleo USP) e publicado com o apoio financeiro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, da CAPES (Taxas Acadêmicas) e CNPq (Taxas de Bancada).

## NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh ::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))

\* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D<sup>2</sup>.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ ligando as linhas	A. na casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...

### OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por está: *tá?* você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...(alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.

## 1. LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Ângela C. Souza Rodrigues

### 1. Considerações introdutórias

As reflexões a serem desenvolvidas, neste capítulo, a respeito de língua falada e língua escrita, terão, como ponto de partida, algumas questões sugeridas pelo Diálogo entre Dois Informantes (D2) do Projeto NURC/SP abaixo transcrito.

- L1 dizem né? -- você vê -- dentro da profissão do vendedor ... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo ... éh Olto horas em contato direto com os clientes ... uma coisa:: ... realmente difícil ... então a gente inclusive::... pede para que o indivíduo não perca tempo nesses horários certo? ... e procure almoçar ... no seu território de trabalho ... por ali mesmo em vez de ter que se deslocar de um território de trabalho para sua casa ...
- 235
- [
- 240 L1 para a sua residência ... para voltar:: ... isso acarreta muita perda de tempo ... mas a coisa mais difícil dentro da profissão do vendedor você realmente ... é conseguir manter oito horas naquele território de trabalho SEM sair de lá ... e MAIS uma vez eu ... eu vejo a influência do clima e tudo mais ... se é um clima chuvoso tal talvez até me ajude ... nesse sentido eu posso ficar ... e nem ter vontade de sair de lá para me deslocar para algum outro local porque não dá também ... perderia muito tempo ... dia de chuva ... conforme o:: ... o dia realmente prejudica nesse aspecto
- 245
- 250
- L2 eu:: eu lhe perguntaria aí dentro desse problema ... você não ... possui uma ... um controle -- digamos assim -- em cima de você, você deve produzir tanto num dia .. ou ... ou existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que você está indisposto você poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende? ... que (que você)
- 255

- (você poderia fazer isso?)
- 260 L1 não ... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa:: ...  
essa responsabilidade ... ela nos é atribuída ... inclusive::  
dentro da profissão de vendas o que:: interessa é:: ...  
faturar ... entende? ... para eles pouco importa:: às vezes a::  
L2 o tempo de de trabalho né?  
L1 como você utiliza o seu tempo de trabalho ... ele tem  
265 que ser ... bem utilizado para você efetuar suas vendas  
... uma vez que você utiliza ...  
[  
L2 mas existe um limite em que você deva um mínimo  
le/ levar neste tal de faturamento?  
[  
L1 não não existe... não existe... não existe ...  
270 L2 você tem uma vantagem sobre a gente entende? o dia  
que você estiver chateado o dia estiver muito bonito você  
pode pegar seu carro e:: dar uma deslocada  
para o litoral e tal  
[  
L1 é mas seria difícil né?  
275 que você que para a subsistência você  
[  
L2 um dia chuvoso  
L1 você precisa trabalhar bastante  
L2 precisa ... um dia um dia de chuva você entra num cinema  
distrai um pouquinho ...  
280 L1 não isso realmente não existe não há problema nenhum  
se o indivíduo que estiver bastante chateado qualquer  
coisa assim ... V ... inclusive que o:: que o:: ... que o  
próprio a própria conduta dele naquele dia não está  
rendendo ...  
285 L2 não é produtiva ...  
L1 não é produtiva ele pode procurar uma uma outra forma  
qualquer de ... espalhar ...  
L2 não deixa de ser um privilégio né? ... nós ali dentro  
290 ficamos ali fechados você é obrigado a cumprir ... as oito  
horas determinadas e ...  
L1 você vê que você ganha ...  
[  
L2 você ( ) fica fechado ali mas você fica ali ... você já  
pensou aquele Tédio que negócio CHAtO ...  
L1 você vê que você ganha é em é em função da sua  
295 produção ... nós estamos mudando um pouco para ...  
profissão  
L2 pode já ( ) aí ...  
L1 você vê que vô/ nós ganhamos mesmo em em função

- mesmo da nossa produção ... então ... o motivo pelo  
qual éh:: mais uma vez eu eu chamo o aspecto da da  
responsabilidade ... a gente tem que ter porque eu  
dependo daquilo  
L2 certo ...  
L1 se eu não fizer direito as minhas visitas ou se eu passar  
305 três quatro dias interrompendo meu serviço  
porque estou cansado ... evidentemente  
[  
L2 ganhará menos  
L1 vou faturar menos vou ganhar menos  
L2 lógico  
310 L1 e eles baseados em :: ... em estatísticas em previsões eles  
podem mais ou menos saber como o indivíduo  
está se comportando ...  
[  
L2 então eles têm um certo controle sobre você certo? ...  
L1 é um controle existe ...  
315 L2 eles têm uma ... o quanto normalmente você deveria  
produzir ... se trabalhasse ...  
L1 ah sim  
L2 aquele tempo  
L1 baseado evidentemente em estatísticas em:: casos  
320 anteriores ...  
L2 certo ...  
L1 e tudo mais não existe aquela aquela rigidez aquele  
controle di/ diÁRIO

Trata-se do inquérito nº 62, diálogo entre dois jovens de 26 anos, ambos do sexo masculino, solteiros, filhos de pais paulistanos. O primeiro, de agora em diante L1, é economista, exercendo atividades de vendedor, e o segundo, L2, é estatístico. Eles conversam sobre "instituições", "ensino", "profissões" e "tempo cronológico". Neste trecho, o assunto da conversa é a profissão de vendedor: L1 faz comentários sobre as vantagens e percalços de sua profissão, ao responder às perguntas de L2 sobre a prática de venda; este, por sua vez, emite suas opiniões a respeito do ritmo de trabalho do vendedor. Trata-se de um diálogo bastante equilibrado entre "iguais lingüísticos", uma conversa simétrica (Cf. cap. 9), cujo ritmo é dado pelos próprios interlocutores, que participam com espontaneidade do evento de fala e se mostram à vontade para, a qualquer momento, informar, perguntar, avaliar, enfim, ter a palavra (HILGHERT, 1990). No trecho sob análise, L2 divide com o documentador a tarefa de



entrevistador, pois é ele quem, de fato, faz perguntas a L1; o documentador, por sua vez, atua como terceiro participante do diálogo.

Uma questão até certo ponto ingênua poderia ser feita pelo leitor leigo, não familiarizado com questões de língua: o texto sob análise constitui exemplo de língua falada ou de língua escrita?

Pelo menos, alguns sinais gráficos que o falante alfabetizado utiliza quando escreve ali estão facilmente identificáveis. É o caso de letras maiúsculas e minúsculas em:

- (1) manter oito horas naquele território SEM sair de lá... e mais uma vez eu... eu vejo a influência

(linhas 243-4)

ou dos diacríticos como os acentos agudos em território, difícil, horário, mínimo e circunflexo, em você, vê, influência, e o til para indicar nasalização em não, profissão, produção, além dos sinais de pontuação como o ponto de interrogação e as reticências. Além disso, separam-se por um espaço em branco os vocábulos formais, isto é, as unidades lingüísticas de natureza semântica.

Por outro lado, outros sinais gráficos que não os convencionais da língua escrita também são utilizados no texto (CASTILHO e PRETI, 1986: [ indica simultaneidade de vozes, -- -- indicam desvio temático, :: significam prolongamento de vogal e consoante, / indica truncamento de palavra, ( ) correspondem à hipótese sobre o que se ouviu. Mais que isso, os próprios sinais da língua escrita utilizados no texto não têm o mesmo valor com que convencionalmente o alfabetizado os emprega: as reticências indicam qualquer pausa, que, aliás, ele normalmente representa na escrita por vírgula, ponto e vírgula ou ponto final; as letras maiúsculas, por sua vez, não indicam o início da frase, mas entoação enfática.

Nosso leitor, porém, sabe que os textos que constituem objeto de análise dos estudos do presente volume, fazem parte do **corpus** de língua falada do Projeto NURC/SP; uma pequena amostra deste material foi publicada com o objetivo de facilitar o acesso de estudiosos a parte desse arquivo sonoro, fixado graficamente no plano escrito. O que foi realizado inicialmente no plano da oralidade, "materializou-se" aos olhos do leitor sob o aspecto gráfico, que evoca a fala. Ou seja, alguns inquéritos do NURC/SP foram fixados em dois momentos diferentes, e de duas maneiras diversas: inicialmente foram gravados em fitas, que podem ser ouvidas na sede do Projeto em São Paulo (USP) e Campinas (UNICAMP); em segundo lugar, foram transcritos.

Instala-se a dúvida: a simples fixação dos inquéritos no plano escrito seria suficiente para dar-lhes o estatuto de língua escrita? O uso de sinais gráficos que representam elementos fonológicos e prosódicos seria suficiente para transformar um texto oral/falado em texto escrito? Em caso negativo, que outros traços distinguiriam o oral/falado (Cf. cap. 4) do escrito? Enfim, quais seriam as diferenças entre língua falada e língua escrita?

Buscar-se-á responder a algumas dessas questões no decorrer do presente trabalho.

## 2. Língua falada

Como vimos, no trecho em estudo, os interlocutores dialogam sobre a profissão de vendedor. Eles já sabiam, no início da gravação, que um dos assuntos em torno dos quais giraria a conversa seria "profissões"; apesar disso, tal assunto passou a ser tema do diálogo somente no momento em que L1 o introduziu, como parte das considerações que vinham fazendo, desde o início do inquérito, a respeito do clima de São Paulo. Esse trecho da conversa não se desencadeou sob o estímulo de uma pergunta do documentador, o que comumente se verifica nos Diálogos entre Dois Informantes (D2) principalmente quando se iniciam; a troca de idéias sobre a profissão de L1 resultou da associação que ele fez entre as condições climáticas de São Paulo e a possibilidade, ou necessidade, de permanecer no escritório em dias chuvosos. Confira:

- (2) muita perda de tempo ... mas a coisa mais difícil dentro da profissão do vendedor você realmente ... é conseguir manter oito horas naquele território de trabalho SEM sair de lá ... e MAIS uma vez eu ... eu vejo a influência do clima e tudo mais ... se é um clima chuvoso tal talvez

(linhas 241-45)

L1 está consciente de não fugir do assunto, digamos, principal, ao enfatizar "... e MAIS uma vez eu... eu vejo a influência do clima", ênfase representada graficamente pelas letras maiúsculas. É L2 que "muda a direção da conversa" ao optar pelo abandono do assunto "clima" e manter o tópico "profissões", o que ele faz ao perguntar sobre o possível controle que se exerceria sobre a produtividade dos vendedores. Mas, não deixa de retomar o assunto, como se observa na sua fala da linha 270 a 278. Os

dois interlocutores mostram-se inteiramente envolvidos, não só pelo assunto do diálogo, mas também pela própria interação, na medida em que trocam idéias sobre o tema com desenvoltura.

A análise deste trecho do inquérito nos sugere algumas reflexões sobre as características da língua falada.

### 2.1. Contexto conversacional

L1 e L2 estão exercendo, num dado momento e num dado espaço, uma atividade característica e privativa do ser humano: a atividade verbal. Na situação de diálogo, os interlocutores alternam seus papéis de falante e ouvinte, e dessa atividade "a quatro mãos", ou "a duas vozes", resulta o texto conversacional, elaborado numa determinada situação de comunicação. Dizemos, então, que todo evento de fala acontece num contexto situacional específico, aqui entendido como o ambiente extralingüístico: a situação imediata, o momento e as circunstâncias em que tal evento acontece, envolvendo, inclusive, os próprios participantes com suas características individuais e possíveis laços que os unam.

A conversação é um evento de fala especial: corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a de trocar idéias sobre determinado assunto. Conversação natural, que ocorre espontaneamente no dia-a-dia, dá-se face a face, presentes os dois falantes, ao mesmo tempo, num mesmo espaço. É o caso da conversa que estamos analisando. De fato, apenas a identidade temporal é necessária, e não a identidade espacial, ou seja, a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação, razão pela qual as conversas telefônicas também constituem exemplos de conversação. No caso dos diálogos do NURC/SP, muito pouca ou quase nenhuma informação possui o analista a respeito da situação específica em que foi feita cada uma das gravações. Sabe-se que, em geral, ficava a cargo dos informantes a escolha do local e da hora mais adequados para a conversa com o documentador. Uma ou outra referência a dados do contexto situacional é feita no decorrer da própria gravação, o que se ilustra na passagem, abaixo transcrita, do D2 343 (CASTILHO e PRETI, 1987).

- (3) L1 -- você viu se está gravando aí? --  
Doc. está está eu já deixo no automático...  
L1 -- ah o automático não indica velô/... --  
Doc. não... ((vozes distantes))

(linhas 8 - 11)

Os interlocutores mostram-se não só perfeitamente conscientes de que o diálogo está sendo gravado, mas também se preocupam, pelo menos no início do inquérito, com a presença do gravador. A conversa só vai tornar-se mais descontraída quando eles se esquecem do aparelho. Neste mesmo trecho há referência a vozes distantes, outro dado de situação.

Outras vezes faz-se alusão à atmosfera descontraída em que se desenvolve a conversa pela referência a reações dos interlocutores, como risos. Cf. trecho do inquérito sob análise:

- (4) L1 a gente fica até mais alegre... você não acha? mais alegre ((risos e vozes))... o dia que faz as quatro estações no mesmo dia dia... é horrível né?

(linhas 30 - 32)

Assim, ainda que o analista possa dispor de alguns dados de situação passíveis de serem fixados nas gravações, elas nos privam de outras informações sobre o processo da interação, que podem ser surpreendidos na expressão facial, nos gestos, nos olhares, nos movimentos do corpo dos interlocutores, isto é, nos dados paralingüísticos (MARCUSCHI, 1986), que, combinados com os dados verbalizados, completam o quadro da interação. Todos esses elementos nos dão conta da atmosfera em que se desenrola a conversa. Na ausência deles, os dados de língua são pistas fundamentais para a montagem do contexto situacional da conversação, além dos dados relativos aos informantes, como idade, sexo, procedência, nível de escolaridade.

### 2.2. Planejamento e não-planejamento

Vimos que, no inquérito em estudo, os interlocutores sabiam que um dos assuntos da conversa seria "profissões", mas o texto não nos sugere que eles deveriam seguir um determinado plano de exposição, mesmo porque eles se mostram à vontade para, espontaneamente, mudar de assunto, ou retomar o tema inicial da conversa. Tal consideração remete à questão do planejamento discursivo.

Em geral a conversação, como a que estamos analisando, inicia-se com o tópico que motivou a interação, ou encontro, isto é, ela se estabelece e se mantém na medida em que exista algo sobre o que conversar (MARCUSCHI, 1986), e disponibilidade dos interlocutores para o diálogo.

go. O tópico, entendido como aquilo a respeito do que se fala, é, e deve ser, desenvolvido pelos interlocutores. Associando a idéia de tópico à de planejamento discursivo, podemos dizer que uma primeira dimensão do processo do planejamento do discurso é a do planejamento temático: no caso presente, os dois interlocutores conversam sobre um tema estabelecido *a priori* pelo documentador. Mas, independentemente de ser o tema estabelecido "de fora para dentro", e não pelos interlocutores, a conversa sempre gira em torno de um assunto ou tema, condição indispensável para a coerência do produto da conversação, isto é, do texto conversacional.

Por outro lado, se, na conversação espontânea, o tema pode sugerir algum grau de planejamento, dificilmente se pode falar em formulação verbal planejada (URBANO, 1990). A questão do planejamento discursivo é discutida por OCHS (1979), que fala de quatro níveis de planejamento no discurso de falantes cultos de inglês: falado não planejado, falado planejado, escrito não planejado e escrito planejado.

O texto sob análise aponta para um discurso falado não planejado. Em termos mais gerais, a língua falada apresenta uma tendência para o não planejado, ou, ainda, com base nas idéias de OCHS, a língua falada é planejada localmente, isto é, constitui uma atividade administrada passo a passo.

Como já dissemos, o texto é resultado de um trabalho cooperativo dos dois interlocutores, que o vão compondo à medida que a conversa se realiza. Assim, planejamento e realização do discurso coincidem no eixo temporal, ou são praticamente concomitantes. Conseqüentemente, "cada turno pode colocar uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso" (MARCUSCHI, 1976), e marcas do processo de planejamento, ou de replanejamento, podem ser detectadas no texto falado. Tal fato se confirma na fala de L2 em:

(5) L2 eu: eu lhe perguntaria **aí dentro desse problema**  
(linha 251) (grifo nosso)

Diante da possibilidade de L1 retomar o tópico "tempo climático e cronológico", ele avisa ao seu interlocutor que pretende continuar a falar sobre "profissões" ao usar a expressão anafórica **aí dentro desse problema**, que remete ao assunto referido anteriormente, ou seja, a questão da flexibilidade de horário de trabalho dos vendedores. É L2 que vai mudar de novo a direção da conversa, desencadeando novo tópico, no trecho subseqüente do inquérito, que se inicia com a questão:

(6) L2 certo certo... e você pretende continuar com isso?  
(linha 324)

Com essa pergunta ele quer dizer: Você pretende continuar trabalhando como vendedor? Assim, a conversa se organiza à medida que se vai falando.

Podemos associar a idéia de não planejamento, ou de atividade administrada passo a passo, a uma outra característica da língua falada sugerida por CHAFE (1979), que é a sua chamada fragmentação. Esta noção só pode ser entendida como parte das explicações que CHAFE dá ao processamento da fala. Ele esclarece que observações a respeito da língua falada espontânea, feitas não só por ele, mas também por outros investigadores, conduziram à descoberta de que ela é produzida aos jatos, aos borbotões, que são unidades de idéia, ou significativas, com um contorno entonacional típico, e limitadas por pausas. A passagem de uma unidade para outra é feita muito rapidamente, o que torna o processo de falar bem mais acelerado do que o de escrever. Na fala, produzimos apenas uma idéia por vez; além disso, cada unidade de idéia tende a ser, na fala, menos longa e menos complexa do que na escrita.

A fala de L1 ilustra com propriedade as idéias de CHAFE. Ela é entremecida de muitas pausas e alongamentos, fenômenos típicos da língua falada, que lhe vão dando tempo para organizar seu texto. Este, por sua vez, mostra-se fragmentado em termos sintáticos, pois frases são cortadas, ou as idéias são retomadas em frases estruturadas de uma maneira diferente daquela com que se anunciava. Percebe-se ruptura da construção (anacoluto) na medida em que a frase se desvia de sua trajetória, tomando outra direção sintática. Verifique o exemplo que segue:

(7) L1 não ... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa: ...  
(8) essa responsabilidade ... ela nos é atribuída ... inclusive::  
dentro da profissão de vendas o que:: interessa é:: ...

(linhas 259-261)

Além de rupturas, são freqüentes as repetições de palavras e frases.

(9):

(10) L1 não não existe... não existe... não existe ...

(linha 269)

Em síntese, na língua falada as frases se apresentam mais independentes umas com relação às outras, e sua identificação e classificação funcional muitas vezes constitui problema de difícil solução.

Observa-se, portanto, que as características formais do texto falado aqui referidas estão relacionadas com o processo de planejamento da língua falada.

### 2.3. Envolvimento e distanciamento

Já nos referimos ao envolvimento dos interlocutores do inquérito sob análise com o assunto da conversa, ao comprometimento tácito de cada um deles com o tópico conversacional. Eles mostram terem aceite o assunto sugerido pelo documentador, ou estarem perfeitamente de acordo com o tema, e a conversa que se desenrola sugere alguns procedimentos que confirmam a contínua sintonia dos interlocutores com o conteúdo do diálogo. Considerem-se os trechos abaixo transcritos:

- (9) L1 (...) que se deslocar de um território de trabalho  
para sua casa ...  
|  
L1 para a sua residência ... para voltar: ... isso acarrta  
(linhas 238-40)

- (10) L1 que o próprio a própria conduta dele naquele dia não está rendendo...  
L2 não é produtiva ...  
L1 não é produtiva ele pode procurar uma uma outra  
forma  
(linhas 283-286)

- (11) L1 porque estou cansado ... evidentemente  
|  
L2 ganhará menos  
L1 vou faturar menos vou ganhar menos  
(linhas 306-308)

É evidente que cada um dos falantes está "seguindo o pensamento" de seu interlocutor. Em (9) e (11), L2 praticamente completa a fala de L1, sobrepondo sua voz à de L1. No segmento (10), a expressão "não está rendendo" de L1 é substituída pelo sinônimo "não é produtiva" de L2,

que aceita a colaboração de seu interlocutor e a incorpora à sua fala, repetindo-a.

Ocorrências desse tipo exemplificam uma das facetas do fenômeno do envolvimento (CHAFE, 1985), característico da língua falada. Trata-se do envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa, o que explica o próprio processo de elaboração do texto conversacional, que, já dissemos, é o resultado de um trabalho cooperativo, ou "a duas vezes". Como os falantes se encontram em situação de interação face a face com seus interlocutores, podemos falar em mais dois outros tipos de envolvimento, ainda na esteira de CHAFE (1985): o do falante consigo mesmo ou ego-envolvimento, e o do falante com o ouvinte, relacionado com a dinâmica da interação com outra pessoa.

No texto sob análise, são diversas as marcas de envolvimento dos interlocutores. Considerem-se os exemplos abaixo:

- (12) L1 sair de lá ... e MAIS uma vez eu ... eu vejo a influência do clima e tudo mais ... se é um clima chuvoso tal talvez até me ajude ... nesse sentido eu posso ficar ... e nem ter vontade de de sair de lá para me deslocar para algum  
(linhas 244-247)

- (13) L1 não ... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa:: ... essa responsabilidade ... ela nos é atribuída ... inclusive::  
(linhas 259-260)

- (14) L1 dizem né? -- você vê -- dentro da profissão do vendedor ... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo ... éh Olto horas em contato direto com os clientes ... uma coisa:: ... realmente difícil ... então a gente inclusive::... pede para que o indivíduo não perca  
(linhas 231-235)

Em (12), temos um caso de ego-envolvimento explicitado pelos pronomes da 1ª pessoa do singular eu e me: L1, o vendedor, refere-se a si mesmo e às suas opiniões sobre a própria atividade. Em (13) e (14), ele se apresenta como parte do grupo de vendedores, donde sua preferência por nos, pronome da 1ª pessoa do plural, e a gente, substituto de nós. Os três casos constituem exemplos de envolvimento do locutor consigo mesmo.

Consideremos outras ocorrências:

- (15) L2 eu: eu **lhe** perguntaria aí dentro desse problema ... você não ... possui uma ... um controle -- digamos assim -- em cima de **você você** deve produzir tanto num dia ... ou ... ou existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que **você** está indisposto **você** poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende? ... que (que você) você poderia fazer isso?

(linhas 251-258)

- (16) L1 dizem né? -- **você vê** -- dentro da profissão do vendedor  
(linha 231)

- (17) L2 o tempo de trabalho né?

Os exemplos acima nos remetem à questão do envolvimento do ouvinte com o seu interlocutor. Tal envolvimento se torna nítido, em primeiro lugar, no uso de pronomes pessoais de 2ª pessoa **lhe** e **você** em (15). Em (16), a expressão **você vê**, e não exclusivamente o pronome **você**, denota o envolvimento do falante com o ouvinte: ele sugere a seu interlocutor que acompanhe seu raciocínio a respeito da profissão de vendas. Mais que isso, em (17), pelo uso do marcador **né**, L2 pede a L1 que confirme se interpretou corretamente a fala.

Por outro lado, perguntas e respostas também constituem marcas de envolvimento dos falantes, ou, mais que isso, constituem mecanismos típicos de construção do texto conversacional. Em (15), L2 não questiona diretamente L1 dizendo "eu lhe pergunto" alguma coisa; atenua o possível impacto do pedido de informação, sugerindo, inclusive, a possibilidade de o ouvinte não lhe responder a questão formulada, pelo uso da forma verbal de futuro do pretérito **perguntaria**, e mais ainda, pelo verbo **poder** na sua forma **poderia**. O uso desses procedimentos atenuadores não deixam de ser marcas do envolvimento do falante com seu ouvinte.

No decorrer do diálogo, os falantes estão sempre mostrando que compreendem a fala de seu interlocutor, assinalando que ele pode continuar falando como até então vinha fazendo porque o ouvinte se sente em sintonia com o que está ouvindo. São sinais de entendimento expressões como: **certo** (linhas 303 e 321); **lógico**. (linha 309); **ah sim** (linha 317), conhecidos como marcadores conversacionais (Cf. Cap. 4).

Estas constatações confirmam ser o envolvimento uma característica da língua falada.

### 3. Língua escrita

As questões discutidas a respeito da língua falada serão agora retomadas tendo em vista as características da língua escrita. O ponto de partida para tais reflexões será o texto de **Carlos Drummond de Andrade** que segue.

## A FALSA ETERNIDADE

O VERBO PRORROGAR entrou em pleno vigor, e não só se prorrogaram os mandatos como o vencimento das dívidas e dos compromissos de toda sorte. Tudo passou a existir além do tempo estabelecido. Em consequência, não havia mais tempo.

Então suprimiram-se os relógios, as agendas e os calendários. Foi eliminado o ensino de História. Para que História? Se tudo era a mesma coisa sem perspectiva de mudança.

A duração normal da vida também foi prorrogada e, porque a morte deixasse de existir, proclamou-se que tudo entrava no regime de eternidade. Aí começou a chover, e a eternidade se mostrou encharcada e lúgubre. E o seria para sempre, mas não foi. Um mecânico que se empediava em demasia com a eternidade aquática, inventou um dispositivo para não se molhar. Causou a maior admiração e começou a receber inúmeras encomendas. A chuva foi neutralizada e, por falta de objetivo, cessou. Todas as outras formas de duração infinita foram cessando igualmente.

Certa manhã, tornou-se irrefutável que a vida voltara ao signo do provisório e do contingente. Eram observados outra vez prazos, limites. Tudo refloresceu. O filósofo concluiu que não se deve plagiar a eternidade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos plausíveis. Rio, José Olympio Editora, 1985.)

O autor nos fala de um fato que teria acontecido em algum momento, num plausível mundo dos humanos, quando deixou de existir o tempo e, conseqüentemente, a perspectiva de mudança. Tudo se tornou eterno,

inclusive a chuva. Mas alguém descobriu um dispositivo para seu problema imediato de não se molhar e foi admirado por isso. Gradativamente, tudo foi deixando de ser eterno, como acontecera à chuva, e o provisório da existência voltou a se instalar. E a vida voltou a ser o que sempre fora: passageira, provisória, contingente.

Como alguém que tivesse assistido à distância ao desenrolar dos acontecimentos, o autor narra a história do mecânico que conseguiu mudar o rumo da História, para qualquer leitor que, eventualmente, venha a ler seu conto; independentemente de ser lido ou não, o conto existe para ele, o autor, mesmo que não se instale uma ponte entre o autor e o eventual leitor, via processo de leitura. Ou seja, a mensagem do autor não é transmitida de imediato ao leitor e, por isso, o escritor não recebe um retorno imediato para o que escreveu, resposta que será construída no ato da leitura pelo receptor da mensagem. Além disso, emissor e receptor não se constituem em protagonistas dos acontecimentos narrados e, muito menos, co-autores do texto, pois apenas o escritor o cria, não deixando sinais do processo de elaboração. Drummond nos apresenta um texto acabado, sem marcas de produção, um texto coeso, dotado de seqüenciamento temporal, na medida em que os fatos narrados se sucedem cronologicamente.

Ninguém titubearia em rotular de língua escrita a que foi utilizada pelo artista em seu conto. Além de terem sido usados os sinais gráficos convencionais da escrita, como letras e diacríticos, e de o texto se apresentar distribuído em parágrafos, a leitura do texto escrito faz emergir uma oralidade que não é aquela típica da língua falada, mas confeccionada a partir do escrito, caracterizada por um jogo entonacional e de pausas, de uma musicalidade toda própria, característicos da língua escrita. Estes traços prosódicos são indicados pelos sinais de pontuação convencionais, com funções definidas nos compêndios de gramática normativa. Conseqüentemente, o texto sob análise não constitui transcrição de um texto falado, mas "nasceu" escrito, segundo intenção do seu autor.

### 3.1. Contexto escrito

A leitura do conto de Drummond leva a uma observação inicial sobre a situação do escritor com relação à do leitor enquanto receptor da mensagem escrita: eles não ocupam ao mesmo tempo o mesmo espaço. Um lapso de tempo maior ou menor obrigatoriamente põe distância entre o ato de elaboração do texto pelo escritor e o ato de leitura pelo lei-

tor. Aliás, o escritor nem mesmo sabe quem, eventualmente, lerá seu texto escrito, nem se pode afirmar que ele se preocupa com tal problema; ele constrói sozinho o seu texto. O isolamento do escritor com relação ao leitor faz com que este leitor só possa dispor de informações passadas no e pelo texto, já que não dispõe de dados do contexto situacional. A língua escrita tem de compensar a ausência da situação fornecendo, lingüisticamente, informação a ela equivalente, ou, em tese, precisa haver a recuperação lingüística do componente situacional (HALLIDAY, 1974).

Além disso, escritor e leitor não alternam seus papéis no decorrer da elaboração do texto escrito, sempre a cargo de um único sujeito, seu autor. Ele se mostra sempre preocupado em produzir algo convincente para diferentes leitores, em diferentes momentos, em diferentes lugares (CHAFE, 1985).

No texto literário de Drummond, muito de sua beleza resulta das sugestões a respeito do mundo fictício, em que alguém pretendeu plagiar a eternidade, um mundo sem nome, atemporal, em que, de repente, "tudo passou a existir além do tempo estabelecido". Tudo se faz plausível no contexto criado pelo artista. No texto escrito, principalmente no literário, a totalidade da situação é fornecida pelo próprio contexto da obra.

O fato de escritor e leitor não estabelecerem uma interação face a face leva o escritor a não se preocupar por prender a atenção do leitor no momento em que escreve: o escritor tem mais tempo para pensar sobre o que escreve e como escreve, do mesmo modo que o leitor vai dispor de mais tempo para entender o escrito. O escritor, livre das pressões do tempo, tem condições de se abastecer de muitas informações sobre o assunto que pretende desenvolver, assim como para se dedicar a uma organização mais cuidadosa dos procedimentos lingüísticos que vai adotar no seu texto escrito. Desse processo de elaboração resulta a língua escrita com suas especificidades.

### 3.2. Planejamento e não planejamento

O texto A Falsa Eternidade evidencia o escritor em sintonia com o seu momento. Dificilmente o leitor brasileiro deixa de perceber o Brasil de meados da década de 80, o Brasil das prorrogações de mandato e do adiamento de compromissos, como o pagamento da dívida externa. Mas, como artista, Drummond transcende o imediato e cria um mundo sem tempo, como resultado de suas reflexões sobre o provisório da vida. E foi

este o tema desenvolvido pelo artista na narrativa que elaborou. Podemos falar, então, num planeamento temático como característica do escrito: qualquer um que se proponha a escrever, em princípio, sabe o tema que pretende desenvolver, escolha unilateral que não leva em conta interesses e predileções do eventual leitor. A par do planeamento temático, ocorre o planeamento lingüístico, ou seja, a formulação verbal é também planejada (URBANO, 1990). Assim, além de ser planejada, a língua escrita é também planeável (AKINNASO, 1982), pois pressupõe articulação tanto de idéias como de dados lingüísticos estabelecidos antes (ou durante?) do ato de escrever.

Em termos de OCHS (1979), o texto sob análise aponta para um discurso escrito planejado, planeamento que se torna evidente na estrutura narrativa. Trata-se de um texto coeso, dotado de seqüênciação temporal, termo usado no sentido estrito de tempo do "mundo real" (FÁVERO, 1991). Algumas expressões assinalam a ordenação das seqüências temporais, como: **então** (linha 4), **ai** (linha 9), **certa manhã** (linha 14).

Diante do texto acabado de **Drummond**, nada podemos dizer a respeito de possíveis revisões e formulações que tenha feito no decorrer de sua elaboração. Esta é outra característica da escrita: não fornecer pistas, marcas aparentes a respeito do processo de criação. Geralmente ela esconde tais processos do leitor e mostra apenas o produto acabado (CHAFE, 1985).

Como vimos, em 2.2, CHAFE (1985) propõe a noção de unidade de idéia como ponto de partida para caracterização da língua falada e da língua escrita. Uma unidade de idéia expressa a totalidade de informação a que uma pessoa pode prestar atenção e que pode verbalizar confortavelmente. No texto escrito, tais unidades se evidenciam com clareza no uso de sinais de pontuação para indicação de seus limites ou para sugerir um jogo entonacional típico. A leitura do texto em voz alta faz emergir tais unidades de idéia. Na língua escrita, as unidades de idéia tendem a ser mais longas e mais complexas do que na língua falada. O escritor tem mais tempo e artifícios para aumentar o tamanho e a complexidade de uma unidade de idéia. O conto de Drummond apresenta alguns desses artifícios sugeridos por CHAFE (1982):

1. Nominalizações – Nominalização é o processo pelo qual verbos e adjetivos se transformam em nomes que podem ser sujeito ou objeto de outros verbos ou objetos de preposições. É o caso de: o **vencimento** (das dívidas) (linha 02); o **ensino** (de História) (linha 05); (perspectiva de) **mudança** (linha 05, 06); a **duração** (normal da vida) (linha 07); (causou a

maior) **admiração** (linha 11); (receber inúmeras) **encomendas**. A nominalização permite que uma noção, que é verbal na origem, seja inserida numa unidade de idéia como se fosse um nome.

2. Frases coordenadas – A possibilidade de se apresentarem coordenados entre si sintagmas verbais, de um lado, e sintagmas nominais de outro, constitui outro artifício pelo qual maior quantidade de informação pode ser concentrada numa unidade de idéia. Sejam os exemplos abaixo:

- (18) e não só se prorrogaram os mandatos como o vencimento das dívidas e dos compromissos de toda sorte. (linhas 1-2)
- (19) Então suprimiram-se os relógios, as agendas e os calendários. (linha 4)
- (21) e a eternidade se mostrou encharcada e lúgubre. (linha 9)
- (21) A chuva foi neutralizada e, por falta de objetivo, cessou. (linha 12)
- (22) a vida voltara ao signo do provisório e do contingente. (linhas 14-15)

Se o autor optasse pelo desdobramento dos sintagmas coordenados em orações, o resultado seria, por exemplo, na frase (19), um período assim organizado: "Então suprimiram-se os relógios, suprimiram-se as agendas, suprimiram-se os calendários", período pesado, saturado pela repetição do verbo **suprimir**. Neste caso, a coordenação constitui um artifício que torna mais complexa uma unidade de idéia.

- (23) proclamou-se que tudo estava no regime de eternidade (linha 8)
- (24) tornou-se irrefutável que a vida voltara ao signo do provisório e do contingente. (linhas 15-16)
- (25) O filósofo concluiu que não se deve plagiar a eternidade. (linhas 16-17)

3. Frases ou orações dependentes – Estes artifícios detectados no conto de **Drummond** levam a confirmar as idéias de CHAFE (1985), segundo o qual o maior tempo de que dispõe o escritor para escrever lhe dá condições para elaborar frases mais densas em termos de significado e mais complexas do ponto de vista sintático, resultando a integração de unidades de idéias em construções mais complexas.

### 3.3. Envolvimento e distanciamento

Como vimos, escritor e leitor não ocupam, ao mesmo tempo, o mesmo espaço no momento em que desempenham suas tarefas respecti-

vas de elaborar e decodificar a mensagem escrita. Por isso, o escritor se mostra menos preocupado consigo mesmo, ou com qualquer interação direta com seu eventual leitor. De fato, ele se preocupa com o processo de elaboração de um texto consistente e defensável segundo padrões que ele mesmo estabelece. Nesse caso, é possível falarmos num distanciamento do escritor correspondente a um distanciamento da língua escrita (CHAFE, 1985). O escritor usa alguns artifícios lingüísticos para obtenção desse efeito de distanciamento, dos quais **Drummond** também faz uso.

O primeiro é o emprego de nomes abstratos: o **vencimento**, o **ensino**, a **mudança**, a **duração**, a **eternidade**.

Outro é o uso da voz passiva, de que **Drummond** faz uso de maneira expressiva. Considerem-se os exemplos abaixo:

- (26) e não só se prorrogaram os mandatos (linha 1)
- (27) Então suprimiram-se os relógios, as agendas e os calendários.  
(linha 4)
- (28) Foi eliminado o ensino de História. (linhas 4-5)
- (29) A duração normal da vida também foi prorrogada. (linha 29)
- (30) Proclamou-se que tudo entrava no regime de eternidade. (linha 30)
- (31) A chuva foi neutralizada. (linha 12)
- (32) Eram observados outra vez prazos, limites. (linha 15)

Os dois tipos de construções passivas em português são utilizadas por **Drummond**, quer com auxiliar **ser**, quer com pronome apassivador **se**. Em nenhum dos casos ele explicita o agente da passiva, o que poderia ser feito nas frases com verbo **ser**, ainda que tal procedimento seja raro e artificial, muito do gosto do estilo técnico-científico. Assim, além de conseguir um efeito de distanciamento do que acontece no seu mundo plausível, torna claro que nesse contexto de passividade total, o único a agir, ou a reagir, é o mecânico, que muda a direção da História.

#### 4. Conclusões

A análise dos dois textos, um de língua falada, outro de língua escrita, dá-nos oportunidade de apresentar, mais sistematicamente, algumas diferenças entre as duas faces da língua, ou as suas duas manifestações, a falada e a escrita.

Evidentemente, elas não se diferenciam apenas quanto à substância, ou à matéria prima da língua, substância fônica percebida pela audição, a da língua falada, substância gráfica ou visual da língua escrita. Afinal, a língua escrita não constitui pura transcrição da falada. Ao mesmo tempo, não basta que a língua seja realizada oralmente, constituindo produto perceptível pela audição, para ser considerada falada. A oralidade é uma característica essencial da língua falada, mas não suficiente, o que faz com que notícias transmitidas por rádio e televisão, por exemplo, se caracterizem pela oralidade, mas não pelo caráter falado (HILGERT, 1991). São, de fato, textos escritos realizados oralmente.

Assim, as diferenças entre língua falada e língua escrita são de outra natureza, como se sugeriu no decorrer do trabalho; elas resultam de diferenças entre os processos de falar e de escrever, ou entre condições de produção do texto falado e do escrito.

Num primeiro momento, chamamos a atenção do leitor para os diferentes contextos de realização da fala e da escrita. A língua falada constitui uma atividade num contexto específico, resultado da tarefa cooperativa de dois interlocutores num mesmo momento e num mesmo espaço. Em outros termos, é a dialogicidade instaurada pela situação face a face (HILGERT, 1991) que caracteriza a língua falada.

Ao contrário, o ato de escrever constitui algo solitário: o escritor não interage com seu leitor, ele elabora seu texto sozinho, sem a colaboração do eventual leitor, e as tarefas de planejar e elaborar o texto são de sua inteira responsabilidade.

Num segundo momento, mostramos que duas outras características da língua falada em oposição à língua escrita resultam da diferença básica entre as condições de produção de uma e outra: tendência para o não planejamento e envolvimento da língua falada e planejamento e distanciamento (ou não envolvimento) da língua escrita. O texto falado apresenta marcas lingüísticas evidentes de seu planejamento passo a passo, enquanto texto construído pelos locutores envolvidos na conversação, de que resultam frases mais fragmentadas do ponto de vista sintático.

O texto escrito não deixa marcas do processo de planejamento: ele se apresenta como um todo coeso, acabado, com frases mais densas e sintaticamente mais complexas.

Por outro lado, o envolvimento constitui característica da língua falada, entendido não só como envolvimento dos interlocutores com o assunto da conversa, mas também entre eles mesmos. O texto falado sob



análise apresentou dados lingüísticos que confirmaram tal envolvimento. Ao contrário, o distanciamento confirmou-se no plano da língua escrita.

Em síntese, ainda que, tanto na produção falada como na escrita, o sistema lingüístico seja o mesmo, as regras de sua efetivação bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados (RATH, 1979, apud MARCUSCHI, 1986).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKINNASO, F. N. Sobre as diferenças entre a linguagem escrita e a falada. On the differences between spoken and written language. In: **Language and Speech**, 25, 1982, 97-125.
- CASTILHO, A. T. e PRETI, D. (org.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1986, v. I: Elocuções Formais.
- \_\_\_\_\_. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1986, v. II: Diálogos entre Dois Informantes.
- CHAFE, W. L. Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature. In: TANNEN, D. (ed.) **Oral and written discourse**. Norwood, N. J., 1982.
- CHAFE, W. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: D. R. Olson; N. Torrance; A. Hildyard (eds.). **Literacy, Language, and Learning**. The Nature and Consequences of Reading and Writing. Cambridge, Cambridge, University Press, 1985, p. 105-123.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo, Ática, 1991.
- HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, A.; STREVEN, P. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis, Vozes, 1974.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo, Ática, 1986.
- OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (ed.) **Discourse and syntax**. New York, Academic, 1979.
- URBANO, H. Do oral para o escrito. **Anais do XXXVII Seminário do GEL**. Bauru, 1990, p. 633-41.

## 2. O TÓPICO DISCURSIVO

Leonor Lopes Fávero (\*)

Os textos sob análise foram extraídos do inquérito nº 360, do tipo D2 (diálogo entre dois informantes), pertencente ao arquivo do Projeto NURC/SP e publicado em **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo** de A. T. de Castilho e D. Preti, vol. II, São Paulo, T. A. Queiroz - FAPESP, 1987.

#### TEXTO 1 (D2 360 - linhas 1-99)

- |    |      |   |
|----|------|---|
| 1  | L1   | ...(uma)de no::ve... e a outra de seis...   |
|    | Doc. | a senhora... procurou dar espaço de tempo entre um e OUTro...                       |
|    | L2   | aconteceram ou foram  |
|    |      | [   |
| 5  | Doc. | aconte/...  |
|    | L2   | programados   |
|    | Doc. | (isso)... faz favor ( )   |
|    |      | [   |
|    | L1   | a p/ a p/ é... a programação...   |
|    |      | havia sido planejada... mas não deu certo...((risos))                               |
| 10 | L2   | filhos da pílula não?((risos))  |
|    | L1   | não...((risos))   |
|    | L2   | nem da tabela?((risos))   |
|    | L1   | não justamente porque a tabela não:: não deu certo é que::((risos)) vieram ao acaso |
| 15 | L2   | ahn ahn   |
|    | L1   | e:: nós havíamos programado NOve ou dez filhos... não é?                            |
|    |      | [   |
|    | L2   | (nossa que chique)  |
|    |      | [   |
|    | L1   | então...  |

(\*)Este capítulo contou com a colaboração da professora Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

- 20 L2 a sua família é grande?  
L1 nós somos:: seis filhos  
L2 e a do marido?  
|  
L1 e a do marido... eram doze agora são onze...  
L2 ahn ahn  
|
- 25 L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e::... então ach/  
acho que::... dado esse fator nos acostumamos a:: muita  
gente  
L2 ahn ahn  
L1 e::  
30 L2 e daí o entusiasmo para NOve filhos...  
L1 exatamente nove ou dez...  
|  
L2 ( )  
L1 é e:: mas... depois diante das dificuldades de conseguir  
quem me ajudasse... nós::s paramos no sexto filho...  
35 L2 ahn ahn  
L1 não é?... e ...estamos muito contentes e...  
L2 e dão muito trabalho tem esses esses problemas de  
juventude esses negócios( )  
(não está muito na idade né?)  
|
- 40 L1 não por enquanto não porque... estão entrando na as  
mais velhas estão entrando agora na adolescência e...  
|  
L2 ( )  
L1 mas são muito acomodadas... ainda não começaram  
assim... aquela fase... chamada de... mais  
45 difícil de crítica  
|  
L2 (chamada mais difícil)  
L1 né?  
L2 ahn ahn  
L1 ainda não... felizmente(ainda não)começaram  
50 L2 ( )  
L1 agora... eu acho que::... eu... espero não:: ter problema  
com elas porque... nós mantemos assim um diálogo bem  
aberto sabe?  
L2 uhn uhn  
55 L1 com as crianças... então...esperamos que não :: haja  
maiores problemas  
L2 ahn ahn  
L1 com o avançar dos anos... enfim... o futuro  
|  
L2 ( )

- 60 L1 pertence...  
L2 ah  
L1 a Deus e não... a nós  
|  
L2 ( ) realmente deve ser uma delícia ter  
uma família gran/bem grande com bastante gente... eu  
65 sou filha única... ah tenho um irmão de treze anos... mas  
gostaria deMAIS de ter tido... mais irmãos... porque  
quando::... com meu irmão eu já:: já tinha curso  
universitário já já tinha saído da faculdade quer dizer  
então não tem quase que vantagem nenhuma não é?... eu  
70 queria então uma família grande tínhamos pensa::do...  
numa família maior mas depois do segundo... já deve  
estar todo mundo tão desesperado que nós((risos))  
estamos pensando...  
|  
L1 ( )  
75 L2 é (pensamos)seriamente em parar... depois disso ainda  
ti/tive problemas de... saúde problemas de tiróide não sei  
quê:: então o médico está aconselhando a não ter mais...  
então nós estamos pensando... estamos pensando não  
ofic/oficialmente não está encerrado... mas de fato está  
80 porque::... o endocrinologista proibiu terminantemente  
que eu tenha mais filhos...  
|  
L1 ( )  
L2 inclusive...se eu tiver...ele disse que vai ser necessário.. um aborto...  
então estamos naquele negócio eh... como  
85 fazer::... se faço operação:: so o marido fa::z mas ele  
acha que::... de jeito nenhum::((risos))  
L1 precisa convencê-lo não é?  
|  
L2 é precisa realmente estar convencido disso  
e ele é uma coisa que não vai ser fácil convencer então  
90 desistimos... eu pelo menos desisti não se toca mais no  
assunto... mas realmente então está encerrado mas  
gostaríamos demais de mais filhos...embora eu fique  
quase biruta...((risos))porque é MUITo a gente vive de  
motorista o dia inTEIRO mas o dia inTEIRO... uma  
95 corrida BÁRbara e leva na escola ( ) vai buscar... os  
dois estão na escola de manhã -- porque eu trabalho de  
manhã ---- então eu os levo para a escola... e vou  
trabalhar... depois saio na hora de buscé-los... aí depois  
tem natação segunda quarta e sexta... os dois... das duas

TEXTO 2 (D2 360 - linhas 1511-1600)

- Doc. e quando vocês quiseram... escolher uma carreira...  
que as levou escolher a carreira?
- L2 a minha eu acho... eu não tenho certeza para julgar  
mas eu acho que fui inculida... meu pai... foi o um::...  
1515 era militar:: mas a vocação dele era ter sido... advogado  
então ele vivia dizendo isso... e eu tenho a impressão eu  
não posso dizer porque é difícil... para a gente dizer  
porque de jeito nenhum ele falou "você vai fazer isso"...  
nunca... mas eu acho que ele falava tanto tanto tanto  
1520 e eu o admirava muito... eu tenho a impressão que foi...  
por causa disto embora minha meta fosse Itamarati  
eu sempre...
- Doc. Diplomacia
- L2 pensei em fazer Diplomacia sempre sempre sempre...  
1525 mas::... depois... por uma série de circunstâncias  
... não foi possível... mas:: então a a minha meta teria  
sido diplomacia... mas eu acho que Direito  
particularmente foi inculido por ele... principalmente foi  
porque ele dizia que depois eu teria condições eu não...  
1530 quer dizer a pessoa teria ele sempre::  
L1 (você) ( )  
[  
L2 era sempre impessoal... o negócio né?  
[  
L1 uhn  
L2 a pessoa teria condições... porque naquele altura...  
1535 a escolha era sempre... ah Direito Engenharia Medicina...  
L1 exatamente  
[  
L2 só era uma das três não existia:: toda essa gama  
que existe agora... não é?  
L1 tanta abertura  
[  
1540 L2 (era uma)  
L1 né?  
[  
L2 era uma das três então ele diz/ ele achava que essa a que  
teria mais possibilida::de de di/ de diversificação  
depois... e quando as outras eram mais específicas... né?  
1545 L1 certo  
L2 um médico era só médico o engenheiro era só engenheiro

- ...pelo menos naquela altura... e então: eu acho  
que fui inculida por ele... e:: e não e não fiz o resto  
por minha causa... aí... foi...  
1550 L1 foram circunstâncias que não favoreceram...  
L2 foi circunstâncias que não favoreceram que eu não::...  
não consegui no Itamarati... ( ) não não consegui não...  
nem cheguei a tentar... acrescido do fato que que aí depois  
soube que para mulher era muito difícil que eles quase não  
1555 admitiam era difícilmo et cetera et cetera... e aí faltou  
ânimo para tentar para valer... eu acho que aí se eu tivesse  
tentado teria conseguido mas realmente faltou ânimo  
faltou interesse...((risos)) os interesses começam... a se::  
[  
L1 ( )  
1560 L2 diversificar também né? e a gente acaba desistindo  
e a gente acaba desistindo... e você por que que você fez?  
L1 porque... eu fiz o curso normal... porque eu havia perdido o  
meu pai fazia:: ah no no primeiro colegial... e:: eu  
precisava... ter uma ah optar por uma carreira pro/--  
1565 meu relógio está atapalhando a nossa--... por uma  
carreira profissionalizante... eu achei que as coisas dali  
para frente seriam mais difíceis eu comecei o colegial...  
pensando...em Medicina..e pensando em contar com o  
meu pai... para... o custeio do estudo mas desde o  
1570 momento em que eu... o perdi eu:: preferi uma carreira  
profissionalizante... um colegial profissionalizante para  
que eu tivesse chance de já trabalhar assim... que formar  
não é? e:: daí me empolguei pelo magistério lecionei  
algum tempo...e::ao terminar o normal eu logo optei  
1575 pela Pedagogia que era um curso assim que dá uma  
cultura... geral BOa não é?... ah o nosso curso foi...  
bem dado e tudo mais e eu gostei... e não fiz outra::  
outras especializações dentro outras especializações não...  
outra:: não segui outras carreiras ah::... que o curso  
de Pedagogia daria possibilidade como o caso da  
1580 Orientação Educacional... que:: no quarto ano eu poderia  
ter feito... e a Psicologia Clínica que:: eu  
poderia ter feito no quarto ano como opção...entre a  
licenciatura... ou ou a licenciatura em Pedagogia ou a  
1585 Psicologia Clínica sem vestibular naquele tempo era...  
possível... e:: eu não fiz por falta de tempo porque eu  
me casei no:: terei/ no no terceiro ano... de faculdade  
e daí logo vieram as gêmeas e eu não::... não fiz...

- 1590 a Orientação no quarto ano porque a carga horária era muito grande... sabe? então eu...preferi terminar a Pedagogia e fiz a licenciatura...mas éh e como:...ah:: formado em Pedagogia eu não falo como pedagoga porque:: eu não:: me considero... como formada em Pedagogia... eu não usei o meu diploma porque eu não
- 1595 lecionei no secundário sabe?... então daí o motivo de eu ter escolhido Pedagogia... e gosto muito... da:: psicologia da criança... do adolescente a psicologia em geral me cativa sabe?... então... aí está o motivo pelo qual... eu escolhi esse curso
- 1600 Doc. [ a senhora está com horário?

### 1. O tópico discursivo

No texto 1, a Documentadora (Doc.) inicia o Diálogo perguntando pelos filhos da Locutora (L1), se eles foram programados ou se vieram ao acaso, isto é, ela introduz um **tópico discursivo** que pode ser denominado de "*Planejamento Familiar*"<sup>1</sup>.

Tomado no sentido geral de assunto, o tópico pode ser entendido como "aquilo acerca do que se está falando" (BROWN e YULE, 1983: 73). Ele é antes de tudo uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo **colaborativo** que envolve os participantes do ato interacional.

O sentido é construído durante essa interação e está assentado numa série de fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições, etc.

Observe-se que, às linhas 8 e 9, L1 tenta responder à Documentadora, porém a Locutora 2 (L2) interrompe com um pedido de esclarecimento ("filhos da pílula não?"); L1 responde com uma negativa, o que não satisfaz a sua interlocutora que insiste com um pedido de maiores esclarecimentos ("nem da tabela?"), colaborando para o estabelecimento do tópico que se constrói de acordo com as necessidades locais.

(1) Será utilizada, neste capítulo, a segmentação do inquérito nº 360 feita por Koch, Fávero, Jubran, Marcuschi, Rizzo, Santos, Souza e Silva, Travaglia, Urbano, Andrade e Aquino In: Organização Tópica da Conversação – In: *Gramática do Português Falado. Vol. II – Níveis de Análise* – organizado por Rodolfo Ilari. Editora da UNICAMP, 1992, p. 357-439. Estes pesquisadores obtiveram um total de 71 segmentos.

Verifica-se que grande parte do espaço conversacional é usado em trocas nas quais falante e ouvinte procuram estabelecer um tópico discursivo e há, além disso, pré-requisitos mínimos para que eles possam detectar a presença de um tópico.

Assim, o falante precisa garantir a atenção do ouvinte, articulando bem sua fala e construindo seus enunciados de modo tal que o ouvinte identifique os elementos do tópico e estabeleça relações que colaborem na instauração do mesmo.

O ouvinte, por sua vez, precisa prestar atenção no que o falante diz, decodificar os elementos (objetos, idéias, indivíduos, etc.) que têm função no desenvolvimento do tópico e identificar as relações que se dão entre os referentes do mesmo.

Nem sempre, porém, a identificação do tópico é clara porque pode ocorrer um tópico implícito que provém do conhecimento partilhado. Veja-se o exemplo abaixo:

- (3) A- Márcia, já terminou o que eu te pedi?  
 B- A reunião ainda não foi marcada.  
 A- Mas o cliente tem certa urgência.

Com o auxílio do contexto, consegue-se estabelecer a coerência do texto e perceber que os dois locutores, por possuírem um conhecimento partilhado, sabem perfeitamente qual o tópico discursivo em andamento e interagem perfeitamente.

Não é só quanto ao conteúdo que a interação interfere na estruturação do tópico, mas também quanto à forma utilizada: à linha 17 (texto 1), há um marcador de assentimento, isto é, de aprovação **não é**, introduzido por L1 provavelmente para certificar-se de que sua interlocutora está atenta e de que pode dar continuidade ao desenvolvimento de seu tópico.

O tópico é, assim, uma atividade construída cooperativamente, isto é, há uma correspondência – pelo menos parcial – de objetivos entre os interlocutores.

A noção de tópico é de fundamental importância para o entendimento da organização conversacional e é consenso entre os estudiosos que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam, etc.

## 2. Propriedades do tópico discursivo

### 2.1. Centração

Considere-se o trecho das linhas 20 a 36:

- 20 L2 a sua família é grande?  
L1 nós somos:: seis filhos  
L2 e a do marido?  
|  
L1 e a do marido... eram doze agora são onze...  
L2 ahn ahn  
|  
25 L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e::... então ach/  
acho que::... dado esse fator nos acostumamos a:: muita  
gente  
L2 ahn ahn  
L1 e::  
30 L2 e daí o entusiasmo para NOve filhos...  
L1 exatamente nove ou dez...  
|  
L2 ( )  
L1 é e:: mas... depois diante das dificuldades de conseguir  
quem me ajudasse... nós:s paramos no sexto filho...  
35 L2 ahn ahn  
L1 não é?... e ...estamos muito contentes e...

O tópico que se vem desenvolvendo está centrado no "Planejamento familiar de L1" (linhas 1 a 19); o que se desenvolve agora é o do "Tamanho da família de origem de L1" que, embora se tenha originado no tópico anterior, tem outra centração; as pausas e hesitações indicam que L1 está terminando o tópico e permitem a L2 intervir, fazendo a pergunta – "e dão muito trabalho tem esses problemas de juventude..." (linha 37) – que sinalizam a introdução de um novo tópico.

**Centração** é o falar-se acerca de alguma coisa, implicando a utilização de referentes explícitos ou inferíveis. O tópico tem limites bem definidos e pode ser distribuído em segmentos sucessivos, que serão explicitados mais adiante.

A centração norteia o tópico de tal forma que, quando se tem uma nova centração, tem-se um novo tópico.

Para que o conceito de centração possa ser melhor compreendido, vejam-se mais dois exemplos. No texto 2, L1 vinha falando sobre seu abandono da vida profissional por causa dos filhos e das tendências profissionais de seus filhos, quando à linha 1511 uma pergunta da Documentadora inicia um novo tópico que, embora tenha sua origem no anterior, centra-se nas "Razões da Opção Profissional das Locutoras" e bifurca-se em dois segmentos: das linhas 1511 a 1561 "Opção profissional de L2", e das linhas 1561-1599 "Opção profissional de L1".

Buscando esclarecer um pouco mais, observe-se novamente o segmento que vai das linhas 1511 a 1561:

- Doc. e quando vocês quiseram... escolher uma carreira...  
o que as levou escolher a carreira?  
L2 a minha eu acho... eu não tenho certeza para julgar  
mas eu acho que fui incutida... meu pai... foi o um::...  
1515 era militar:: mas a vocação dele era ter sido... advogado  
então ele vivia dizendo isso... e eu tenho a impressão eu  
não posso dizer porque é difícil... para a gente dizer  
porque de jeito nenhum ele falou "você vai fazer isso"...  
nunca... mas eu acho que ele falava tanto tanto tanto  
1520 e eu o admirava muito... eu tenho a impressão que foi...  
por causa disto embora minha meta fosse Itamarati  
eu sempre...  
Doc. Diplomacia  
L2 pensei em fazer Diplomacia sempre sempre sempre...  
1525 mas::... depois... por uma série de circunstâncias  
... não foi possível... mas:: então a a minha meta teria  
sido diplomacia... mas eu acho que Direito  
particularmente foi incutido por ele... principalmente foi  
porque ele dizia que depois eu teria condições eu não...  
1530 quer dizer a pessoa teria ele sempre::  
L1 (você) ( )  
|  
L2 era sempre impessoal... o negócio né?  
|  
L1 uhn  
L2 a pessoa teria condições... porque naquele altura...  
1535 a escolha era sempre... ah Direito Engenharia Medicina...  
L1 exatamente  
|  
L2 só era uma das três não existia:: toda essa gama  
que existe agora... não é?  
L1 tanta abertura  
|  
1540 L2 (era uma)  
L1 né?

- 1.2 |  
era uma das três então ele diz/ ele achava que essa a que  
teria mais possibilidade: de de di/ de diversificação  
depois... e quando as outras eram mais específicas... né?  
1545 L1 certo  
L2 um médico era só médico o engenheiro era só engenheiro  
...pelo menos naquela altura... e então: eu acho  
que fui inculcada por ele... e: e não e não fiz o resto  
por minha causa... aí... foi...
- 1550 L1 foram circunstâncias que não favoreceram...  
L2 foi circunstâncias que não favoreceram que eu não:...  
não consegui no Itamarati... ( ) não não consegui não...  
nem cheguei a tentar... acrescido do fato que que aí depois  
soube que para mulher era muito difícil que eles quase não  
admitiam era difícil et cetera et cetera... e aí faltou  
1555 ânimo para tentar para valer... eu acho que aí se eu tivesse  
tentado teria conseguido mas realmente faltou ânimo  
faltou interesse...((risos)) os interesses começam... a se::  
|  
L1 ( )  
1560 L2 diversificar também né? e a gente acaba desistindo  
e a gente acaba desistindo... e você por que que você fez?

O segmento que vai das linhas 1511 a 1548 (até ele) está centrado no tópico "Influência do pai na opção profissional de L2 por advocacia". As proposições que o integram estão associadas por um conjunto de elementos que tratam da influência do pai. Esse conjunto se destaca em relação a outros que podem ser considerados secundários e também em relação a outros conjuntos circunvizinhos, nesse momento da conversa. Já o segmento imediatamente posterior – linhas 1548 (a partir de e: e não) a 1561 (até desistindo) – centra-se no tópico "Circunstâncias adversas a opção profissional de L2 por advocacia", porque agora há um outro conjunto de elementos que se relacionam por tratar da opção profissional que se sobressai neste outro momento do diálogo. Como já foi dito anteriormente, esses dois segmentos ou subtópicos formam o tópico "*Rações da Opção Profissional das Locutoras*" (Opção de L2).

## 2.2. Organicidade

No texto 1, temos um supertópico **FAMÍLIA** e dois tópicos co-constituintes: "*Tamanho da Família*" e "*Papel da Mulher Casada*". Cada

um desses tópicos co-constituintes de **FAMÍLIA** é formado por subtópicos.

O tópico "*Tamanho da Família*" contém dois subtópicos: "*Planejamento Familiar*" e "*Tamanho da Família de Origem*". Esses subtópicos, por sua vez, são formados por segmentos menores ou porções tópicas. Para que se possa observar a linearidade da fala, esses segmentos são aqui numerados de acordo com a ordem em que ocorrem no texto, a saber:  
a- "*Planejamento Familiar*":

– "Planejamento familiar de L1" – linhas 2 a 19 (segmento 1):

- Doc. a senhora... procurou dar espaço de tempo entre um e  
OUtro...  
L2 aconteceram ou foram  
|  
5 Doc. |  
aconte/...  
L2 programados  
Doc. (isso)... faz favor ( )  
|  
L1 a p/ a p/ é... a programação...  
havia sido planejada... mas não deu certo...((risos))  
10 L2 filhos da pílula não?((risos))  
L1 não...((risos))  
L2 nem da tabela?((risos))  
L1 não justamente porque a tabela não:: não deu certo é  
que::((risos)) vieram ao acaso  
15 L2 ahn ahn  
L1 e:: nós havíamos programado NOve ou dez filhos...  
não é?  
|  
L2 (nossa que chique)  
|  
L1 então...

– "Planejamento familiar de L2" – linhas 75 a 92 (segmento 5):

- 75 L2 é(pensamos)seriamente em parar... depois disso ainda  
ti/tive problemas de... saúde problemas de tireóide não sei  
quê:: então o médico está aconselhando a não ter mais...  
então nós estamos pensando... estamos pensando não  
ofic/oficialmente não está encerrado... mas de fato está  
80 porque::... o endocrinologista proibiu terminantemente

que eu tenha mais filhos...  
 |  
 L1 ( )  
 L2 inclusive...se eu tiver...ele disse que vai ser necessário...  
 um aborto... então estamos naquele negócio eh... como  
 85 fazer:... se faço operação:: so o marido fa::z mas ele  
 acha que:... de jeito nenhum::((risos))  
 L1 precisa convencê-lo não é?  
 |  
 L2 é precisa realmente estar convencido disso  
 e ele é uma coisa que não vai ser fácil convencer então  
 90 desistimos... eu pelo menos desisti não se toca mais no  
 assunto... mas realmente então está encerrado mas  
 gostaríamos demais de mais filhos...embora eu fique

b- "Tamanho da Família de Origem":

- "Tamanho da família de origem de L1" - linhas 20 a 36 (segmento 2):

20 L2 a sua família é grande?  
 L1 nós somos:: seis filhos  
 L2 e a do marido?  
 |  
 L1 e a do marido... eram doze agora são onze...  
 L2 ahn ahn  
 |  
 25 L1 quer dizer somos de famílias GRANdes e:... então ach/  
 acho que:... dado esse fator nos acostumamos a:: muita  
 gente  
 L2 ahn ahn  
 L1 e::  
 30 L2 e daí o entusiasmo para NOve filhos...  
 L1 exatamente nove ou dez...  
 |  
 L2 ( )  
 L1 é e:: mas... depois diante das dificuldades de conseguir  
 quem me ajudasse... nó::s paramos no sexto filho...  
 35 L2 ahn ahn  
 L1 não é?... e ...estamos muito contentes e...

- "Tamanho da família de origem de L2" - linhas 63 a 75 (segmento 4):

L2 ( ) realmente deve ser uma delícia ter  
 65 uma família gran/ bem grande com bastante gente... eu  
 sou filha única... ah tenho um irmão de treze anos... mas

gostaria deMAIS de ter tido... mais irmãos... porque  
 quando:... com meu irmão eu já:: já tinha curso  
 universitário já já tinha saído da faculdade quer dizer  
 então não tem quase que vantagem nenhuma não é?... eu  
 70 queria então uma família grande tínhamos pensa::do...  
 numa família maior mas depois do segundo... já deve  
 estar todo mundo tão desesperado que nós((risos))  
 estamos pensando...  
 |  
 L1 ( )  
 75 L2 é (pensamos) seriamente em parar...

Quanto ao tópico "Papel da Mulher Casada", verifica-se que, segun-  
 do o trecho aqui recortado para análise, ele apresenta um subtópico:  
 "Trabalho com os Filhos". Este subtópico é formado pelo segmento "Au-  
 sência de problemas com os filhos adolescentes de L1", linhas 37 a 62,  
 numerado como segmento 3:

L2 e dão muito trabalho tem esses esses problemas de  
 juventude esses negócios ( )  
 (não está muito na idade né?)  
 |  
 40 L1 não por enquanto não porque... estão entrando na as  
 mais velhas estão entrando agora na adolescência e...  
 |  
 L2 ( )  
 L1 mas são muito acomodadas... ainda não começaram  
 assim... aquela fase... chamada de... mais  
 45 difícil de crítica  
 |  
 L2 (chamada mais difícil)  
 L1 né?  
 L2 ahn ahn  
 L1 ainda não... felizmente(ainda não)começaram  
 50 L2 ( )  
 L1 agora... eu acho que:... eu... espero não:: ter problema  
 com elas porque... nós mantemos assim um diálogo bem  
 aberto sabe?  
 L2 uh uh uh  
 55 L1 com as crianças... então...esperamos que não :: haja  
 maiores problemas  
 L2 ahn ahn  
 L1 com o avançar dos anos... enfim... o futuro  
 |  
 L2 ( )

- 60 L1 pertence...  
 L2 ah  
 L1 a Deus e não... a nós

A relação que se estabelece entre o supertópico e os dois tópicos co-constituintes é denominada **organicidade**. Esta relação se manifesta pela interdependência que se instaura, concomitantemente, em dois planos: linear e vertical.

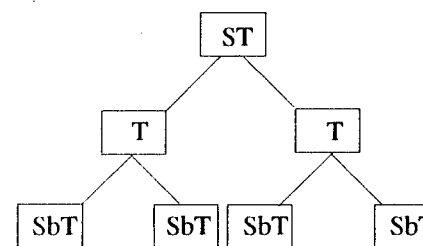
A noção de linearidade refere-se às articulações entre os tópicos em termos de proximidade na linha discursiva e está ligada à introdução de informações novas. É através dela que se pode compreender melhor dois fenômenos básicos que a compõem a **organicidade**:

- a continuidade - decorre de uma organização seqüencial dos tópicos, de modo que a abertura de um se dá após o fechamento do precedente. Deve-se dizer que o tópico compreende mecanismos de início, desenvolvimento e saída detectáveis por elementos verbais ou por traços supra-segmentais.

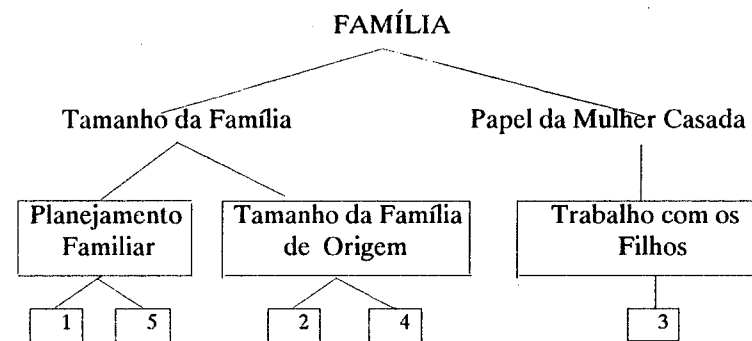
- a descontinuidade - decorre de uma perturbação na seqüencialidade: um tópico é introduzido, na linha discursiva, antes de se ter esgotado o precedente que pode ou não retornar. Se não há retorno, tem-se um corte e se há, têm-se as **inserções** ou as **digressões** que serão tratadas no item 4 deste trabalho.

A noção de verticalidade refere-se às relações de interdependência que se estabelecem entre os tópicos de acordo com a maior ou menor abrangência do assunto e permitem dizer que há níveis na estruturação dos tópicos, indo desde um constituinte mínimo - **subtópico** (SbT) até porções maiores - **tópicos** (T) ou **supertópicos** (ST), constituindo um **Quadro Tópico**, como ilustra o esquema:

### QUADRO TÓPICO



Transpondo-se este esquema para o texto 1, obtém-se :



No texto 2, o supertópico é **PROFISSÃO** e as Locutoras falam sobre as "*Razões de suas Opções Profissionais*" com os seguintes subtópicos:

a- "Opção de L2":

- "Influência do pai na opção de L2 por advocacia": linhas 1511 a 1548 (segmento 1)
- "Circunstâncias adversas à opção profissional de L2 por diplomacia": linhas 1548 a 1561 (segmento 2)

b- "Opção de L1":

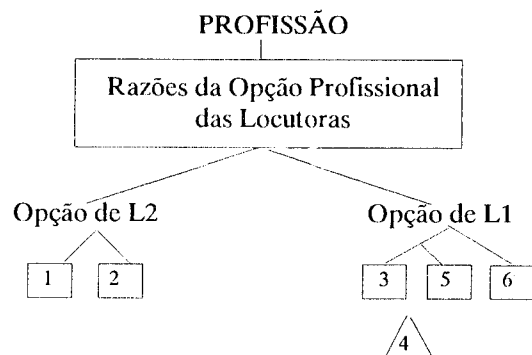
- "Necessidade de carreira profissionalizante de L1": linhas 1561 a 1564 (segmento 3)
- "Preocupação de L1 com o horário": linha 1565 (segmento 4)



- "Necessidade de carreira profissionalizante de L1": linhas 1565 a 1574 (segmento 5)
- "Opção de L1 por pedagogia": linha 1574 a 1599 (segmento 6)

O segmento 4 - "Preocupação de L1 com o horário" constitui uma digressão.

Esquematizando, tem-se:



### 3. Segmentação

Para descrever a organização tópica de uma conversação, é necessário examinar-se a delimitação dos segmentos tópicos, isto é, das pequenas porções tópicas, com base no princípio da contração.

A questão de como os tópicos estão delimitados é um problema crucial para o analista, pois, embora o tópico seja uma unidade passível de segmentação, isso nem sempre é tão claro. O falante parece ter, como já dissemos, uma consciência intuitiva do tópico e assim consegue sempre identificá-lo.

Brown e Yule (1983) apontam o fato de que a extensão de um tópico está relacionada à manutenção do tema e da relevância; assim podem-se encontrar tópicos com início, desenvolvimento e fim num espaço conversacional maior ou menor e há, na expressão verbal dos falantes, sinais ou marcas da delimitação tópica.

Apesar da multiplicidade de tópicos que constituem o diálogo, os interlocutores vão captando essas marcas e orientando sua fala segundo esses tópicos que são, assim, responsáveis pela coerência na conversação.

As marcas nem sempre constituem um critério absoluto para a segmentação, já que são:

- facultativas - nem sempre o início e o fim têm uma realização marcada. Podem, por vezes, ser detectados no momento em que uma determinada contração se distingue de uma contração anterior, motivada, por exemplo, por uma mudança de referentes.
- multifuncionais - os elementos que delimitam os tópicos não exercem sempre a mesma função. O marcador **então**, que muitas vezes fecha o tópico (segmentos 1 - Texto 1; e segmento 6 - Texto 2), pode aparecer exercendo outras funções. É o que mostra Andrade (1990: 219), a propósito de **então acho que** das linhas 25 e 26:

25 L1 ...então acho/  
 acho que:...dado esse fator nos acostumamos a:  
 muita gente

"A quebra do marcador oracional **então acho que**, com retomada contígua, revela um momento de hesitação diante da incerteza de sua explicação ("dado esse fator"). Por isso, o marcador **então acho que** talvez exerça a função de um atenuador. Poder-se-ia dizer ainda que a primeira parte (**então**) funciona como prefaciador ou preparador, enquanto a segunda parte (**acho que**) faz a atenuação".

- co-ocorrentes - há muitas vezes um acúmulo de vários procedimentos no mesmo ponto, como, por exemplo, uma pausa, um marcador e uma entonação descendente. É o que ocorre, por exemplo, ao final do segmento 2 (linhas 58 a 62) onde há um comentário conclusivo de L1, parafraseando o ditado popular "o futuro a Deus pertence", precedido de entonação descendente e do marcador de conclusão **enfim**.

#### 4. Digressões

Foi dito, anteriormente, que a linha 1565 constitui uma **digressão**.

E o que é uma **digressão**?

Além da linha 1565 ("--meu relógio está atrapalhando a nossa--"), observe-se também o trecho abaixo, do mesmo inquérito:

(4)

895 (...) e por aí a gente vê por FOra... como a coisa está difícil( )por isso eu vejo pelo meu marido... como eu falei para vocês ele faz seleção de pessoal né?... então... ele diz que para... por exemplo cada cem engenheiros que é pedido... ele funciona do seguinte modo as firmas precisam... de um em/ de um cara então ah por exemplo (ah)um::( ) um banco precisa de um diretor de um banco chega para ele diz assim "eu preciso de um diretor de banco para tal tal área para fazer isso assim assim assim assim"... então ele vai procurar... certo?... ou então chega uma outra firma e diz assim "preciso... um:: um gerente de:... de produção: o um gerente de ( )" normalmente é um engenheiro isso isso isso **então eu estava explicando** ... que para cada cem engenheiros que são pedidos... 900 é pedido UM advogado... quer dizer a desproporção é inCRÍvel...  
L1 ( )  
L2 é incrível mesmo...os médicos também muito pouco...

L2 está desenvolvendo o tópico A – "Cotação de Algumas Profissões" – (linha 895 a partir de **e por aí** à linha 898 até **seleção de pessoal né?**...), mas o interrompe para explicar como funcionam as agências de emprego – tópico B (linha 898 a partir de **então** à linha 908 até **isso isso**); após a interrupção, L2 volta a desenvolver o tópico A que é reintroduzido pelo marcador **então** (linha 908: "então eu estava explicando..."). Esse marcador assinala a retomada do fluxo temático.

A digressão pode ser definida como uma porção de conversa que não se acha diretamente relacionada com o tópico em andamento. Assim, os falantes estão desenvolvendo um tópico A (1ª etapa), o falante 1, por exemplo, introduz um tópico B (2ª etapa). Este tópico é desenvolvido e, momentos depois, é encerrado (3ª etapa). A seguir o tópico A é

reintroduzido (4ª etapa). No exemplo (4), a digressão se localiza na 2ª e 3ª etapas.

Para analisar-se uma digressão, é preciso observar em que condições um desvio tópico origina uma mudança, uma evolução natural ou uma digressão. É evidente que num contexto interacional, qualquer intervenção ou mudança pode provocar uma alteração, abandono ou flutuação do tópico. Essa mudança no fluxo conversacional tanto pode provocar um abandono do tópico que vinha sendo desenvolvido (mudança tópica) quanto uma reintrodução do tópico original.

Cabe ressaltar que numa conversação – evento comunicativo dinâmico – há uma constante flutuação de tópicos discursivos e essa flutuação não é tida ou sentida como incoerente porque, durante a evolução natural de um diálogo, os tópicos têm uma série de *relevâncias* que podem ser detectadas e selecionadas pelos falantes.

Em geral, as digressões são introduzidas sem qualquer marca formal, mas podem vir com algum tipo de marcador como, por exemplo: **a propósito, isto me lembra que**. Esse marcador ou operador de digressão permite, logo após o trecho digressivo, a volta ao tópico anterior bem como a continuidade de novas propostas.

#### 4.1 Tipos de Digressão

Dascal e Katriel (1982) sugerem uma classificação das digressões em três tipos básicos:

**a. digressão baseada no enunciado:** caracteriza-se por apresentar uma espécie de relação de *conteúdo* (semântico ou pragmático) entre o enunciado principal vigente e o digressivo. Em geral, esta digressão é introduzida ou encerrada por operadores de digressão (**marcadores conversacionais**), tais como: **a propósito...; por falar nisso...; isto me lembra que /.../ perdão continue; perdão, mas isso parece...; olha tem um negócio...; já que você mencionou isso /.../ voltando ao assunto**. Um exemplo deste tipo de digressão ocorre no exemplo (4), já comentado anteriormente.

**b. digressão baseada na interação:** distingue-se das demais por não apresentar relações de conteúdo com o tópico em andamento. No entanto,

não é considerada inadequada no que diz respeito ao fluxo conversacional. Sua adequação pode ser encontrada no contexto situacional, seja por ruídos externos ou algum tipo de distração como, por exemplo, a chegada de uma outra pessoa. De modo geral, esta digressão é uma espécie de resposta adequada a alguma demanda extrínseca ao conteúdo tópico. As conversações nas quais este tipo de digressão está encaixado são observadas como eventos coerentes. O que importa neste tipo de digressão não está explicitado verbalmente porque é social, consensual e insere-se numa dimensão diferente. Um exemplo deste tipo de digressão é o que ocorre na linha 1565: verifica-se que L1 vem desenvolvendo o tópico "Necessidade de carreira profissionalizante", mas o interrompe e faz uma digressão ao mencionar o problema do horário: "--meu relógio está atrapalhando a nossa--...". A interrupção é bastante rápida e quando L1 reintroduz o tópico, repete a última estrutura utilizada antes da digressão: "por uma carreira profissionalizante".

**c. digressão baseada em seqüências inseridas:** refere-se a uma grande variedade de atos de fala corretivos, esclarecedores, informativos, etc.

Observe-se o exemplo:

(5) **Contexto:** O gerente de uma agência de propaganda dirige-se a sua secretária e pergunta:

- A- Cláudia, onde está o relatório?
- B- Qual relatório?
- A- Aquele do último trimestre.
- B- Está na primeira gaveta do arquivo.

A pergunta feita pelo locutor A foi respondida por B apenas na última fala de B. Entre a primeira pergunta e a sua respectiva resposta, há uma seqüência inserida que contém um pedido de esclarecimento e a resposta a esse pedido.

A seqüência inserida é baseada no ouvinte, visto que é uma resposta a um enunciado anterior não totalmente aceito ou compreendido. O que a distingue do material conversacional em que está encaixada é o fato de desempenhar uma função metalingüística. Pode-se dizer, então, que ela marca uma espécie de salto e é vista como uma pausa no fluxo conversacional.

## 5. Considerações finais

Os textos aqui examinados mostram que a conversação não é um enfileiramento aleatório de enunciados; ao contrário, ela é altamente estruturada e passível de uma análise formal.

De um modo geral, o texto conversacional é coerente; o problema é que como ele obedece a processos de ordem cognitiva, muitas vezes, se torna difícil detectar as marcas lingüísticas e discursivas dessa coerência, pois ela geralmente não se dá com base nessas marcas, mas na relação entre os referentes.

E como observa Aquino (1991: 89): "...um texto conversacional pode ser dito coerente se os referentes apresentados nos tópicos discursivos puderem ser alinhados como pertencentes a um mesmo quadro tópico. Além disso, os referentes devem fazer parte de um conjunto possível de referentes, ou seja, os elementos presentes naquele tópico devem ser pertinentes".

Nota-se também que um segmento não precisa ser coerente com os que lhe são próximos (veja-se Digressão), já que não há transferência de propriedades, mas há sempre alguma associação.

A coerência é, assim, no texto conversacional, uma noção "relativamente híbrida, que diz respeito a uma organização de vários níveis ao mesmo tempo" (MARCUSCHI, 1988: 2). Daí a importância que a noção de tópico e a de desenvolvimento dos tópicos vem adquirindo ultimamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. L. C. V. O. (1990). **Contribuição à gramática do português falado: estudo dos marcadores conversacionais então aí, daí.** Dissertação de Mestrado, PUC/SP.
- AQUINO, Z. G. O. de (1991). **A mudança de tópico no discurso oral dialogado.** Dissertação de Mestrado, PUC/SP.
- BROWN, G. e YULE, G. (1983). **Discourse analysis.** Cambridge, Cambridge University Press.

CASTILHO, A.T. de e PRETI, D. (orgs.) (1987). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, vol. II.

DASCAL, M. e KATRIEL, T. (1982) "Digressions: a study in conversational coherence". In: Pécöfi, J. S. (ed). *Text vs sentence*. Hamburg, Buske, vol. 29, p. 76-95.

MARCUSCHI, L.A. (1988). *Coesão e Coerência na conversação (organização tópica)*. Versão preliminar datilografada.

### 3. O TURNO CONVERSACIONAL

Paulo de Tarso Galembeck

Uma das características mais evidentes da conversação é, seguramente, o fato de que os interlocutores alternam-se nos papéis de falante e ouvinte. Desse modo, uma das formas de se compreender a organização do texto conversacional é verificar os processos pelos quais ocorre a alternância nos referidos papéis e a maneira pela qual os participantes atuam conjuntamente na construção do diálogo.

Nesse sentido, este texto propõe-se a efetuar um estudo das formas de participação de cada interlocutor (turnos) e dos procedimentos pelos quais ocorre a troca de falantes. O ponto de partida é o exame das duas modalidades básicas de interação, quais sejam, as situações de simetria e assimetria na participação dos interlocutores. A seção seguinte é dedicada à conceituação e à tipologia do turno conversacional; na última parte, discute-se a gestão de turno (procedimentos pelos quais o falante conserva o turno ou passa-o ao outro interlocutor).

O *corpus* deste trabalho é constituído pelos inquéritos 062 e 343 (diálogos entre dois informantes - D2), publicados em CASTILHO e PRETI (1987).

#### 1. Simetria e assimetria na conversação

##### 1.1. Conversação Simétrica

O fragmento a seguir constitui um exemplo de conversação simétrica:

- (01)
- L2 nós entramos ali no :: ... naquele arroz unido venceremos ((risos)) ... um dia ele sai da colher outro dia não sai ... ((risos)) é fogo ... (entende?) ((risos)) (se bem que ainda é:: bom ...)
- 230
- L1 dizem né? -- você vê -- dentro da profissão do vendedor ... a coisa mais difícil é você manter realmente o

- 235 indivíduo ... éh Olto horas em contato direto com os clientes ... uma coisa:: ... realmente difícil ... então a gente inclusive::... pede para que o indivíduo não perca tempo nesses horários certo? ... e procure almoçar ... no seu território de trabalho ... por ali mesmo em vez de ter que se deslocar de um território de trabalho para sua casa ...
- 240 L1 para a sua residência ... para voltar:: ... isso acarreta muita perda de tempo ... mas a coisa mais difícil dentro da profissão do vendedor você realmente ... é conseguir manter oito horas naquele território de trabalho SEM sair de lá ... e MAIS uma vez eu ... eu vejo a influência do clima e tudo mais ... se é um clima chuvoso tal talvez até me ajude ... nesse sentido eu posso ficar ... e nem ter vontade de sair de lá para me deslocar para algum outro local porque não dá também ... perderia muito tempo ... dia de chuva ... conforme o:: ... o dia realmente prejudica nesse aspecto
- 250 L2 eu:: eu lhe perguntaria aí dentro desse problema ... você não ... possui uma ... um controle -- digamos assim -- em cima de você você deve produzir tanto num dia ... ou ... ou existe isso ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que você está indisposto você poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende? ... que (que você) você poderia fazer isso?
- 255 L1 não ... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa:: ... essa responsabilidade ... ela nos é atribuída ... inclusive:: dentro da profissão de vendas o que:: interessa é:: ... faturar ... entende? ... para eles pouco importa:: às vezes a:: o tempo de de trabalho né?
- 265 L1 como você utiliza o seu tempo de trabalho ... ele tem que ser ... bem utilizado para você efetuar suas vendas ... uma vez que você utiliza ...
- L2 mas existe um limite em que você deva um mínimo de/ levar neste tal de faturamento?
- L1 não não existe...não existe... não existe ...
- 270 L2 você tem uma vantagem sobre a gente entende? o dia que você estiver chateado o dia estiver muito bonito você pode pegar seu carro e:: dar uma deslocada para o litoral e tal
- L1 é mas seria difícil né?

- 275 que você que para a subsistência você
- L2 um dia chuvoso
- L1 você precisa trabalhar bastante

(Inq. 062, linhas 227-277)

Antes de se tratar especificamente da simetria na conversação, cabe definir o conceito de **tópico conversacional** (ou simplesmente tópicos). O conceito adotado é o que foi exposto por BROWN e YULE (1983: 73): tópico é aquilo acerca de que se está falando.

O fragmento citado constitui um exemplo de conversação simétrica: nele ambos os interlocutores contribuem efetivamente para o desenvolvimento do tópico conversacional do fragmento, qual seja, o modo como o vendedor organiza o seu dia de trabalho. Com efeito, L2 mostra como é o seu almoço (algo que não pertence propriamente ao tópico do fragmento), e L1 introduz o novo tópico e trata do modo como o profissional de vendas deve organizar os seus horários de trabalho. L2 intervém e pergunta se há um controle rígido desses horários; L2 responde que não há controle rígido, mas o tempo deve ser bem aproveitado, para haver produção. L2 faz outra pergunta, indagando se há um mínimo de faturamento que deva ser obtido, e L1 responde negativamente. L2, então, observa que o tempo de trabalho pode, eventualmente, ser usado para o lazer, e L1 retruca, afirmando que é preciso trabalhar bastante para a subsistência.

No fragmento citado, ambos os interlocutores participam do desenvolvimento do tópico conversacional, o trabalho do vendedor. Em outros termos, há uma situação de simetria entre as falas de ambos os interlocutores, pois cada um deles engaja-se na consecução do objetivo comum e, assim, busca discutir o tópico e expor seu ponto de vista.

## 1.2. Conversação assimétrica

Antes de se tratar de conversação assimétrica, cabe expor o conceito de intervenção, assim entendidas as diferentes formas de participação dos interlocutores no diálogo. Nesse sentido, consideram-se turnos tanto as falas de valor referencial (nas quais se desenvolve o assunto ou tópico do diálogo), como os sinais que indicam que o interlocutor está "seguido" ou "acompanhando" as palavras do seu interlocutor (**certo, uhn uhn, ahn ahn**).

Na conversação assimétrica, um dos interlocutores "ocupa a cena", por meio de uma série de intervenções de nítido caráter referencial, ou seja, de intervenções nas quais se desenvolve o tópico ou o assunto do fragmento. O outro participante só contribui com intervenções episódicas, secundárias em relação ao tópico do fragmento conversacional.

O fragmento a seguir constitui um exemplo de conversação assimétrica:

(02)

- I-1 L1 ((pigarreu)) veja o que está acontecendo... por incrível que pareça há falta de doutores hoje... por quê? porque a tendência é acabar o curso... e muito dificilmente um vai sair para a pesquisa... para estudar para defender uma tese
- I-2 L2 (defender) uma tese
- I-3 L1 então nós estamos com problema inclusive... quais são os cursos de mestrado? não há doutores para... ministrar esses cursos e precisam ser... e precisam ter a categoria de doutores para poder lecionar nesses cursos de pós-graduação... então é realmente um fato que está existindo... então... como está existindo essa dificuldade eu:: não tenha dúvida a especialização é super necessária ... porque depois de um de um de um estágio em trabalho e tudo isso você necessita aquilo você pode coadunar perfeitamente deveriam existir muitos cursos de especialização... a gente vê alguns vários até aí na nossa área por exemplo mercado de capitais existe alguns...
- I-4 L2 existe
- I-5 L1 e outros mais... a Getúlio Vargas inclusive é uma que::
- I-6 L2 lança cursos de...
- I-7 L1 tem os cursos assim nesse sentido é ela... dentro da área de Economia tem o IPE (lá) da USP... e:: são poucos... existia um outro parece que na Universidade: Estadual de Campinas né? da:: CEPAL...
- I-8 L2 CEPAL...
- I-9 L1 mas parece que está agora interrompido no momento... e:: são realmente poucos e:: às vezes se se pergunta pô/ porque poucos quando a gente tem vontade de dar um prolongamento há falta de doutores... apesar de saber que você vai pagar caro esses cursos isso não é problema...

vamos lá se é para conhecimento:: tem que tocar para frente... mas hoje em dia não existem os doutores está difícil... por quê? porque::... muito poucos vão né? para essa área da da essa área científica mesmo... estudar:: profundamente defender uma tese tudo isso...

- I-10 L2 justamente eles vão muitos poucos vão para essa área científica por causa do problema eu creio mais da... do problema da... remuneração do indivíduo entende?... é como você falou... o indivíduo que pesquisa vive de::... poesia...
- I-11 L1 poesia...
- I-12 L2 entende?
- I-13 L1 poesia... correto... ((risos))
- I-14 L2 então:: não dá :: o indivíduo fala "poxa eu vou perder um ano dois anos aí pesquisando vou levantar um problema defender uma tese aí"... e às vezes não tem sorte na vida dele entende?
- I-15 L1 uhn uhn... é que hoje:: dentro da nossa profissão ainda mais uma vez falando nela... até parece que sou emPOLgado por ela né? ((risos)) não acha?... o::... que com a empresa privada hoje em dia ela atende muito melhor entende?... que as entidades públicas... hoje em dia se ganha muito mais... então:: o:: órgãos públicos estão assim muito limitados em termos de... de números de de vagas para determinadas coisas...

(Inq. 062, linhas 802-857)

No exemplo 02, há duas situações de assimetria. Primeiramente (entre I-1 e I-9), o informante L1, em suas intervenções sucessivas, trata das dificuldades encontradas para serem montados cursos de pós-graduação. L2, nesse caso, participa da conversação por meio de intervenções ocasionais, secundárias em relação ao tópico em andamento ("defender uma tese", "existe").

A partir de I-10, a situação inverte-se e é L2 que passa a "dominar" a cena, tratando dos problemas daqueles que se dedicam à pós-graduação. As intervenções de L1 (I-11 e I-13) indicam que o citado informante "segue" ou "vigia" as palavras de seu interlocutor, manifestando entendimento e concordância ("poesia"), ("poesia...correto...").

Veja-se o esquema a seguir:

1. Simetria: ambos os interlocutores contribuem para o desenvolvimento do tópico conversacional.
2. Assimetria: um dos interlocutores desenvolve o tópico; o outro "vigia" ou "segue" o seu parceiro.

## 2. Conceito e tipologia do turno conversacional

### 2.1. Conceito de turno

A idéia de turno – de acordo com o senso comum – está ligada às várias situações em que os membros de um grupo se alternam ou se sucedem na consecução de um objetivo comum ou numa disputa: jogo de xadrez, corrida de revezamento, mesa-redonda. Em todas essas situações, cada participante dispõe, para a consecução de sua tarefa, de um período de tempo (fixo ou não), o qual vem a constituir um turno.

Conforme já foi visto no início deste texto, na conversação também ocorre alternância na consecução do objetivo comum: os participantes do diálogo revezam-se nos papéis de falante e ouvinte. Nesse sentido, pode-se caracterizar a conversação como uma série de turnos, entendendo-se por turno qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão.

O conceito de turno que acabou de ser exposto valoriza todas as intervenções dos interlocutores, tanto aquelas que possuem valor referencial ou informativo (ou seja, que desenvolvem o assunto tratado num fragmento do diálogo), como aquelas intervenções breves, sinais de que um dos interlocutores está "seguindo" ou "acompanhando" as palavras do seu parceiro conversacional. A posição adotada considera ambas as modalidades de intervenção (com ou sem valor referencial) relevantes e significativas para a organização de textos e seqüências conversacionais; essa postura coincide, aliás, com as idéias de McLAUGHLIN (1984:103), para quem todos os enunciados devem ser tratados como unidades construcionais de turno.

### 2.2. Tipologia de turno

Conforme já ficou entrevisto no item anterior, há duas modalidades de turnos conversacionais:

#### A. Turno nuclear

É o que possui valor referencial nítido, ou seja, que veicula informações. Num turno nuclear, o falante desenvolve o tópico em andamento:

- (3)
- 555 L1 então o desen/ o desenvolvimento é bom porque ele dá chance de emprego para mais gente...
- L2 mas você está pegando uma coisin::nha assim sabe? um cara que esteja desempregado também eu posso... usar o mesmo exemplo num sentido contrário... o cara
- 560 que está desempregado porque não consegue se empregar né? na verdade não quer... ou um outro que:: assim... muito bem empregado executivo chefe de empresa e tal mas cheio das neuroses dele eu não sei qual está melhor...
- 565 L1 então você tem que abstrair desse aspecto porque você pode ter ambos os ca::sos... você tem que pegar na média esquecendo esse aspecto particular...

(Inq. 343, linhas 555-567)

As três intervenções do fragmento citado (duas de L1 e uma de L2) constituem exemplos de turnos nucleares, pois todas têm conteúdo informacional nítido e evidente. Veja-se: L1 afirma que o desenvolvimento é bom, porque dá chance de emprego para mais gente. L2 contesta as afirmações de L1, com base em casos individuais; este último responde que é preciso verificar a média dos casos, não os casos particulares.

As várias intervenções de L1 e L2 no exemplo 1 também constituem exemplos de turnos nucleares. A única exceção é a última intervenção de L2 ("um dia chuvoso"), que constitui um turno inserido.

#### B. Turno inserido

Não tem um caráter referencial, ou seja, não desenvolve o tópico (assunto) da conversação. A função principal dos turnos dessa modalidade não é a transmissão de conteúdos informativos, mas a indicação de que um dos interlocutores monitora (isto é, acompanha, vigia, fiscaliza) as palavras do seu parceiro conversacional. É o que se verifica no exemplo a seguir:

- (4)
- 1020 I-1 L2 Dizem que está surgindo agora ... a ... computação ...  
 I-2 L1 uhn uhn ...  
 I-3 L2 talvez você possa dizer mais alguma coisa do que eu nesse campo ...  
 I-4 L1 certo ...  
 I-5 L2 da computação ... dizem que ... faltam elementos não sei ...  
 I-6 L1 não eu acho que a tendência da Engenharia ... nuns campos aí ... foi a seguinte é realmente acompanhar o desenvolvimento certo? o que nós precisamos para o desenvolvimento? a começar ... a desenvolver as indústrias de base ...
- 1030 I-7 L2 exato ...  
 I-8 L1 e estava mais voltado para para para a área da das químicas ... certo ... e o campo da Eletrônica ... que são as maiores novidades que estão surgindo ... hoje o:: a matéria plástica ela substitui quase tudo ...
- 1035 I-9 L2 tudo ...  
 I-10 L1 então realmente houve uma época inclusive ((pigarrou) ... eu pude acompanhar ... havia uma preferência assim flagrante ... por Engenharia Química e Eletrônica ...

(Inq. 062, linhas 1018-1038)

(As indicações I-1... I-10 correspondem às sucessivas intervenções dos interlocutores).

O fragmento anterior apresenta vários exemplos de turnos inseridos, que indicam atenção ou concordância, e não contribuem para o desenvolvimento do tópico conversacional:

- L1 I-2 uhn uhn...  
 I-4 certo...  
 L2 I-7 exato  
 I-9 tudo...

No exemplo 2 também podem ser encontradas várias ocorrências de turnos inseridos:

- L2 I-2 (defender) uma tese  
 I-4 existe...  
 I-6 lança cursos de...  
 I-8 CEPAL...  
 L1 I-11 poesia...  
 I-13 poesia...correto...

A tipologia de turnos apresentados (turnos nucleares e inseridos) foi estabelecida no texto "O turno conversacional", escrito pelos pesquisadores L. A. Silva e M. Miranda Rosa e pelo autor deste trabalho (GALEMBECK, SILVA, ROSA (1990: 69 e ss.)<sup>1</sup>. Essa formulação valoriza ambas as modalidades de turno, independentemente do seu valor referencial, por considerar-se que ambas exercem um papel significativo na organização dos textos e seqüências conversacionais.

Veja-se o esquema a seguir:

1. Turno nuclear: tem valor referencial (nele o falante desenvolve o tópico conversacional ou assunto tratado no fragmento conversacional).
2. Turno inserido: indica que o interlocutor "acompanha" ou "segue" as palavras do seu interlocutor. Não tem valor referencial nítido.

### 2.3 Distribuição dos turnos nas situações de simetria e assimetria

Na situação de simetria, ambos os interlocutores participam do diálogo com turnos nucleares, nos quais se desenvolve o tópico em andamento. É o que se verifica no fragmento a seguir:

- (5)
- L2 certo ... e que que você acha dessa polui/ poluição que tanto falam ... que vão controlar vão fazer isso vão criar a área metropolitana o que que você acha?
- 180 L1 estão control/ controlando a poluição do ar agora né? ... ((riu)) é:: o avanço da tecnologia né? provavelmente deve ter descoberto aí ... éh:: qualquer técnica que vai:: ajudar a:: ... controlar essa poluição do ar ...
- L2 você vê né? o mundo quer que nós conservemos a ... Amazônia para controlar a poluição mundial ... que que
- 185 você acha disso aí?
- L1 não entendi bem a pergunta ...

(1) Em vários pontos deste trabalho faz-se referência ao texto "O turno conversacional", escrito pelos pesquisadores Luiz A. da Silva, Margaret de Miranda Rosa e pelo autor destas linhas (GALEMBECK et alii (1990)). Essa referência é feita porque este trabalho segue as linhas gerais do citado texto; apesar disso, procurou-se sempre uma formulação pessoal dos assuntos discutidos e também se teve a preocupação em não repetir os exemplos daquele texto.



- 190 L2 o mundo aí o:: naquela:: ... última exposição que houve  
 agora aí ... -- nosso Ministro do Interior foi  
 representando -- eles não querem que devastem as áreas  
 amazônicas ... devido às:: vastas florestas tudo por causa  
 da poluição ... você acha que seria justo nós conservarmos  
 aquilo o::u
- 195 L1 precisa manter o oxigênio do mundo né? ... ((risos))  
 L2 e nós é que deveríamos conservar? ... que que você acha?  
 o pessoal todo mundo cortou progrediu ...  
 L1 sei lá estão falando muito nisso viu? poluição do ar  
 agora é::  
 L2 é tema do momento né?  
 L1 é a moda mesmo ...

(Inq. 062, linhas 176-199)

O fragmento citado é constituído por uma série de turnos nucleares: ambos os interlocutores participam do diálogo por meio de intervenções de caráter referencial, nas quais expõem suas idéias acerca de poluição e da necessidade de preservação do meio ambiente.

Os turnos nucleares que figuram em um diálogo simétrico formam uma seqüência com outros turnos igualmente nucleares. Por causa disso, são esses turnos designados por **turnos nucleares justapostos**.

O esquema do fragmento citado, é pois, o seguinte:

- (5a) L1 TNJ1  
 L2 TNJ2  
 L3 TNJ3  
 L4 TNJ4  
 L5 TNJ5  
 L6 TNJ6  
 L7 TNJ7  
 L8 TNJ8

(TNJ: turno nuclear justaposto)

Outros exemplos de seqüências de turnos nucleares justapostos podem ser encontradas nos já citados exemplos 1 e 4.

Na situação de assimetria, verifica-se o seguinte: um dos interlocutores "produz" intervenções de valor referencial, ao passo que o outro intervém com sinais indicativos de atenção, concordância, etc.:

- (6)
- 915 L2 agora nessa parte de Engenharia também a parte que eu conheço é a parte  
 de eletricidade ... entende? ... o:: normalmente os  
 engenheiros ... eletrotécnicos que eles chamam ... eles vão  
 buscar especialidade no exterior ... entende? ...  
 normalmente ... principalmente financiado pela própria  
 empresa entende? então normalmente você vê ...  
 920 indivíduos se deslocarem daqui fazerem curso na França  
 ... em Porto Rico ... ficam dois seis meses ... tudo  
 custeado pela empresa entende?
- L1 uhn uhn  
 L2 então quer dizer eles não encontram aqui dentro do ... do  
 925 próprio país ... ainda não há dentro da do campo da ...  
 Eletrotécnica dentro da eletricidade eles não têm ...  
 condições de especializarem em determinados campos ...  
 então eles eles mandam mas é normal a:: as empresas  
 mandarem para Porto Rico e França ... fazerem as  
 930 especializações ... você imagina quanto é que fica um  
 negócio desses entende? ... porque o indivíduo além de  
 ele estar ganhando o salário normal aqui ... está buscando  
 uma especialização para ele é ótimo ... está certo ... ele se  
 prenderá dois anos na firma ... eles obrigam a maioria  
 935 das firmas obrigam isso ele se apre/ ele se prende num  
 contrato de DOIS anos terminando o curso ... ele deverá  
 permanecer na firma ... para ele é bom ... uhn ... vai  
 aumentar o ... o currículo dele a capacidade dele ficará  
 bem superior a todo mundo ... aí você vê acho que ... nós  
 940 já poderíamos partir ... para um ... criar ... fonte de  
 pesquisas aqui entende? não:: ter que buscar lá fora  
 entende?
- L1 correto  
 L2 é nor::mal mesmo vai uma base acho que de uns ... cem  
 945 engenheiros por ano ... financiados por Uma empresa  
 que eu conheço ... você imagine as outras entende? aqui  
 eles não têm campo de desenvolver isso ... então a França  
 é:: é normal ... colegas nossos de em trezes que nós somos  
 de uma seção já foram quatro ... os quatro que são  
 950 formados em Engenharia já foram ... porque há  
 necessidade ... entende? ... ((vozes incompreensíveis)) ...  
 eu acho que é necessário MAIS verbas para ... para  
 aplicar aqui dentro do ... do próprio país para o pessoal  
 não sair entende?

955 L1 certo ...  
 L2 então vamos aproveitar esse pessoal já fez e criar ... então já ... com conhecimentos que eles adquiriram lá fora e criar os cursos aqui ... mas se oferece para o indivíduo que que acontece? ... ele vai ganhar muito menos do que ele ganha na empresa privada ... ele não sai ...

(Inq. 062, linhas 913-960)

No exemplo citado, L2 trata do fato de que engenheiros e técnicos vão buscar especialização no exterior; L1, por sua vez, consente que o seu parceiro conversacional exponha suas idéias e limita-se a intervir nas "brechas" das falas de L2. As breves intervenções de L1 (**uhn uhn, correto, certo**) indicam que ele aceita a posição de ouvinte e está entendendo as palavras de L2.

No exemplo 6, as várias intervenções de L2 constituem um turno nuclear único, já que existe continuidade semântica (de significado) e tópica (de assunto) entre elas. O turno nuclear que se desdobra por várias intervenções denomina-se **turno nuclear em andamento**. As intervenções de L1 – como já foi visto no item anterior – constituem exemplos de **turnos inseridos**.

No exemplo 6, o esquema de distribuição dos turnos é o seguinte:

(6a) L2 TNA  
 L1 TI -1  
 L2 TNA  
 L1 TI -2  
 L2 TNA  
 L1 TI -3  
 L2 TNA

(TNA: turno nuclear em andamento; TI -1, TI -2...: turnos inseridos. As setas representam a continuidade entre as várias intervenções de L2).

Outros exemplos de turnos nucleares em andamento são, no exemplo 2 as séries de intervenções de L1 (I1, I3, I5, I7, I9) e de L2 (I10, I12, I14) e, também, as várias intervenções de L2, no exemplo 4. Em todas as citadas verifica-se a continuidade semântica e tópica que caracteriza essa modalidade de turnos. Em alguns exemplos, aliás, ocorrem casos em que a continuidade entre as intervenções é igualmente sintática. É o que se pode ver no exemplo a seguir:

(2a)  
 825 existia um outro parece que na Universidade:  
 Estadual de Campinas né? da:: CEPAL ...  
 L2 CEPAL ...  
 L1 mas parece que está agora interrompido no momento  
 (Inq. 062, linhas 825-828)

(As indicações 1a, 1b..., 2a, 2b... referem-se a fragmentos extraídos dos já citados exemplos 1 e 2.)

Os trechos citados das duas intervenções de L1 podem ser reunidos em um período composto:

"existia um outro (curso) – parece que na Universidade Estadual de Campinas, da CEPAL – mas parece que está agora interrompido".

Veja-se o esquema a seguir:

- |                |  |
|----------------|--|
| 1. Simetria:   | seqüência de nucleares justapostos             |
| 2. Assimetria: | turno nuclear em andamento<br>turnos inseridos |

#### 2.4. Funções dos turnos inseridos

Já foi discutido que o turno inserido não participa decisivamente do desenvolvimento do tema da conversação, já que seu papel primordial é indicar que um dos interlocutores aceita e assume a posição de ouvinte. No entanto, há casos em que o turno inserido liga-se – mesmo marginalmente – ao desenvolvimento do tópico conversacional, por isso há que se distinguir entre:

- turnos inseridos de função predominantemente interacional;
- turnos inseridos que contribuem (incidentalmente) para o desenvolvimento do tópico.

Essa distinção foi estabelecida no já citado artigo "O turno conversacional" (GALEMBECK, SILVA E ROSA (1990:88)).

#### A. Turnos inseridos de função interacional

Incluem-se neste grupo os turnos que indicam **reforço**, (ou seja, que o interlocutor aceita a posição de ouvinte e deseja permanecer como tal), **concordância** ou **entendimento**, **aviso** (de que o interlocutor deseja tomar o turno).

Turnos inseridos cuja função única é o reforço são particularmente representados por algumas expressões não-verbais de valor fático (**ahn**, **uhn**). Essas expressões têm por função indicar que o canal de comunicação está aberto e que, assim, o falante pode continuar a sua fala.

(7)

- L1 me preocupo com o humano... se embananando ele sozinho com as coisas que ele cria... sabe? porque você tinha civilizações antigas... mas... o que ela criava o que ela produzia... era muito menos... do que uma... de hoje em dia cria certo?
- L2 uhn
- L1 não tem digamos... a: o: unidade de medida básica para isso... mas se poderia criar né?... o que eles faziam o que a gente faz... então a gente... em média deve fazer muito mais coisa... e a tendência é cada vez fazer mais certo?... e coisas mais complicadas
- L2 uhn uhn
- L1 e quanto mais no futuro a complicação aumenta mais ainda né?... certo? ahn::
- L2 sim entendi

(Inq. 343, linhas 1034-1048)

As duas primeiras intervenções de L2 (**uhn** e **uhn uhn**) têm por função primordial a indicação de reforço: com elas o citado interlocutor anuncia que pretende continuar a exercer o papel de ouvinte e confirma, pois, que L1 tem o turno. Essas mesmas intervenções indicam que L2 concorda com as palavras de L1, mas essa função de concordância é bem mais nítida no turno inserido "sim entendi", que, aliás, segue um pedido de confirmação de L1 (**né?... certo?**).

No exemplo 02, há vários casos em que um dos informantes repete as palavras do seu interlocutor com dupla função: para indicar que se dispõe a continuar no papel de ouvinte (o que, igualmente, confirma o papel ou *status* do falante) e, também, para revelar que está entendendo as palavras do ouvinte e concorda com elas. Veja-se um fragmento do citado exemplo:

(2b)

- L1 ((pigarrou)) veja o que está acontecendo ... por incrível que pareça há falta de doutores hoje ... por quê? porque a tendência é acabar o curso ... e muito dificilmente um

805

vai sair para a pesquisa ... para estudar para defender uma tese

- L2 {  
(defender) uma tese
- L1 então nós estamos com problema inclusive ... quais são os cursos de mestrado? (...)

(Inq. 062, linhas 802-809)

A repetição "defender uma tese" cumpre a função de indicar **reforço, entendimento e concordância**: L2 aceita a posição de ouvinte, e revela assentimento e compreensão em relação às palavras de seu interlocutor.

O exemplo 2 apresenta outros casos de repetição que exercem o duplo papel já apontado. Veja-se:

- L2 - existe...  
- CEPAL...
- L1 - poesia...  
- poesia... correto...

Alguns turnos de valor interacional representam um aviso de que um dos interlocutores tem a intenção de tomar a palavra.

(8)

- L1 é porque você veja o seguinte antigamente
- L2 {  
você tem ahn
- L1 não se conseguiria matar:: população... de repente(aos aos montoeiras) de:... matava uns dois mil... mas
- 1545 L1 matava matava um por dia né?
- L2 agora a bomba atômica
- L1 {  
então pelo menos sobravam (alguns) suspeitos de bruxa né? que sempre ia existir alguém que não era suspeito de bruxa... acima de qualquer suspeita
- 1550 L2 ahn ahn
- L1 agora por exemplo bomba atômica não... não seleciona bruxa de não bruxa... só que eles fizeram uma experiência localizada que:... não esbodegou muita gente né?... analogamente em vez de fazer isso podia ter tido uma guerra entre dois países muito fortes... então um soltava a bomba...fa/ "está soltando eu também solto"... então era simultâneo... então havia um colapso grande...
- 1555

(Inq. 343, linhas 1542-1557)

Os turnos de L2 assinalados ("você tem ahn" e "agora a bomba atômica") revelam a intenção de dar início a um turno nuclear, no qual fosse possível expor suas opiniões. Por isso mesmo, essas intervenções representam tentativas frustradas de tomada de turno.

### B. Turnos inseridos que contribuem para o desenvolvimento do tópico

Neste caso, o turno inserido está relacionado com o tema da conversação, para cujo desenvolvimento contribui, ainda que incidentalmente. Um exemplo dessa modalidade de turno inserido figura no exemplo 2, aqui citado como exemplo 2c:

(2c)

- 15 L1 (...) a Getúlio Vargas inclusive é uma que:...
- 16 L2 lança cursos de...
- 17 L1 tem cursos assim nesse sentido (...)

O informante L2, mesmo com uma intervenção truncada, antecipa as palavras que seriam proferidas pelo seu interlocutor. Note-se que L1 incorpora parcialmente as palavras de L2: "tem cursos assim nesse sentido (...)".

Outra função do turno inserido de valor referencial é o resumo das palavras do outro interlocutor. É o que se verifica no exemplo a seguir:

(9)

- L1 passei ali em frente à:: Faculdade de Direito... então estava lembrando... que eu ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a titia sabe?... e:: está muito pior a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né?
- L2 uhn:: poluição né?
- L1 ruas mais ou menos sujas... ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né?... achei horrível... feio feio feio (...)

(Inq. 393, linhas 20-28)

A intervenção de L2 (uhn:: poluição né?) não só sintetiza as palavras de L1, como também indica assentimento ou concordância.

Cabe acrescentar a seguinte observação: mesmo que os turnos inseridos tenham valor referencial (estejam ligados ao assunto do diálogo), eles não exercem um papel decisivo no desenvolvimento do tópico con-

versacional. Apesar disso, têm eles uma função relevante na construção do diálogo, pois assinalam que o ouvinte acompanha atentamente as palavras do seu interlocutor. Em outros termos, os turnos inseridos constituem meios para o ouvinte indicar que participa de forma decisiva do desenvolvimento do ato conversacional.

### 3. Estratégias de gestão de turno

Este item é dedicado ao exame dos procedimentos pelos quais o ouvinte torna-se falante (troca de falantes) e o falante "segura" o próprio turno (sustentação da fala).

#### 3.2. Troca de falantes

A troca de falantes constitui um fato intrínseco à natureza da conversação simétrica, na qual ambos os interlocutores desenvolvem o assunto tratado. Com efeito, a situação de simetria é caracterizada por uma alternância contínua nas posições de falante e ouvinte, pois ambos os interlocutores participam da construção e desenvolvimento do tópico conversacional, por meio de turnos nucleares. Devido a isso, é relevante verificar os processos de troca de falantes: a passagem e o assalto.

#### A- Passagem de turno

Nessa modalidade de troca de falantes, a colaboração do outro interlocutor é implícita ou explicitamente solicitada. Em outras palavras, o ouvinte intui que chegou no ponto em que lhe cabe tomar o tópico conversacional (assunto tratado), por meio de um turno nuclear.

A passagem de turno está centrada nos lugares relevantes para a transição (LRTs), conceito estabelecido por SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON (1974). Segundo os citados autores, o LRT é um ponto em que o ouvinte percebe que o turno está completo ou concluído. Ainda segundo os citados autores, a existência de LRTs decorre do fato de terem os ouvintes a capacidade de prever a unidade que o falante tem a intenção de usar e, assim, perceber o primeiro ponto em que a fala do seu interlocutor estará concluída.

Cabe, porém, fazer a seguinte ressalva: o conceito de lugar relevante para a transição (LRTs) é intuitivo, por isso o analista da conversação defronta-se com dificuldade para determinar os LRTs, ainda que assuma

a perspectiva do ouvinte. Essas dificuldades decorrem da circunstância de não ser o final do turno algo que se evidencie por si, assim, é preciso identificar os LRTs pelo maior número possível de pistas ou marcadores de final de turno: a entoação ascendente e a descendente, a pausa conclusiva, os marcadores verbais (**sabe?, né? entende? não é?**)<sup>2</sup>, os gestos.

Há duas modalidades de passagem de turno: a passagem requerida e a consentida.

### A1- Passagem requerida

A passagem requerida pelo falante é assinalada por uma pergunta direta (exemplo 1a) ou pela presença de marcadores que testam a atenção ou buscam a confirmação do ouvinte (**né?, não é? sabe/, entende?**) (exemplo 2d):

- (1a)
- 255 I.2 (...) ou digamos um dia de chuva está um dia horrível para trabalhar um dia que você está indisposto você poderia pegar voltar para sua casa entrar num cinema distrair um pouco entende? ... que (que você) você poderia fazer isso?
- 260 L1 não ... pode perfeitamente eu acho que:: essa:: essa:: ... essa responsabilidade ... ela nos é atribuída (...)
- (Inq. 062, linhas 254-260)

- (2d)
- 850 I.2 então:: não dá:: o indivíduo fala "poxa eu vou perder um ano dois anos aí pesquisando vou levantar um problema defender uma tese aí" ... e às vezes não tem sorte na vida dele entende?
- L1 uhn uhn ... é que hoje:: dentro da nossa profissão ainda mais uma vez falando nela ... até parece que sou emPOL.GAdo por ela né? ((risos)) não acha? ... o:: ... que com a empresa privada hoje em dia ela atende muito melhor entende? ...
- (Inq. 062, linhas 846-854)

Em ambos os casos, verifica-se a presença da entoação interrogativa. Essa entoação constitui a marca mais nítida da solicitação explícita endereçada ao ouvinte que, por isso mesmo, intervém com um turno nu-

(2) Para uma discussão completa e aprofundada acerca dos marcadores, será útil consultar o trabalho de Hudnilson Urbano, incluído neste volume.

clear. Existem casos, porém, que mesmo em face de um marcador de passagem explícita, o interlocutor intervém com um turno inserido. Nesse caso, o interlocutor que já detinha o turno dá prosseguimento à sua fala anterior:

- (10)
- I.2 você vê em Londres...você::
- I.1 |
- I.1 ( )
- I.2 você olha um mapinha qualquer bairro qualquer lugar que você quei/ que você queira ir tem assim no máximo com três quarteirões de distância uma linha de metrô que chega até lá e::
- L1 mais ou menos não é bem assim não... dá impressão que é isso... nós estamos com muita política em cima do metrô né?...
- I.2 uhn uhn
- L1 então quando foram fazer a Paulista... já tinham gastado três bi sei lá... cacetada de dinheiro (...)
- (Inq. 343, linhas 366-377)

No exemplo anterior, L1 solicita explicitamente a colaboração de L2 (**né?**), mas este intervém com um turno inserido de reforço (**uhn uhn**) (ver item 2.3). Esse turno sinaliza que L1 deve continuar na posse do turno e dar seqüência à elocução anterior:

### A2. Passagem consentida

A passagem consentida está exemplificada pelo fragmento a seguir:

- (1b)
- 245 e MAIS uma vez eu ... eu vejo a influência do clima e tudo mais ... se é um clima chuvoso tal talvez até me ajude ... nesse sentido eu posso ficar ... e nem ter vontade de de sair de lá para me deslocar para algum outro local porque não dá também ... perderia muito tempo ... dia de chuva ... conforme o:: ... o dia realmente prejudica nesse aspecto
- 250 I.2 eu:: eu lhe perguntaria aí dentro desse problema ... você não ... possui uma ... um controle -- digamos assim -- em cima de você você deve produzir tanto num dia ...
- (Inq. 062, linhas 244-253)



Cabe lembrar que o assalto sem "deixa" sempre gera sobreposição de vozes (fala conjunta dos interlocutores), o que nem sempre ocorre no assalto com "deixa". Além do mais, verifica-se que os momentos de sobreposição de vozes tendem a ser breves: os interlocutores têm a consciência de que ela deve ser evitada, já que constitui um momento de colapso, de perturbação das regras que organizam o sistema conversacional.

Veja-se o esquema a seguir:

Troca de falantes	
1. Passagem de turno:	
	- passagem requerida;
	- passagem consentida.
2. Assalto ao turno:	
	- assalto com "deixa";
	- assalto sem "deixa".

### 3.3. A sustentação do turno

O texto falado é planejado localmente, no momento de sua execução: nele o planejamento e a execução se confundem. Esse fato faz com que o texto falado apresente pausas indicativas de planejamento, as quais funcionam como "brechas" para que o ouvinte possa tomar a palavra. Por isso mesmo, o falante tem consciência de que a sua posição é vulnerável, e sabe que é preciso preencher as "brechas", como forma de conservar o turno, até que a sua elocução esteja completa.

Os recursos que permitem ao falante sustentar ("segurar") o turno estão presentes no fragmento a seguir:

(2f)	L2	justamente eles vão muitos poucos vão para essa área científica por causa do problema eu creio mais da ... do problema da ... remuneração do indivíduo entende? ... é como você falou ... o indivíduo que pesquisa vive de:: ... poesia ...
840	L1	poesia ...
	L2	entende?
845	L1	poesia ... correto ... ((risos))
	L2	então:: não dá:: o indivíduo fala "poxa eu vou perder

um ano dois anos aí pesquisando vou levantar um problema defender uma tese aí" ... e às vezes não tem sorte na vida dele entende?

850	L1	uhn uhn ... é que hoje:: dentro da nossa profissão ainda mais uma vez falando nela ... até parece que sou emPOLGAdo por ela né? ((risos)) não acha? ... o:: ... que com a empresa privada hoje em dia ela atende muito melhor entende? ... que as entidades públicas ... hoje em dia se ganha muito mais ... então:: o:: órgãos públicos estão assim muito limitados em termos de ... de números de de vagas para determinadas coisas ...
855		

(Inq. 062, linhas 838-857)

Os recursos habitualmente empregados para a sustentação do turno são:

- marcadores de busca de aprovação discursiva<sup>3</sup>: **entende?, né?, não acha?**;
- repetições: **indivíduo/indivíduo/indivíduo, de/de;**
- alongamentos: **de:: então::, o::;**
- elevação da voz: **emPOLGAdo.**

Os casos que acabaram de ser expostos constituem exemplos de sustentação do próprio turno. Mas o participante do ato conversacional também pode sustentar o turno do outro interlocutor, por meio dos turnos inseridos, presentes em vários fragmentos citados neste trabalho (exemplos 2, 3, 4, 5, 8, 11). Uma das funções mais relevantes dos turnos inseridos é confirmar que um dos interlocutores aceita ou consente que o seu parceiro prossiga a fala (continue a deter o turno). É o que se nota nos turnos inseridos (nos quais não se desenvolve o tópico conversacional) **uhn, uhn uhn** (exemplo 12) e **existe** (exemplo 13).

(12)	L1	é tanto que se propõe sempre aquilo... o homem... e a máquina né?
815	L2	uhn
	L1	no colégio... normalmente tem muitas professoras que ficam batendo nos alunos para não deixar... se envolver por máquinas et cetera né?
	L2	uhn
820	L1	eu por exemplo eu uso muito o computador...

(3) A designação "marcadores de busca de aprovação discursiva" figura no já citado trabalho de H. Urbano.

- L2 uhn uhn  
 L1 então a gente confia no... no () até certo ponto do computador a gente dá:: um dado para ele... ele fornece outro para a gente... e a gente acredita no que ele fornece  
 (Inq. 343, linhas 813-824)

- (13)  
 585 L1 (...) talvez hoje mesmo ... exista uma rivalidade entre o engenheiro e o técnico ...  
 L2 existe ...  
 L1 eles brigam pelas posições ...  
 (Inq. 062, linhas 585-589)

### Observações finais

O estudo da tipologia do turno conversacional e dos processos de gestão do mesmo revelam que a conversação tem por característica intrínseca o dinamismo, resultante da proximidade entre os interlocutores. Vários são os traços que evidenciam esse dinamismo: no nível das relações entre os interlocutores, há que se considerar a troca de falantes (resultante da situação de simetria), o monitoramento da fala do outro interlocutor (turnos inseridos), o assalto ao turno, a reformulação do que foi dito pelo outro interlocutor.

Também há dinamismo no nível da participação de cada interlocutor: a sustentação do turno (em face das ameaças do outro interlocutor), as pausas de planejamento, as reformulações.

Por causa desse dinamismo, dessa confrontação de forças, não cabe estabelecer regras absolutas para o texto conversacional. O próprio princípio "fala um por vez" é constantemente violado, sem que isso constitua uma falta de polidez. É que geralmente as falas simultâneas indicam antes o desejo acalorado de participar, o envolvimento na consecução de uma tarefa comum.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, G. e YULE, G. (1983) *Discourse analysis*. Cambridge, Cambridge U. Press.

- CASTILHO, A. T. e PRETI, D.(orgs.) (1987). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T. A. Queiroz / FAPESP.  
 GALEMBECK, P.T. et alii (1990). "O turno conversacional". In: PRETI, D. e URBANO, H. (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. IV - Estudos. São Paulo, T. A. Queiroz / FAPESP.  
 MARCUSCHI, L. A. (1986). *Análise da conversação*. São Paulo, Ática.  
 McLAUGHLIN, M. L. (1984). *Conversation: how talk is organized*. Beverly Hills, Sage.  
 SACKS, H., SCHEGLOFF, E. E. e JEFFERSON, G. "A symplest systematics for the organization for turn-talking for conversation". *Language*, 50: 696-735.



## 4. MARCADORES CONVERSACIONAIS

Hudinilson Urbano

### 1. Introdução

O presente estudo objetiva verificar no texto abaixo componentes conhecidos na literatura da Análise Conversacional sob a denominação de Marcadores Conversacionais (MC). Trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão.

### 2. O texto sob análise

Trata-se de parte do inquérito nº 360 que compreende um diálogo em que interagem uma Documentadora (Doc.) e duas informantes, a Locutora 1 (L1) com 37 anos, casada, pedagoga, e a Locutora 2 (L2) com 36 anos, casada, advogada. No trecho sob análise, elas desenvolvem os seguintes tópicos<sup>1</sup> ou assuntos:

a) "atividades profissionais do marido de L1" (da linha 1160: com a pergunta do Doc.: "o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora?", que introduz o segmento tópico, até a linha 1191, que o encerra.)

b) "avaliação de L1 em relação ao seu afastamento profissional" (da linha 1192 com a pergunta de L2: "e você se sentiu frustrada... por ter...ah:: sido obrigada a parar de trabalhar?" até a linha 1215: "que foi melhor") e

c) "os projetos para o futuro de L1" (da linha 1215: "embora futuramente eu pretenda trabalhar" até a linha 1247):

---

(1) Ver estudo sobre "O tópico discursivo", cap. 2

1160 Doc. o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora?  
 L1 não ele teve escritório no início da carreira... teve escritório durante... oito anos mais ou menos... depois... ainda com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também...exercia a: a profi/ o a advocacia do Estado né?... e:...depois...é que ele começou a lecionar quando houve...a necessidade do regime de dedicação exclusiva...pela posição de DENTro da carreira...ele precisava optar pela:

1170 L2 dedicação  
 |  
 L1 dedicação exclusiva  
 L2 ahn ahn  
 |  
 L1 sabe?...então:...ele:...começou a lecionar foi convidado e::

1175 L2 ele leciona onde?  
 L1 e:: ele leciona nas FMU  
 L2 ahn ahn  
 L1 ele:...é especialista em Direito Administrativo...  
 L2 ahn ahn

1180 L1 certo?  
 |  
 L2 ()  
 L1 e::e deu-se muito bem no magistério...ele se realiza sabe? fica feliz da vida...em poder transmitir... o que ele sabe...e os processos também...que ele... recebe ou...e eu não eu sou leiga eu não entendo...mas. pelo que a gente...ouve falar são muito bem estudados... tem pareceres muito bem dados... não é? ele se dedica MUITíssimo a...tanto à...carreira de procurador como de professor (tá?)...

1190 L2 ele gosta(dela)  
 L1 gosta MUITo()  
 |  
 L2 e você se sentiu frustrada...por ter... ah:: sido obrigada a parar de trabalhar? tomar conta | não...  
 |  
 L1 só tomar da casa?  
 |  
 L1 não...eu:...eu me preparei para ser...mãe de muitos filhos...sabe?  
 L2 ahn ahn

L1 e eu achei que NÃO...poderia haver...assim ahn::  
 1200 L2 opção::nem  
 |  
 eu não poderia ah levar bem ah a o meu... a a minha profissão...e::e o meu::...status de dona de casa de mãe de família  
 L2 ahn ahn...  
 1205 L1 razoável se eu continuasse trabalhando sabe?  
 L2 sei  
 L1 então eu...saf do:...ah ah::pedi demissão do meu serviço mas consciente de que aquilo era o melhor... para aquela família que se iniciava  
 |  
 1210 L2 ahn ahn  
 L1 sabe?... e::  
 L2 e realmente você conclui agora  
 |  
 L1 ()  
 L2 que foi o melhor  
 1215 L1 que foi melhor embora futuramente eu pretenda trabalhar eu quero continuar os estudos...e::e trabalhar fora mas por enquanto ainda não as crianças dependem muito de mim...  
 L2 uhn uh  
 1220 L1 sabe? então eu:...quero ficar mais ou menos uns dois anos ou três  
 L2 (uhn)  
 |  
 L1 a gente nunca pode precisar o tempo...de ah ahn:: () com as crianças...necessitando da gente não pode precisar mesmo...com certeza então eu tenho impressão de que quando o menor...já:: estiver assim... pela quarta série/terceira quarta série...ele já estará mais... independente e::...e os maiores poderão fazer as vezes de::... assim de:: preceptores dos menores e me aliviarão...nessa parte...e eu terei tempo disponível não que eu deseje:: liberda::de deseje eh eh estar assim sem obrigações para com as crianças...mas é que daí eu terei tempo disponível para fazer coisas extras  
 |  
 L2 (para)  
 1235 L1 não é?  
 Doc. o que a senhora gostaria de fazer?  
 |  
 L2 (o que a senhora)  
 L1 eu...gostaria de fazer orientação educacional...sabe? eu gosto eu leio...sobre isso e eu acbo que me

- 1240 realizaria mais...como orientadora do que como professora quer dizer a professora cla...no fundo ela e uma orientadora...porque:: quase sempre ela É procurada pelo alunos...quando surgem os problemas não é? então...mas eu acho que um::trabalho assim...
- 1245 DE gabinete...eu gostaria mais sabe?...então... futuramente eu pretendo... reiniciar os estudos...mas por enquanto não

(pp.164 - 167)<sup>2</sup>

Como facilmente se pode observar, a quantidade de elementos de caráter cognitivo-informativo que são veiculados, permeando o texto conversacional, é muito menor do que o texto parece à primeira vista revelar. É que esses poucos elementos se alternam com muitos outros, lingüísticos ou não, que ficam à margem do assunto realmente conversado.

Nessa perspectiva, podemos expurgar do texto esses elementos marginais, deixando-o reduzido apenas ao seu volume cognitivo-informativo básico. A título de ilustração, reduzimos o primeiro segmento (linha 1160 à 1191) aos seguintes termos:

"ele (o marido) teve escritório no início da carreira, durante oito anos mais ou menos; depois, como tinha liberdade de advogar, também exercia a advocacia do Estado.

Quando houve a necessidade do regime de dedicação exclusiva, pela posição dele dentro da carreira, ele precisava optar por esse regime. Então ele começou a lecionar. Foi convidado e leciona nas FMU. É especialista em Direito Administrativo e deu-se muito bem no magistério. Ele se realiza em poder transmitir o que sabe. Os processos que recebe são muito bem estudados, tem pareceres muito bem dados. Ele se dedica muitíssimo tanto à carreira de procurador como a de professor."

(2) Acrescentamos à transcrição original os seguintes sinais:

- a) números entre parênteses para indicar, em segundos, a duração de pausas longas, i.é, igual ou superior a 1,5 seg;  
b) /, além das já existentes, para indicar corte de entonação;  
c) //, para indicar separação fonética entre palavras, i.é, para indicar que as palavras são pronunciadas com autonomia fonética.

Da confrontação desta versão com o original verifica-se, nele, a ocorrência de redundâncias e repetições, bem como outros elementos verbais de pouco ou nenhum valor semântico. Além dessas ocorrências, verificam-se outras não verbais, como olhar, risos, etc., que não foram consideradas na transcrição do corpus e ainda elementos suprasegmentais, como a pausa e a entonação que a audição da fita permite, entretanto, recuperar. Entre os elementos verbais, podem ser mencionados: **a::a profi** / (linha 1165), **o, né ?**, **é que** (linha 1166), **ahn ahn** (linha 1172), **sabe**, (linha 1173), **ahn ahn** (linha 1183) **não é ?** (linha 1187), **a /** (linha 1188). Entre os suprasegmentais, destacam-se as pausas longas (além de 1,5 seg), os alongamentos e os vários tipos de entonação.

Se prosseguirmos no levantamento desses elementos no restante do texto original, encontraremos, além da repetição de muitos desses elementos já mencionados, outros, repetidos ou não, como: **e você** (linha 1192), **ah::** (linha 1193), **eu:::** (linha 1196), **assim ahn:::** (linha 1199), **ah a o meu...a** (linha 1201), **meu:::** (linha 1202), **então eu...** (linha 1207), **saí do::/...** (2 seg) **ah ah** (linha 1207), **uhn uhn** (linha 1219), **embora** (linha 1215), **dois anos ou três** (linha 1221), **de/ah ahn::** (linha 1223), **então** (linha 1225), **eu tenho impressão de que** (linha 1225), **já:::** (linha 1226), **assim...** (linha 1226), **quarta série/ terceira quarta série** (linha 1227), **mais...** (2 seg). **de:::** (2 seg) (linha 1229), **eh eh** (linha 1231), **para//fazer// coisas//extras, eu/** (linha 1238), **eu acho que (linha 1239), quer dizer** (linha 1241), **no fundo** (linha 1241), **então** (linha 1241), **então...** (linha 1244), **mas eu acho que** (linha 1244).

### 3. Conceituação

Esses elementos, típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto<sup>3</sup>. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produ-

(3) Sobre "Convencionalidade" e "idiomaticidade", pode se consultar Stella Ortweiler Tagnin.

ção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal. Por marcarem sempre alguma função interacional na conversação, são denominados **marcadores conversacionais** (Marcuschi 1989:282).

As gramáticas tradicionais, normalmente voltadas para a língua escrita, não têm contemplado esses elementos ou os têm estudado enviesadamente. Por não se enquadrarem nos critérios de classificação das dez classes de palavras ou por não desempenharem funções exclusivamente lógicas, alguns desses elementos, quando lexicalizados, receberam na NGB a classificação pouco esclarecedora de "palavras denotativas".

Décadas antes das reflexões específicas da Lingüística sobre o caráter e propriedades da língua oral, Said Ali, em 1930, já revelava uma sensibilidade e uma visão pioneira sobre alguns tipos desses elementos estudados sob a denominação de "expressões de situação". Em resumo, afirma que:

- se trata de palavras, expressões ou frases, típicas da língua falada, e em particular da conversação espontânea;
- parecem, mas não são, descartáveis, discursivamente falando;
- são alheias, talvez à parte informativa;
- entretanto funcionam como expressões das intenções conversacionais do falante;
- são determinadas pela situação face a face dos interlocutores

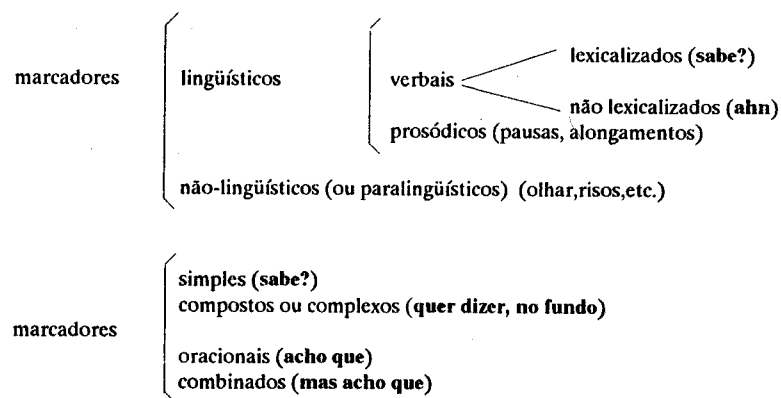
### 3.1. O aspecto formal

Uma rápida verificação no rol dos marcadores revela marcadores de diversos tipos quanto ao aspecto formal ou estrutural. Assim, pode-se separá-los, inicialmente, em marcadores lingüísticos e não lingüísticos. Os primeiros são de duas naturezas: há os verbais e os prosódicos. Os verbais podem ser lexicalizados, como **sabe?**, **eu acho que** ou não lexicalizados, como **ahn ahn**, **eh eh**. Os de natureza prosódica são a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura por exemplo. Os não lingüísticos são o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação. São também de grande importância e recorrência, sobretudo para sinalizar as relações interpessoais, mas que, por não terem sido considerados

na transcrição original, não poderão ser analisados aqui. Podemos chamá-los marcadores paralingüísticos.

Ainda quanto à forma, observa-se que os marcadores verbais se apresentam ora como elementos simples (**sabe?**), ora como compostos ou complexos (**quer dizer, no fundo**) e, ainda, ora como oracionais (**eu tenho a impressão de que**), podendo aparecerem combinados (**mas acho que**).

Para maior clareza, apresentamos abaixo esquemas do aspecto formal dos marcadores:



### 3.2. O aspecto semântico

Se observarmos a documentação extraída da transcrição, notaremos que a maioria desses elementos são vazios ou esvaziados de conteúdo semântico. Em primeiro lugar, obviamente, estão os elementos prosódicos; em segundo, os elementos verbais não lexicalizados, como **eh**, **ah**, **ah ah**, **ahn ahn**. Em terceiro, os elementos lexicalizados, como **sabe?** e **certo?**. No dizer de Castilho 1986:38, "são execuções verbais esvaziadas, às vezes, de conteúdo semântico e de papel sintático, irrelevantes para o processamento do assunto". Trata-se de vocábulos que, embora esvaziados do conteúdo semântico original, valem aqui como estratégias para o falante testar o grau de atenção e participação do seu interlocutor. Por isso, não são elementos interacionalmente e por extensão, discursivamente descartáveis. Em quarto, há expressões que continuam semantica-

mente válidas, como **eu acho que, eu tenho impressão de que**, mas a informação que passam não integra nem colabora diretamente para o conteúdo referencial do texto enquanto estrutura tópica. Na realidade, refere-se à postura do falante em relação ao "dito", ou, mais precisamente, ao que vai dizer. Nessa linha, entendemos, com Koch (referindo-se ao exemplo "**Eu acho que o réu foi absolvido**"), que "o conteúdo proposicional propriamente dito encontra-se, justamente, na segunda parte, servindo a primeira parte para modalizá-lo, isto é, para indicar aspectos relacionados à enunciação." (1987:139)

Creemos que se pode considerar um quinto tipo: são aqueles elementos que mantêm, em menor ou maior grau, parcela do seu sentido. Com efeito, eles mantêm parcialmente o sentido e a função sintática originais, assumindo, por acréscimo, uma função pragmática<sup>4</sup>. É o caso, por exemplo, de palavras como o **assim** que continuam mais ou menos presas a uma estrutura oracional, numa função de adjunto adverbial, ao mesmo tempo que se ligam à enunciação<sup>5</sup> numa função modalizadora, sinalizam de hesitação ou dúvida do falante:

L1 eu tenho impressão de que quando o menor...  
já:: estiver assim... pela quarta série/terceira  
/quarta série... ele já estará mais... (2 seg)  
independente. (linha 1225)

No exemplo acima, **assim** liga-se sintaticamente a "pela quarta série" e sinaliza, ao mesmo tempo, a atitude hesitante do falante, marcada também pelo alongamento vocálico no já::, pela reelaboração lexical em "quarta série/terceira quarta série" e pela pausa longa depois do "mais". Visto apenas sob o aspecto pragmático, **assim** "preenche" uma pausa in-dicativa de incerteza, insegurança ou hesitação, que se converteria num silêncio constrangedor sem esse preenchimento acautelador.

Enquanto preenchimento de pausa, o **assim** pode ser encarado como ruptura informacional, instaurando momentos facilitadores para a organização e planejamento do texto e dando tempo ao falante para se preparar. Ilari e Geraldini classificam o advérbio com essa função, como "advérbio de enunciação", em oposição ao "advérbio de frase", que incide sobre o conteúdo oracional (1985:39).

(4) Por "pragmático" entenda-se a "relação entre a linguagem e seus usuários".

(5) Por "enunciação" entenda-se "produção do enunciado".

Como advérbios de enunciação, devem ser considerados estratégias conversacionais, pacificamente aceitas pelos parceiros, graças às quais se mantém e flui eficientemente a interação.

No caso em questão, entendemos que o **assim** soma as duas funções e, conseqüentemente, por ser um advérbio de enunciação, é um marcador conversacional.

### 3.3. O aspecto sintático

Quando se consideram os marcadores verbais da forma como estamos considerando, uma outra questão se impõe: qual é o seu estatuto sintático dentro da estrutura oracional. Para tanto deve-se levar em conta, inicialmente, os marcadores verbais lexicalizados ou não, cujas emissões são completas por si e autônomas entonacionalmente, caracterizando, uns e outros, a partir disso, total independência sintática. São marcadores do tipo **sabe?, certo?, né?, ah, eh, uhn uhn** (linhas 1173, 1180, 1166, 1223, 1231, 1219).

No caso dos não lexicalizados, além dos **ahn ahn e uhn uhn** do "ou-vinte" (linhas 1171, 1219), pronunciados em turnos autônomos, há as emissões do "falante", como **ah, ahn, eh** etc. (linhas 1223, 1231), que entreteem a estrutura oracional, sem, porém, integrá-la sintaticamente. Quanto aos lexicalizados, costuma-se dizer que eles são sintaticamente independentes, principalmente quando "iniciais" (Marcuschi 1989:299) ou quando não constituídos por verbo (Castilho 1989:254).

Essa falada independência sintática nem sempre é, porém, fácil de ser identificada. Ademais, comporta exceção como no caso abaixo:

L1 **eu acho que** me realizaria mais como orientadora do que como  
professora  
(linha 1239)

em que há uma relação de complemento entre a oração "encaixada" ("que me realizaria mais como orientadora do que como professora") e o marcador **eu acho que**, que funciona sintaticamente como oração principal.

Nesse caso, pois, **eu acho que** não é sintaticamente independente, mas o é em relação ao conteúdo da oração seguinte. Ou, no dizer de Moraes (1987:173):

“Observe-se que, em qualquer dessas ocorrências, se poderia suprimir **eu acho que**, sem prejuízo à quantidade de informação. E de resto, também à sintaxe, embora alterando a estrutura da frase, o que dá a **eu acho que** quase o caráter de frase intercalada, não fora a conexão estabelecida pelo **que final**”.

Nessas condições, segundo sugestão de Koch (1987:139) a frase "**eu acho que** me realizaria mais como orientadora do que como professora (linha 1239-41), poderia possibilitar ainda as seguintes configurações:

- a) me realizaria – **eu acho** – mais como orientadora do que como professora;
- b) me realizaria mais como orientadora – **eu acho** – do que como professora;
- c) me realizaria mais como orientadora do que como professora – **eu acho**.

Como se vê, há casos em que os marcadores gozam de certa liberdade posicional. Todavia, a frequência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos. Assim, marcadores como **Bom** e **Bem** costumam iniciar turnos, enquanto outros como **sabe?** e **certo?** costumam encerrá-los. (v.cap.3)

### 3.4. Funções comunicativo- interacionais

A reflexão sobre o aspecto sintático dos marcadores leva-nos a considerar que, para a sua perfeita compreensão e caracterização, mais do que a eventual função ou relação sintática, interessa que observemos suas funções comunicativas e/ou interacionais, que têm a ver com as próprias funções ou usos da linguagem.

Já esboçamos algumas funções gerais e mesmo uma ou outra específica anteriormente. Assim, no item 3. **Conceituação** deste capítulo, ficou dito que os marcadores "ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado"; que "funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus in-

terlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático"; que "amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação pessoal".

Marcuschi, no trabalho já citado, cuida de destacar as funções interacionais:

"E isto me leva a afirmar que as funções e mesmo as posições sintáticas dos MCs são **derivadas** de outras mais altas, ou, seja, as interacionais." (p.300)

"A hipótese central deste trabalho é a de que os MCs têm sua razão de ser em funções aqui genericamente designadas **funções interacionais**."

(p.304)

Para Castilho, os marcadores discursivos (denominação usada para designar os marcadores conversacionais) exercem uma função comum e ampla: a função textual, ou seja, todos eles organizam o texto. Todavia, essa função geral comporta ela mesma, duas funções mais específicas: a função interpessoal e a função ideacional, às quais correspondem dois tipos de marcadores: os marcadores interpessoais e os marcadores ideacionais:

"Os **marcadores interpessoais** servem para administrar os turnos conversacionais..."; enquanto "Os **marcadores ideacionais** são acionados pelos falantes para a negociação do tema e seu desenvolvimento."

(Castilho, 1989:273-274)

Essas funções apontadas, segundo variada perspectiva, são funções podemos dizer ainda, "gerais", que praticamente todos os marcadores desempenham, ora com destaque para as ideacionais, ora para as interacionais e/ou pragmáticas.

Como ilustração de funções "específicas" já referidas, pode-se reportar às observações feitas a respeito dos marcadores **eu acho que**, **assim**, por exemplo...

#### 4. Funções de alguns marcadores no texto sob análise

Uma análise na transcrição original, ainda que rápida, poderá ajudar a compreender melhor não só essas funções já referidas como também outras.

Antes, porém, cabe lembrar que **marcar** tem aqui um sentido amplo, podendo às vezes equivaler à idéia de "coocorrência" de várias funções simultâneas. Nesse sentido, pode-se dizer que há marcadores gerais, que podem marcar mais de uma função e marcadores específicos, que marcam, num determinado contexto, especificamente um fenômeno ou procedimento determinado.

No primeiro caso, pode-se, por exemplo, apontar, como "marcador de pergunta", uma entonação ascendente interrogativa, como acontece na pergunta da Doc. ("o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora?" – linha 1160), que possibilita também a introdução de novo tópico discursivo: "atividades profissionais de L1". Não fosse o conteúdo da frase destinado à interlocutora com entonação interrogativa, o tópico certamente não teria sido desencadeado. O que não quer dizer, todavia, que a simples formulação da pergunta garantisse o desenvolvimento do tópico. Na verdade, por se tratar de pergunta fechada do tipo "sim" ou "não", L1 poderia restringir sua resposta apenas ao "não" inicial que efetivamente produziu, à linha 1162. Entretanto, L1 reconheceu dentro do contexto do diálogo, que a Doc., ao fazer a pergunta, não iria se contentar apenas com um "sim" ou um "não", pois buscava, na verdade, informar-se muito mais sobre as atividades do marido de L1. Aliás, essa captação de informação constituía a própria finalidade do diálogo, em termos do projeto NURC.

As chamadas perguntas "abertas" (cujas respostas não se restringem a "sim" ou "não") são reconhecidas por meio de marcadores específicos: **onde, como quem, por que** etc. O texto sob análise registra um marcador desses na linha 1175: "ele leciona **onde**?" Esses marcadores são normalmente "iniciais", mas no caso sob análise, o marcador **onde** foi deslocado para o final do turno, a fim de que "ele" (isto é, o marido de L1) ficasse em destaque no início da pergunta.

Como marcador específico, mas não único de sinalização da atitude do falante em face do que vai dizer, retomemos o marcador **eu acho que** nos enunciados:

"**eu acho que** me realizaria mais... como orientadora do que como professora

(linha 1240-41)

"mas **eu acho que** um:: trabalho assim... (1,5 seg) DE gabinete . . . eu gostaria mais sabe?

(linha 1245-46)

Nesses casos, L1 projeta-se no discurso e marca sua opinião, mas não de modo categórico e definitivo. Outro marcador semelhante que se verifica no texto ocorre à linha 1225: "**eu tenho impressão de que**".

Retomemos os elementos não lexicalizados do tipo **ah, ahn, ahn ahn**. Deve-se levar em conta que há uns produzidos pelo falante (normalmente de formação simples, como **ah**) e outros, produzidos pelo ouvinte (normalmente compostos, como **ahn ahn**). Os marcadores do falante são freqüentemente preenchidos de pausas indicativas de hesitação ou momentos de planejamento textual. Os marcadores do ouvinte sinalizam a atenção, interesse, assentimento, e/ou apoio do ouvinte ao falante, valendo como "estou entendendo; prossiga". São de grande ocorrência e recorrência e são conhecidos, de modo geral, como marcadores de monitoramento do ouvinte. Ao lado desses, há outros de ocorrência excepcional que, sinalizando também um ato conversacional cooperativo, correspondem ainda a uma expressão de concordância do ouvinte em relação ao que o falante desse, contendo, portanto, também um conteúdo referencial. O texto sob análise registra muitas ocorrências do primeiro tipo (linhas 1172, 1177, 1178 etc.), mas nenhuma, claramente, do segundo caso. A ocorrência **sei** (linha 1206) não nos garante tratar-se completamente de uma concordância cognitiva em relação ao dito pelo falante. A título de ilustração, observe-se a seguinte ocorrência, registrada no Inq. 343:

L2 você acredita nisso? em termos de possibilidade?

L1 eu acredito.

(linha 1676-78)

onde **eu acredito** corresponde a uma resposta dentro da orientação temática e argumentativa da pergunta.

Há quem pense que o emprego do mesmo sinal do ouvinte como **ahn, ahn** em quatro ou cinco espaços consecutivos significa "desinteresse". Tal afirmação, porém, nos parece muito relativa. Dependerá muito do tipo de entonação que acompanha a produção desses elementos. Naturalmente poderá significar en-

fado, se se tratar de uma entonação como a que costuma acompanhar a produção de baixos murmúrios. Não parece ser o caso, todavia dos presentes marcadores: L2 revela-se sempre muito interessada.

Quanto aos marcadores do falante, o texto registra uma ocorrência de **ahn::...** (linha 1189); duas de **ah** (linha 1201); uma de **ah::** (linha 1194); uma de **ah ah::** (linha 1207), uma de **ah ahn...** (linha 1223) e uma de **eh eh** (linha 1231).

Essas ocorrências sinalizam momentos maiores ou menores de hesitação, revelando vários aspectos relacionados às condições de produção e transmissão do texto falado. Pode-se denominá-los, portanto, de marcadores de hesitação. Deve ficar claro, porém, desde já que não são apenas esses elementos que marcam a hesitação do falante na conversação. O texto analisado apresenta muitos outros marcadores, que sozinhos ou em coocorrência, revelam momentos de hesitação, sinalizando normalmente a intenção do falante em manter o turno, enquanto planeja a seqüência. Por se tratar de fenômeno típico e muito freqüente no texto conversacional, ressaltamos no texto sob análise, entre outros, os seguintes marcadores de hesitação:

a) alongamentos, combinados ou não com pausas: **anos::** (linha 1163), **a::** (linha 1165), **então::...ele::...** (linha 1173), **e::** (linha 1182), **ahn::...** (linha 1199), **opção::** (linha 1200), **pela::** (linha 1169). Neste último caso, o alongamento parece significar também pedido de socorro. Com efeito, a interlocutora (L2) vem em auxílio da parceira, dizendo em sobreposição de voz (linha 1170) a mesma palavra proferida por ela:

L 1	(...) ele precisava optar <b>pela::</b>
L 2	dedicação
L 1	dedicação exclusiva

b) pausas longas: **e::...** (2 seg) (linha 1166), **então eu...** (2 seg) **saí do::...** (2 seg) (linha 1207), **então eu::...** (2 seg) (linha 1220) etc.

c) pausas preenchidas por elementos lexicais, como **assim**, já comentados: linha 1199, 1226, 9, 31, 33;

d) repetições, principalmente de palavras gramaticais (preposições, artigos etc.): **"a a minha profissão"** (linha 1202), **"eu::... eu me preparei"** (linha 1196)

e) cortes de palavras ou de entonação, interrupções sintáticas ou semântico-sintáticas: **"a: a profi/ o a advocacia do Estado"** (linha 1165-6), **"e eu não/ eu sou leiga"** (linha 1185) **"saí do::...ah ah:: pedi demissão do meu serviço"** (linha 1207), **"a/"** (linha 1188), **"a professora ela/"** (linha 1241), **então.../ mas eu acho que (...)"** (linha 1245). Esses exemplos merecem uma análise mais profunda:

**"a: a profi/ o a advocacia do Estado"** (linha 1165-6)

Observa-se aqui, após o corte na palavra "profissão" e nova hesitação (**o a**), a substituição dessa palavra por "advocacia". Na seqüência toda observam-se, na verdade, quatro marcadores de hesitação: alongamento no "a", repetição desse artigo, corte na palavra "profissão" e alternância dos artigos **o a**. Tudo, possivelmente, por causa da escolha do termo "profissão", "advocacia" ou ainda alguma palavra do gênero masculino.

**"e eu não/ eu sou leiga eu não entendo"** (linha 1185)

Aqui, o corte no contorno entonacional do **não** foi para possibilitar a introdução antecipada da justificação "eu sou leiga", após o que a locutora retoma desde o início o enunciado suspenso na palavra **não**, dizendo: "eu não entendo..."

– **"saí do::... ah ah:: pedi demissão do meu serviço"**  
(linha 1207)

Trata-se aqui de uma interrupção sintático-semântica. L1 abandona, após **do::...** **ah ah::**, o enunciado iniciado, optando por outra estrutura sintático-semântica, substituindo o verbo e respectiva regência **sair de** por **pedir**.

Finalmente, vale destacar que os momentos de hesitação decorrem de várias causas: falta/falha de planejamento verbal e/ou semântico prévio; desconhecimento do assunto, de vocabulário ou de certas estruturas linguísticas; falhas de memória etc.



Outro tipo de marcador bastante freqüente no pequeno texto refere-se aos marcadores de teste/busca de apoio para a progressão conversacional ou "busca de aprovação discursiva". Trata-se também de marcadores do falante, razão por que todos que serão relacionados foram produzidos por L1, que é quem basicamente exerce esse papel no texto sob análise. Apresentam três formas básicas e uma variante: *sabe?* (8 vezes: linha 1173, 1183, 1197, 1205, 10, 13, 38, 45), *certo?* (1 vez: linha 1180), *não é?* (3 vezes: linha 1187, 1235, 44) e uma sua variante: *né?* (linha 1166) num total de 13 marcadores.

A primeira observação que cabe fazer é que se trata de uma espécie de pergunta retórica, que abre expectativa de "resposta", mas apenas no nível pragmático e dificilmente com implicações semânticas.

Esses marcadores posicionam-se normalmente no final de unidades entonacionais<sup>6</sup>, podendo ocorrer também como marca de passagem consentida ou forçada de turno.

Analisemos o trecho seguinte:

- 1207 L1 então eu...(2 seg)saí do:... (2 seg)ah ah:: pedi demissão do meu serviço mas consciente de que aquilo era o melhor...para aquela família que se iniciava
- 1210 L2 [ ahn ahn
- L1 sabe?...e::
- L2 e realmente você conclui agora
- L1 ( )
- L2 que foi melhor?
- 1215 L1 que foi melhor (...)

(linha 1207-15)

A ocorrência da linha 1211 exemplifica uma passagem "forçada". L1 terminara de produzir a unidade entonacional "consciente de que aquilo era melhor para aquela família que se iniciava sabe?" (linha 1212-14). Quando pretendia continuar seu turno (e:: linha 1211), L2 interrompeu-a com uma pergunta-comentário: "e realmente você conclui agora que foi melhor?" (linha 1212-14), obrigando L1 a desistir da direção que imprimia à sua fala e a responder, concordando: "que foi melhor" (linha 1215), (com entonação descendente).

(6) Por "unidade entonacional" entendemos a expressão lingüística de uma informação ou idéia, atualizada e reconhecida num dado momento por meio de uma entonação, específica.

A ocorrência da linha 1235 exemplifica um encerramento de turno, com passagem "consentida" da vez.

Freqüentemente esses testadores de apoio ou atenção do interlocutor vêm precedidos e/ou seguidos de pausa (8 dos 13 casos) e, também com freqüência, precedidos, seguidos ou sobrepostos sintomaticamente do respectivo marcador de apoio ou atenção. (5 dos 13). Sirva de exemplo a seqüência abaixo:

- L1 (..) eu me preparei para ser... mãe de muitos filhos... *sabe?*
- L2 ahn ahn (linha 1196-98)

A pausa precedente ao testador *sabe?* parece evidenciar a expectativa do falante quanto à manifestação de apoio ou atenção do seu interlocutor.

Por outro lado, a posição desses marcadores de busca de apoio no final de uma proposição reveste-lhes de uma intenção argumentativa, na medida em que frisam a proposição que finalizam. Nesse sentido, são designados "marcadores que buscam aprovação discursiva no contexto de argumentação e interação". Essas observações e a expressão "busca de aprovação discursiva" são devidas a W. Settekorn.(1977)

O texto analisado revela alguns poucos elementos de mais difícil caracterização como marcadores conversacionais. Trata-se de palavras que a gramática tradicional classifica como conectivos que ligam palavras ou orações, mas que aqui assumem funções de conectores pragmáticos (Stubbs 1987:87), ligando eventualmente unidades lingüísticas, mas enquanto atividades de fala. A posição privilegiada é virem no início de turnos ou unidades entonacionais. Vamos nos restringir a dois elementos classificados na gramática tradicional como conjunções coordenativas: e, mas, que também mereceram atenção no capítulo 8 deste livro.

Lembremos, inicialmente, com Garcia (1980) que:

"Um dos corolários do conceito de coordenação é o de que os termos coordenados devem pertencer ao mesmo universo do discurso, ou em outras palavras: à homogeneidade formal exigida pela gramática deve corresponder uma

homogeneidade de sentido exigida pela lógica."  
(p. 37)

O **e** é empregado com função pragmática exclusiva ou coocorrente com outra função, entre outros casos, nas linha 1164, 6, 74, 82, 92, 1210. Analisemos alguns deles:

- a) (...) ele teve escritório no início da carreira(...) depois... ainda com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também... exercia a: a profi/ o a advocacia do Estado né? (linha 1162-65)

Neste caso, feita uma análise sintática tradicional, verifica-se que a esperada coordenação gramatical sugerida pelo **e** (a adição) não ocorre, uma vez que ao **e** se segue uma estrutura não paralela (não coordenada), sintaticamente falando. Os casos seguintes são semelhantes, mas ressalta nos **ee** a função de marcador de continuação narrativa:

- b) L2 ( )

L1 **e**... e deu-se muito bem no magistério  
(linha 1182)

- c) L1 (...) fica feliz da vida... em poder transmitir  
... o que ele sabe... e os processos também(...) são muito bem estudados...

(linha 1183)

No item b) é típica a função de continuador narrativo, caracterizando ainda a ligação não de unidades lingüísticas mas de atos lingüísticos; função que revela também na linha 1212: "e realmente você conclui agora que foi melhor".

Quanto ao **mas**, além de "pedi demissão do meu serviço **mas** consciente de que aquilo era o melhor" (linha 1207-8), onde **mas** liga estruturas não paralelas, sintática e semanticamente falando, sem qualquer sentido aparente de oposição e contraste, no nível da estrutura superficial, podemos analisar a seguinte ocorrência:

- 1239 (...) eu acho que me realizaria mais... como orientadora do que como professora quer dizer a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... porque:: quase sempre ela é procurada pelos alunos...(1,5) quando surgem os problemas

não é então/...**mas** eu acho que um:: trabalho assim...(1,5)  
1245 DE gabinete... eu gostaria mais sabe?" (linha 1239-45)

Em "então/..." (linha 1244) L1 esboça uma estrutura, interrompendo-a, porém, sintática e semanticamente. Ao reiniciar a fala com **mas**, sugere um contraste semântico com aquilo que teria intenção de dizer no enunciado apenas esboçado pelo **então**. Na verdade, o contraste sugerido talvez esteja menos na base de uma relação semântica do que na base de uma lógica argumentativa mal esboçada. De qualquer forma fica claro que a simples conexão gramatical adversativa não ocorre, prevalecendo a função pragmática, embora há que se reconhecer no **mas** o elemento coesivo que continua sendo. Nessas condições, são válidas explicações como:

"o **mas** não é uma negação do dito e sim uma proposição de reordenação num outro ponto de vista"  
(Marcuschi 1989:299)

"É esse freio à continuação do pensar, ou do falar que o **mas** marcador conversacional parece indicar quando interrompe na conversação"  
(Moraes 1987:113)

Por essa pequena análise, percebe-se a gama de funções específicas que os marcadores conversacionais podem desempenhar. No bojo dos diversos artigos deste livro várias outras funções são referidas. Algumas mencionadas por nós receberam denominações paralelas.

## 5. Comentários conclusivos

Os marcadores conversacionais são elementos lingüísticos que estruturam o texto, considerado não só como uma construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Ou seja, são recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso.

Enquanto recursos verbais, esses elementos são normalmente vazios ou esvaziados de sentido e não colaboram para o referencial tópico do texto, podendo, porém, às vezes, modalizá-lo.

Ocorrem com frequência como estruturas sintaticamente independentes e entonacionalmente autônomas. Os marcadores de monitoramento produzidos pelo ouvinte normalmente equivalem a turnos.

Os marcadores posicionam-se, de modo geral, antes ou depois das unidades conversacionais. Quando a unidade é maior do que a unidade entonacional, como o turno ou o tópico, podem também posicionar-se no seu interior.

O aspecto relevante dos marcadores é o das funções que desempenham. Pode-se dizer que desempenham funções mais genéricas e funções mais específicas, sendo bem genérica a função articuladora ou estruturadora. São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de assirir ou perguntar.

Perguntas freqüentemente introduzem tópicos ou mudanças de tópicos. Há marcadores que normalmente encerram unidades, enquanto outros normalmente as introduzem: marcadores de busca de apoio geralmente encerram; marcadores de continuação, de mudança de tópico (ou subtópico) iniciam unidades; marcadores de hesitação são regularmente localizados no interior das unidades, inclusive das unidades entonacionais mínimas.

O presente estudo não é – nem poderia ser – exaustivo, de vez que os marcadores conversacionais são organizadores de grande complexidade e frequência em qualquer texto falado. Além do mais, permeiam praticamente todos os demais temas. No entanto, apenas para ilustrar uma possível conclusão, podemos dizer que os marcadores que mais se destacam pela frequência, recorrência e função no pequeno texto analisado são:

- 1) marcadores de hesitação: **ah** (3), **ah ah**, **ah ahn**, **eh eh**, num total de 7; alongamentos de vogais: quase 30; pausas longas; cerca de 15;
- 2) marcadores de teste de participação ou busca de apoio: **sabe?** (8), **né? / não é?** (4), **certo?** (1);
- 3) marcadores de atenuação da atitude do falante: **eu acho que** (2), **tenho impressão de que** (1);

- 4) marcadores de apoio/ monitoramento do ouvinte: **ahn ahn** (6), **uhn uhn** (1), **sei** (1).

Se atentarmos para a natureza desses marcadores, observaremos que os de números 1, 2 e 3 são de produção natural do papel de falante e foram usados por L1, enquanto os de número 4, do ouvinte, foram utilizados por L2. Tal distribuição explica plenamente a atuação de L1 como falante e de L2 como ouvinte, conforme também fica justificado pelo volume de produção de L1 (cerca de 85%) e de L2 (cerca de 11%), além dos 4% da Doc.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A.T. "Para o estudo das unidades discursivas" In: Ataliba Teixeira de Castilho(org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas, Edit. da UNICAMP, 1989:249-279.
- CASTILHO, A.T. & PRETI, D. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v.II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, 1987.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 8 cd. Rio de Janeiro, FGV, 1980.
- ILARI, R. e GERALDI, J. W. **Semântica**. 2 ed. São Paulo, Ática, 1985.
- KOCH, I. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo, Cortez, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. "Marcadores Conversacionais no Português Brasileiro: formas, posições e funções" In: Ataliba Teixeira de Castilho (org.) - **Português culto falado no Brasil**. Campinas, Edit. da UNICAMP, 1989:281-322.
- MORAES, L. C. D. **Nexos de coordenação na fala culta de São Paulo**. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 1987.
- SAID ALI, M. **Meios de expressão e alterações semânticas**. 3 ed. rev. Rio de Janeiro, FGV, Inst. Doc., 1971.
- SETTEKORN, W. - "Pragmatique et Rhétorique Discursive" **Journal of Pragmatics** 1, North-Holland Publishing Company, 1971.
- STUBBS, M. **Discourse Analysis: The Sociolinguistics Analysis of Natural Language**. Oxford, Brasil Blackwel, 1983.
- TAGNIN, S. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo, Ática, 1989.

## 5. PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO: A PARÁFRASE

José Gaston Hilgert

### 1. Introdução

Tendo em conta o fato de que, na fala, interlocutores em interação constroem cooperativamente um texto, volta-se este estudo, em termos abrangentes, aos procedimentos de construção do texto falado. Dentre estes focalizamos, aqui, especificamente, o parafraseamento enquanto atividade lingüística de reformulação.

Metodologicamente desenvolvemos este trabalho, conduzidos pela análise de um segmento conversacional de 6 minutos de duração que consta no arquivo sonoro – inquérito 62, bobina 20 – do PROJETO NURC/USP – SP e está transcrito em CASTILHO & PRETI, 1987, pp. 74-77, linhas 544 a 676.

### 2. O texto

Do ponto de vista de sua delimitação temática, convém lembrar que o texto a seguir inicia-se, já estando em andamento o tópico que trata da invasão do campo de trabalho dos administradores e economistas pelos engenheiros.

- L1 mas eles têm atendido e:: ...  
os exemplos
- 545 L2 tem não ( )
- L1 que nós nós que nós temos visto aí é que principalmente dentro da área de investimentos ... eu tenho tenho acompanhado aqui ... o engenheiro está muito bem situado ... ele está exercendo perfeitamente a ... a função dele ... e exercendo:: a contento inclusive ... então::
- 550 eles estão ... porque realmente houve assim uma:: ... uma fuga ... do engenheiro da da ... da área de produção ... dos laboratórios de experiências para ... para a ...
- L2 área administrativa

- 555 L1 área administrativa ... hoje ele realmente:: se encontra em grande percentagem na Área administrativa ...  
L2 seria isso porque já:: ... já estaria ... esgotada a área técnica?
- 560 L1 não não seria ... talvez:: ...  
L2 ou seria mais uma razão dum status dum indivíduo de ... digamos ... um ... engenheiro metalúrgico ... ficar no meio de operários qualquer coisa assim ... preferisse ...  
L1 eu não sei porque:: talvez talvez ... o o fato da da ... desse campo da pesquisa que é realmente um pouco ingrato né? ... em virtude do do próprio fato de nós não termos ainda:: muita disponibilidade:: de verbas PAra essa área da pesquisa ... então:: eu acredito que a pessoa ... não só nessa profissão de engenheiro:: ... como também na área da Medicina:: como também na área:: ...
- 570 L2 inclusive eu li ainda há poucos dias que::... Psicologia ... Economia ... e Medicina estão:: ... os campos estão saturados  
L1 por incrível que pareça hoje em dia falar em pesquisa é:: ... achar que a pessoa vive de poesia né? ... ((vozes incompreensíveis)) você não acha?...
- 575  
Doc. [ ( ) o:: ...  
L1 hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia ... não dá
- 580 L1 quer dizer ... o pessoal não teria nem nem para a subsistência ... então realmente talvez sê/ seja o motivo ... (certo?) ... e ele realmente está fugindo um pouco quem sabe a:: a a técnica vá ... vá ressentir a falta desses elementos ... então por um outro lado ... o que estão o que está acontecendo ... você vê os técnicos eles estão suprimindo ... poxa em outras épocas aí ... talvez hoje mesmo ... exista uma uma rivalidade entre o engenheiro e o técnico ...  
L2 existe ...  
L1 eles brigam pelas posições ...
- 590 L2 [ existe ...  
L1 agora eu eu diria ... do ponto de vista da empresa ... deve absorver um engenheiro ou deve absorver um técnico? às vezes em termos de despesa ... é mais vantagem adquirir um um técnico
- 595 L2 [ um técnico

- L1 inclusive ele vai ... suprir perfeitamente ... vai atender perfeitamente a necessidade da empresa ... NAquele aspecto ... como a empresa às vezes não tem disponibilidade financeira para ... para manter um indivíduo estudando ... como modificar sua (tê) como aperfeiçoar tudo isso ... que isso vai acarretar gastos muito grandes então ela prefere ... absorver um técnico ...ele executa perfeitamente FAZ a máquina funcionar ... e o engenheiro fica de uma certa forma deslocado ... acredito também seja esse UM motivo pelo qual ... está está havendo essa essa imigração para a área da administração ...  
L2 das áreas de produção para as áreas de administração ...  
L1 e com isso os ... economistas e administradores encontram já o campo saturado mas não ... formados por economistas e administradores  
|  
L1 nós temos que estudar bastante né? ((risos))  
L2 precisamos qualidade né?  
L1 é exato porque:: ... dentro da profissão acho que ... SOmente para para ... para vencer para conseguir ... somente sendo muito bom mesmo ... porque:: é um fato você vê ...  
L2 o o eu não diria somente ser muito bom ... viu ((pigarreou)) ô G. ...
- 600 L1 --empostou a voz ... agora vai hein? --  
L2 eu não diria somente ... existe muito também e:: ... é apresentação entende?
- 605 L1 uhn uhn ...  
L2 eu acho que:: hoje em dia não basta você somente ser ... capacitado porque:: tem muita gente que ... não tantas qualidades quando determinados ... com/ éh:: competidores em determinados cargos e:: ... na hora do escolher ... vem você porque é meu amigo ... certo? ... é isso que eu acho eu acho que também existe um pouquinho do ... do relacionamento ... da pessoa ... da apresentação do indivíduo dentro de determinada organização ... isso você não sei se ... se você prestar atenção você:: ... notará às vezes você possui determinadas ... qualidades superiores a um competidor seu e você não é aproveitado ...
- 610 L1 é ... são as cartas de recomendação né? ...  
L2 então ainda...
- 615 L1 isso existe em todo local né? ... precisa realmente ter aquela recomendação ... mandado por fulano de tal: ...

- 640 sempre ele é melhor aceito né?  
L2 certo ...  
L1 agora:: ... ((pigarreu)) inclusive falando um pouco da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje em dia ela está:: socializada né? ... ela está::  
645 completamente:: ... regularizada através de dessas interCLínicas  
L2 exato conVÊnios  
[  
L1 a situação do médico ... também é uma situação difícil ... em termos de mercado de trabalho também é uma situação difícil ... Hoje já está existindo também ...  
650 muita quantidade ... está existindo uma certa facilidade inclusive parece que existe ... leis aí ... éh:: ... leis em termos de fiscalizar essas escolas de Medicina porque (ter) uma escola de Medicina tem que ter ... naturalmente um  
655 um hospital ... tem que estar ligada a um hospital para poder atender:: ... atender as:: ... exigências do curso do curso de Medicina  
[  
L2 do curso  
L1 o médico hoje em dia ele está ... se sujeitando mui::to  
660 ... a empre::gos tal ... a situação do médico eu acho que está ... bastante difícil  
Doc. mas dificuldade existe mesmo com as especializações?  
L2 eu creio que existe ...  
[  
L1 olha mesmo com as especializações ... tem as boas espe/ especializações as que dão dinheiro ... então por exemplo posso te citar se você ... diz que ... otorrino ...  
665 é uma coisa que dá muito dinheiro ... psiquiatria pô ... dando fortunas ... certo? ... São Paulo é uma cidade cheia de problemas ... ((falou rindo)) ... então psiquiatria  
670 está ótimo ... e de que que você precisa de um divã e paciência para ficar ouvindo ... diz que está dando muito ... psiquiatria ... otorrino ... é outra coisa ... oftalmologia ... diz que dá bastante ... mas pega um clínico geral ... por incrível que pareça é o que mais ... estuda ... certo?  
675 ... é o que tem a MAIOR especialização ... em compensação é o mais injustiçado ...

### 3. A construção do texto: formulação e planejamento

No segmento conversacional transcrito acima, realizam atividades lingüísticas dois interlocutores: L1 e L2. Eles se encontram numa relação

de diálogo, isto é, alternam os papéis de falante e ouvinte, interagindo entre si. No papel de falante, cada um busca o objetivo último de levar o ouvinte a mostrar uma certa reação<sup>1</sup>. No presente diálogo, o falante persegue quase sempre o objetivo de levar o seu interlocutor a **crer** no que diz. Para tanto, porém, ele precisa alcançar um objetivo anterior: que seu enunciado seja lingüisticamente construído de maneira tal que o ouvinte reconheça a intenção comunicativa do falante, isto é, que lhe compreenda o enunciado. Em outras palavras, ao falante cabe oferecer uma "proposta de compreensão" ao ouvinte, a partir da qual este possa mostrar a reação esperada.

Construir lingüisticamente o enunciado ou, em sentido mais amplo, o texto, significa dar **forma** e organização lingüística a um conteúdo, a uma idéia, enfim, a uma intenção comunicativa, o que permite dizer que, na construção lingüística do enunciado, desenvolvem-se **atividades de formulação**.

Nas condições de produção do diálogo, essa intenção comunicativa não é anteriormente planejada. Quando muito, tem o falante uma vaga noção do que vai dizer ao iniciar o seu turno. Em geral, ele toma a palavra e segue falando com "destino incerto", que só se definirá na evolução do turno, ou seja, na seqüência da formulação. Nesse sentido, então, construir o texto consiste também em planejá-lo.

Em suma, destaca-se a simultaneidade desses dois procedimentos: construir o texto falado é desenvolver-lhe o planejamento, na medida em que evolui o processo de formulação. Na realização da atividade comunicativa, a intenção não é anterior à formulação. A intenção é "construída" na e pela formulação, e o planejamento de uma atividade comunicativa só se completa com a construção do enunciado concluída.

É precisamente esta preocupação simultânea com o "dizer" e com o "que dizer" que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação. Elas explicitam os procedimentos a que o falante se vê impelido a recorrer para levar a bom termo o seu objetivo comunicacional. No dizer de RATH (1979, p. 20), "o processo da construção textual com todos os seus desvios, reinícios, repetições e correções é diretamente observável. Pode-se, portanto, no âmbito da língua falada, assegurar que o texto consiste, em parte, em produzir o texto como tal...". Ou, como diz AN-

(1) Segundo MOTSCH e PASCII (1987, p. 27-28), são três, em princípio, as reações possíveis do ouvinte, correspondentes a três objetivos comunicacionais básicos do falante: (a) que o ouvinte responda a uma pergunta; (b) que o ouvinte creia em algo; (c) que o ouvinte realize uma ação.

TOS (1962, p. 183), o texto falado mantém explícitos todos os traços de seus *status nascendi*. Nisto ele se distingue do texto escrito, no qual, ao menos em grande parte, as pegadas do processo de construção estão apagadas.

#### 4. O fluxo da formulação: descontinuidades e problemas

Basta a impressão de uma primeira leitura do texto transcrito acima, para se verificar que a característica mais evidente do texto falado é a grande incidência de **descontinuidades** no curso de sua formulação. A descontinuidade, como o próprio termo já diz, consiste numa interrupção do fluxo formulativo, atribuída, em princípio, ao fato de o falante não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva, o que caracteriza, segundo ANTOS (1982, p. 160), um "problema de formulação". SCHEGLOFF, JEFFERSON e SACKS (1977, p. 362) lembram que cada elemento lingüístico pode ser considerado uma "fonte de problemas". Para esses autores um problema não só se identifica na ocorrência de "erros" ou "falhas" na formulação, mas também na procura de uma palavra adequada, manifesta em hesitações e outros fenômenos. Podem também ser considerados problemas enunciados incompreensíveis ou de difícil compreensão que levam o falante, por iniciativa própria, ou de seu interlocutor, a reformular esses enunciados a fim de lhes garantir a compreensão. Às vezes, a suposta possibilidade de o ouvinte não vir a compreender algum enunciado também pode se revelar como um problema ao falante, impelindo-o a reformulações preventivas.

A análise de textos da língua falada aponta nitidamente para a distinção entre problemas **prospectivos** e **retrospectivos**<sup>2</sup>. Os primeiros se identificam no fato de o falante deles se dar conta antes de os formular; os outros ele só percebe quando já estão lingüisticamente inseridos na formulação do texto.

Começemos com a identificação e caracterização dos problemas prospectivos, no seguinte segmento do texto acima. Chamamos a atenção do leitor que assinalamos as descontinuidades por barras oblíquas simples, enumeradas em sua seqüência. A presença da barra oblíqua dupla registra a interrupção e o abandono definitivos de uma seqüência sintática.

(2) Esta terminologia é sugerida por KOCH & OESTERREICHER, (1990, p. 61 e 62).

(1)

- L1 - o exemplo que nós/<sup>1</sup> que nós que nós temos  
v/<sup>2</sup> ::isto aí é que principalmente dentro da  
área de investimentos/<sup>3</sup> ... eu tenho /<sup>4</sup> tenho  
acompanhado aqui...  
o engenheiro está muito bem situado...  
ele está exercendo perfeitamente a/<sup>5</sup>... a função  
dele... e exercendo/<sup>6</sup> ::a contento inclusive...  
então/<sup>7</sup>:: eles estão//  
porque realmente houve assim uma /<sup>8</sup>::... uma  
fuga/<sup>9</sup>:: do engenheiro  
da/<sup>10</sup> da... da área de produção...  
dos laboratórios de experiências para/<sup>11</sup>... para::...  
L2 - área administrativa  
L1 - área administrativa... hoje ele realmente/<sup>12</sup>::  
se encontra em grande percentagem na Área  
administrativa...  
L2 - seria isso porque já/<sup>13</sup>::... já estaria/<sup>14</sup> ...  
esgotada a área técnica?

#### 4.1. Problemas prospectivos

L1 abre o seu turno e já o interrompe na (/1), à procura de uma alternativa de formulação adequada para prosseguir. O tempo necessário para tanto preenche-o com uma dupla repetição de "que nós". Mal se decide por "temos", no alongamento do "v::" (/2) hesita na confirmação de "v::isto". Segue a formulação com fluência normal até a pausa depois de "investimentos" (/3). Denuncia ela a interrupção da seqüência sintática do enunciado em curso para a inserção de um comentário com estrutura sintática independente. Concluído este, o falante complementa o anteriormente interrompido, conforme assinala a seta. Note-se que, na formulação do enunciado inserido, surge outra interrupção, explicitada pela repetição de "tenho" (/4). E assim por diante: sempre abrindo um tempo no curso formulativo à busca de uma alternativa de formulação, as descontinuidades se manifestam em hesitações, explicitadas por meio de diferentes recursos:

- em /5, por uma pausa e a repetição do "a";
- em /6, pelo alongamento da vogal final de "exercendo::";
- em /7, também pelo alongamento do ditongo final de "então";
- em /8, pelo alongamento da vogal final de "uma::", seguido de pausa;
- em /9, pela pausa;
- em /10, pela repetição, pausa e nova repetição da preposição "da";

- em /11, pela pausa, repetição "para" com alongamento da vogal final, seguido de nova pausa;
- em /12, pelo alongamento da vogal final de "realmente::";
- em /13, pelo alongamento de "já::", seguido de pausa e da repetição dessa forma;
- em /14, pela pausa.

Pelo visto, as discontinuidades aqui apontadas se manifestam em **hesitações** que, em linhas gerais, se realizam da seguinte forma: (a) o falante pára o desenvolvimento da formulação; (b) preenche com pausa alongamentos ou outros recursos a lacuna de tempo necessária para definir uma alternativa de formulação adequada<sup>3</sup>; (c) definida esta alternativa, com ela continua a formulação. Às vezes, ao prosseguir, o falante retoma (repete) em parte ou no todo o segmento interrompido; outras vezes, não dá continuidade à estrutura sintática do segmento interrompido, retomando-o só adiante, depois de intercalar um enunciado com estrutura sintática estranha à que estava em curso (cf. /3).

Como dissemos, as hesitações sinalizam discontinuidades que denunciam problemas de formulação prospectivos, ou seja, o falante deles se dá conta antes de os formular ao contrário do que acontece com os retrospectivos, os quais, como veremos a seguir, também geram discontinuidades – de características próprias – no fluxo formulativo do texto.

#### 4.2 Problemas retrospectivos

Destaquemos do texto o seguinte segmento:

- (2)
- L1- | que nós nós que nós temos visto aí é que principalmente  
 | dentro da área de investimentos ... eu tenho tenho  
 | acompanhado aqui ...  
 | o engenheiro está  muito bem situado  ...  
 | ele está exercendo perfeitamente a ... a função  
 | dele ... e exercendo:: a contento inclusive ...  
 | então:  eles estão  ...
- (linhas 544 a 551)

(3) Note-se que poucas vezes o falante sustenta o tempo para encontrar uma formulação adequada somente por meio de uma pausa. Em geral, preenche-o com alongamentos ou repetições. Tal procedimento sinaliza o fato de que ele não quer entregar o seu turno. Uma pausa mais longa ensaja ao ouvinte a oportunidade de tomar o turno.

Sob o enfoque do analista do texto, formam as primeiras quatro linhas um enunciado semântica e informacionalmente completo, o que teoricamente poderia levar o falante a dar continuidade a seu turno diretamente com a conclusão, a qual ele começa introduzir mais adiante com "então:: eles estão", conforme mostra a seta. Tudo indica, porém, que ele sente ser a expressão "muito bem situado", do ponto de vista semântico e, portanto, do ponto de vista do reconhecimento da intenção comunicativa por parte do ouvinte, não suficientemente explícita. Esse fato poderia gerar problemas de compreensão ao ouvinte e, quem sabe, até provocar um pedido de esclarecimentos. O falante então se antecipa. **Interrompe**, de certa forma, a sucessão de enunciados que realiza o percurso informacional de seu turno e se atém a um deles, retomando-o, em forma de **paráfrase**, para dar-lhe maior explicitação. Paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica. Em termos mais simples, a paráfrase retoma, com outras palavras, o sentido de um enunciado anterior. Ela, portanto, supõe sempre um enunciado de origem com o qual está em relação parafrástica. Destaquemos esta relação neste segmento:

- (3)
- EO | L1  o engenheiro está muito bem situado ...
- ER |  ele está exercendo perfeitamente a ... a função  
 dele ... e exercendo:: a contento inclusive ...  
 (linhas 548-550)

EO é o enunciado de origem. ER é o enunciado que reformula (= enunciado reformulador) EO, tratando-se, no caso presente, de uma reformulação parafrástica. Procedimentos idênticos com finalidades semelhantes analisaremos adiante, nas relações parafrásticas que destacamos do texto aqui em foco.

Mas, se a reformulação parafrástica revela uma discontinuidade no fluxo formulativo do texto, bem mais explícita ela aparece numa reformulação de natureza corretiva. Por meio da **correção**, o falante anula, total ou parcialmente, a formulação anterior.

Assim em:

- (4)
- L1 - então eu tenho impressão de que quando  
 o menor... já: estiver assim... pela
- EO  quarta série
- ER  terceira quarta série...  ele já estará mais...independente

(CASTILHO & PRETI, 1987, p. 167, linhas 1225-1228)



ER corrige parcialmente EO, passando da formulação "quarta série", que determina uma faixa de tempo mais delimitada, para "terceira quarta série", definindo assim um recorte mais amplo no tempo.

Já em:

(5)

EO L1 - e não fiz outra:: outras especializações dentro  
outras especializações não...

outra::

ER não segui outras carreiras que o curso  
de Pedagogia daria possibilidade como o caso da

(CASTILHO & PRETI, 1987, p. 167, linhas 1577-1580)

o falante anula a sua formulação "outras especializações" de forma explícita, quando diz "outras especializações não". A seguir, procura um nova formulação para a anulada, conforme o demonstra a repetição "outra::", em que se alonga a última vogal. Não tendo sucesso nesta procura, acaba optando pela reformulação de todo o segmento sintático em que, no enunciado de origem, "outras especializações" está inserido. Dessa forma acaba também ocorrendo a reformulação específica de "outras especializações" por "outras carreiras".

A observação desses poucos exemplos de paráfrases e correções basta para constatar que o fato de o falante retomar um segmento já formulado revela: (a) uma descontinuidade, pois retomar sempre significa interromper o fluxo formulativo em andamento; (b) um problema de formulação, pois além de o enunciador não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva, a retomada não é gratuita, isto é, alguma razão na interação comunicativa a determinou; (c) um problema retrospectivo, na medida em que, ao contrário do prospectivo, o falante só percebe o problema e suas dimensões, quando ele está sendo ou já se encontra linguisticamente elaborado, levando-o, então, a uma atividade metaformativa.

Em resumo, vimos que a construção do texto falado é extremamente suscetível de problemas de formulação, em geral denunciados por descontinuidades manifestas nas hesitações e nas interrupções provocadas por correções e retomadas parafrásticas.

## 5. Atividades lingüísticas de reformulação

Na medida em que as correções e as paráfrases revelam descontinuidades, elas constituem atividades de formulação textual quase sem-

pre destinadas a solucionar os problemas que as deflagraram. Nesse sentido, são atividades que procedem à reformulação de formulações anteriores, o que lhes dá o caráter metaformativo e o nome de **atividades de reformulação**.

## 5.1 Componentes das atividades de reformulação

Um traço bem evidente nas relações parafrásticas e de correção, como se viu, é o fato de que o segundo segmento (a paráfrase e a correção) é necessariamente determinado pela ocorrência de um segmento anterior. O que já nos permite destacar dois elementos constitutivos comuns das atividades de reformulação: o **enunciado de origem** e o **enunciado reformulador**.

Além desses, muitas atividades de reformulação registram um terceiro componente: o **marcador de reformulação**. Ele anuncia a reformulação a ocorrer, por meio de uma expressão verbal, de um paralelismo sintático ou de alguma manifestação suprasegmental ou paralingüística, como a pausa, a hesitação, a mudança de ritmo na articulação (ora pausada ou prolongada, ora mais rápida), a diminuição da altura ou do volume de voz. Os limites deste trabalho não nos permitem entrar em detalhes a propósito desses marcadores. Registramos contudo, à guisa de exemplos, o marcador de correção (mc) no segmento (6) e o marcador de paráfrase (mp), no segmento (7):

(6)

EO L1 - e não fiz outra:: outras especializações dentro  
mc outras especializações não...  
outra::  
CORR não segui outras carreiras ah::... que o curso  
de Pedagogia daria possibilidade como o caso da

(CASTILHO & PRETI, 1987, p. 167, linhas 1577-1580)

(7)

L1 hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia ...  
M não dá  
Doc. ((riu)) é verdade  
mp L1 quer dizer...  
P o pessoal não teria nem nem para a subsistência ...

(linhas 577-580)

## 5.2 O caráter reformulador do segundo componente

Denominamos a paráfrase e a correção de atividades de reformulação pelo fato de o segundo enunciado reformular o primeiro. Com efeito, nos exemplos com que acima ilustramos nossas explicações, as atividades de paráfrase e de correção foram deflagradas por algum problema de formulação, o que também determina, no complexo processo de formulação textual, a sua função primeira e imediata: a solução de problemas desse tipo. Para atenderem a tal objetivo, as formulações parafrástica e de correção distinguem-se de seus enunciados de origem, por apresentarem variações sintáticas, lexicais, fonéticas ou suprasegmentais, nas quais se identifica, precisamente, o caráter reformulador dessas atividades.

## 5.3 A distinção entre atividades de reformulação

Identificamos os traços comuns que permitem classificar a paráfrase e a correção como atividades de reformulação. Cabe agora definir os critérios que as distinguem entre si. A distinção se baseia, fundamentalmente, na especificidade da relação semântica entre enunciado de origem e enunciado reformulador. A paráfrase mantém como seu enunciado de origem uma **relação de equivalência** semântica, ou seja, ela dele retoma, em maior ou menor grau, o conjunto de traços semânticos (conforme veremos especificamente em 6.3.). Nesse sentido, a repetição pode ser considerada um caso-limite de paráfrase, na medida em que manteria com o seu enunciado de origem o grau máximo de equivalência semântica.

Na correção, ao contrário, a relação entre enunciado de origem e enunciado reformulador é de **contraste semântico**, uma vez que este anula, total ou parcialmente, a verdade daquele, conforme ficou evidente no segmento (5).

Distinguidas assim entre si as atividades de reformulação, ao menos em seus traços essenciais, fixemo-nos, daqui para frente, somente nas paráfrases. As correções serão objeto de análise em trabalho específico, em outro texto deste volume.

## 6. A paráfrase

Relembramos que parafrasear é, dentro do processo de construção do texto, uma atividade lingüística de reformulação, por meio da qual se

estabelece entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável por deslocamentos de sentidos que impulsionam a progressividade textual.

As relações parafrásticas podem ser focalizadas sob diferentes ângulos. Restringir-nos-emos, aqui, a apreciá-las sob três deles que nos parecem explicar melhor as suas funções na progressiva construção do texto: o aspecto distribucional, o aspecto operacional e a semântica das relações parafrásticas.

Queremos assinalar que, nos segmentos a seguir analisados, identificamos as relações parafrásticas, dando ao enunciado de origem o nome de matriz (M) e ao enunciado reformulador o nome específico de paráfrase (P).

### 6.1. A distribuição dos constituintes das relações parafrásticas

Observemos estes segmentos de nosso texto:

- (8)
- |   |    |  |
|---|----|--|
|   | L1 | porque realmente houve assim uma:: ... uma fuga ...<br>do engenheiro |
| M |    | <u>da ... da área de produção ...</u>                                |
| P |    | <u>dos laboratórios de experiências</u> para ...<br>para a ...       |
|   | L2 | área administrativa  |
|   | L1 | área administrativa ...  |
- (linhas 551-555)

- (9)
- |   |    |  |
|---|----|--|
|   | L1 | mas pega um clínico geral ... por incrível que<br>pareça |
| M |    | <u>é o que mais ... estuda ... certo? ...</u>            |
| P |    | <u>é o que tem a MAIOR especialização ...</u>            |
- (linhas 673-675)

- (10)
- |   |    |   |
|---|----|---|
|   |    | poxa em outras épocas aí ... talvez hoje mesmo ...                  |
| M |    | <u>existia uma uma rivalidade entre o engenheiro e o técnico...</u> |
|   | L2 | existe ...  |
| P |    | L1 <u>eles brigam pelas posições...</u>                             |
|   |    |   |
|   | L2 | existe ...  |
- (linhas 585-590)

- (11)
- M | L1 a situação do médico ... também é uma situação difícil ... em termos de mercado de trabalho também é uma situação difícil ...  
 Hoje já está existindo também... muita quantidade... está existindo uma certa facilidade inclusive parece que existe ... leis aí ... éh:: ... leis em termos de fiscalizar essas escolas de Medicina porque uma escola de Medicina tem que ter... naturalmente um::... um hospital ... tem que estar ligada a um hospital para poder atender:: ... atender as:: ... exigências do curso do curso de Medicina do curso
- P | L1 o médico hoje em dia ele está... se sujeitando muito... a empresa... a situação do médico eu acho que está... bastante difícil  
 (linhas 648-661)

- (12)
- M | L1 diz que... otorrino... é uma coisa que dá muito dinheiro... psiquiatria pô... dando fortunas... certo?...  
 São Paulo é uma cidade cheia de problemas... ((falou rindo))... então a psiquiatria está ótimo... e de que que você precisa de um divã e paciência para ficar ouvindo...
- P | diz que está dando muito... psiquiatria... otorrino... é outra coisa...  
 (linhas 666-672)

As relações parafrásticas nesses segmentos extraídos do texto que estamos analisando revelam a existência de paráfrases que seguem imediatamente a matriz (segmentos 8, 9 e 10) e de outras que só se manifestam mais adiante na seqüência textual (segmentos 11 e 12), isto é, entre elas e a matriz insere-se um segmento textual mais ou menos longo<sup>4</sup>.

Às paráfrases do primeiro tipo damos o nome de **paráfrases adjacentes**; às outras, de **não adjacentes**. A pertinência dessa classificação está no fato de umas outras exercerem funções distintas na construção do texto: às primeiras cabe uma função local no desenvolvi-

(4) Por segmento inserido não entendemos uma mera fórmula ratificadora (como é o caso da manifestação de L2, no segmento 3) nem a simples tentativa frustrada de retomada do turno por parte do interlocutor.

mento do texto; às últimas estruturam a conversação num nível mais abrangente. Dessas funções trataremos no final deste tópico.

No texto aqui em análise, quase todas as paráfrases são adjacentes. Só duas não se enquadram nesta categoria, as quais estão destacadas nos dois últimos segmentos acima.

No que respeita às funções, a distinção entre paráfrases adjacentes e não adjacentes é especialmente importante, por revelar diferentes níveis e correspondentes graus de complexidade da organização do texto conversacional. As paráfrases adjacentes exercem funções locais na composição da trama conversacional, resolvendo tanto problemas de natureza especificamente interacional quanto problemas determinados pelo desdobramento temático-argumentativo do texto e pela busca de adequação vocabular na construção de enunciados.

Já as paráfrases não adjacentes funcionam como estruturadoras de tópicos conversacionais mais longos e abrangentes, na medida em que asseguram unidade a uma abordagem temática, demarcam diferentes etapas de seu desenvolvimento e lhe dão a conclusão necessária. Todas essas atribuições convergem para definir uma função geral das relações parafrásticas com paráfrases não adjacentes: realizar uma atividade linguística dominante em relação a outras consideradas subsidiárias na construção de um tópico. Quando visam a concluir o desenvolvimento de um tópico, apresentam-se, normalmente, na forma de resumos.

## 6.2 A operacionalização nas relações parafrásticas

Numa relação de diálogo entre L1 e L2, como a apresentada no texto que estamos analisando, podem ocorrer as seguintes possibilidades de produção de paráfrases:

- a) o falante (L1 ou L2) parafraseia o seu próprio enunciado, identificando-se, neste caso, uma **autoparáfrase**;
- b) um interlocutor parafraseia o enunciado produzido pelo outro, realizando-se, assim, um **heteroparáfrase**.

Além disso, é preciso distinguir a produção em si da iniciativa da produção da paráfrase. A iniciativa da atividade cabe àquele que desencadeia o ato de parafrasear. Neste sentido, tem-se:

- a) uma **paráfrase auto-iniciada**, quando ela é desencadeada por quem a produz;

b) uma **paráfrase heteroiniciada**, quando ela é desencadeada por um interlocutor e produzida por outro.

A seguir, analisaremos quatro relações do texto aqui em foco, selecionadas para exemplificar cada uma das formas de operacionalização que distinguimos.

Relação (a):

(13)

M		L1		a situação do médico... também é uma situação difícil...
P				<u>em termos de mercado de trabalho também é uma situação difícil...</u>

(linhas 648-650)

Nela, matriz e paráfrase são produzidas pelo mesmo interlocutor (L1). Ou seja, L1 parafraseia-se a si mesmo e por iniciativa própria, o que significa que a reformulação parafrástica não foi provocada por alguma iniciativa de L2, Doc., ou outro fator. Trata-se, portanto, de uma **autoparáfrase auto-iniciada**.

Relação (b):

(14)

M1		L1		<u>por incrível que pareça hoje em dia falar em pesquisa é: ... achar que a pessoa vive de poesia né?... ((vozes incompreensíveis)) você não acha?...</u>
		Doc.		( )o:: ...
P1		L1		<u>hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia...</u>
P2				<u>não dá</u>
		Doc.		((riu)) é verdade

(linhas 573-578)

Aqui também temos autoparáfrases. O parafraseamento, porém, foi desencadeado pelo interlocutor de L1, na medida em que Doc hesitou em ratificar a fala de L1 na matriz (M1). Note-se que este insistiu duplamente (por meio de "né?" e "você não acha?") na busca dessa ratificação. Diante da hesitação do interlocutor, L1 decidiu retomar o seu enunciado em duas paráfrases sucessivas até que Doc lhe desse a ra-

tificação desejada, o que ocorreu por meio de "é verdade". Caracteriza-se assim uma **autoparáfrase heteroiniciada**.

Relação (c):

(15)

M		L1		<u>nós temos que estudar bastante né?</u> ((risos))
P		L2		<u>precisamos qualidade né?</u>
		L1		é exato

(linhas 612-614)

Nesta relação, L2 parafraseia o enunciado (M) de seu interlocutor (L1) e o faz por sua própria iniciativa. Identificamos, neste caso, uma **heteroparáfrase auto-iniciada**.

Além desses três, um outro tipo de paráfrase, para o qual não há exemplo em nosso texto, pode ocorrer, como mostra este segmento conversacional.

Relação (d):

(16)

		L1		...(uma)de no::ve... e a outra de seis...
M		Doc.		<u>a senhora... procurou dar espaço de tempo entre um e OUTRO...</u>
P		L2		<u>aconteceram ou foram programados</u>
		Doc.		(isso)... faz favor

(CASTILHO & PRETI, 1987, p.136, linhas 01-09)

L1 e L2 vinham conversando a propósito do número de filhos de cada uma, da programação de sua concepção, quando Doc interveio com sua pergunta dirigida a L1. Tendo esta demorado demasiadamente para tomar o seu turno e dar início à resposta, L2, provavelmente entendendo que L1 não houvera compreendido o enunciado de Doc, reformulou a pergunta desta, retomando a mesma idéia com outras palavras. A reformulação consiste, portanto, numa heteroparáfrase. Quem moveu, porém, L2 a tomar a iniciativa da paráfrase foi L1, na medida em que demorou em responder à pergunta de Doc. Tivesse ela tomado o turno de resposta imediatamente, a reformulação parafrástica não teria ocorrido, em prin-

cípio. Este fato nos leva, então, a distinguir, no segmento (16), uma **heteroparáfrase heteroiniciada**.

Resumindo, podemos dizer que, do ponto de vista operacional, as paráfrases podem-se classificar em:

- (a) autoparáfrases auto-iniciadas e heteroiniciadas;
- (b) heteroparáfrases auto-iniciadas e heteroiniciadas.

São as autoparáfrases auto-iniciadas as que mais ocorrem no texto que estamos analisando e nos diálogos em geral. No tocante às suas funções, visam precisamente a garantir ao ouvinte a compreensão dos enunciados, a qual poderá, por exemplo, exigir do falante paráfrase que definam noções e conceitos, precisem ou explicitem uma unidade de sentido, proponham ou enfatizem soluções, sublinhem pertinências temáticas, procedem à adequação vocabular.

A incidência das autoparáfrases auto-iniciadas parece maior ainda em turnos longos e, portanto, em textos conversacionais com poucas alternâncias de turnos e poucos "sinais do ouvinte" (isto é, sinais do tipo "hmhm", "ahn ahn", "certo", "claro", "é verdade"). Por meio delas, o falante se antecipa à possibilidade de o ouvinte o compreender mal ou nem mesmo o compreender. Exercem, nesse sentido, uma função preventiva ou profilática na evolução do texto.

Depois das autoparáfrases auto-iniciadas, chama a atenção, nos diálogos, a grande incidência de heteroparáfrases auto-iniciadas. São elas as que mais nitidamente evidenciam a ação convergente dos interlocutores na co-elaboração do texto conversacional. Por meio delas, os interlocutores, num primeiro instante, asseguram-se mutuamente a intercompreensão. O autor da paráfrase explicita como compreendeu o enunciado paráfraseado e, em geral, recebe de seu interlocutor um sinal ratificador de que a intenção comunicativa foi devidamente reconhecida, conforme mostra o segmento (15), que aqui retomamos:

M | L1 nós temos que estudar bastante né? ((risos))  
P | L2 precisamos qualidade né?  
L1 é exato...

(linhas 612-614)

O interlocutor que produziu a matriz avalia, por meio da heteroparáfrase, a recepção de sua "proposta de compreensão", ao mesmo tempo

em que recebe a solidariedade conversacional de seu interlocutor, o que o impele a prosseguir a formulação textual.

As heteroparáfrases auto-iniciadas podem também interferir na condução temática da conversação. Isso acontece, por exemplo, quando em relação à abrangência informacional da matriz, dela selecionam, aspectos, privilegiando alguns e relegando outros a segundo plano.

As paráfrases heteroiniciadas são menos comuns. Tanto nas autoparáfrases quanto na heteroparáfrases, ela desencadeiam uma reformulação que busca solucionar problemas bem concretos e localizados de compreensão e formulação com que se deparam os interlocutores.

### 6.3 A semântica das relações parafrásticas

Quando acima abordamos os critérios que permitem distinguir entre si as atividades de reformulação, dissemos que tal distinção se baseia, fundamentalmente, na especificidade da relação semântica entre enunciado de origem e enunciado reformulador. Na correção, esta relação é de contraste semântico; na paráfrase, ela é de equivalência semântica, na medida em que a paráfrase retoma, em maior ou menor grau, a dimensão significativa da matriz.

Efetivamente, as relações parafrásticas que identificamos no texto aqui em análise são todas elas reconhecíveis por algum grau geralmente acentuado de equivalência semântica entre paráfrase e matriz. Quando falamos, portanto, nesta gradação, admitimos que ela pode ir desde um grau mínimo, onde só é perceptível num quadro de conhecimentos extratextuais comum aos interlocutores, até um grau máximo, traduzido na pura repetição.

Explicitaremos essa noção de grau de equivalência semântica entre matriz e paráfrase à luz da análise de três relações parafrásticas selecionadas em nosso texto.

Relação (a):

(17)  
L1 diz que... otorrino...  
M | é uma coisa que dá muito dinheiro... psiquiatria pô... dando fortunas... certo?.....  
.....  
P | diz que está dando muito...  
... psiquiatria... otorrino... é outra coisa...

(linhas 666-673)

Note-se que a paráfrase mantém uma grande identidade significativa com a matriz, isto é, a paráfrase explicita os mesmos traços semânticos da matriz, estabelecendo um alto grau de equivalência semântica entre os dois componentes da relação. P é quase uma repetição de M, o que caracteriza uma equivalência forte.

Relação (b):

(18)

L1 agora:: ... ((pigarreou)) inclusive falando um pouco da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje em dia

M | ela está:: socializada né? ...

P | ela está:: completamente::... regularizada através de dessas interCLínicas

(linhas 642-646)

Nesta relação, a base significativa comum já é menor. Na matriz, a noção de "medicina socializada" aparece ampla e indefinida, isto é, do ponto de vista semântico, engloba um vasto quadro de traços semânticos. A paráfrase somente atualiza um desses traços, na medida em que a acepção de "medicina socializada" está limitada a "está:: completamente regularizada através dessas interCLínicas".

Relação (c):

(19)

M | L1 ela está:: completamente::... regularizada através de dessas interCLínicas

P | L2 exato conVÊnios

(linhas 644-647)

Nesta relação, a base semêmica comum é muito reduzida, configurando, por isso, **uma equivalência semântica fraca**. Só é possível estabelecer uma relação parafrástica entre "regularizada através dessas interCLínicas" e "conVÊnios", portanto, a equivalência entre esses componentes da relação só é perceptível, graças ao conhecimento extratextual comum aos interlocutores de que a referida "regularização" se dá por meio de "convênios". Manifesta-se, aqui, não uma equivalência textual, mas uma equivalência referencial, condição bastante para fundar uma relação parafrástica.

Do ponto de vista da equivalência semântica, portanto, a paráfrase é dissimétrica em relação à matriz, isto é, em função do contexto

discursivo em que a paráfrase ocorre, os seus traços só em parte coincidem com os da matriz.

Essas considerações a propósito do grau de equivalência semântica entre matriz e paráfrase nos permitem constatar que, no nível semântico, o parafraseamento é um deslocamento de sentido. Ora esse deslocamento se manifesta do geral para o específico; ora, do específico para o geral.

No exemplo seguinte fica particularmente evidente o primeiro desses movimentos.

(20)

L1 agora:: ... ((pigarreou)) inclusive falando um pouco da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje em dia

M | ela está:: socializada né? ...

P | ela está:: completamente::... regularizada através de dessas interCLínicas

(linhas 642-646)

Com efeito, a expressão "medicina socializada" reúne um conjunto de traços semânticos possíveis de serem atualizados em diferentes contextos de comunicação. Mas, nesse parafraseamento, somente um dos traços é considerado pertinente pelo falante: o de entender, por medicina "socializada", a sua organização em "interclínicas".

Já nesta relação

(21)

M | L1 o médico hoje em dia ele está ... se sujeitando muito a empregos tal...

P | a situação do médico eu acho que está ... bastante difícil

(linhas 559-661)

ocorre um movimento semântico do específico para o geral, na medida em que um traço semântico ("sujeitar-se muito a empregos") da matriz é retomado, na paráfrase, por uma expressão semanticamente bem mais abrangente e indefinida ("a situação está bastante difícil") que, no presente contexto, engloba aquela.

Para concluir essas breves considerações sobre a semântica das relações parafrásticas, queremos com ela relacionar uma tendência na estrutura formal das paráfrases. Quando, na passagem da matriz para a paráfrase, há um deslocamento de sentido do geral para o específico, verifica-se uma tendência de a paráfrase, do ponto de vista sintático e lexical, ser mais **expandida** do que a matriz. Quando, porém, nessa passagem, o deslocamento de sentido vai do específico para o geral, nota-se uma **condensação** sintático-lexical da paráfrase. No que respeita, então, à textualização da semântica das paráfrases, identificam-se **paráfrases expansivas e paráfrases redutoras**. Além disso, pode ser mantida, na paráfrase, apesar dos movimentos semânticos referidos, a mesma dimensão textual da matriz. Neste caso, registram-se as **paráfrases paralelas**.

A expansão parafrástica consiste no fato de o parafraseamento se realizar por meio de um enunciado, lexical e sintaticamente mais complexo do que a matriz, como acontece, por exemplo, no segmento (18) e nesta relação:

- (22)
- |   |      |  |
|---|------|--|
|   | L1   | hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia ...                            |
| M |      | <u>não dá</u>  |
|   | Doc. | ((riu)) é verdade  |
| P |      | L1 <u>quer dizer... o pessoal não teria nem para a subsistência...</u> |
- (linhas 577-580)

Quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase se textualiza numa unidade sintática mais simples, isto é, quando a textualização da paráfrase se desenvolve em sentido contrário ao da expansão, identifica-se a condensação, como é o caso, por exemplo, no segmento (19) e nesta relação:

- (23)
- |   |    |   |
|---|----|---|
|   | L2 | <u>que eu acho eu acho que também existe um pouquinho do ... do relacionamento ... da pessoa ... da apresentação do indivíduo dentro de determinada organização ...</u> isso você não sei se ... se você prestar atenção você:: ... notará às vezes você possui determinadas ... qualidades superiores a um competidor seu e você não é aproveitado ... |
| M |    |   |
| P |    | L1 <u>é ... são as cartas de recomendação né? ...</u>   |
- (linhas 629-636)

Finalmente, podemos reconhecer paráfrases que se textualizam com a mesma dimensão sintática de suas matrizes. À guisa de exemplo servem estas relações:

- (24)
- |  |   |  |    |  |
|--|---|--|----|--|
|  | M |  | L1 | inclusive ele <u>vai ... suprir perfeitamente ...</u>        |
|  | P |  |    | <u>vai atender perfeitamente</u> a necessidade da empresa... |
- (linhas 596-597)

- (25)
- |   |  |    |  |
|---|--|----|--|
|   |  | L2 | eu acho eu acho que também existe um pouquinho                           |
| M |  |    | <u>do ... do relacionamento ... da pessoa ...</u>                        |
| P |  |    | <u>da apresentação do indivíduo</u> dentro de determinada organização... |
- (linhas 629-632)

Chamamos estas paráfrases de **paralelas**, porque, em princípio, só diferem de suas matrizes por variações lexicais, mantendo com elas uma simetria sintática.

Nestas relações, é muitas vezes difícil perceber os deslocamentos de sentido acima identificados. Em muitos casos, a paráfrase parece ter uma função semântica sobressalente em relação à matriz, isto é, caso esta não atenda às exigências de objetividade e clareza significativas para levar a bom termo a realização da atividade comunicativa, aquela assegura, com alguma nuança significativa a mais, a qualidade semântica exigida para esse fim. Não raro, essa função é direcionada no sentido de uma maior adequação vocabular ou de uma precisão terminológica. Outras vezes a paráfrase simétrica parece simplesmente concorrer com a matriz para expressar um conceito para o qual o enunciador não encontra uma formulação específica.

A propósito das funções das paráfrases expansivas e redutoras, cabe registrar que às primeiras são devidas as funções de: (a) **dar explicações definidoras** de matrizes constituídas por noções abstratas; (b) **explicitar**, precisando ou especificando, informações contidas nas matrizes. As explicações ocorrem, com frequência, por meio de **exemplificações** que, então, se identificam com as reformulações parafrásticas. As paráfrases redutoras também exercem duas funções: (a) conferir uma **denominação** adequada, mais simples ou abrangente a uma formulação

complexa ou demasiadamente específica da matriz; (b) resumir o conjunto de informações que a matriz contém. O exercício desta última função coincide, normalmente, com o de concluir um tópico conversacional.

## 7. Considerações finais

Vimos que a produção de um diálogo corresponde à realização sucessiva e alternada de atividades lingüísticas. Cada uma delas é movida por uma intenção do falante de atingir determinado objetivo (cf. nota 1). Para alcançar este objetivo, o falante precisa, fundamentalmente, que o ouvinte compreenda a sua fala e, assim, reconheça o seu objetivo. Para tanto, cabe ao falante proceder a uma série de atividades textuais que assegurem a compreensão (como completar, corrigir, explicar, parafrasear, repetir, resumir). Atividades desta natureza respondem pela formulação do texto, razão por que as denominamos de **atividades de formulação textual**. Entre elas, destacam-se a correção, a paráfrase e a repetição, pois, enquanto atividades de formulação, cabe-lhes o papel específico de reformular passagens do texto com vistas à formulação adequada e, em decorrência, à garantia da compreensão por parte do ouvinte. Chamamos, por isso, de **atividades de reformulação textual**.

Identificamos, em suma, o parafraseamento como uma atividade de constituição textual, a que o falante recorre para reformular etapas do desenvolvimento de sua própria formulação textual e/ou da formulação textual de seu interlocutor, visando a promover e assegurar a intercompreensão e a progressividade conversacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTOS, Gerd (1982). *Grundlagen einer Theorie des Formulierens*. Tübingen, Max Niemeyer.
- BANGE, Pierre e KAYSER, Hermann (1987). L'organisation d'une consultation. Approche théorique et empirique. In: BANGE, P. - *L'analyse des interactions verbales. La dame de Caluire: une consultation*. Berna, Frankfurt a. M., Nova Iorque, Paris /Peter Lang, pp. 273-309.

- CASTILHO, Ataliba T. e PRETI, Dino (orgs.) (1987). *A linguagem culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes*. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, vol. II.
- FUCHS, Catherine (1982). La paraphrase entre la langue et le discours. *Langue française*. Paris, 53:22-33.
- GAULMYN, Marie-Madeleine (1986). Reformulation métadiscursive et genèse du discours. *Études de linguistique appliquée*. Universidade de Genebra, 63: 98-117.
- \_\_\_\_\_ (1987). Actes de reformulation et processus de reformulation. In: BANGE, Pierre (org.) - *L'analyse des interactions verbales - La dame de Caluire: une consultation*. Berna, Frankfurt a. M., Nova Iorque, Paris/Peter Lang, pp. 83-98.
- GÜLICH, Elisabeth e KOTSCHI, Thomas (1983). Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*. Universidade de Genebra, 5: 305-351.
- \_\_\_\_\_ (1987). Reformulierungshandlungen als Mittel der textkonstitution: Untersuchungen zu französischen Texten aus mündlicher Kommunikation. In: MOTSCH, W. (org.) - *Satz, Text, sprachliche Handlung*. Berlim, Akademie-Verlag, Studia Grammatica XXV, pp. 198-269.
- KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wolf (1990). *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen, Niemeyer, 1990.
- KOHLER-CHESNY, Joëlle (1981). Aspects explicatifs de l'activité discursive de paraphrasage. *Revue européenne des sciences sociales*. Genebra, Droz, 56:95-114.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1986). *Análise da conversação*. São Paulo, Ática.
- RATH, Reiner (1979). *Kommunikationspraxis: Analysen zur Textbildung und Textgliederung im gesprochenen Deutsch*. Göttingen, Vandenhoeck e Ruprecht.
- SHEGLOFF, Emanuel A., JEFFERSON, Gail e SACKS, Harvey (1977). The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, 53:361-382.
- VIEHWEGER, Dieter et alii (1977). *Probleme der semantischen Analyse*. Berlim, Akademie-Verlag, Studia Grammatica XV.



## 6. PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO: A CORREÇÃO

Diana Luz Pessoa de Barros

Neste capítulo, examina-se um dos procedimentos característicos da língua falada, a correção. Para isso, analisa-se o texto que segue, extraído de uma conversação do material do Projeto NURC/SP:

- 535 L2 H. você escreveu qualquer coisa muito interessante sobre a a Marília Medalha e eu perdi essa sua::...o que foi que você disse sobre Marília Medalha o ( ) me disse que era... que estava muito interessante este seu::... esta sua crônica
- L1 é não o que eu disse é o seguinte
- 540 L2 [ o que que você comentou ?
- L1 é é a tal coisa a televisão ahn:: ao mesmo tempo que proporciona às vezes ... surpresas FÚteis às vezes proporciona Ótimas não é ? ... porque Marília Medalha não costuma ... aparecer muito na televisão ... eh::
- 545 há quem diga que a televisão compõe uma muralha de mediocriDAde ... que ela paga muito bem ... então as pessoas que estão lá dentro não deixam as de fora entrar ... então muitos artistas escritores ... ahn compositores gostariam de ... de ter acesso à televisão mas ela se fecha
- 550 ... na famosa muralha de mediocridade que agora é um pouco discutível ... e não se abre mas:: nesse dia ... eu estava aqui na minha sala ... sintonizei para o canal quatro ... um programa da::... Elizeth Cardoso ... *Brasil Som Setenta e Seis* -- eu gosto muito da Elizeth
- 555 Cardoso -- ... e daí a pouco quem eu vejo Marília Medalha ... cantan::do ... umas músicas lin::das ... e comum a presen::ça extraordinária ... eu acho:: ... a Marília Medalha uma das nossas atrizes MAIS significativas ... e ela está se dedicando muito à música popular e SEMpre -- creio -- sempre na carreira dela ela
- 560

se dedicou à nossa música ... vocês devem estar lembrados do sucesso ... ah da interpretação dela de *Ponteio* ... que fo/ do:: daquele menino

[  
 L2 *Ponteio*  
 565 L1 do:: ... como é que ele chama ? do autor do *Ponteio* ?  
 L2 Edu ... Edu Lobo não é ?

[  
 L1 Edu Lobo ... Edu Lobo ... que foi premiado num festival ...  
 L2 você sabe a história dessa premiação como é que foi ?  
 570 L1 ( ) eu não estou

[  
 L2 o:::  
 L1 bem lembrada  
 L2 o Buarque ...  
 L1 Chico Buarque  
 575 L2 o o Buarque queriam dar ... o prêmio para ele ... e ele brigou e disse

[  
 L1 ahn  
 L2 que não aceitaria ... não isso não é fofoca de:: de bastidor mas eu: ( ) você é autêntica ... e ele se negou ele disse que NÃO receberia se não fosse ... o:: ... se não recebesse TAMBém o *Ponteio*

L1 o *Ponteio*  
 L2 e:: e: e *Ponteio* é uma música maravilhosa aliás uma coisa

[  
 L1 ( ) música maravilhosa ...  
 585 L2 linda ... ( ) mesmo tempo que foram

[  
 L1 pois é mas aí não há ...  
 L2 premiadas as duas não é ?  
 L1 aí a Marília então ... ahn ... eh cantou lindamente ... e mais do que cantar eu acho que a Marília tem uma força dramática muito grande o que faz (com) que se suponha nela ... uma atriz dramática que não foi aproveitada ... e é tão raro ... que o ator nosso tenha esses dois predicados ... sabia interpretar:: ... e tenha uma boa VOZ:: e conhecimentos musicais ... que eu :: disse a ela que ela ah ela ainda não se conhecia ela ainda não tinha se percorrido porque ela ainda poderia ser ... a estrela de um grande musical ... por causa da força interpretativa dela ... que não é comum ... não é ? nós temos às vezes grandes cantores popula::res ... mas que

600 não SAbem interpretar às vezes não sabem nem sequer dizer:: ... as palavras se perdem ... ((buzinas)) e ela não ela:: ... ela interpreta magnificamente ...

L2 é família toda interessante inteligente ela o irmão ... o irmão é maestro né ?

605 L1 (que) acho que não ...

[  
 L2 o irmão ela tem uma irmã que é poetisa que é muito inteligente também (né ?)

[  
 L1 é mas eu acho que não l.

[  
 610 L2 jornalista e poetisa  
 L1 eu acho que o maestro Júlio Medaglia ele é Meda-gli-a e ela é Medalha com L e II

[  
 L2 eu acho que ela modificou e ele é irmão dela ...

615 L1 não não ... ((clique)) parece que não ... eu não POsso jurar sobre os evangelhos mas me parece que ... ahn:: ela seria Medalha com L e II ...

[  
 L2 eu acho que ela modificou seu nome ... ela ( ) nome

620 L1 e ele MeDA-glia  
 L2 ( ) ... tenho impressão ...  
 L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça jornalista ...

L2 poetisa  
 625 L1 poetisa ...  
 Doc. e sobre o cinema ... o cinema atual ?

[  
 L1 o cinema nacional?  
 olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro eu tenho visto muito pouco ... eu vi: o ano passado um filme que me deixou MUIto impressionada ... porque esse filme ... aliás vi dois filmes ... nacionais ((batidas de hora de relógio))

L2 *Rainha Diaba*  
 L1 é *A Rainha DiAba* ... que me pareceu assim cem por cento nacional ... sem nenhuma influência ... de daqueles:: filmes ... de gangsters americanos né? que era um marginal bem NO::sso aquele marginal ((rindo)) pobre triste com as ... peculiaridades NOssas do submundo nosso ... e aquele tirado da ... do Marques Rebelo

- 640 *A Estrela Sobre* ... que eu também achei magnífico ...  
como retrato de uma época ... como justiça que o cinema  
fez a um grande escritor ... que foi Marques Rebelo ...  
então são dois filmes ... foram acho que foram os dois  
únicos filmes nacionais
- [
- 645 L2 vamos esperar *A Muralha* não  
L1 agora vamos ver se vai sair
- [
- L2 se Deus quiser  
L1 *A Muralha* né ?  
L2 é
- 650 L1 vamos ver há tanto tempo prometida
- [
- L2 ( ) Dinah está com:: ... boas  
esperanças de levar agora *A Muralha*
- [
- L1 mas agora estão dizendo que  
estão passando aí um filme muito bom *O Predileto*  
não é ? ... você ouviu falar ?
- 655 L2 é ( )  
L1 diz que é um filme também nesta linha brasileira ... até  
achei graça uma amiga minha disse ... "eu gostei muito  
do filme ... porque ele tem sobretudo ... uma cafonice  
bem brasileira ((rindo)) ...
- 660 L2 ah  
L1 retratando determinado mundo" ... eu acho que é muito  
bom ... que o Brasil em literatura pelos seus grandes  
escritores há bastante tempo ... já deixou de ter o seu  
cordão umbilical ... preso à Europa ... e:: e todo o:: ...  
toda a América Latina já se desprende ... desse cordão  
umbilical fazendo uma literatura muito ... da terra muito  
do homem ... nativo ... que é o caso de Gabriel Garcia  
Márquez ... e de tantos outros e aqui:: ... no Brasil ...  
670 Jorge Amado e tantos outros ... e:: então agora ...  
no cinema parece também que está havendo essa  
desvinculação ... do figurino europeu do figurino  
americano ... infelizmente há muito também da chamada  
porno-chanchada não é ? ... que é uma maneira comercial  
675 mas o que se pode dizer ... da porno-chanchada aqui se  
ela impera na França se ela impera no
- [
- L2 H. ...  
L1 mundo todo  
L2 um belo filme foi *Orfeu do Carnaval*

- 680 L1 foi ... mas esse já é antigo e foi uma co-produção não é?
- [
- L2 já antigo já faz  
muito tempo é  
L1 mas foi uma CO-produção...  
L2 co-produção ( ) com a Argentina ?
- 685 L1 agora você vê:: a gente ima/ não não uma co-produção  
francesa ...  
L2 francesa ?  
L1 com::  
L2 muito bonito aquele filme
- [
- 690 L1 com o Camus que seria até um parente do  
Albert Camus não é? que era o ... o o ... o diretor do ...  
do *Orfeu do Carnaval* ... agora você vê não teve  
seqüência ... depois então houve um hiato grande ... com  
más produçõ::es ... e agora ... eu acho ( ) é é estamos  
695 vendo ... a tentativa de um cinema ... mais ... expressivo  
do que seja ... do Brasil ... eu tenho confiança nesse  
cinema ...

### 1. Identificação do texto

Trata-se de um diálogo entre dois informantes do Projeto NURC/SP (Inquérito 333, linhas 534 a 697) (CASTILHO e PRETI 1987:234-264). O locutor 1 (L1) é uma mulher, de sessenta anos, viúva, jornalista, paulistana, de pais paulistanos; o locutor 2 (L2), também mulher, de sessenta anos, viúva, escritora, paulistana, de pais paulistanos. Como se vê, os dados relativos às interlocutoras fazem prever um diálogo bem equilibrado, ou melhor, uma conversação simétrica (MARCUSCHI 1986:16): têm elas a mesma idade, o mesmo sexo, o mesmo nível cultural e idêntica posição na sociedade. Até as profissões são próximas, ambas relacionadas com a comunicação e o uso da língua. O equilíbrio de papéis na conversação aparece, por exemplo, na escolha dos pronomes de tratamento: uma se dirige a outra com "você". No entanto, outros elementos mostram um desequilíbrio conversacional que, se não é devido às diferenças de condições sócio-econômicas e culturais, explica-se por fatores de estilo e de temperamento na condução do diálogo. Não há dúvida de que a locutora 1, a jornalista, fala bem mais que a escritora, ou seja, conserva seu turno por mais tempo, e dirige, de uma certa forma, a conversação: toma e atribui turnos, controla em geral o assunto, responde sempre em primeiro lugar às perguntas do docu-

mentador. Em suma, tem-se uma conversação simétrica quanto aos papéis conversacionais relacionados com o estatuto sócio-econômico e cultural das participantes do diálogo, mas assimétrica quanto às características individuais das interlocutoras.

Esse diálogo faz parte de uma pesquisa lingüística, foi gravado por um documentador presente e, por isso, está sujeito a uma série de viesamentos – caráter mais de entrevista que de conversação, preocupação com o documentador e com o público. Mesmo assim, é um dos diálogos do material do NURC que mais se aproxima do que se convencionou chamar de conversação espontânea ou natural. Em outras palavras, essa conversação tem o caráter mais intimista do diálogo entre "eu e você, aqui e agora", que parece caracterizar uma conversação espontânea. Isso se deve, sem dúvida, ao fato de que as duas mulheres já se conheciam e eram amigas de longa data e de que, justamente por terem papéis sociais semelhantes e mais ou menos públicos, se mostram menos preocupadas com o documentador, com a gravação ou com a "entrevista" em si mesma.

É preciso mencionar ainda que o tema do inquérito era o cinema, a televisão, o rádio e o teatro, assuntos a que ambas estavam afeitas e sobre os quais podiam conversar com naturalidade, sem medo de dizer impropriedades. Deve-se ressaltar o vínculo mais estreito da jornalista com o tema, pois atuava como crítica de televisão.

O inquérito é bastante longo (57 minutos, 30 páginas transcritas) e nele o documentador intervém nove vezes, geralmente para garantir que os diferentes aspectos do tema sejam abordados. Sua pergunta no trecho acima mostra, por exemplo, preocupação por passar de uma conversa sobre a televisão para a questão do cinema:

*Doc* e sobre o cinema... o cinema atual? (linha 626)

O texto que se vai analisar vem após a segunda intervenção do documentador, inclui sua terceira manifestação e termina com a quarta.

Na primeira intervenção ele introduz o tópico da televisão; na segunda, como o diálogo acabou por digirir-se mais para o problema da variação sociolingüística na televisão (ver capítulo sobre a interação), retoma o assunto:

*Doc* e como vocês vêem a evolução da TV? (linha 301)

As interlocutoras discutem, nessa parte, questões relativas à profissionalização da televisão brasileira e, sobretudo, às novelas e às oportuni-

dades que elas oferecem aos artistas nacionais. O trecho em exame inicia-se aí, com a pergunta que a segunda locutora dirige à primeira a respeito de sua crônica sobre Marília Medalha. O texto pode ser dividido em duas partes: a primeira, começada com a pergunta de L2, vai até a intervenção do documentador; a segunda, iniciada com essa manifestação, encerra-se com nova intervenção do documentador, ainda sobre o cinema.

## 2. Caracterização da correção

Nesse pequeno trecho é possível confirmar o que se disse no início, ou seja, que a correção é uma das características da conversação. Ocorrem nele por volta de trinta e três casos de correção. Vejase seu início:

L2 *II. você escreveu qualquer coisa muito interessante sobre a Marília Medalha e eu perdi essa sua:... o que foi que você disse sobre a Marília Medalha o ( ) me disse que era... que estava muito interessante este seu:... esta sua crônica*

Há aí três correções grifadas: em primeiro lugar, a locutora interrompe o que estava dizendo e corrige a direção da sua fala; no segundo caso, conserta o "era", substituindo-o por "estava"; no terceiro, corrige "este seu:..." (provavelmente **artigo, texto**) por "esta sua crônica".

Compare-se com parte de uma crônica dialogada de Drummond, em que as correções não aparecem (e tampouco outras marcas da fala, como a repetição):

### CASAMENTO

*A empregada do meu amigo Dorval pediu uma semana de férias para casar.*

*– Tudo bem – respondeu ele –. Mas você não casou no ano passado?*

*– Casei, sim, mas o casamento não aprovou. Era só de fim de semana.*

*– Como assim?*

*– O Jorge só aparecia lá em casa sábado de noite, passava o domingo com a gente, segunda de manhã se mandava.*

*– E você agüentou isso um ano, Rosemira?*

– Foi trato da gente. O Jorge dizia que casamento sete dias por semana é carrapato nas costas, não tem jeito de tirar. Eu concordei, mas o trato não deu certo.

– Você sentia falta dele nos outros dias, e ele de você, não é?

– Sentir eu sentia, não vou mentir para o senhor. Mas trato é trato, o senhor sabe que eu nunca faltei com a palavra.

– Isso é verdade.

– Eu ficava imaginando como havia de ser bacana ter o Jorge a meu lado toda noite, aquele carinho certo, aquela segurança em Cordovil, e de manhã ver o meu homem preparando o café para mim, antes da gente sair para a luta. Mas não dizia nada. (pp. 57-58)

Nesse diálogo entre patrão e empregada, a fala, representada pela escrita, flui sem correções de espécie alguma. Elas não aparecem ou são poucas, na escrita. As razões que explicam a alta frequência de correções na fala, em comparação com a escrita, são também as que diferenciam escrita e fala. Uma das especificidades da fala estaria no modo como se inscreve no tempo ou com ele se relaciona. Em outras palavras, quando se escreve um texto há dois momentos diferentes, o primeiro em que se elabora o texto, o segundo em que ele é efetivamente produzido. Dessa forma, é possível na escrita reelaborar o texto sem deixar marcas: revê-se o que se escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros, escondem-se as hesitações, evitam-se as repetições. O texto escrito é o resultado de todo um trabalho de reescrita, como na crônica de Drummond. Já na fala, isso não acontece, pois elaboração e produção coincidem no eixo temporal. Por conseguinte, as reelaborações que se fizerem necessárias deixarão marcas na fala: uma conversação oferece sempre pistas e traços das revisões, das reformulações, das mudanças de encaminhamento, sob a forma, entre outras, de correções.

A correção é, assim, um procedimento de reelaboração do discurso que visa a consertar seus "erros". O "erro" deve ser entendido como uma escolha do falante - lexical, sintática, prosódica, de organização textual ou conversacional - já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada.

Assim, no texto acima, a segunda locutora, formulou o seu discurso como "estava muito interessante este seu:..." e, provavelmente, iria dizer "artigo" ou "texto". Por algum motivo, quem sabe, a precisão, considerou ruim a escolha feita, mas como já tinha dito "este seu", prolongou a vogal final de "seu" e fez uma pausa, para ganhar tempo para reformular, e corrigiu sua fala, dizendo "esta sua crônica".

Pode-se, portanto, definir a correção, entre os atos de linguagem, como um ato de reformulação textual (GÜLICH e KOTSCHI, 1987). Os atos de reformulação textual são aqueles que têm por objetivo levar o interlocutor a reconhecer a intenção do locutor, ou seja, procuram garantir a intercompreensão na conversação, ou em qualquer outro tipo de texto.

Assim, ao reformular "este seu:..." como "esta sua crônica", a falante espera fazer sua interlocutora perceber sua intenção de precisão e, também, de valorização de seu trabalho no jornal, ao incluí-lo, como crônica, em um gênero situado entre o literário e o jornalístico. Essa possível interpretação da correção sustenta-se no fato de a falante ser uma escritora e defender, em outros momentos do diálogo, o papel do escritor e do poeta.

A paráfrase, examinada em outro capítulo deste livro, é também um ato de reformulação textual e tem a mesma função de assegurar a intercompreensão. A diferença entre a paráfrase e a correção está na natureza da relação semântica que existe entre o enunciado a ser reformulado e o enunciado reformulador. Examinem-se dois casos do texto:

1) *que foi do: daquele menino (linhas 562- 563)*

2) L2 *e: e: e Ponteio é uma música maravilhosa aliás uma coisa linda... (linhas 583-585)*

No primeiro exemplo tem-se um caso de correção: o "do" que deveria anteceder um nome próprio, esquecido, foi corrigido por "daquele menino". Há entre o enunciado reformulado "do + nome próprio" e o enunciado reformulador "daquele + nome comum de uso genérico, menino", uma relação de contraste, ou seja, há traços semânticos opostos ou contrários que distinguem o elemento corrigido do corretor: definição, determinação, especificidade vs indefinição, indeterminação, generalidade.

No segundo exemplo, o enunciado reformulado "uma música maravilhosa" mantém com sua reformulação "uma coisa linda" relação semântica de equivalência, no caso, parcial. Há entre eles uma grande quantidade de traços semânticos comuns: beleza, intensidade forte, etc. Trata-se de uma paráfrase.

Os exemplos escolhidos mostram também que nem sempre é fácil ou possível distinguir correção e paráfrase. Se, na paráfrase, devem existir traços semânticos comuns, é claro que ocorrerão também traços semânticos diferentes. "Música maravilhosa" e "coisa linda" distinguem-se em vários

aspectos, tais como especificidade vs generalidade ou grau de intensidade do belo. Da mesma forma, se na correção devem surgir diferenças semânticas, traços comuns existirão para garantir a possibilidade de comparação, de relação. No exemplo acima, tem-se uma série de traços semânticos comuns, como "ser humano" e "sexo masculino". O fato é que todas as relações semânticas pressupõem semelhanças e diferenças, ou seja, oposições a partir de mesmos eixos semânticos. Como diferenciar assim os atos de reformulação textual? Pela organização mais global da conversação pode-se, na maior parte das vezes, definir se o objetivo da reformulação foi marcar a intenção do locutor com uma diferença de sentido, na correção, ou assinalar essa intenção, por reforço, com a paráfrase. Há, ainda, certas expressões lingüísticas, denominadas marcadores e examinadas em outro capítulo deste livro, que facilitam, muitas vezes, essa determinação: as expressões isto é e aliás, do exemplo citado, marcam em geral a paráfrase, o advérbio não, a correção, como na fala abaixo:

L1 *não não ... parece que não... eu não POSSO jurar sobre os evangelhos mas me parece que... ahn:: ela seria Medalha com L e H... e ele MeDA-glia*  
(linhas 615-620)

Resta lembrar que nem sempre importa diferenciar a correção da paráfrase. Algumas vezes há casos intermediários em que essa distinção se anula e interessa apenas saber identificar que houve uma reformulação e que, com ela, o locutor procurou obter maior intercompreensão no diálogo. É o caso da reformulação que segue:

L1 *eu:: disse a ela que ela ah ela ainda não se conhecia ela ainda não tinha se percorrido (...)*  
(linhas 594-596)

"Ela ainda não se conhecia" é reformulado por "ela ainda não tinha se percorrido". Pode-se ver aí tanto uma correção quanto uma paráfrase: há uma relação de diferença, pois a questão não é apenas de conhecimento próprio ("conhecer"), mas de consciência de todas as suas potencialidades ("percorrer"), e também de proximidade semântica, dada pela contigüidade de sentido da metonímia "percorrer-se para conhecer-se". Escolher, nesse caso, um ou outro caminho não faz avançar o entendimento da conversa-

ção. Melhor dizer que há uma reformulação e que se neutralizaram as oposições entre correção e paráfrase.

Em suma, a correção deve ser entendida como um procedimento de reelaboração do discurso, com o fim de torná-lo mais "correto" ou "adequado", segundo o ponto de vista de um ou de ambos os participantes do diálogo, para, dessa forma, levar o interlocutor a reconhecer a intenção do falante e garantir a intercompreensão na conversação. Em outros termos, tornar o discurso mais "correto" é um meio para assegurar a compreensão no diálogo.

Essa concepção alarga os horizontes da correção. Não se trata mais de pensar apenas na correção de erros gramaticais, mas de considerar o conhecimento das estratégias de correção como parte da competência do falante para produzir textos e do ouvinte para compreendê-los. As regras e mecanismos da conversação incluem as atividades de correção.

### 3. Classificação das atividades de correção

Tendo como critério o modelo da conversação em sistema de turnos de fala (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974), de que se tratou em outros capítulos deste livro, distinguiram-se dois tipos de correção, a reparação e a correção propriamente dita.

#### 3.1 Reparação

Deve-se entender a reparação como a correção de uma infração conversacional: os interlocutores cometem "erros" no sistema de tomada de turnos, violam as regras da conversação e essas falhas e desobediências são reparadas.

As regras conversacionais estabelecem que deve haver pelo menos uma troca de falante na conversação. Com base nessa regra, pode sofrer reparações, por exemplo, o participante do diálogo que falar o tempo todo e não ceder a palavra aos demais. Assim, no diálogo em exame, a segunda locutora algumas vezes toma a palavra da primeira, em geral com sobreposição de vozes, como um meio de reparar as longas falas da primeira, que, já se disse, domina a conversação:

L1 *retratando determinado mundo"... eu acho que é muito bom... que o Brasil em literatura pelos seus grandes escritores há bastante tempo... já deixou de ter o seu cordão umbilical... preso à Europa... e:: e todo o:... toda a América Latina já se*

*desprende... desse cordão umbilical fazendo uma literatura muito... da terra muito do homem... nativo... que é o caso de Gabriel Garcia Márquez... e de tantos outros e aqui... no Brasil... Jorge Ama::do e tantos outros... e:: então agora... no cinema parece também que está havendo essa desvinculação... do figurino europeu do figurino americano... infelizmente há muito também da chamada pornochanchada não é?... que é uma maneira comercial mas o que se pode dizer... da pornochanchada aqui se ela impera na França se ela impera no*

- L2 I  
H. ...  
L1 mundo todo  
L2 um belo filme foi Orfeu do Carnaval (linhas 662-679)

Vê-se com clareza, nas linhas grifadas a tentativa de reparação de L2, que procura ter vez, após a longa fala de L1.

Há regras de atribuição de turnos na conversação e, segundo uma delas, a de preferência, o falante corrente escolhe o falante seguinte. Nessa conversação, a regra da preferência é, em parte, burlada. Quando o documentador pergunta, sua questão é dirigida às duas interlocutoras, como uma forma de iniciar a conversa. No entanto, é sempre a primeira locutora quem responde, como se o turno lhe tivesse sido atribuído (ver capítulo sobre a interação verbal).

- 1) Doc gostaríamos que dessem (...)  
L1 olha I... eu... como você sabe...(linhas 1-3)
- 2) Doc e como vocês vêem a evolução da TV?  
L1 a evolução da TV... eu estou vendo: (...)  
(linhas 301-302)
- 3) Doc e sobre o cinema... o cinema atual?  
L1 [ o cinema nacional?  
olha o cinema na/ o atu/ o atual brasileiro  
eu tenho visto (...)  
(linhas 626-628)
- 4) Doc e quanto ao teatro?... poderiam comentar alguma coisa?  
L1 olha eu costume dizer:: ao (...)  
(linhas 808-809)
- 5) Doc (...)... e o que vocês acham que seria uma televisão ideal numa comunidade como São Paulo?  
L1 olha eu acho que a televisão (...)  
(linhas 907-910)

- 6) Doc vocês acham então que o noticiário em TV tem melhorado bastante?

L1 [ tem pode melhorar mais...( )  
(linhas 988-990)

- 7) Doc e problemas como o Sílvio Santos como vocês entendem?

L1 o problema do Sílvio Santos é (...)  
(linhas 1068-1069)

- 8) Doc (...)... e só para terminar vocês acham que no futuro a TV vai realmente sobrepujar o cinema?

L1 olha... eu não digo (...)  
(linhas 1188-1191)

Em duas das questões (3 e 6), L1 começa mesmo a responder antes de o documentador ter terminado a pergunta. Tanto é assim, que, na sua última intervenção, o documentador procura reparar a infração de L1 que responde sempre às questões propostas às duas. Depois de uma longa fala de L1, que L2 tentara, por duas vezes, interromper sem sucesso, o documentador dirige de novo sua questão única e diretamente a L2:

Doc e a dona I. também...

L2 ah sim naturalmente nem há nem há dívida...nem há dívida

(linhas 1215-1217)

Outra regra da conversação constantemente desobedecida e reparada, é a de que, em qualquer turno, fala um de cada vez. Na conversação em exame, há várias sobreposições de vozes, na maioria das vezes provocadas pela primeira locutora que, como se viu, desequilibra e domina a conversação. Essas sobreposições são reparadas apenas de modo implícito e, mesmo assim, as reparações não são muito frequentes: a segunda locutora insiste, muito raramente, na sua vez, heterorreparando a falta da outra; a primeira locutora desiste da fala que tomou e realiza uma auto-reparação, também pouco comum pelas razões de traços de personalidade assinalados.

Além disso, o participante do diálogo que assalta o turno, isto é, que toma a palavra sem que a vez lhe tenha sido atribuída, geralmente com so-

breposição de vozes, pode igualmente sofrer reparação ou reparar ele próprio a infração cometida. Vejam-se no texto as linhas 583-588:

- L2 *e:: e:: e Ponteio é uma música maravilhosa  
aliás uma coisa [*  
L1 *( )música maravilhosa...*  
L2 *linda ... ( ) mesmo tempo que foram  
[*  
L1 *pois é mas aí não há ...*  
L2 *premiadas as duas não é ?*  
L1 *aí a Marília então... ahn... eh  
cantou lindamente... e (...)*

A primeira locutora estava falando de sua crônica sobre a Marília Medalha, foi interrompida pela segunda locutora que contou a história da premiação de **Ponteio**. No trecho citado acima, L1 está tentando reparar a falta de L2, retomando a fala. Ela começa dizendo "aí a Marília", seguindo-se uma série de elementos que lhe dão o tempo necessário para o prosseguimento de seu discurso ("então" pausa "ahn" pausa "eh"), pois até o momento sua fala tivera por objetivo apenas a recuperação do turno.

Três observações devem ser feitas depois dos casos apontados. A primeira delas refere-se ao fato de ocorrerem auto e heterorreparações, ou seja, o próprio falante repara suas falhas ou elas são consertadas pelo interlocutor. Essa questão será retomada quando forem apresentadas as correções propriamente ditas.

A segunda observação é a de que, nesse diálogo, as reparações são sempre indiretas ou implícitas, isto é, aparecem sob a forma de tomada ou de devolução de turno, de sobreposição de voz, de manutenção da voz ou de formulação de novas perguntas. Não há reparações diretas em que o falante, de quem tomaram a vez, retruque, por exemplo, algo como "era eu quem estava com a palavra" ou "como eu dizia, antes de ser interrompido" ou ainda "não lhe dei a palavra". Tampouco aquele que interrompeu o outro diz "desculpe-me, você estava falando", em um caso claro de auto-reparação.

Tais fatos se devem ao que se poderia considerar como terceira observação, a de que a reparação está diretamente ligada à organização da conversação. A organização da conversação varia segundo variem as culturas ou os grupos e os tipos de conversação dentro de uma mesma cultura. As regras mudam e, com elas, as infrações cometidas e os mecanismos de reparação. O diálogo em exame aproxima-se do modelo de uma conversação espontânea, mais interativa, pelas razões já apontadas de equilíbrio de

papéis sociais e de intimidade entre as interlocutoras. Mesmo assim, certas características do diálogo o afastam de uma conversação natural, tais como a presença do documentador que faz que os informantes não falem apenas um com o outro, mas se dirijam também ao documentador que grava a conversa e àqueles que examinarão o material registrado. Com isso, os participantes dos diálogos estão, muitas vezes, mais preocupados com o documentador e analistas do que com seus interlocutores. O diálogo perde grande parte de seus traços polêmicos, diminui a agressividade, afrouxam-se os laços entre os sujeitos.

Explica-se, dessa forma, a ausência de reparações diretas na conversação em exame. Embora as interlocutoras sejam falantes seguras de seus papéis e posições e se conheçam bastante bem, não estando, portanto, particularmente preocupadas com o "público", não há como negar um certo desvio na conversação em que se alarga a circulação do dizer e se afrouxam as relações interativas. Além disso, outras razões justificam a falta de reparações e podem ser encontradas no fato de que escritora e jornalista falam realmente "bem" e conhecem as regras da conversação.

O exame dos procedimentos de reparação está, pode-se notar, intimamente ligado ao estudo da organização do diálogo, pois tais mecanismos variam em função dos tipos de texto, das regras conversacionais e do modelo cultural.

### 3.2 Correção

As correções que não se aplicam a infrações às regras conversacionais são denominadas correções propriamente ditas ou simplesmente correções. A elas aplica-se a definição genérica de correção como um ato de reformulação, cujo objetivo, ao consertar "erros" e inadequações, é assegurar a intercompreensão no diálogo.

Os exemplos que seguem mostram algumas correções no texto:

- a) L2 *eu acho que ela modificou  
e ele é irmão dela...*  
L1 *não não... ((clique)) parece que não.. eu não  
POsso jurar sobre os evangelhos mas me parece  
que... ahn:: ela seria Medalha com L e H... e  
ele MeDA-glia (linhas 615-618)*
- b) L1 *(...) já deixou de ter o seu  
cordão umbilical... preso à Europa ... e:: e*



*todo o::... toda a América Latina já se  
desprende...desse cordão umbilical fazendo uma  
literatura muito... (...) (linhas 664-667)*

Nos dois casos já se pode perceber que há diferentes tipos de correção. Uma diferença facilmente notada é que, no exemplo **a**, L1 corrige L2; no exemplo **b**, a primeira locutora se corrige. Em **a**, tem-se uma heterocorreção, em que o falante comete o "erro" e seu interlocutor o corrige: L2 afirma ou "acha" que Júlio Medaglia é irmão de Marília Medaglia; L1 nega o fato ("não... parece que não") e afirma o contrário ("me parece que ... ahn:: ela seria Medaglia com L e H e ele McDaglia"). Em **b**, há uma autocorreção, em que o próprio falante se corrige: ela conserta "e todo o::", quem sabe, país, continente, por "toda a América Latina".

As heterocorreções são bem menos frequentes que as autocorreções no texto em exame. Há seis casos de heterocorreções e vinte e sete de autocorreções. Essa parece ser a regra geral (SCHEGLOFF, JEFFERSON e SACKS 1977; MARCUSHI 1986; GÜLICH e KOTSCHI 1987; BARROS e MELO 1990; BARROS 1990) e a preferência pela autocorreção pode ser explicada pelo fato de o falante procurar corrigir-se rapidamente na conversação, para evitar as consequências do erro.

As heterocorreções caracterizam conversações fortemente polêmicas ou cooperativas, em que os laços interativos são tensos. Não é o caso, como se viu, dos diálogos do NURC, marcados por interação fraca. Este diálogo, porém, por ser mais simétrico, com papéis sociais equilibrados e interlocutores que se conhecem bastante, como já se mencionou, aproxima-se mais do modelo de uma conversação natural e apresenta, portanto, mais casos de heterocorreções que os demais inquéritos. Veja-se, por exemplo, a longa seqüência de heterocorreções a respeito do parentesco entre o maestro e a artista.

Nessa seqüência há, além do caso acima citado, outra heterocorreção:

L1 *a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma  
moça jornalista...*  
L2 *poetisa*  
L1 *poetisa...* (linhas 622-625)

L2, que já afirmara acima que a irmã de Marília é jornalista e poetisa, corrige L1, que insiste em dizê-la jornalista. L1 aceita a correção e autocorrige-se, repetindo "poetisa".

No diálogo em exame nem sempre o falante corrigido aceita a correção, como ocorreu no exemplo acima. Veja-se o caso que se segue:

L2 *o Buarque...*  
L1 *Chico Buarque*  
L2 *o o Buarque queriam dar... o prêmio para ele...  
e ele (...)*

(linhas 573-575)

L1 corrigiu L2, substituindo "o Buarque" pela escolha mais precisa de "Chico Buarque", mas L2 insistiu e manteve, apesar da hesitação inicial, "o o Buarque".

Resta lembrar, ainda, sobre as heterocorreções, que, como se esperava, as heterocorreções são, em geral, efetuadas pela primeira locutora, a jornalista, que domina a conversação. A única reação da segunda locutora é teimar um pouco, como no exemplo do Chico Buarque.

Pode-se incluir também, entre as heterocorreções, um recurso linguístico que não é exatamente uma correção, mas dela se aproxima. Trata-se da negação polêmica (DUCROT, 1973), tampouco muito frequentes nesta conversação:

L2 *que não aceitaria... não isso não é fofoca de::de  
bastidor mas eu: ( ) você é autêntica... (...)*

(linhas 578-579)

O falante corrige uma voz subentendida (em outros casos, pressuposta), que se identifica com o público, com o senso comum e que afirma, no exemplo acima, de modo implícito, que essa história da premiação de **Ponteio** é fofoca de bastidor.

As demais correções são autocorreções que, por sua vez, podem acontecer no mesmo turno em que o "erro" é cometido ou em outros turnos. São mais comuns as autocorreções no mesmo turno e, em geral, na mesma frase, pois a pressa em corrigir-se é garantia de correção "em tempo" (JEFFERSON, 1974) e o falante procura não perder a oportunidade de reparar um erro (MARCUSCHI, 1986). Na conversação em exame não há autocorreções em turnos diferentes, devido a esses motivos gerais e também ao desequilíbrio do diálogo já repetidas vezes mencionado. L1 retém o turno por mais tempo, responde às perguntas do documentador, geralmente inicia ou conclui tópicos e utiliza, por conseguinte, com maior frequência a correção: são dezenove autocorreções de L1 para oito de

L2. Como fala mais, "erra" mais; como domina a conversação, aproveita melhor a atividade verbal de correção para seus objetivos comunicativos. Há pouca ocasião, portanto, para correções em turnos diferentes.

Os dois casos de correção, **a** e **b**, anteriormente apresentados, não se distinguiram apenas por terem diferentes sujeitos que corrigem (uma hetero e uma autocorreção, respectivamente), mas também pela gradação da relação semântica que liga o elemento corretor ao elemento corrigido. Em **a**, nega-se o "erro" ("não não... parece que não") e afirma-se o "correto" ("me parece que ela seria Medalha com L e H e ele MeDaglia"). Trata-se de correção total. Já em **b**, tem-se uma forma atenuada de correção, em que não se nega o elemento anterior e apenas se amplia ou restringe, semanticamente, o termo corrigido: de "todo o:: (país, continente)" para "toda a América Latina". Nesse caso, a correção é **parcial** e confunde-se, muitas vezes, com a paráfrase.

Há no texto pouquíssimas correções totais e todas elas são heterocorreções. A opção pela correção total mostra que o falante procura assinalar fortemente o ato de correção e o erro a ser corrigido. No texto, isso só acontece quando o falante corrige seu interlocutor. Vejam-se as linhas 578-579, 615-620 e 685-686.

Falta mencionar que o elemento corrigido pode estar verbalizado, tanto total quanto parcialmente, ou apenas projetado:

L2                    (...) me  
disse que era... que estava muito interessante  
este seu::... esta sua crônica (linhas 536-538)

No trecho acima, há duas correções. Na primeira, o elemento corrigido "era" está verbalizado e é substituído por "estava", "consertando-se", assim, o aspecto, de durativo para pontual, ou seja, substitui-se o traço aspectual **durativo**, expresso lexicalmente pelo verbo **ser**, pelo traço pontual ou transitório, manifestado pelo verbo **estar**. Observe-se ainda que não se trata do aspecto durativo do imperfeito, presente nos dois casos, em "era" e "estava". Na segunda correção, o elemento corrigido foi apenas projetado nos seus determinantes "este seu::(artigo, texto), antes de ser substituído por "esta sua crônica".

Um exemplo de correção de elemento parcialmente verbalizado encontra-se em "... que fo/do:: daquele menino", com a interrupção lexical e

sintática de "fo/", corrigido por "do". A correção de "do::" por "daquele menino" é um caso de correção de elemento apenas projetado.

#### 4. Tipos de erros

Os mecanismos de correção propriamente dita são empregados para sanar "erros" diferentes. No texto em exame não há casos de correção de erros fonético-fonológicos (de pronúncia, por exemplo) ou morfossintáticos (erros de gramática normativa, entre outros). Duas locutoras habituadas ao trato com a língua e a falar em público vacilam pouco na "boa" pronúncia das palavras ou na concordância e regência verbal. Podem, quem sabe, ser consideradas correções morfológicas as mudanças de aspecto ou de tempo em "disse que era... que estava muito interessante" (p. 247, linha 537) (do aspecto durativo para o pontual) ou em "então são dois filmes... foram acho que foram os dois únicos filmes nacionais" (p. 250, linhas 643-644) (do presente para o passado).

Excetuados esses poucos casos, as correções do texto aplicam-se a "erros" semântico-pragmáticos, que devem ser entendidos tanto como impropriedades de informação quanto como imprecisões nas expressões de sentimentos e opiniões dos interlocutores:

- a) L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma  
moça jornalista...  
L2 poetisa  
(linhas 622-624)
- b) L1 (...) eu vi:: o ano passado um filme que me  
deixou MUito impressionada... porque esse filme...  
aliás vi dois filmes... nacionais  
(linhas 629-631)  
(o grifo é nosso)
- c) L2 (...) e ele se negou ele disse que NÃO receberia  
se não fosse... o::... se não recebesse TAMBém o  
Ponteio  
(linhas 579-581)  
(o grifo é nosso)
- d) L1 (...) e ela está se dedicando muito à música  
popular e SEMpre - - creio - - sempre na carreira  
dela ela se dedicou à nossa música...  
(linhas 559-561)

- e) L1 não não... parece que não... eu não POSSO jurar  
sobre os evangelhos mas me parece que... ah::(...)  
(linhas 615-616)

As impropriedades de informação são em geral resolvidas por meio de novas escolhas lexicais, como no exemplo a, ou graças a alterações de direção da conversação, como nos trechos grifados em b e c. Já nos exemplos d e e, as correções dizem respeito à relação entre os falantes, à expressão de seus sentimentos e opiniões e ocorrem pela introdução de "creio", em d, e de "parece que não... eu não POSSO jurar sobre os evangelhos", em e.

A grande frequência de correções semântico-pragmáticas reforça a idéia de que a intercompreensão é o objetivo fundamental da atividade de correção, seja a compreensão de conteúdos informativos, como em a, b e c, seja, principalmente, a compreensão das intenções do falante, em d e e.

### 5. Marcadores e padrões lingüísticos de correção

Há, sem dúvida, procedimentos lingüísticos que são utilizados nas atividades de correção, entre outras, e que constituem um padrão. Observem-se algumas situações:

- a) L2 (...) e eu perdi essa sua::... o que foi que(...)  
(linhas 535-536)
- b) L2 (...) me disse que era... que estava (...)  
(linhas 537)
- c) L2 ( ) este seu::esta sua crônica  
(linhas 537-538)
- d) L1 (...) fo/do:: daquele menino  
(linhas 562-563)
- e) L1 (...) que fo/do:: daquele menino  
(linhas 562-563)
- f) L1 do::... como é que ele chama?  
(linha 565)
- g) L2 Edu... Edu Lobo não é?  
(linha 566)

- h) L2 que não aceitaria... não isso não é fofoca (...)  
(linha 578)

- i) L2 (...) se não fosse...o::... se não recebesse (...)  
(linhas 580-581)

- j) L1 não não... parece que não (...)  
(linha 615)

- l) L1 olha o cinema na/o atu/o atual brasileiro (...)  
(linha 628)

- m) L1 (...) porque esse filme...aliás vi dois filmes(...)  
(linhas 630-631)

- n) L1 (...) e aquele tirado da...do Marques Rebelo (...)  
(linha 639)

- o) L1 (...) então são dois filmes... foram acho que foram(...)  
(linha 643)

- p) L1 (...) e::e todo o::... toda a América Latina (...)  
(linhas 665-666)

- q) L1 agora você vê:: a gente ima/não não não uma  
co-produção francesa...  
(linhas 685-686)

- r) L1 (...) do que seja... do Brasil(...)  
(linha 696)

Estão grifadas as ocorrências que ilustram os mecanismos utilizados. É fácil perceber que a pausa ... aparece em quase todos, sozinha (b, g, h, j, m, n, o, p), ou acompanhada de prolongamento de vogais (grafado::) (a, c, f, i, p), entre o "erro" e sua correção. O prolongamento de vogais também ocorre sozinho, na mesma posição, em e. Além desses recursos prosódicos outros são utilizados, como a interrupção lexical, sozinha, em d e q, e seguida da repetição, em l.

Todos esses procedimentos assumem papel na produção do falante: marcam suas dúvidas ou dificuldades em relação ao prosseguimento do discurso e, sobretudo, asseguram-lhe o tempo necessário à reformulação.

Assinalam também a correção certas expressões verbais como o **não**, em **h** e **q**, o **aliás**, em **m**. Esses marcadores de correção têm, por sua vez, a função de fornecer pistas para que o interlocutor perceba a correção e, por meio dela, a intenção do falante. Em outras palavras, são marcadores que assumem papel na interpretação de uma conversação.

Há correções que não empregam procedimentos de produção (pausas, repetições, prolongamentos, interrupções), nem marcadores da interpretação, mas são bem menos frequentes no diálogo:

- s) (...) foram **acho que** foram os dois  
(linha 643)
- t) L1 (...) e ela está se dedicando muito à música popular e SEMpre -- creio -- sempre na carreira dela ela se dedicou à nossa música  
(linhas 559-561)
- u) L1 (...) que eu:: disse a ela que ela ah ela ainda não se conhecia ela ainda não tinha se percorrido porque (...)  
(linhas 681-682)
- v) L2 já antigo já faz muito tempo é  
(linhas 681-682)

A ausência de marcadores de quaisquer tipos, caracteriza, em geral, certas classes de correções: as que visam apenas a precisar as opiniões e sentimentos do falante, como em **s** e **t**; as que se aproximam da paráfrase ou com ela se confundem, como em **u** e **v**, pois mais que corrigir, vêm elas reforçar a intenção do locutor. São, em ambos os casos, o que se poderia considerar como correções atenuadas.

## 6. Funções da correção

Desde o início deste capítulo definiu-se a função geral da atividade de correção como sendo a de assegurar a boa compreensão entre os participantes da conversação, pela reformulação de "inadequações" e "erros", de diferentes tipos ou níveis. Pode-se, agora, especificar a noção ampla de intercompreensão.

Quando L2 corrige "Edu" por "Edu Lobo" (linha 565) ou quando L1 corrige "porque esse filme..." por "aliás vi dois filmes... nacionais" (linhas 630-631) ou conserta e "todo o::" com "toda a América Latina", as correções têm por objetivo a adequação informativa, a precisão referencial. Nesses casos, o falante que corrige procura levar o ouvinte a bem compreender suas informações "objetivas".

Já na longa fala de L1, no início, (linha 541 e seguintes), há duas correções em que a locutora está interessada em assegurar a boa compreensão de suas opiniões e sentimentos ou mesmo em enfatizar seu papel social de crítica de televisão. Assim, interrompe suas considerações sobre Marília Medalha e afirma "eu gosto muito de Elizeth Cardoso" (linhas 554-555) ou reformula seu discurso pela introdução de "creio". Da mesma forma, L1 altera as perspectivas modais de sua fala graças à inserção de "acho que" ("foram acho que foram os dois... (p. 250, linha 643)) ou de "parece que" ("não não... parece que não" (p. 249, linha 616)). Os objetivos da correção, nesses casos, não são mais informativos, e sim enunciativos ou pragmáticos. As funções enunciativas ou pragmáticas garantem, na conversação, como se verificou, a compreensão das opiniões, crenças e sentimentos do locutor e o reconhecimento de seu papel social.

Reformulações que visem ao reconhecimento da posição social do falante, pela adequação à norma culta ou aos registros socio-lingüísticos do "bem falar", não ocorrem no diálogo em exame. As razões foram já apontadas: as interlocutoras são duas senhoras que, dificilmente, escapam às normas do registro culto padrão, mesmo em fala coloquial menos tensa. Basta observar, no diálogo, a preocupação delas com a linguagem, até nas escolhas temáticas. Fala-se de boas e de más pronúncias, no início da conversação (ver capítulo sobre a interação verbal) e, no trecho em estudo, da grafia correta de Medalha e Medaglia.

Além das funções informativas e pragmáticas, acima referidas, as correções têm, praticamente todas elas, objetivos interacionais. Em outras palavras, empregam-se as correções para a obtenção de cooperação e de participação na conversação e para o estabelecimento de relações de envolvimento emocional.

Veja-se a heterocorreção que segue:

- L2 o Buarque ...
- L1 Chico Buarque (linhas 573-574)

em que L1, ao completar o nome de Chico Buarque, dito por L2 consegue reintroduzir-se no diálogo.

Ao corrigir e, principalmente, ao corrigir seu interlocutor, o falante encontra, muitas vezes, uma forma de participar da conversação ou de cooperar para o seu andamento, pois, para reformulá-la, repete ou retoma a contribuição do outro e, desse modo, se introduz na conversa e contribui para desenvolvê-la.

Mesmo a mais violenta correção, por ter esse caráter de retomada, é sempre, da mesma forma que a repetição (TANNEN, 1985, 1986), um meio de compartilhar o discurso. Deve-se entender por compartilhar não só a cooperação acima apontada, mas também o envolvimento emocional que se cria entre os participantes da conversação. Em outras palavras, com a correção mostra-se atenção e interesse pela fala do interlocutor, mesmo que dela se discorde.

No primeiro turno do texto, L2 corrige-se três vezes. Essas correções têm, sem dúvida, objetivos informativos de busca de precisão ou de adequação referencial, na substituição, por exemplo de "este seu (artigo, texto)" por "esta sua crônica" ou na do aspecto durativo de "era" pelo pontual de "estava". Observa-se, no entanto, que, mais que objetivos de boa compreensão cognitivo-informativa, as correções acima procuram estabelecer laços interacionais, mais especificamente, laços de envolvimento intersubjetivo ou emocional. L2 mostra, por exemplo, com as correções, e não com elogios fáceis, que valoriza o trabalho da amiga, ao lhe atribuir o estatuto quase literário da crônica. Criam-se ou mantêm-se laços de afinidade e de familiaridade.

O sentimento de familiaridade é um dos efeitos de conversações ricas em correção. Corrigir é fazer passar, entre outras, uma "metamensagem de envolvimento pessoal" (TANNEN 1986). Há um bom exemplo nas linhas 622-625:

- L1 a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma  
moça jornalista...  
L2 poetisa  
L1 poetisa...

L2, a escritora, já dissera, um pouco antes, que a irmã de Marília Medalha era poetisa e jornalista, com ênfase no ser poetisa ("ela tem uma irmã que é poetisa que é muito inteligente também (né?) jornalista e poetisa"). Dessa forma, quando L1 afirma que a moça é jornalista, L2 corrige e L1 repete a correção, aceitando-a e reconhecendo o caráter cooperativo dessa correção.

Já na correção anteriormente citada do nome de Chico Buarque, não há aceitação da correção:

- L2 o Buarque...  
L1 Chico Buarque  
L2 o o Buarque queriam dar... (...)

L2 mantém "o Buarque". Esse fato parece indicar que L2 sabe que L1 lhe deixara pouco espaço na conversação e também que, por isso mesmo, não considera a reformulação proposta por L1 como uma tentativa de cooperação e sim como mais uma forma de intromissão.

Observa-se, com isso, que a relação de interação resultante das atividades de correção inclui os dois aspectos das relações intersubjetivas, o do contrato, da cooperação e o da polêmica, do desacordo.

Dessa forma, mesmo em um diálogo claramente cooperativo como este, em que várias vezes uma locutora repete ou retoma a fala da outra, para passar uma "metamensagem de afinidade e de familiaridade", o ato de corrigir e, sobretudo, de corrigir o outro, é uma forma de exercer controle sobre o parceiro, de mostrar saber e poder, de brigar pela direção da conversação, de acentuar as diferenças e discordâncias entre os interlocutores. Esses traços polêmicos aparecem mais acentuadamente nos momentos em que cada locutor procura bem impressionar o documentador ou em que quer assumir a vez na conversação. Examinaram-se já vários casos. O mais marcado pela polêmica é a longa seqüência de heterocorreções, com vozes sobrepostas, sobre um possível parentesco entre Marília Medalha e Júlio Medaglia (linhas 603-621). L2 afirma o parentesco, L1 corrige L2 e L2 insiste no fato (no "erro"). Uma vez mais L2, como uma débil reação à dominação conversacional de L1, persiste em suas afirmações, mesmo quando corrigida.

## 7. Algumas conclusões

Neste capítulo examinou-se um diálogo do Projeto NURC/SP, a partir dos procedimentos de correção nele encontrados. Foram considerados, para a análise, os seguintes tipos de correção:

- A) reparação:  
a) auto-reparação e heterorreparação;  
b) reparação direta e indireta;

B) correção propriamente dita:

- a) autocorreção e heterocorreção;
- b) autocorreção no mesmo turno e em turnos diferentes;
- c) correção total e correção parcial;
- d) correção com o elemento corrigido totalmente verbalizado, parcialmente verbalizado ou apenas projetado;
- e) correção de "erro" fonético-fonológico, morfossintático e semântico-pragmático;
- f) correção com marcadores e sem marcadores;
- g) correção com função informativa, pragmática e interacional.

Outros tipos de correção podem ocorrer em textos diferentes. São essas, porém, as grandes classes que organizam os atos e estratégias de correção na conversação.

O exame principalmente das funções de correção e de reparação no diálogo do NURC veio comprovar, como já fora apresentado no início do capítulo, que o conhecimento das estratégias de correção faz parte da competência necessária à produção e interpretação de textos. As relações entre as interlocutoras organizam-se segundo a presença ou ausência de correções e de reparações e segundo o tipo delas: há momentos de aproximação e afetividade, outros de cooperação na conversação, outros ainda de disputa de vez e de voz.

Apresenta-se a seguir o esqueleto da conversação, decorrente das atividades de correção. O exame de outros procedimentos, como a paráfrase ou a repetição, viria reforçar ou completar o arranjo das relações intersubjetivas.

O texto começa com a fala de L2 que mostra, pelas correções já examinadas, interesse em interagir: elogia, passa uma mensagem de afinidade. Na longa fala de L1 que segue, a locutora assinala sua perspectiva, seus sentimentos, seu modo de ver e de pensar, nas correções pragmáticas. Ainda nesse turno, há correções devidas a falhas de memória (PRETI, 1991). Em seguida, L2 volta à conversação com a história da premiação de **Ponteio**, interrompendo L1. L1 procura, então, reaver a vez corrigindo L2 (o nome de Chico Buarque), mas L2 "bate o pé" e não aceita a correção. Finalmente, L1 retoma o turno (linha 588) e efetua correções, sobretudo, parciais, que se aproximam da paráfrase e servem para reforçar suas intenções. L2 interfere com a questão do parentesco entre Marília Medalha e Júlio Medaglia, a que seguem as heterocorreções mais polêmicas da

conversação, com L1 corrigindo e L2 insistindo. O diálogo prossegue quando L1 passa a falar da irmã de Marília Medalha e, dessa vez, é L2 quem corrige L1 (a correção de "jornalista" por "poetisa"). Como era esperado pelas características de L1, mais segura, L1 aceita a correção. Termina aí a primeira parte do texto.

Na segunda parte, L1 responde à pergunta do documentador, embora ela não lhe tenha sido diretamente endereçada. Seguem-se duas autocorreções de L1, de tipo cognitivo-informativo, que deixam bem esclarecidas quais são as idéias da locutora sobre o atual cinema brasileiro, e uma correção pragmática que confirma suas crenças e convicções (linha 643). Há depois uma grande seqüência (p. 250), com poucas correções, em que se alternam e se sobrepõem vozes, que se repetem e concordam entre si. É a fase mais cooperativa do texto em exame. Para terminar o diálogo, encontra-se uma heterocorreção, em que L1 se interrompe apenas para corrigir L2 (linha 685), seguida de uma fala de L1 em que, uma vez mais, a locutora precisa suas opiniões.

Podem ser observados nesse esquema, os papéis interacionais assumidos pelas interlocutoras e que foram sendo delineados no decorrer da análise: o domínio de L1, o bom uso que faz das correções, sobretudo pragmáticas e também como recurso para recuperar a vez, a insistência de L2 e assim por diante.

Finalmente, é possível ainda concluir que, se a atividade de correção produz efeitos de relacionamento afetivo e emocional, esses procedimentos e seus efeitos têm, por sua vez, papel na organização geral do texto, na construção de seus sentidos. Funcionam eles como mecanismos de persuasão que deverão ser interpretados. Produtora de efeitos de proximidade emocional, produtora de uma rede de relações intersubjetivas, a correção pertence ao rol de recursos argumentativos e persuasivos empregados no texto. Em outras palavras, os procedimentos de correção criam no texto efeitos de verdade e, como tal, fazem parte de sua organização persuasivo-argumentativa e de sua estruturação geral.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de (1989). **Boca de Luar**. Rio de Janeiro, Record.
- BARROS, Diana L. P. de (1990). Procedimentos e funções da correção na entrevista. **Anais do XI Congresso da ALFAL**. Campinas, 1990 (no prelo).

- BARROS, Diana L.P. de & MELO, Zilda M. Z. C. (1990) Procedimentos e funções da correção na conversação. In: PRETI, Dino (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. vol. IV Estudos - São Paulo. T. A. Queiroz/ FAPESP.
- CASTILHO, A.T. de e PRETI, Dino (orgs.) (1987). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. vol.II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor/FAPESP.
- DUCROT, Oswald (1973). *La preuve et le dire*. Paris, Mame.
- GREIMAS, A. J. e COURTRES, J. (s-d). *Dicionário de Semiótica*. São Paulo, Cultrix.
- GÜLICH, Elisabeth & KOTSCHI, Thomas (1987). Les actes de reformulation dans la consultation. La dame de Caluire. In: BANGE. P. (org). *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*. Actes du Colloque tenu à L'Université Lyon 2, du 13 au 15 décembre 1985: Berna.
- JEFFERSON, Gail (1974) - Error correction as an interactional resource. *Language in society* 2: 181 : 199.
- MARCUSCHI, L. Antônio (1986) - *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática (Série Princípios).
- PRETI, Dino. (1991). *A linguagem dos idosos*. Contexto, São Paulo.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. E., & JEFFERSON, G. (1974) - A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation. *Language* 50: 696-735.
- SCHEGLOFF, E. E., JEFFERSON, G. & SACKS, H. (1977) - The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language* 53: 361-382.
- TANNEN, Deborah (1985). Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation. Georgetown University, Mimeo., 45 p.
- TANNEN, Deborah (1986). Ordinary conversation and literary discourse coherence and the poetics of repetition. Georgetown University, Mimeo.

## 7. O LÉXICO NA LÍNGUA FALADA

Ieda Maria Alves

### Introdução

Exporemos, neste trabalho, algumas considerações a respeito das características apresentadas pelo léxico na língua falada.

Os limites desta análise não nos permitem explicar todas as possibilidades lexicais que os falantes manifestam ao construírem um texto falado. Por essa razão, este trabalho baseia-se apenas num fragmento, de tipo Elocução Formal (EF), extraído do inquérito 338 do Projeto NURC/SP. Esse fragmento, abaixo transcrito, constitui parte de uma aula universitária, sobre Economia, que aborda o tema "Demanda de Moeda".

- 1     Inf.    (...) oferta de moeda... e nós vimos que existem dois tipos de oferta de moeda... dois agentes que oferecem... criam moeda... são... é o banco comercial isto é os bancos comerciais e o Banco ... Central...
- 5            certo? o Banco Central de uma forma mais direta e os bancos comerciais... através do mecanismo de multiplicação... ao emprestarem os... éh:..... o dinheiro que os depositantes deixam no banco... bom hoje então a gente vai começar... demanda de... moeda...
- 10          a gente quer saber agora... quais as razões que faz... que fazem com que... ah... (estou) meio preocupado (com o gravador) ((risos éh... faz fazem... éh:..... ah quais as razões que levam as pessoas a... demandarem moeda a procurarem moeda a guarDarem moeda... a moeda como tal... o que...
- 15          por que as pessoas retêm moeda ao invés... de comprar títulos... comprar artigos comprar imóveis... o que faz com que num determinado instante de tempo as pessoas tenham moeda... no bolso... ou seja quais os motivos que explicam a demanda de moeda... por que as pessoas procuram moeda por que as pessoas reTÊM moeda... essa é a nossa preocupação... hoje... ((tosse)) razões ou motivo
- 20

25 pelas quais as pessoas... éh:: demandam ... moeda...  
existem três motivos clássicos... pelos quais as  
pessoas... retêm moeda... são três motivos... ou três  
razões... que fazem com que se retenha moeda...  
existe uma... retenção de moeda uma demanda de  
30 moeda... por... motivo... transação... existe uma  
demanda de moeda por motivo... precaução... es/  
esses dois tipos de demanda de moeda já... já  
foram... éh discutidos pelos clássicos pelos  
economistas clássicos... Keynes... introduziu... uma  
nova razão pela qual as pessoas... demandam moeda  
35 guardam moeda... demanda de moeda por motivo  
especulação... então Keynes no fundo... ele... admitia  
os motivos transação e precaução e adicionou  
o motivo especulação... vamos então agora...  
discutir... cada um deles... ((tosse)) a demanda de  
40 moeda por transação... é... principal motivo pelos  
quais as pessoas... retêm moeda... necessitam de  
moeda... demandam moeda... ahn::... basicamente...  
ela se deve à diferença que existe entre as datas de...  
recebimento de renda de salário e os pagamentos  
45 que a gente efetua... ao longo do mês... basicamente  
a diferença entre data de pagamento e data de  
recebimento faz com que exista uma de/ ... uma  
demanda de moeda... uma retenção de moeda... as  
pessoas recebem no início do mês... mas não gastam  
50 de uma vez só... elas vão gastando... aos  
pouquinhos... elas são obrigadas a deixar... uma  
certa reserva para o:: cafezinho para o lanche... para  
o almoço... para os gastos normais... ou seja as  
pessoas recebem... o dinheiro num... no início do  
55 mês e vão gastando... de uma forma... gastando aos  
poucos ao longo do mês... de tal forma que ela sempre  
tenha alguma reserva algum dinheiro no bolso...  
enfim... é uma demanda de moeda para satisfazer as  
necessidades de... transações... e de... pagamentos...  
60 nós podemos resumir isso num exemplinho...  
numérico... e nós vamos verificar vamos tentar  
explicar por que... a demanda de moeda vamos  
dar essa notação demanda de moeda por motivo  
transação... é uma função... do nível de renda... ( )  
65 nível de renda nominal... vamos tentar mostrar por que  
que a demanda de moeda é uma função... do nível de  
renda... vamos supor... que um assalariado receba...  
um milhão e duzentos... no início do mês... e gaste  
de uma forma homogênea... gasta... quarenta

70 cruzeiros... por dia... de tal forma que... quando  
chegar no último dia desse mês ele fique exatamente  
a... zero... certo? quarenta cruzeiros por dia ao fim  
do trigésimo dia... ele está a zero... se ele não  
75 receber no dia seguinte ((risos)) está frito --...  
então... é de se supor vamos fazer aqui um  
esqueminha?... vamos colocar aqui o tempo... e aqui  
neste eixo... a quantidade... de moeda... retida ...  
que é a nossa demanda de moeda por transação --...  
então no primeiro dia ele recebe... mil e duzentos...  
80 no primeiro dia então ele tem mil e duzentos no  
bolso... ao fim do primeiro dia... ele gastou quarenta  
cruzeiros... certo? cafezinho transporte alimentos ...  
então ao fim do primeiro dia ele vai ter mil cento  
e sessenta ... no bolso... no segundo dia... ele gasta  
85 mais quarenta... então ao fim... do segundo dia ele  
tem... mil cento e vinte no bolso... e assim por diante...  
dentro dessa hipótese que ele gaste dessa forma  
homogênea... quarenta cruzeiros por dia... ao fim  
do trigésimo dia... ele não tem nada... de moeda no  
90 bolso... ele está a zero... mas... na manhã do dia (se)  
ah:: ou no... no fim da tarde dia trinta ele...  
recebe de novo... mil e duzentos: então ele vai ter de  
de novo no bolso... ah::... vai ter mil e duzentos  
novamente de... moeda... e comé/ e reinicia o...  
95 ciclo... então deve ocorrer algo deste... tipo... eu  
quero encontrar aqui uma... ah encontrar aqui uma  
expressão para a demanda... de moeda qual é o  
SALdo médio retido ou a quantidade de moeda retida  
ou demandada... certo? a demanda de moeda é  
100 sinônimo de retenção de moeda de guarda de moeda  
no bolso... de necessidade de moeda...

As gravações EF têm como característica comum a reprodução de uma aula ou conferência e, por isso, constituem inquéritos de caráter didático. Por tratarem de temas referentes a domínios técnicos ou científicos, esses inquéritos veiculam uma terminologia, um vocabulário técnico ou científico próprio de cada domínio analisado.

A aula universitária reproduzida no inquérito 338, a respeito da Economia, apresenta unidades léxicas da língua comum, compartilhada por todos os falantes, como também termos específicos dessa ciência: demanda de moeda, demandar moeda, demanda de moeda por motivo transação, oferta de moeda, entre outros. Ao mesmo tempo em que in-



trouza esses termos, o informante, o professor de Economia, vai explicitando-os aos seus alunos, e, para tanto, recorre a diferentes procedimentos.

### Características dos termos da Economia

A aula transcrita no inquérito estudado trata de demanda de moeda e estabelece uma sequência com a aula anterior, sobre oferta de moeda. Esses sintagmas nominais constituem termos específicos da Economia e, como se observa no inquérito, manifestam uma relação opositiva: demanda de moeda designa a atividade contrária à oferta de moeda.

Em sua exposição, o informante emprega sintagmas de caráter verbal, termos que também denominam conceitos relativos à Economia. Assim, a oferta de moeda, sintagma nominal, corresponde oferecer moeda, sintagma verbal:

" oferta de moeda... e nós vimos que existem dois tipos de oferta de moeda... dois agentes que oferecem... criam moeda... " (linhas 1-3).

a demanda de moeda corresponde demandar moeda:

" a demanda de... moeda... a gente quer saber agora (...) quais as razões que levam as pessoas a... demandarem moeda " (linhas 9-14).

O desenvolvimento da aula permite ao informante, o professor, a introdução de outros conceitos da Economia, cuja designação coincide com os processos característicos da denominação nos vocabulários técnicos e científicos: um elemento, de caráter determinado – demanda –, é expandido e explicitado. Desse modo, demanda de moeda, que já constitui um sintagma nominal, dá origem a três diferentes sintagmas nominais, que representam os motivos ou as razões da demanda de moeda: demanda de moeda por motivo transação, demanda de moeda por motivo precaução e demanda de moeda por motivo especulação.

Ao introduzir esses termos da Economia, o professor é consciente de que existe uma distância entre o saber que ele transmite e o saber próprio de seus alunos. Uma aula constitui um discurso pedagógico e os conceitos nela transmitidos devem ser explicitados para que, dessa maneira, possa ser reduzida e minimizada a distância entre os conhecimentos do mestre e os do aluno.

As definições dos termos, ou seja, as explicações apresentadas pelo informante do inquérito EF 338, permitem-nos associar sua aula às definições características de um dicionário, que contém, igualmente, um discurso pedagógico. Com razão assinala Dubois (1971: 49) que o texto do dicionário, ou texto lexicográfico, compartilha da mesma natureza das informações pedagógicas transmitidas pelo professor. Assim, a unidade lexical moeda, citada a título de exemplo, é definida ou explicada, no Novo dicionário da língua portuguesa, de Ferreira (1986), como "pequena placa de metal, geralmente circular, cunhada por autoridade soberana e usada, desde a Antigüidade, como meio de troca, de economia, ou como medida de valor". Conseqüentemente, por meio das definições, o aluno e o usuário do dicionário são convidados a participar do saber detido, respectivamente, pelo professor e pelo dicionarista, o autor do texto lexicográfico.

### Definições dos termos da Economia

Os termos explanados pelo professor de Economia, o informante do inquérito analisado, refletem os diferentes tipos de definições, de caráter técnico e científico, características dos textos lexicográficos (cf. Sager, 1990: 42-44).

As definições mais comumente empregadas pelo informante são as de tipo sinonímico, em que um elemento é substituído por outro(s), considerado(s) contextualmente equivalente(s)<sup>1</sup>:

" oferecem... criam moeda" (linha 3).

" demandarem moeda a procurarem moeda a guardarem moeda"  
(linha 14-5).

" uma demanda de moeda... uma retenção de moeda" (linha 47-8).

" a demanda de moeda é sinônimo de retenção de moeda de guarda de moeda no bolso... de necessidade de moeda"  
(linha 99-101).

Essas diferentes definições sinonímicas revelam características comuns. Observa-se, primeiramente, que um sintagma verbal é sempre definido por um sintagma verbal e, paralelamente, um sintagma nominal

(1) Convencionamos negritar o termo analisado e usar grifos para indicar os elementos definidores.

reaparece na definição de um sintagma nominal. Tal correspondência transparece igualmente nos textos lexicográficos, pois um verbo é sempre definido por um verbo ou um sintagma verbal (ex.: oferecer: "apresentar ou propor para que seja aceito, apresentar à vista ou ao espírito, expor, exibir..."), um substantivo por outro substantivo ou por um sintagma nominal encabeçado por um substantivo (ex.: demanda: "ação de demandar, ação judicial, processo, litígio, contestação...") (cf. Ferreira, op.cit.). Desse modo, as definições sinonímicas empregadas nos textos lexicográficos, como também no inquérito estudado, reiteram a classe gramatical de cada termo.

Ao propor essas definições sinonímicas, o informante permite-nos também constatar que os termos da Economia, sob forma sintagmática, são permutados por unidades léxicas de caráter não-científico. A substituição assim efetuada possibilita que o aluno do curso de Economia encontre equivalentes da língua comum, conhecidos por ele, para os termos científicos que lhe estão sendo apresentados.

Uma exceção a essa forma de exposição manifesta-se na passagem:

"as pessoas... retêm moeda... necessitam de moeda...  
demandam moeda" (linhas 41-2).

na qual os elementos definidores, não-científicos, precedem o termo demandar moeda.

Durante a apresentação do tema "demanda de moeda", o professor informante recorre a outros tipos de definições, que tendem a tornar sua exposição mais clara e mais facilmente interpretável por seus alunos. Por essa razão, evita a definição analítica, ou lógica, segundo a qual um termo é definido por um elemento genérico e seus traços específicos. De acordo com esse tipo de definição, o sintagma nominal demanda de moeda por motivo transação poderia ser assim definido: "retenção de moeda efetuada pelo assalariado que lhe permite o estabelecimento do equilíbrio entre receita e despesa". Nessa definição analítica, retenção de moeda representa o elemento genérico e os traços específicos, que distinguem demanda de moeda por motivo transação de outros tipos de demanda de moeda (por motivo precaução e por motivo especulação), são identificados no trecho compreendido entre efetuada e despesa.

Ao invés de valer-se desse tipo de definição, o informante opta pela definição por síntese, na qual são listados, além dos traços específicos do termo, elementos que com ele estabelecem variadas formas de relações. Essa fórmula definidora visa a mostrar aos alunos os objetivos, a utilização, as relações de dependência dos conceitos da Economia, expressos

sob forma de termos. Por meio desse recurso, o sintagma demanda de moeda por motivo transação é definido entre as linhas 40 e 64 do fragmento analisado:

"é... principal motivo pelos quais as pessoas... retêm moeda /.../ basicamente... ela se deve à diferença que existe entre as datas de... recebimento de renda de salário e os pagamentos que a gente efetua... ao longo do mês /.../ é uma demanda de moeda para satisfazer as necessidades de... transações... e de pagamentos /.../ demanda de moeda por motivo transação... é uma função de nível de renda".

Na sequência da exposição do professor, observamos que a definição por síntese é complementada por outro tipo de definição, denominada por denotação, que se manifesta mediante exemplos que põem em prática o conceito de demanda de moeda por motivo transação:

"as pessoas recebem no início do mês... mas não gastam de uma vez só... elas vão gastando... aos pouquinhos... elas são obrigadas a deixar... uma certa reserva para o cafezinho, para o lanche... para o almoço... para os gastos normais... ou seja, as pessoas recebem... o dinheiro num... no início do mês e vão gastando... de uma forma... gastando aos poucos ao longo do mês... de tal forma que ela sempre tenha alguma reserva algum dinheiro no bolso".

Esses dois mecanismos definidores, a definição por síntese e a definição por denotação, são também apresentados no início do texto, no momento em que o professor retoma a aula anterior. Na recapitulação dessa aula, o termo oferecer moeda é definido por síntese:

"existem /.../ dois agentes que oferecem... criam moeda... são... é o banco comercial isto é os bancos comerciais e o Banco... Central... certo?" (linhas 1-5);

e ainda por denotação:

"o Banco Central de uma forma mais direta e os bancos comerciais... através do mecanismo de multiplicação... ao emprestarem os... é... o dinheiro que os depositantes deixam no banco"

(linhas 5-8).

Assim, por meio desses tipos de definições, o informante do inquérito explicita os conceitos de Economia de diferentes maneiras: sinônimos (**definição sinonímica**), explicações (**definição analítica ou lógica**), relações diversas (**definição por síntese**), exemplos práticos (**definição por denotação**).

### Definições e reformulações parafrásticas

As definições propostas pelo professor informante a seus alunos correspondem, como já observamos, a tentativas de explicitação de fórmulas – os termos da Economia – antes apresentadas. Tais tentativas definidoras coincidem, portanto, com a reformulação de elementos anteriormente introduzidos e equivalem às atividades de reformulação parafrástica, mencionadas por Hilgert no capítulo "Procedimentos de reformulação: a paráfrase"<sup>2</sup>.

As reformulações parafrásticas mais usualmente empregadas pelo professor mostram que, entre os termos e suas respectivas definições, existe uma relação sinonímica. Nesses casos, as reformulações parafrásticas repetem a estrutura sintática manifestada pelos elementos reformulados e apenas revelam variantes de caráter lexical. Como exemplo, observa-se no segmento:

"demandarem moeda a procurarem moeda a guardarem moeda"  
(linhas 14-5)

que o sintagma verbal demandar moeda, ao ser reformulado, apresenta a mesma estrutura nas paráfrases procurar moeda e guardar moeda, as quais refletem, unicamente, uma variação lexical: demandar, procurar, guardar moeda.

Ao adotar o mecanismo da definição sinonímica – que, de fato, corresponde à **reformulação parafrástica por variação lexical** –, o informante primeiramente introduz o termo científico para, em seguida, explicitá-lo:

"uma demanda de moeda... uma retenção de moeda"  
(linhas 47-8)

(2) Gülich e Rotschi (1987) consideram que a paráfrase constitui um dos protótipos do conjunto dos processos de composição textual, designados atos ou atividades de reformulação. Parafrasear consiste, na verdade, em reformular formulações anteriormente apresentadas.

Esse procedimento é evitado unicamente na passagem:

"retêm moeda... necessitam de moeda... demandam moeda"  
(linhas 41-2)

em que demandar moeda, o termo da Economia, sucede aos elementos definidores, de caráter não-científico.

Outros tipos de reformulação parafrástica, utilizados pelo professor, reproduzem diferentes fórmulas de explicitação de uma terminologia e coincidem também com as definições lexicográficas já expostas.

Observa-se, nessas reformulações parafrásticas, que o informante nem sempre busca uma simetria sintática entre os termos da Economia e seus respectivos elementos reformuladores, pois, em passagens do segmento analisado, essas reformulações parafrásticas manifestam uma estrutura sintática mais complexa, mais extensa do que a apresentada pelos termos científicos.

Como consequência, tais termos são parafraseados pelo mecanismo da **expansão parafrástica**, processo que parafraseia utilizando ora explicações, ora exemplos.

É possível, portanto, o estabelecimento de equivalências entre **definições por síntese**, que procuram definir um termo segundo as diferentes relações que ele estabelece, e **paráfrases explicativo-definidoras**, que, similarmente, parafraseiam por meio de variadas formas de explicações e de relações:

"demanda de moeda por transação... é... principal motivo pelos quais as pessoas...  
retêm moeda".

(linhas 39-41)

De maneira análoga, pode-se também correlacionar **definições por denotação** e **paráfrases exemplificadoras**, já que tanto umas como outras explicam, reformulam um elemento mediante exemplos:

"na demanda de moeda por motivo transação as pessoas recebem no início do  
mês... mas não gastam de uma vez só... elas vão gastando /.../ aos poucos ao longo  
do mês"

(linhas 48-57)

A forma de exposição adotada pelo professor, o informante do inquérito 338, levou-o a evitar **fórmulas parafrásticas por condensação**, em que a explicação precede a apresentação do termo científico. Apesar dessas restrições às paráfrases por condensação, a passagem:

"enfim...é uma demanda de moeda para satisfazer as necessidades de...transações...e de pagamentos"

(linhas 58-9)

resume toda a explicação, anteriormente exposta, a respeito de demanda de moeda por motivo transação e, portanto, corresponde a uma paráfrase com função de resumo.

As reformulações parafrásticas são, por vezes, introduzidas por elementos lexicais, os marcadores parafrásticos, que estabelecem uma intermediação entre o termo da Economia e sua definição, a paráfrase.

No segmento acima mencionado, introduzido por enfim, esse marcador sinaliza que a exemplificação atingiu seu término e, ao mesmo tempo, exerce ainda a função de iniciar a paráfrase por condensação.

Em outra passagem do inquérito, a explicação do termo demanda de moeda processa-se por meio de definições sinonímicas introduzidas pelo marcador é sinônimo de que, metalinguisticamente, anuncia sua função:

"a demanda de moeda é sinônimo de retenção de moeda de guarda de moeda no bolso... de necessidade de moeda"

(linhas 99-101)

### Considerações finais

A análise de um fragmento do inquérito EF 338 permitiu-nos demonstrar que textos de diferente natureza, o lexicográfico e o do professor, na sala de aula, partilham um aspecto comum: o caráter didático.

Esse caráter didático, que permeia os dois discursos, encontra uma equivalência nos atos de reformulação adotados pelo professor, o informante do inquérito. Ao definir os termos da Economia, esse falante introduz, simultaneamente, formas parafrásticas que, enquanto atos de reformulação, objetivam a explicitação dos termos. Foi-nos, possível, pois, estabelecer equivalências entre definições sinonímicas e paráfrases por variação lexical, entre definições por síntese e paráfrases explicativo-definidoras, entre definições por denotação e paráfrases exemplificadoras.

Pode-se, portanto, encontrar um elemento comum nas fórmulas definidoras e nas suas correspondentes fórmulas parafrásticas: a busca de explicação e de clareza, por parte do falante, em vista de seus interlocutores.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, A. & PRETI, D.(org.) - *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. S.Paulo, T. A. Queiroz, 1986.
- DUBOIS, J. - *Introduction à la lexicographie*. Paris, Larousse, 1971.
- FERREIRA, A. B. H. - *Novo Dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- GULICH, E. & KOTSCHI, T.- *Les actes de reformulation dans la consultation La Dame de Caluire*. In: BANGE, P.(org.). *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*. Berna, Frankfurt a.M., Nova Iorque, Paris, Peter Lang: 15-81, 1987.
- SAGER, J. C. - *A practical course in terminology processing*. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamin, 1990.

## 8. A SINTAXE NA LÍNGUA FALADA

Lygia Corrêa Dias de Moraes

### 1. Introdução

#### 1.1 O texto

O texto que vamos analisar é o trecho que vai da linha 445 à linha 575 do Inquérito 343 do Projeto NURC/SP, transcrito das páginas 28 a 31 do volume II – Diálogos entre dois informantes – de Preti e Castilho (orgs.), **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**.

Os interlocutores, identificados apenas como L1 e L2, são um rapaz e uma moça, irmãos, – ele, engenheiro, ela, psicóloga –, de 26 e 25 anos, respectivamente, classificados como informantes da 1ª faixa etária. Foram convidados a falar sobre a cidade, o comércio. É sobre o primeiro tema que conversam agora.

- 445 L1 comunicações... né? então você... destrói uma ponte e::  
fica isolado assim da::
- L2 uhn uhn  
[
- L1 é diferente da comunicação... tipo humana né? tipo  
linguagem... sai do contexto de linguagem...
- 450 L2 mas você vê que::... (quer dizer) uma visão que o::...  
que o papai tem né? que ele diz que vai chegar uma hora  
que para / que a cidade vai ficar paralisada... então  
acho que é assim né?... fantasiando você pode dizer...  
sabe, chega imigrante chega imigrante chega imigran::te  
e... cresce e cresce e cresce e... e:: ao mesmo tempo
- 455 (houve) o crescimento das... digamos das vias... ou::...  
né? de::... circulação... dentro da cidade não acompanha  
esse crescimento... de população né?
- L1 uhn uhn... eu não sei... o que se o que... gostaria de
- 460 ver:: o:: que já aconteceu de análogo... mas me parece  
que não não deve paralisar porque não tem... caso  
análogo (na história)... você tem por exemplo (Tóquio)

*comprova  
(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j) (k) (l) (m) (n) (o) (p) (q) (r) (s) (t) (u) (v) (w) (x) (y) (z)*

para fazer você conforme... o azar teu você fica quatro horas paralisado num trânsito... (lá:: qualquer)

465 L2 mas nem por isso deixa de ir ( )

L1 mas isso é relativo né? você pode não ter:: não é global isso né? então sei lá digamos uma regiãozinha ali::... os que não estão acostumados com a cidade pum se mete no trânsito e se se se (ficam)... talvez até:: em São Paulo... eu nunca pego o trânsito... correto?

470 L2 eu já pego ((ri))

L1 segundo... a pessoa ali passa um tempo ali...

Doc. ( )

475 L2 você sacar... sacar os:: os desvios...

L1 segundo... o que já PAssa (em) muito lugar de trânsito ele já sabe o caminhozinho saidazinhas especiais ou:: ... não vai de carro até lá... vai de metrô e... anda três quarteirões... quer dizer eu não vou na cidade de carro...

480 L2 uhn... vai de moto

L1 então... a maioria... sei lá... não é afetada... mas não é bom... agora... por trás disso você sempre (você) percebe... parece que a cidade não tem superego para para para... funcionar:: ela está... cres::ce descre::ce

485 L2 tem... não que ele

L1 tem político e... ( )

L2 funcione bem mais tem::... (pesso) autoridade é superego não é M.? a::...

490 L1 ah é

L2 a polícia e tal que ela funcione num num:: ((ri)) aí já não concordo mas que existe existe né?

L1 uhn uhn... ela não não coordENA as partes em um bom funcionamento

495 L2 quer dizer que o ego da cidade não funciona bem porque::... né? as partes não são integradas... ((ruídos))

L1 você acha que... desenvolvimento é BOM ou é ruim?

L2 desenvolvimento em que sentido?

L1 crescimento... o Brasil diz-se basicamente

500 L2 subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo... se desenvolvendo... parece que está saindo de uma... condição de subdesenvolvimento para chegar sei lá numa de desenvolvido... okay?... uma:: um caminho

L2 ahn ahn

505 L1 agora PE::gue... os indivíduos... desse país... é melhor ou é pior para eles isso?

L2 não sei porque acho que aí quando se fala em desenvolvimento geralmente está se falando num plano material né?... concreto material ou melhores condições materiais de vida...

510 L1 é mas se não nã/ não:::...

L2 se Isso sabe

L1 seja mais ampla... porque::... material envolve... qualquer outro... junto...certo?

515 L2 nem sempre M. você vai::... assim:: o povo americano não é um povo feliz... em termos de condições materiais:: está ótimo está está:: muito bem mas... realmente eu não sei te dizer se... se... se faz tanta diferença assim... ((barulho de motocicleta))

520 L1 então você quer dizer o quê? (vai) cair naquele básico que... dinheiro não traz felicidade?... então desenvolvimento está ruim ...

L2 mas que ajuda... NÃO estou dizendo que não SEI:: se:: se sabe? melhora a condição assim emocional das pessoas que estão... quer dizer ( ) ou não

525 L1 não se preocupe::...

L2 exageradamente com o emocional não

L2 ah é o meu campo pô

L1 ((rindo)) (eu estou falando de) cidade...

530 L2 ((rindo)) e daí? a cidade não é também?... a origem das coisas é a emoção... as aulas as aulinhas lá que eu

L1 você mexe...

L2 estou assistindo

L1 fundamentalmente

535 L2 oi?

L1 com os indivíduos né? é diferente de mexer com casas

L2 e o que

- são indivíduos?... são feixes de emoções... condensadas ((ri))
- 540 L1 o indivíduo é um todo...  
 L2 o que eu Acho... assim...  
 L1 por exemplo  
 [ ahn  
 L2 ahn  
 L1 você acha que um indivíduo... tendo trabalho ou não tendo trabalho é... é a mesma coisa?... você não acha que um indivíduo que tem onde trabalhar:... e gan::nha melhor ele não está... emocionalmente melhor que um indivíduo que não tem onde trabalhar e:... et cetera?... você acha que não?
- 550 L2 você diz mais ou menos doente?  
 L1 sei lá... eu não estou pegando nenhum  
 [ nesse sentido assim?  
 L1 caso clínico... um indivíduo qualquer...  
 [ ahn tudo bem... está está legal...  
 555 L1 então o desen/ o desenvolvimento é bom porque ele dá chance de emprego para mais gente...  
 L2 mas você está pegando uma coisin::nha assim sabe? um cara que esteja desempregado também eu posso... usar o mesmo exemplo num num sentido contrário... o cara que está desempregado porque não consegue se empregar né? na verdade não quer... ou um outro que:: assim... muito bem empregado executivo chefe de empresa e tal mas cheio das neuroses de... eu não sei qual está melhor...
- 565 L1 então você tem que abstrair desse aspecto porque você pode ter ambos os ca::sos... você tem que pegar na média esquecendo esse aspecto particular...  
 L2 é mas aí: é o tal negócio eu não me preocupo muito com a média... pra mim interessa: o: indivíduo né?...  
 570 salvação individual então eu pensar... como é que está essa média como é que está aquela..como é que está a ou/ ... ( ) realmente me faltam dados né? para eu... mas que aí é falta de interesse minha né? de eu não procurar esses dados de eu não me tocar muito...  
 575 e ver:...

## 1.2 A transcrição

A transcrição acima segue estritamente as convenções adotadas no Projeto NURC. Mas, como se verá, no corpo de nosso texto precisamos usar os sinais de pontuação da língua escrita, sós ou combinados com os da transcrição inicial.

Isso se explica pela necessidade de assinalar a entoação, que é a variação da linha melódica da voz do falante. Mantendo uma linha melódica no mesmo tom ou variando, subindo, descendo, combinando-se ou não com pausas, a entoação não só indica o começo e o fim das frases, como também demarca os grupos sintáticos, os blocos de palavras que se unem e se relacionam para formar as frases com que nos comunicamos. Ouvindo a gravação, podemos identificar esses componentes da frase, mas para fazê-lo na leitura foi necessário recorrer aos sinais de pontuação.

Nos exemplos que transcrevemos em nosso texto, a vírgula representa variação ascendente ou descendente na linha entonacional; o ponto final, queda; o ponto-de-interrogação, entoação ascendente no final da frase ou no pronome interrogativo; reticências simples, pausa com entoação suspensiva; e reticências depois de um dos outros sinais marca pausa após a entoação indicada pelo primeiro sinal.

## 2. A sintaxe no texto falado

### 2.1 A constituição do texto

A gravação funciona como meio de fixação do texto falado, apreensível pela audição, mas priva-o de alguns componentes não linguísticos, como olhares e expressão facial e corporal. Por isso, a transcrição da gravação parece dar ao texto falado uma feição de texto escrito; tenha-se em mente, porém, que não são a mesma coisa.

No texto transcrito, encontramos dois locutores que tomam alternadamente a palavra, constituindo em cada intervenção um turno - unidade construcional da conversação, conforme já foi visto no capítulo dedicado a ele.

Os turnos, por sua vez, são constituídos por falas, emissões de voz, a que iremos daqui por diante chamar **frases**.

Alguns teóricos fazem distinção entre **frase**, entendida como uma forma virtual de construção existente no sistema da língua (uma abstra-

ção, portanto) e **enunciado**, que seria sua realização na fala ou na escrita. No entanto, não faremos essa diferença, usando **frase** para indicar o que é realmente falado ou escrito. Ou seja, usamos aqui **frase** no seu sentido corrente, o mais usual.

### 2.1.1 Algumas definições necessárias

Esclareçamos com uma definição: "A frase é a unidade do discurso, quando um falante se dirige a um ou mais ouvintes sobre um assunto dentro de uma situação concreta. Caracteriza-se pela entoação, ou tom frasal, que é a marca do seu plano hierárquico em face da forma ou formas lingüísticas que utiliza. O que lhe dá individualidade é o propósito definido do falante, e assim a frase varia desde a formulação lingüística complexa até à simples interjeição. E a formulação lingüística pode vir incompleta e falha, porque se esclarece pela situação, se complementa com a mímica e se amplia com sons inarticulados à margem da língua." (CAMARA, 1969: 173)

Aquilo, pois, a que chamamos **frase** apresenta-se a nossos ouvidos como uma emissão de voz, delimitada por pausas e acompanhada de entoação específica. Sua organização interna admite estruturas variadas, que podem ser até mesmo simples ruídos.

Ela pode ter ou não ter verbos, pode ser formada por construções complicadas, pode interromper-se ou mudar de rumo, mas pode também completar-se, para a compreensão do ouvinte, com elementos extralingüísticos que se encontram na situação de comunicação, por olhares, gestos, expressões faciais e corporais, ou por conhecimentos compartilhados pelos interlocutores, ainda que não expressos.

O próprio sistema da língua, porém, oferece um tipo de estrutura frasal que independe da situação de comunicação: a **oração**, que é a frase construída em torno de uma forma verbal. O que não quer dizer que a oração fica imune às interferências da interlocução.

A oração, por sua vez, pode aceitar parceria com outra oração do mesmo nível estrutural, formando com ela uma seqüência organizada por coordenação. É aquilo a que a gramática nos ensinou a chamar de período composto por coordenação.

A oração complica-se quando admite que um ou mais de um de seus termos (sujeito, complementos; adjunto adnominal; adjunto adverbial etc.) assumam por sua vez a forma de oração, que será chamada, então, **oração subordinada** (respectivamente, subordinada substantiva; subordinada adjetiva; subordinada adverbial). A essa oração complexa,

"complicada", é que se dá o nome de período composto por subordinação.

Finalmente, as duas formas de organização podem combinar-se, dando origem ao chamado período composto por coordenação e subordinação.

## 2.2 A primeira impressão

Tal como a apresentamos de início, a transcrição não denota de imediato a organização interna do turno; não usando maiúsculas, nem ponto final (ou equivalente), não indica o começo e o fim de cada frase, como faz, para nossa comodidade, a língua escrita.

No entanto, uma primeira leitura da transcrição já fará sentir a diferença entre o escrito e o falado: os interlocutores comunicam-se por frases que, se em geral compreensíveis para ambos na conjuntura em que se encontram, nem sempre o são para quem lê.

Examinando-as de um ponto de vista sintático, vemos que ora se completam, ora ficam em suspenso; ora abortam, apenas iniciadas, ora se desenvolvem largamente; ora se intrometem nelas elementos que não fazem parte de sua estrutura sintática, propriamente, funcionando sobretudo – mas nem sempre exclusivamente – como agentes de sustentação da interação, de organização do texto conversacional, de garantia do desenvolvimento do discurso. Referimo-nos aqui aos marcadores conversacionais (assunto de outro capítulo deste mesmo livro, a que remetemos o leitor).

Tudo isso, contudo, não nos impede de entender o diálogo reproduzido. Ou seja: a estrutura das frases que compõem os turnos com que ele se construiu está dentro dos padrões possíveis na nossa língua, sem o que, nem nós o entenderíamos, nem se teriam entendido os interlocutores.

## 3. Sintaxe intraturno

### 3.1 Estrutura sintática das frases

Examinemos de perto o diálogo, analisando a organização sintática das frases a partir de alguns exemplos mais típicos. A localização deles está indicada pela primeira linha reproduzida, conforme a numeração do texto original.



- (1) L1 Mas isso é relativo. Né?  
(...) Não é global isso, né?  
(linha 466)
- (2) L1 (...) Eu nunca pego o trânsito... **correto?**  
L2 Eu já pego. ((ri))  
(linha 470)
- (3) L1 (...) **Quer dizer**, eu não vou na cidade de carro.  
(linha 480)
- (4) L1 Agora PE::gue ...os indivíduos ...desse país...  
(linha 505)

Despindo-as dos elementos que têm a função precípua de marcar a interação, obtemos as seguintes frases:

- (1) Isso é relativo.  
Não é global isso.
- (2) Eu nunca pego o trânsito.
- (3) Eu não vou na cidade de carro.
- (4) Pegue os indivíduos desse país.

É fácil ver que temos aí orações independentes e completas - frases construídas, cada uma delas, em torno de um só verbo.

- (5) L1 (...) **Agora**,...por trás disso você sempre (você) percebe...Parece que a cidade não tem superego para funcionar:: (...)  
(linha 483)
- (6) L2 **Quer dizer que** o ego da cidade não funciona bem porque:: **né?** as partes da cidade não são integra das...  
(linha 495)
- (7) L1 (...) Parece que está saindo de uma ... condição de subdesenvolvimento para chegar **se lá** numa de desenvolvido...okay?  
(linha 501)

Repetindo a operação de "desvestimento" e eliminando também hesitações, que são, como as correções, decorrentes da própria natureza da conversação, obtemos:

- (5) Por trás disso você sempre...  
(Você) percebe...  
Parece que a cidade não tem superego para funcionar.

- (6) O ego da cidade não funciona bem porque as partes não estão integradas.
- (7) Parece que está saindo de uma condição de subdesenvolvimento para chegar numa de desenvolvido.

Em (5), após duas "partidas" em falso - duas orações que começam e ficam em suspenso -, organiza-se enfim um período composto por subordinação. Em (6) e (7) há o mesmo procedimento sintático - subordinação.

- (8) L2 (---) **Sabe**, chega imigrante, chega imigrante, chega imigrante::te e... cresce e cresce e cresce e...:: ao mesmo tempo (houve) o crescimento das... **digamos** das vias... **ou::...né?** de::... circulação, dentro da cidade, não acompanha esse crescimento da população, **né?**

(linha 454)

- (9) L1 Segundo, ... o que já passa em muito lugar de trânsito ele já sabe o caminhozinho, saidazinhas especiais **ou::...** não vai de carro até lá, vai de metrô e... anda três quarteirões, ... **quer dizer** eu não vou na cidade de carro...

(linha 476)

- (10) L2 (...) Em termos de condições materiais::, digamos, está ótimo, está **está::** muito bem, mas... realmente eu não sei te dizer se...se...se...faz muita diferença **assim...**

(linha 516)

Mais uma vez, desbastando as frases dos elementos alheios à organização sintática propriamente dita, encontramos períodos normalmente estruturados, quer por coordenação apenas, quer por subordinação e coordenação de orações.

- (8) (...) Chega imigrante, chega imigrante, chega imigrante e cresce e cresce e cresce e ao mesmo tempo houve o crescimento das vias ou de circulação, dentro da cidade, não acompanha esse crescimento da população.
- (9) Segundo, o que já passa em muito lugar de trânsito ele sabe o caminhozinho, saidazinhas especiais, ou não vai de carro até lá, vai de metrô e anda três quarteirões, eu não vou na cidade de carro.
- (10) (...) Em termos de condições materiais, está ótimo, está muito bem, mas realmente eu não sei dizer se faz muita diferença assim.

As frases examinadas até agora compõem-se, pois, de orações que ou se apresentam independentes, ou se associam em um mesmo nível funcional (coordenadas), ou se inserem em outra, de que passam a fazer parte como constituintes (subordinadas).

No entanto, houve perdas. O conteúdo cognitivo não se alterou com a operação de desbaste, é verdade. Alterou-se, porém, a carga informativa global, para a qual contribuía os elementos cortados, que marcavam o processamento da informação e assinalavam as relações entre os participantes dessa "interação centrada" que é a conversação.

Nos exemplos observados até agora constam orações/períodos a que se entrelaçaram elementos próprios da comunicação oral. Contudo, não é só a oração que se constitui em frase. Vejamos, pois, outros tipos de frase, assinalando que são frequentes na língua falada, mas não exclusivos dela, uma vez que a escrita pode querer reproduzi-los. Lembre-se, porém, que são estranhos à língua em sua função estritamente referencial, aquela que se realiza quando o falante apenas externa seu pensamento organizado em conceitos.

(11) L1 Uhn uhn...Eu não sei se o que...  
(linha 459)

(12) L2 Uhn... Vai de moto.  
(linha 481)

(13) L1 (...) Os que não estão acostumados com a cidade **pum** se mete no trânsito (...)  
(linha 478)

(14) L1 (...)para chegar sei lá numa de desenvolvido...okay? ... uma:: um caminho  
L2 Ahn ahn.  
(linha 503)

(15) L2 (...) as aulas as aulinhas lá que eu  
L1 [ Você mexe  
L2 estou assistindo  
L1 fundamentalmente  
L2 [ Oi?  
L1 com os indivíduos né?  
(linha 531)

Se consideramos **turno** cada uma das intervenções dos interlocutores, aí há turnos, com função específica no intercâmbio conversacional, mas sempre marcando a presença de um locutor diante do outro e assegurando a interação.

Em (13) há uma frase intercalada, **pum**, que é uma onomatopéia, a imitação de um ruído. Em (11), (12) e (14), **uhn uhn** ou **uhn** e **ahn ahn** valem por frases assertivas. Em (15) a interjeição **oi** forma uma frase interrogativa. Contudo, fogem ao sistema da língua. Não são formadas por palavras moldadas segundo os padrões normais: **uhn** e **ahn** parecem mais ruídos produzidos com a boca fechada ou semi-aberta do que sons normalmente usados na fala.

A frase pode também aparecer sob forma nominal, sem articulação entre um sujeito e um predicado:

(16) L2 Ahn tudo bem...está está legal. ...  
(linha 554)

Houve apenas, com a frase nominal *tudo bem*, expressão de concordância, reiterada em seguida com a oração *está legal*, reassegurando ao interlocutor que está havendo compreensão.

Frases há que se cortam apenas iniciadas:

(17) L1 O indivíduo é um todo...  
L2 O que eu acho,...assim...  
L1 Por exemplo  
L2 [ Ahn  
L1 Você acha que um indivíduo (...)  
(linha 540)

(18) L1 E mas se não nã/não:::  
L2 [ Se ISSo sabe  
L1 seja mais ampla...  
(linha 511)

Tais fatos certamente se devem às próprias condições da conversação: em (17) L2 teve o turno arrebatado, não obstante o início tentado para segurá-lo se alongasse. Em (18), L2, aproveitando a demora de L1, tenta tomar a palavra em fala sobreposta, não o consegue e desiste.

Outras frases começam a articular-se e se interrompem, ficando em suspenso:

(19) L1 Mas isso é relativo, né? Você pode não ter:...Não é global isso, né?  
(linha 467)

(20) L2 Nem sempre M., você vai:...assim:: o povo (---)  
(linha 515)

Em (19) L1 faz uma primeira afirmação, esboça um argumento, falha e repete sob nova forma a asserção inicial. Na marcha sincrônica do planejamento e da produção do texto, o pensamento esboçado, a idéia a que corresponderia a frase, não se perfaz, e a frase se corta. É algo semelhante o que ocorre em (20).

Outro caso de evidente interferência de fatores conversacionais na organização sintática está em (21).

(21) L2 Mas você vê que:...(quer dizer) uma visão que o papai tem né? que ele diz que vai chegar uma hora que para/que a cidade vai ficar paralisada...  
(linha 450)

Vamos agora reescrever o trecho, separando as orações segundo critério estritamente gramatical e afastando para os lados os elementos de função conversacional, interacional.

(21) L2 Mas	a) você vê	
	b) que	::
quer dizer		
	uma visão	
	c) que o	::
	d) que o papai tem	né?
	e) que ele diz	
	f) que vai chegar uma hora	
	g) que para/	
	h) que a cidade vai ficar	
	paralisada.	...

Como se vê, a sequência de orações promete claramente, de início, organizar-se por subordinação. Isso se vai fazendo normalmente, apesar da hesitação em **h** e **g**; entre **d** e **e** a construção sofre uma fratura que **né** procura disfarçar. A oração iniciada em **h** fica inacabada, e o período, desestruturado.

É plausível atribuir a causa disso a fatores conversacionais.

**Que**, gramaticalmente, é por excelência o instrumento de inserção de uma oração em outra; sua presença, portanto, anuncia continuação na oração que se supõe que vá introduzir. Mas, segundo confirmam os alongamentos, as pausas e a presença de marcadores conversacionais intercalados, L2 não consegue processar o texto com a velocidade adequada ao

desejo de reter a palavra. **Que**, principalmente em **h** e **c**, já que serve para introduzir orações, marca a incompletude sintática, como que dando a entender que falta terminar, e assim serve ao propósito de segurar o turno. A quebra após **d**, quando o marcador retém a vez, revela uma falha no planejamento que redundará finalmente em desarticulação sintática.

### 3.2 Organização interna do período

Cabe aqui examinar duas asserções muito comuns a respeito da língua falada.

A primeira é que nela as frases são significativamente mais curtas que na língua escrita. Conforme lembra Marcuschi (1991:22), "isso é empiricamente verdadeiro, mas não na forma como é dito", isto é, como verdade absoluta, "pois se tomarmos todas as sentenças da fala em que não ocorrem discontinuidades do tipo apontado veremos que elas são significativamente mais longas que as demais."

É preciso não esquecer, também, que pode haver diferenças entre os falantes causadas por suas características de personalidade ou pela diversidade de instrução e, em consequência, de posição em relação à língua e ao ato de falar. Até mesmo o tipo de inquérito poderia levar a resultados divergentes.

De fato, a uma observação extremamente rápida em textos do Projeto NURC/SP, parece que longos períodos complexos e bem estruturados são raros, variando também sua frequência conforme a faixa etária.

A segunda afirmação é que predominaria na língua falada a coordenação entre as orações, dada como construção mais simples, mais fácil que a subordinação.

Assinale-se, de início, que aí se estão comparando objetos de natureza diferente, não opostos, nem mutuamente excludentes: uma oração que é subordinada pode ao mesmo tempo estar coordenada. Além disso, coordenação e subordinação ocorrem em vários níveis de construção, e não somente no período: termos da oração desdobram-se por coordenação (sujeito composto, por exemplo), a oração se estrutura por relações de dependência ou subordinação entre seus componentes; e assim por diante.

Observando, porém, apenas o nível do período, concluímos que a nossa amostragem não confirma a predominância da coordenação: dos quarenta períodos compostos completos que isolamos no texto, dezoito o são por subordinação; doze, por subordinação e coordenação; e dez, somente, apenas por coordenação.

Contudo, seria imprudente generalizar, quer numa, quer noutra direção. Conforme observa Akinnaso (1982:109-111), qualquer estudo comparativo entre a sintaxe (bem como o léxico e a semântica) da língua falada e a da escrita deverá enfrentar e resolver preliminarmente problemas numerosos e de natureza diversa, tais como o controle de dados, a definição das variáveis a considerar, a orientação quantitativa, a qualificação dos informantes etc.

### 3.3 Organização interna da oração

Passando agora a observar o que ocorre dentro da unidade sintática **oração**, encontramos alguns fatos que convém comentar. No *corpus* publicado pelo Projeto NURC/SP não é comum a falta de concordância entre o verbo e seu sujeito, o que se compreende em vista do critério de seleção dos informantes e das próprias condições, algo artificiais, de gravação. Uma dessas faltas dá-se aqui:

- (22) L1 (...) os que não estão acostumados com a cidade pum se mete no trânsito (...)  
(linha 469)

É bem provável que isso se deva à intromissão da frase onomatopáica **pum**, que afastou do verbo o sujeito, sem que tivesse havido o planejamento necessário para a concordância.

O anacoluto do exemplo adiante ilustra mais um caso de influência da situação:

- (23) L2 (...) Sabe, um cara que esteja desempregado também eu posso... usar o mesmo exemplo num sentido contrário.

(linha 557)

*Um cara que esteja desempregado*, situado no início da frase, parece que vai ser o sujeito de uma oração que há de vir; surge um desvio brusco, o sujeito da oração que se realiza em seguida passa a ser *eu*, e a construção anunciada com *um cara...* fica esquecida.

- (24) L2 (...) e:: ao mesmo tempo (houve) o crescimento das...**digamos**...das vias...**ou**...né? de:: circulação, dentro da cidade, não acompanha esse crescimento...de população né?

(linha 455)

A informante começa por uma oração em que ao verbo impessoal *houve* se segue um complemento *crescimento das vias de circulação*; den-

*tro da cidade*, separado por duas pequenas variações da entoação, acaba por tornar-se sintaticamente ambíguo: é complemento de *circulação*? É sujeito – ainda que indicador de lugar – de *não acompanha*? Ou é adjunto adverbial de *houve*?

A quantidade de sinais reveladores da necessidade de tomar tempo – pausas, alongamentos, uso de marcadores como **digamos**, **ou**, **né** – revela que a causa é a dificuldade de acertar a marcha da fala com a do planejamento.

- (25) L1 Segundo...o que já PASsa (em) muito lugar de trânsito ele já sabe o caminhozinho (...)

(linha 477)

Como no exemplo acima, é muito comum a retomada do sujeito, anunciado no início da frase (aqui, *o que já passa em muito lugar de trânsito*), por um pronome próximo ao verbo, *ele*.

Também frequentes são as elipses, sobretudo do sujeito, nem sempre justificáveis por um motivo estritamente gramatical, isto é, pelo fato de ser possível identificá-lo apenas pela desinência de número e pessoa do verbo. Permite-o a consciência dos locutores de que falam sobre um mesmo tema – que nem sempre fica claro para o leitor atual, como se vê aqui:

- (26) L1 (...) Então você destrói uma ponte e:: fica isolado assim da:  
L2 Uhn uhn  
L1 É diferente da comunicação... tipo humana né? tipo linguagem... Sai do contexto de linguagem...

(linha 445)

Afinal, que é que é diferente da comunicação tipo humana e sai do contexto da linguagem?

### 4. Sintaxe interturnos

Sendo a conversação o gênero básico da interação humana, há sempre nela pelo menos dois interlocutores alternando-se nas falas e lutando para reter ou tomar a palavra. Esse fato transparece não só na organização interna do turno, como já vimos, mas também nas passagens de um a outro turno e na própria disposição sintática com que isso se faz.

Já mostramos atrás que um instrumento gramatical como **que** pode ser usado para marcar a incompletude sintática e reter o turno.

Também chama a atenção a freqüência com que aparecem conjunções coordenativas em início e fim de turno. Passemos a examiná-las, verificando que função têm nessas posições.

Por sua natureza – co-ordenar significa relacionar elementos de função equivalente – a conjunção coordenativa pela simples presença anuncia que deverá haver uma continuação, um segundo elemento, pelo menos. Na conversação, muito comumente um alongamento denuncia a verdadeira razão de ser usada: tomar tempo para o planejamento e reter o turno. Ilustremos a afirmativa.

(27) L2 (...) e... cresce e cresce e cresce e...e:: ...ao mesmo tempo (houve) o crescimento das vias... ou::né? de circulação...

(linha 455)

(28) L2 Não sei por que se dá o valor, mas... o que eu sinto...

(linha 836)

(29) L2 (...) porque lá es/eh:: tem o kren-akarore não sei o que mas...

L1 Kren-akarore ...

Observação: Os dois últimos exemplos pertencem a outro trecho do mesmo inquérito sob análise.

Como se pode ver, a tentativa de tomar tempo foi bem sucedida em (27) e (28): houve continuação e as conjunções se tornaram mediais. Outras vezes, a tentativa fracassa, e resta um marcador final, como em (29).

O **e** é a mais neutra das conjunções coordenativas, caracterizando-se apenas pelo traço semântico de adição, suficiente para justificar sua ação no texto conversacional. Em (27) reiterou-se após uma hesitação inicial, num polissíndeto retórico, até o ponto em que não há mais como continuar, repete-se, alonga-se e, reencontrado o rumo, a frase prossegue. O locutor conseguiu o que queria.

A tal ponto vai essa faculdade do **e**, que às vezes o segundo locutor o retoma, continuando a construção da frase numa legítima sintaxe a dois, como se vê em outro inquérito, o de número 360 (linha 29-36):

L1 e::

L2 e daí o entusiasmo por nove ou dez.

(...)

L1 não é? ...e...estamos muito contentes e...

L2 e dão muito trabalho (...)

No entanto, é na tomada de turno que se torna mais notável a função de marcador conversacional que as conjunções podem assumir. Já se observou que "os turnos que não se iniciam ou não terminam com algum tipo de marcador são mais propensos a gerarem passagens tumultuadas entre os falantes."(GALEMBECK et alii, 1990:71)

Observem-se no texto:

(30) L1 (...) Sai do contexto da linguagem.

L2 Mas você vê que::... (...)

(31) L1 (...) Você fica quatro horas paralisado num trânsito lá... qualquer.

L2 Mas nem por isso deixa de ir

L1 [ mas isso é relativo, né?

(linha 463)

(32) L1 Então o desenvolvimento é bom porque ele dá chance de emprego para mais gente...

L2 Mas você está pegando uma coisinha assim.

(linha 555)

(33) L2 (...) geralmente se está falando num plano material né? ... concreto, material, ou melhores condições de vida...

L1 É mas se não nã/não:: ...

(linha 508)

(34) L1 (...) esquecendo esse aspecto particular...

L2 É mas aí: é o tal negócio eu não me preocupo muito com a média. ...

(linha 567)

Certamente, uma das conjunções coordenativas mais usadas na função de marcador é **mas**. Os compêndios de gramática atribuem-lhe a propriedade de exprimir oposição, contraste.

Ora, nem sempre é isso que ela faz. É verdade que em (31) a intervenção de L2 contém uma negativa, a qual, portanto, se opõe à afirmativa anterior de L1, sendo por sua vez contestada pela nova intervenção de L1. Já em (30), L2 inicia sua intervenção com **mas** e segue com argumento de natureza inteiramente diferente do que L1 dissera. Na verdade, **mas** serviu para marcar sua entrada, ao mesmo tempo conectando os dois turnos.

Em (33) e (34), **mas** vem acoplado ao indicador de concordância é, que revela diplomática anuência, como a de quem não quer discutir, porém volta à carga com **mas**.

Em todos os casos acima, o que se percebe é que **mas** inicial desempenha várias funções: elemento de conexão por coordenação entre as partes do texto conversacional, os turnos, e portanto fator de coesão; introdutor de argumentos que seguem direção diferente da anterior no texto e que vêm frustrar a expectativa; e, em decorrência mesmo da situação de interação, a de marcar a posição dos locutores, não só em relação à argumentação, mas também a de cada um em face do outro, como antagonistas se enfrentando e se preservando. Isso se percebe mais nitidamente em (31): os dois locutores, sucessivamente, tomam o turno com **mas**.

E segue-se a **mas** como instrumento de tomada do turno. O exemplo adiante não consta no texto sob análise, localizando-se em outro ponto do mesmo inquérito.

(35) L1 (...) Mas ((ri)) ficaram duas horas ali em cima cantando pulando eles...suando né? literalmente.

L2 E tiraram o quê? Pena de passarinho do cara?

L1 É... um negócio assim... pronto, sarou, era isso que estava interferindo... era um espírito não sei das quantas... que estava né?

L2 E:: o cara ficou bom?

(linha 765)

Funções semelhantes desempenham **então** e **agora**. Observe-se seu uso nos exemplo que seguem.

(36) L1 (...) quer dizer, eu não vou na cidade de carro...

L2 Uhn... vai de moto.

L1 Então, ... a maioria ... sei lá ... não é afetada, mas não é bom.

(linha 480)

(37) L2 (...) Eu não sei qual está melhor...

L1 Então você tem que abstrair esse aspecto (...)

(linha 563)

(38) L1 (...) uma:: um caminho ...

L2 Ahn ahn.

L1 Agora PE::gue os indivíduos (...)

(linha 503)

(39) L1 (...) mas não é bom. Agora, por trás disso ...

(linha 483)

**Então** e **agora** normalmente constam nas gramáticas como advérbios de tempo, **agora** opondo-se pelo significado a **antes** e **depois**, **então** opondo-se a **agora**. No entanto, não é esse o valor que têm aqui: não só funcionam como marcadores, assinalando a tomada de turno, mas também indicam, com um traço semântico comum a todas as conjunções coordenativas, o da adição, a relação sintática de coordenação e promovem, como **e** e **mas**, a coesão no texto conversacional. Além disso, **então** pode marcar simplesmente a adição, como em (36), de modo semelhante ao que se observa em narrativas de crianças, ou funcionar como conclusiva, como em (37). **Agora** indica o ponto do discurso em que está (38), ou assume valor adversativo, ao apontar direção diferente da esperada no desenvolvimento do tópico, como em (39).

Parece lícito concluir que a partir destas funções conversacionais poderão **então** e **agora** especializar-se nas funções gramaticais de conjunção coordenativa, em cujo rol, de resto, não só as incluíram gramáticas mais antigas, como também o fazem algumas modernas.

## 5. Conclusão

Que vimos, pois, ao longo da análise que fizemos?

Primeiro, que o sistema gramatical mantém-se o mesmo tanto na língua falada quanto na escrita, é claro.

Segundo, ficou demonstrado que, se é correto afirmar que tudo que se encontra na língua escrita se acha também na falada, o certo é que a recíproca não é verdadeira: nem tudo que há na língua falada está também na escrita.

A razão é óbvia: faltam a esta as condições de produção em que aquela se realiza, falta o intercâmbio direto e tudo que o acompanha e que termina por incorporar-se ao texto, inda mesmo quando não expresso lingüisticamente.

Por outro lado, também a língua falada não tem, para organizar seu texto, as condições em que o faz a língua escrita. A simultaneidade entre planejamento e produção do texto deixa suas marcas na sintaxe: desvios, construções fracassadas, interrompidas, excesso de intromissão de elementos extra-estruturais e assim por diante.

A própria natureza da conversação, essa "interação centrada", e a alternância de vozes governam a organização do texto. Para quem está alheio, não só o conteúdo como a própria forma gramatical da conversa-

ção podem parecer confusos, caóticos – mas isso não impede a compreensão entre os interlocutores ou mesmo a do observador atento.

A espontaneidade no uso pode revelar as tendências para as quais se inclina a língua: novas funções podem ser atribuídas a instrumentos gramaticais como as conjunções. E a sintaxe, construída a dois, leva as marcas do processo de interação em que se organizou.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKINNASO, F. Niyi. On the differences between written and spoken language. *Language and speech*, 25 (2): 97-125 1982.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1969.
- CASTILHO, A. T. de e PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1987
- GALEMBECK, P. T., SILVA, L. A. & ROSA, M. M. O turno conversacional. In: PRETI, D. e URBANO, H. (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. IV - Estudos. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, 1990.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo, Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Análise da conversação e análise gramatical*. *ABRALIN*, 10: 11-34, jan./1991.
- MORAES, L. C. D. de. *Nexos de coordenação na fala urbana culta de São Paulo*. (Tese de doutorado) São Paulo, USP, 1987.

## 9. O PROCESSO INTERACIONAL

Beth Brait

O objetivo deste capítulo é focalizar, a partir da análise de um diálogo, algumas estratégias utilizadas por falantes em contextos de interação verbal.

O trecho escolhido para análise<sup>1</sup> é a parte inicial do Inquérito 333 (CASTILHO & PRETI, 1987:234-237), constituído de um diálogo entre duas mulheres de 60 anos, ambas viúvas e paulistanas, sendo uma delas jornalista (L1) e outra escritora (L2). É importante observar que, embora real, não se trata de um diálogo espontâneo, no sentido de ter acontecido por acaso e de ter sido gravado secretamente. Ainda que as interlocutoras se conheçam há tempos, aspecto que pode ser constatado em vários momentos do texto e confirmado pelo fato de elas serem primas, elas foram reunidas com o objetivo específico de gravar um depoimento para o NURC/SP – PROJETO DA NORMA LINGÜÍSTICA URBANA CULTA DE SÃO PAULO. Há, portanto, além das duas protagonistas do diálogo, a presença de uma documentadora que sugere o tema da conversa e que, de certa forma, fará parte da cena da conversação. Ela não apenas motiva o diálogo e observa seu desenvolvimento, mas também, em pelo menos um momento da seqüência escolhida, é explicitamente considerada por uma das participantes que a inclui como ouvinte : -- *não sei se vocês acompanharam a polêmica em torno de Gabriela...* (linhas 75-76).

#### TEXTO

- 1 Doc. gostaríamos que dessem as suas opiniões a respeito de televisão...
- L1 olha I. ... eu ... como você sabe ... u::ma pessoa um diretor lá da Folha ... certa feita me chamou ... e me
- 5 incumbiu de escrever sobre televisão ... o que me parece

(1) Outra seqüência desse inquérito foi utilizada no capítulo cujo objetivo é descrever e analisar os processos de correção. Assim sendo, muitas informações a respeito de características básicas desse diálogo são repetidas nos dois capítulos não como mera redundância, mas como necessidade para a explicação dos processos em observação.

10 é que na ocasião ... quando ele me incumbiu disso ...  
 ele pensou ... que ele ia ... ficar em face de uma  
 recusa ... e que eu ia ... esnoBAR ((ri)) -- agora vamos  
 usar um termo ... que eu uso bastante que todo mundo  
 usa muito -- eu iria esnobar a televisão ... como todo  
 intelectual realmente esnoba ... mas acontece ... que eu  
 já tinha visto durante muito tempo televisão ... porque::  
 houve uma época na minha vida que a literatura:: me  
 fazia prestar muita atenção ... e eu queria era uma fuga ...  
 15 então a minha fuga ... era me deitar na cama ... ligar  
 o:: receptor e ficar vendo ... ficar vendo ... e:: aí eu  
 comecei a prestar atenção naquela tela pequena ...  
 vi ... não só que já se fazia muita coisa boa e também  
 muita coisa ruim é claro ... mas:: vi também todas  
 20 as possibilidades ... que aquele veículo ...ensejava  
 e que estavam ali laTENtes para serem aproveitados...  
 agora voCÊ ... foi dos tempos heróicos ... da mencionada  
 luta  
 L2 eu estava na Tupi trabalhando como ::... funcionária  
 25 da Tupi ... da rádio ... Tupi ... quando foi lançada a  
 primeira ... (primeira) televisão ... de modo que eu vi  
 nascer propriamente a a ... televisão ...  
 [ vinte e cinco anos né?  
 L1 é ( ) eu ... eu vi nascer ... eu estava lá ... ah ...  
 30 L2 todo momento né? e::: uma coisa que eu gostaria de::...  
 lembrar a você justamente a respeito de linguagem ... é o  
 seguinte que eu noto ... que muito paulista fica um  
 pouco chocada ... com o linguajar carioca ... com os  
 esses e os erres do carioca ...  
 35 L1 [ sibilados ...  
 L2 que eram justamente um dos ... um dos defeitos  
 muito grandes do rádio ... daquele tempo  
 que era ... quando:: um::... locutor ia fazer um teste ...  
 o::... o chefe dizia a ele... "diga aí os ef/ os esses e os  
 40 erres" ... esse era o teste ...  
 L1 é ...  
 L2 para saber se ele tinha ... ah:: ... boa dicção para falar  
 em rádio ... não é? ... então ele caprichava ... é isso que  
 o Chico Anísio está ... ah ah ah ... caçoando...  
 45 L1 é  
 L2 no programa dele ...  
 L1 no programa dele  
 L2 do Chico Anísio ... não é? ele ... ca/ ch ... ch ... ele  
 inSISte ... DORme em cima dos esses e dos erres né?

50 L1 dos erres ... ahn  
 L2 e ... mas eu noto que agora ... sobretudo na nossa  
 família que nós temos muita preocupação ... da da  
 linguagem simples e da linguagem::... correta  
 [ exata  
 L1 é ... exata ... nós ficamos um pouco chocados com  
 55 L2 o esse e o erre exagerados dos cariocas  
 [ dos cariocas  
 L1 que são mesmo um preciosismo inútil né?  
 L2 é:: e agora como o que domina o mercado é a Globo ... e  
 60 os estúdios da Globo ... estão no no Rio ... isto faz com  
 que ... até os paulistas que vão para o Rio ... os artistas  
 paulistas que estão lá ...  
 [ adotam ...  
 L2 eles começam a adoTAR ... para não ficar diferente ...  
 65 e:: uma vez:: que ::... nós estamos aqui dando um  
 depoimento sobre esse aspecto da linGUAgem ... eu já  
 enfoquei na nas minhas crônicas da Folha ... a pedra  
 no caminho que é a:: a pronúncia tão diferente ...  
 e mesmo ... a maneira de falar as singularidades que  
 70 tem cada região ... do país ... e e e que ... como isso  
 constitui numa PEdra no caminho quando é passado  
 em termos de arte cênica ... e no caso televisão uma vez  
 que a televisão vai para o Brasil inteiro não é? ... ar/  
 as redes ... das grandes emissoras cobrem o Brasil inteiro  
 75 ... então ... vo/ -- não sei se vocês acompanharam  
 a polêmica em torno de Gabriela ... Gabriela ... ah ...  
 jornais baianos::... não é? éh :: fizeram ... editoriais ...  
 a respeito de Gabriela ... indignados porque ... é é que  
 aquela baiaNce que se falava ... lá não era  
 80 absolutamente  
 [ artificial  
 L2 a maneira ... como o baiano falava ... depois ao correr  
 da novela ... eu tenho a impressão que eles foram  
 aparando essas arestas ... mas a verdade é esta ... é no no  
 ... por exemplo ... se ... estão gravando agora este ...  
 85 está passando está passando agora em São Paulo O Grito  
 não é? no Brasil todo aliás O Grito de Jorge Andrade  
 que é um excelente autor um autor paulista ... pois bem  
 ... uma grande atriz que é a Maria Fernanda ... faz uma  
 paulista de quatrocentos anos eXAtamente com a  
 90 linguagem que você assinalou ... de esses sibilantes como



cobras ... que Maria Fernanda tem todos aqueles cacoetes  
 de linguagem ...  
 L2 ela nunca morou aqui não é?  
 L1 de uma carioca é  
 L2 Maria Fernanda nunca morou em São Paulo ?  
 L1 [ e é uma grande atriz ... então choca  
 demais ... aquela paulista quatrocentona que ele faz bem  
 griFado ... aliás de uma maneira um pouco ... calcada  
 100 demais porque esse tipo acho que já se diluiu nem  
 existe mais ... mas ... fica fica muito falso ver-se  
 então ... uma paulista ... éh:: que faz questão de morar::  
 na casa em que moraram seus ancestrais ... embora seja  
 na borda do Minhocão ... ela faz questão ... porque  
 105 foi ali que os pais moraram por sinal então muito  
 conservadora falando como uma carioca com esses  
 sibilantes ... então isso é uma PEdra ... que eu vejo no  
 caminho ... nosso ... e::... não sei como isto será  
 resolvido ... eu acredito que será louvável o empenho do  
 110 governo ... numa Unificação pelo menos de pronúncia ...  
 mas que deveria de começar na escola primária não é?  
 ensinar dicÇÃO ... na escola primária e de uma certa  
 forma unificada  
 L2 mas isso é um pouco utópico H. você veja outros países  
 115 por exemplo como têm ... ahn:: na Itália na França ...  
 como  
 L1 [ (  
 L2 são e e quase às vezes não se ... na Espanha a a há  
 dialetos que quase não se não se entende o o::...  
 120 L1 uns uns () entendem (  
 L2 () pelos outros  
 L1 pois é mas eles são muito definidos  
 L2 [ é muito difícil isso  
 L1 oh oh I. eles são muito definidos e isso faz com que no  
 125 palco por exemplo ... uma pessoa de Marselha ... um ::  
 um habitante de Marselha ... ou um artista que faz o  
 marselhês ... então ... eles  
 L2 [ eles eles se ironizam hein ?  
 L1 eles se ironizam ele SAbE a maneira como ele deve  
 130 falar não é ? ... as deformações que ele deve dar ao  
 francês ... ao passo que aqui no Brasil eh eh não há  
 um:: nada conceitual -- vamos dizer -- ... a respeito do ::  
 da Fonética não é?... e:: e não havendo uma codificação

não ... eh eh um uma ... nada normativo ... ah  
 135 L2 (  
 L1 fica ao sabor:: do do popular

Os traços caracterizadores dos participantes, assim como a situação em que o diálogo se dá, são fatores importantes quando o objetivo da análise é o processo interacional. Como nos demais capítulos desta obra, a linha básica de pesquisa é a ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO, perspectiva que procura "descrever o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando a compreender como se processa a organização do ato conversacional" (PRETI, 1991:16).

Nesse sentido, para que se possa analisar o processo interacional na conversação é necessário considerar a situação, as características dos participantes da interação em foco e as estratégias por eles utilizadas durante o diálogo.

A análise da seqüência escolhida, partindo dos pressupostos acima assinalados, procurará observar algumas características da interação, aí reveladas, bem como as condições de poder evidenciadas por meio dessas mesmas marcas. A expressão "estruturas de poder" está sendo utilizada aqui no sentido de um conjunto de traços que evidenciam o esquema de dominância esboçado no transcórre do diálogo.

No trecho transcrito, as protagonistas encontram-se, em princípio, em condições de igualdade: são ambas do mesmo sexo, têm a mesma idade, o mesmo estado civil, formação semelhante, profissão com igual valor social, mesmos direitos na situação de comunicação focalizada. Isso significa que as duas podem opinar livremente sobre o assunto proposto, sem qualquer hierarquia pré-estabelecida, tendo, conseqüentemente, igualdade de papéis na condução do processo de interação representado por esse diálogo. Entretanto, apesar desse ponto de partida ideal, dessa aparente simetria de características e de papéis a serem desempenhados no diálogo, uma leitura um pouco mais detida do texto poderá demonstrar que a interação não implica somente cumplicidade e solidariedade, mas também um certo tipo de embate, de disputa, na medida em que os interlocutores são parceiros de um jogo: o jogo da linguagem.

A fim de apontar esses aspectos no texto e interpretar seu funcionamento interacional, será necessário destacar alguns conceitos teóricos referentes ao processo de interação e, a partir da articulação existente entre eles, conferir sua produtividade na análise do diálogo.

## 1. Interação: características gerais

A **interação** é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características lingüísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas.

A abordagem interacional de um texto permite verificar as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado. Isso significa observar no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com outros recursos, tais como entoação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões.

Com a finalidade de trabalhar essas especificidades e tomar a interação como elemento essencial a seu objeto de estudo, vários campos do conhecimento, nem sempre teoricamente semelhantes, apresentam suas contribuições. Esse é o caso da Filosofia da Linguagem, da Etnografia da Comunicação, da Etnometodologia, da Sociologia da Linguagem e da Sociolingüística, da Psicossociologia, da Análise do Discurso, da Teoria da Recepção e da Análise da Conversação.

A partir da constatação pioneira de Bakhtin de que "a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem", o que se observa no conjunto das disciplinas e no esforço em direção aos estudos interacionais é que a inclusão desse novo aspecto só aconteceu a partir de um determinado estágio das reflexões sobre a linguagem e, mais precisamente, num momento em que se abre espaço para as especificidades do texto oral.

Um aspecto destacado por essas novas posturas diante da linguagem, e que tem especial interesse para a configuração das marcas interacionais apresentadas no trecho transcrito, diz respeito ao seguinte: os falantes de uma língua não são apenas competentes de um ponto de vista lingüístico, isto é, no sentido de que dominam os signos e as possibilidades previstas por um sistema verbal, mas também têm competência comunicativa e textual. Segundo Catherine Kerbrat-Orecchioni (1990:31), "a competência aparece como um dispositivo complexo de aptidões, onde os saberes lingüísticos e os saberes socioculturais estão inextricavelmente combinados". Isso significa que os falantes de uma dada língua

combinam sua competência lingüística com outras competências, o que lhes possibilita utilizar as formas lingüísticas em diferentes contextos, em diferentes situações de comunicação, com diferentes finalidades. Os falantes não somente trocam informações e expressam idéias, mas também, durante um diálogo, constroem juntos o texto, desempenhando papéis que, exatamente como numa partida de um jogo qualquer, visam a atuação sobre o outro.

No texto em questão, como qualquer outro texto oral, as interlocutoras estão atentas para as particularidades dessa situação concreta de comunicação. Olhos e ouvidos abertos para esse evento conversacional. Ambas sabem que muitas coisas estão em jogo e que todas elas interferem nesse ato social caracterizado como **diálogo**. Sabem, por exemplo que apesar de o tema ser televisão, e de ambas terem sido convidadas pela experiência com o veículo, o interesse dos proponentes do evento recai na análise da linguagem e não nas características da televisão.

Se essa particularidade do diálogo tem uma importância fundamental no processo de interação, como se verá mais adiante, é verdade, também, que como em qualquer outro evento conversacional elas consideram, graças às competências acionadas, outros aspectos que constituem o diálogo e que nele interferem diretamente:

- quem é o outro a que o projeto de fala se dirige?
- quais são as intenções do falante com a sua fala, com a maneira de organizar as seqüências dessa fala?
- que estratégias utilizar para se fazer compreender, compreender o outro e encaminhar a conversa de forma mais adequada?
- como levar o outro a cooperar no processo?

A percepção desses componentes e a maneira de lidar com eles constituem a dinâmica da interação. Não se trata, portanto, de produzir enunciados para um falante da mesma língua, com o intuito de trocar informações, mas de organizar a fala de maneira a compreender e a se fazer compreender. Isso implica a mobilização, além do instrumental lingüístico oferecido pela língua enquanto sistema, de normas e estratégias de uso que se combinam com outras regras culturais, sociais e situacionais, conhecidas e reconhecidas pelos participantes do evento conversacional.

Para confirmar a validade desses conceitos e sua importância na análise do trecho transcrito, basta observar, por exemplo, que apesar das hesitações e de uma série de elementos caracterizadores da sintaxe do

texto oral, há algumas marcas que definem muito claramente as interlocutoras como falantes da norma culta. Essa particularidade tem, como se verá, conseqüências bastantes significativas nesse evento interacional.

L1 5 olha l. ... eu ... como você sabe ... u:uma pessoa um diretor lá da Folha .. certa feita me chamou ... e me incumbiu de escrever sobre televisão ... o que me parece é que na ocasião ... quando ele me incumbiu disso ... ele pensou ... que ele ia ...:... ficar em face de uma recusa ... e que eu ia ... esnoBAR ((ri)) -- agora vamos usar um termo ... que eu uso bastante que todo mundo usa muito -- eu iria esnoabar a televisão ... como todo intelectual realmente esnoba ... (...)

L2 25 eu estava na Tupi trabalhando como ...:... funcionária da Tupi ... da rádio ... Tupi ... quando foi lançada a primeira ... (primeira) televisão ... de modo que eu vi nascer propriamente a a ... televisão ...

O que se pode constatar, de uma perspectiva sintática, é que as interlocutoras apresentam uma organização frasal bastante sofisticada para uma conversação. Eliminando-se algumas das características de texto oral – repetições, pausas, hesitações –, os trechos permanecem praticamente inalterados<sup>2</sup>:

L1 I., como você sabe, uma pessoa, um diretor lá da Folha, certa feita me chamou e me incumbiu de escrever sobre televisão. O que me parece é que na ocasião, quando ele me incumbiu disso, ele pensou que ele ia ficar em face de uma recusa e que eu ia esnoabar. Agora vamos usar um termo que eu uso bastante, que todo mundo usa muito: eu iria esnoabar a televisão, como todo intelectual realmente esnoba. (...)

L2 Eu estava na Tupi, trabalhando como funcionária da rádio Tupi, quando foi lançada a primeira televisão. De modo que eu vi nascer propriamente a televisão.

Essa passagem pouco problemática do oral para o escrito, fato raramente observável uma vez que a sintaxe da língua oral não se identifica

(2) A transcrição da linguagem oral para a linguagem escrita é uma forma de demonstrar as grandes diferenças existentes entre as duas. Talvez essa a razão pela qual essa estratégia apareça em vários estudiosos da conversação.

com a sintaxe da língua escrita (como demonstram com muita acuidade alguns capítulos desta obra), acontece porque as interlocutoras observam, em geral, a ordem direta, sem grandes inserções e, principalmente, utilizam-se do processo de subordinação. É como se elas, além de dominarem as formas da língua, estivessem prestando atenção não apenas ao assunto, mas também ao modo de expressar esse assunto. Observe-se que L1 efetua uma autocorreção (v. cap. 6) que aponta para esse aspecto.

*... e que eu ia ... esnoBAR ((ri)) -- agora vamos usar um termo ... que eu uso bastante que todo mundo usa muito -- eu iria esnoabar a televisão ...*

A substituição do pretérito imperfeito do indicativo *ia* (tão comum na linguagem falada, mesmo quando o falante se pauta pela norma culta), pelo futuro do pretérito *iria*, revela não apenas o conhecimento da norma, mas a preocupação em demonstrar esse domínio nessa situação específica de comunicação. O que essa autocorreção explica, inclusive pela maneira jeitosa e natural como é feita, é que não só a interlocutora L2 está sendo levada em conta por L1, na medida em que é uma escritora e uma usuária da norma culta, mas também a documentadora que funciona como platéia desse diálogo.

Se o tema proposto pela documentadora é **televisão**, o conhecimento de algumas particularidades situacionais (encontro não casual, presença da documentadora representante do projeto NURC e de um gravador, diálogo com objetivo definido etc.) autoriza a interpretação de que L1, conhecendo o motivo dos depoimentos – estudo da norma culta –, dirige sua conduta de forma a demonstrar e preservar sua imagem de pessoa que domina essa norma.

Há ainda duas marcas textuais que autorizam a leitura desses aspectos implícitos, mas fundamentais nesse evento interacional:

- a primeira pessoa do plural, utilizada pela documentadora no momento em que dá início ao diálogo – **gostaríamos que dessem as suas opiniões a respeito de televisão...**
- a repetição metalingüística do termo **esnoabar** – ... **esnoBAR ((ri)) -- agora vamos usar um termo ... que eu uso bastante que todo mundo usa muito -- eu iria esnoabar a televisão ... como todo intelectual realmente esnoba...**

Com relação ao uso da primeira pessoa, quem é esse sujeito plural que tem expectativas em relação aos conhecimentos das protagonistas, se a única presença concreta é a da monitora?

A utilização da primeira pessoa do plural "[nós] gostaríamos" inclui a documentadora, no seu papel autorizado de monitorar esse diálogo e registrá-lo por meio de um gravador, e os demais representantes do projeto para o qual as protagonistas foram convidadas a colaborar. Mesmo não sendo nomeados e não estando fisicamente presentes, esses outros sujeitos funcionam como representantes do Projeto NURC, isto é, como destinatários indiretos da mensagem configurada pelo diálogo.

Esse traço sintático, aparentemente simples – sujeito coletivo autorizado, mas oculto da perspectiva frasal –, desempenha um papel muito importante no projeto de fala de L1 e, certamente, também no de L2. O tempo todo, L1 parece ter em mente não só o tema da conversa, que poderia ser esse ou outro qualquer, mas também os verdadeiros motivos que levam a documentadora, e a instituição que ela representa, a fazer as pessoas falarem.

Dentro dessa mesma perspectiva interacional é que se pode avaliar a repetição do termo **esnober**. Não é uma simples repetição, mas uma reconstrução contextual, frasal, em que o termo é avaliado lingüisticamente pela usuária. Ela toma o termo sob uma perspectiva metalingüística, dimensionando seu uso e o conhecimento que ela tem desse uso. A finalidade é levar aos ouvintes a certeza de que ela não o está utilizando sem conhecimento de causa. O que ela esclarece, portanto, não é a configuração semântica de **esnober**, mas o fato de ela e de todo mundo usá-lo.

Por que haveria necessidade desse esclarecimento de ordem lingüística, se o tema principal gira em torno dos conhecimentos e ligações de L1 com a televisão? Afinal, o que está realmente em jogo?

Na verdade, o que está implícito é o conhecimento da língua, compartilhado pelas três participantes do evento. L1 acaba deixando passar nas entrelinhas que sabe que o verbo **esnober** não é próprio do registro culto, mas que mesmo assim admite seu uso. Essa explicação, desnecessária da perspectiva do tema em questão, e do tópico abordado no momento, tem uma função interacional muito importante. A repetição recontextualizada funciona como uma estratégia que visa à preservação da auto-imagem pública (GOFFMAN, 1970) construída por uma das participantes dessa conversação: L1 é uma jornalista que conhece a língua portuguesa. De certa maneira, e especificamente com essa estratégia, ela orienta a interpretação no sentido de salvaguardar essa imagem positiva, ou seja, a auto-imagem construída socialmente, e que se refere ao

desejo de aprovação e reconhecimento (BROWN e LEVINSON, 1978). No momento em que utiliza o termo **esnober**, ela se dá conta da ambigüidade interpretativa que esse uso pode causar a analistas de linguagem e, prontamente, recontextualiza-o de forma a não deixar margem de dúvida sobre seus conhecimentos lingüísticos.

Nesse sentido, e como consequência das observações feitas até aqui, é necessário redimensionar as especificidades do quadro participativo (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990:82-11), ou seja, do número de participantes envolvidos e dos papéis que cada um desempenha nessa situação particular de comunicação representada pelo evento conversacional aqui observado.

O quadro participativo definido já no início do capítulo parecia extremamente simples: um diálogo entre duas mulheres, presenciado e gravado por uma documentadora, que em princípio não é protagonista pois tem "apenas" o estatuto participativo de moderadora. Entretanto, os poucos aspectos levantados até aqui demonstram que o quadro participativo é complexo, na medida em que envolve mais que as três presenças físicas e que essa complexidade interfere diretamente no processo interacional.

L1 e L2 são as protagonistas do diálogo e, em princípio, deveriam comportar-se espontaneamente, tratando com familiaridade o tema proposto. Nesse sentido, o projeto de fala de L1 deveria dirigir-se unicamente a L2, e vice-versa, sem preocupação com a "testemunha" personificada pela documentadora. Entretanto, é possível observar que o processo não acontece com essa simplicidade.

O projeto de fala das protagonistas inclui outros destinatários além delas mesmas. São destinatários que podem ser chamados de indiretos, como acontece com a documentadora e com os demais envolvidos no Projeto NURC, e que seriam facilmente explicáveis no caso de tratar-se de um evento institucional (um tribunal, por exemplo, ou mesmo uma mesa-redonda acadêmica em que o público não pode se manifestar). Aqui, as marcas explícitas desse endereçamento são poucas, uma vez que não se trata de nenhum caso clássico de existência de destinatários indiretos. Mas são suficientes, como se viu, para confirmar a atuação dos componentes implícitos no processo interacional. **"Todos os destinatários de uma mensagem, mesmo aqueles que o são apenas indiretamente ('unaddressed') desempenham um papel importante no desenvolvimento da interação..."** (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990:89).

Os aspectos interativos apontados até aqui ajudam a compreender o texto como um processo de comunicação e interação. Eles conferem uma dimensão muito particular ao texto oral, a seu processo de constru-

ção e à maneira como os participantes deixam marcas de seu empenho na negociação da significação. Assim sendo, é possível afirmar, acompanhando o pensamento de vários estudiosos, que **um ato de linguagem é uma interação pelo fato de fundar-se no olhar avaliativo dos parceiros, isto é, daqueles que participam desse ato com a atenção profundamente voltada para todos os aspectos que, de alguma forma, interferem nesse evento.**

## 2. Tipos e níveis de organização interacional

A questão do **olhar avaliativo**, mencionado acima e que acaba conferindo aos interlocutores a **competência avaliativa**, permite observar um evento interacional a partir de determinados aspectos que, dependendo da ausência ou da presença, caracterizam níveis de organização e tipos diferentes de interação.

Para diferenciar os vários níveis de organização da interação, é necessário levar em conta, por exemplo, as **particularidades do modo de presença dos participantes do evento interacional e o modo de relação que os interdefine em função do quadro situacional**, de acordo com as sugestões de CHARAUDEAU (1984) e que serão conferidas a seguir.

No trecho escolhido para análise, as interlocutoras estão fisicamente presentes, uma diante da outra, portanto numa situação de comunicação direta, de interação face a face. Entretanto não estão sozinhas. Há a presença da documentadora, como já foi mencionado, o que particulariza e diferencia esse evento interacional de outros em que não há a presença de um terceiro, em condição hierarquicamente diferente da dos interlocutores protagonistas.

Além disso, como em toda interação, as parceiras estão reunidas sob determinadas condições "contratuais". Nesse caso específico, as condições "contratuais" começam antes mesmo do início da transcrição e prosseguem por todo o diálogo. Embora não seja uma conversa espontânea, ela está prevista para transcorrer como se fosse. Duas amigas, próximas até por laços de parentesco, estão de acordo em desenvolver um diálogo informal, num encontro que se define como institucionalizado, na medida em que há objetivos definidos e normas convencionalizadas. A informalidade da situação fica por conta da liberdade concedida pela documentadora às duas protagonistas, a partir do momento em que o tema da conversa é sugerido.

O grau de formalidade revela-se, entretanto, por meio de vários aspectos: há a preparação do ambiente, com a presença da documentadora, do gravador e do provável contato que antecedeu o encontro, um tema que não surge espontaneamente, mas é dado pela monitora dessa conversa e, ainda, a consciência por parte das protagonistas de que o objetivo do encontro, da perspectiva da instituição de pesquisa que o programou, é observar a linguagem de duas pessoas consideradas usuárias da norma culta.

Esses dados todos ajudam a pensar a interlocução, a interação face a face, levando-se em conta os diferentes tipos de situação em que se dá o evento e as conseqüências para os diferentes processos interacionais.

Há um conto de Guimarães Rosa (1969) intitulado "Famigerado", em que o autor procura justamente caracterizar uma **interação** alinhando, nos poucos parágrafos que constituem a narrativa, a complexa série de elementos que atuam num evento interacional. Ainda que a literatura seja apenas uma das maneiras de reconstituição do evento conversacional, o exemplo serve para suprir alguns aspectos impossíveis de serem observados diretamente no diálogo escolhido para análise.

Já no início do texto, o narrador caracteriza uma situação que, sendo um encontro, reitera aspectos mencionados com relação ao diálogo do NURC. A extrema diferença existente entre as duas situações pontua a importância do modo de presença dos participantes na situação comunicativa e a dimensão do olhar avaliativo que dispara a competência interpretativa com vistas à elaboração das estratégias interacionais. Essas estratégias são justamente as que convêm ao momento e à atuação persuasiva dos participantes.

*Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranqüilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.*

*Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolítíssimo. Tomei-me nos nervos. (...) Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dívida.*

*Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos-coagidos, sim. (...) Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. (...)*

O que se observa, no trecho transcrito acima, é que o narrador em primeira pessoa tem como objetivo principal descrever todos os meandros que envolveram a conversa com um desconhecido. Enquanto protagonista de um evento interacional, ele foi totalmente surpreendido pela presença de estranhos em seu território e, antes mesmo de ter início o diálogo (se é que se tratava mesmo de uma conversa...) ele põe em movimento sua competência interpretativa, isto é, conhecimentos adquiridos na vida em sociedade e que possibilitam avaliar, prever e organizar comportamentos. Esses conhecimentos, de ordem social e cultural, e que podem ser definidos como o conjunto dos valores pressupostos pelo meio sociocultural em que se dá um ato de linguagem, permitiram, de imediato, o reconhecimento de uma situação anômala.

O encontro inesperado, sem aviso prévio e sem a convivência do narrador-personagem, quebra uma regra fundamental que é a previsibilidade das situações em que a interação pode se dar, mesmo entre estranhos. Numa festa, num elevador, num ponto de ônibus ou mesmo em outras situações, dependendo do meio sociocultural em que acontece o evento, é possível prever a possibilidade de interação entre desconhecidos. Não sendo esse o caso, o protagonista aguça olhos e ouvidos para se organizar e enfrentar a situação que o colocou, pela quebra de convenções, em posição de desvantagem, e, conseqüentemente, de dúvida e medo.

Como se sabe, uma situação de interação envolve outros elementos além das palavras: "*Nós falamos com os órgãos, mas é com o corpo que nós conversamos*" (ABERCROMBIE, 1972:64). O olhar, captador e difusor de informações, funciona como uma câmera que, focalizando o exterior, interpreta e/ou expressa aspectos que, sem serem explicitados por palavras, interferem diretamente na dimensão interacional assumida por um encontro. Pelo olhar, cada um dos protagonistas de um evento interacional pode captar as características exteriores do outro, a dimensão espacial configurada pela situação, as expressões faciais, os gestos, a postura, as atitudes corporais e outras marcas que configuram e circunscrevem uma situação, um contexto interacional. Isso significa que essa situação particular, esse contexto interacional não é algo dado previamente, mas uma construção negociada nesse jogo de intersubjetividades e que depende das diferentes competências dos participantes, de seus desejos e de suas intencionalidades, e principalmente da maneira como a interação começa e se desenvolve no intercurso conversacional. É a isso que o narrador se refere quando conclui esse trecho dizendo: *Tudo envergara, tomando ganho da topografia.*

Na análise do trecho do NURC, infelizmente, a transcrição não engloba esses aspectos, impedindo o analista de alcançar essa dimensão significativa, que sem dúvida interfere no processo interacional representado por uma interlocução face a face. Embora essa transcrição já ofereça muitos elementos importantes para avaliar as especificidades do texto oral, seria preciso gravar a conversa em vídeo para captar a dimensão abrangida pelo olhar e observar no texto lingüístico a sua interferência. É claro, também, que isso traria outras conseqüências para a "espontaneidade" de uma situação de interação.

Entretanto, no contraste entre os dois textos, é possível perceber que o trecho do NURC caracteriza-se, ao menos aparentemente, como uma situação de comunicação simétrica, pois nenhuma das participantes sente-se ameaçada ou surpreendida pela presença da outra, o que significa que todos os pressupostos socioculturais que envolvem o diálogo foram obedecidos.

A leitura de mais um trecho do conto, o que vem imediatamente em seguida ao já transcrito, pode explicar ainda mais os aspectos socioculturais que envolvem a natureza dialógica da linguagem em funcionamento e o significado amplo do **olhar avaliativo**.

*(...) Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquêlê homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingô no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar. Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. (...) Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. (...) Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou: (...)*

O narrador-protagonista continua, como se pode notar, avaliando os aspectos que configuram a situação comunicativa, as características e as condições que interdefinem os participantes, incluindo aí ele mesmo e sua desconfortável posição. Como já fizera no trecho anterior, ele percebe e interpreta as possíveis conseqüências do rompimento de outros pressupostos interacionais, e que estão assim representados:

**Saudou-me seco, curto pesadamente.** (trecho anterior)

**Nenhum se apeava.** (trecho anterior)

**Convidei-o a desmontar, a entrar.**

**Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu.**

**Perguntei: respondeu que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta.**

A saudação seca, o não descer do cavalo, o não aceitar o convite para entrar na casa, o conservar-se de chapéu e a visita sem ser por doença frustram todas as expectativas interacionais do médico visitado. Todos esses elementos explicitam, por assim dizer, regras reguladoras e constitutivas do processo interacional nessa comunidade. Trata-se, pelas pistas apresentadas, de uma região rural onde esses aspectos são essenciais, conhecidos e praticados pelos membros que aí interagem, e trata-se também de um médico (o narrador) que está recebendo uma visita estranha, que não se caracteriza como paciente.

A organização interacional prevê, como já apontaram diversos estudiosos, um conjunto de regras cuja finalidade é oferecer, aos participantes de um evento interacional, determinados parâmetros de comportamento que estimulam ou prescrevem atitudes caracterizadoras do intercuro conversacional. Essas regras, que variam de comunidade para comunidade, e que não sendo leis podem ser rompidas, estabelecendo assim as especificidades da situação interacional, antecipam comportamentos e funcionam como baliza para a competência interpretativa e persuasiva dos falantes.

Se por um lado o cumprimento dessas regras, enquanto práticas reconhecidas e implícitas, evidencia um esforço dos interlocutores na direção da negociação que caracteriza o diálogo, a quebra autoriza uma série de inferências no sentido da percepção de um processo interacional polêmico, desarmonioso, conflituoso. Se a situação é também produto da interação, dela emergindo a partir da seqüência das ações desenvolvidas pelos participantes, a não utilização dessas regras leva o interlocutor a conceber a situação como negativa. O princípio da cooperação, a que todo evento conversacional deve estar sujeito, uma vez rompido coloca um dos interlocutores, como é o caso do narrador-protagonista do conto de Guimarães Rosa, numa situação de desconforto e insegurança, pelo fato de não poder reconhecer o propósito do encontro. É essa a dimensão constrangedora que o leva a avaliar negativamente todos os aspectos captados pelo olhar, antes mesmo de o outro explicitar verbalmente o motivo de sua presença.

É interessante observar também o seguinte trecho: *Aquêlê homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso.* Nesse momento, o narrador-protagonista demonstra que, assim como ele está desenvolvendo sua competência interpretativa e persuasiva, avaliando vários detalhes para tentar adivinhar as intenções do outro e agir adequadamente, ele também está sendo observado. Sua expressão facial, por exemplo, pode gerar no outro uma interpretação que nada ajudará sua situação de desvantagem. Por essa razão ele procura construir uma imagem de segurança que, na verdade, não espelha a sua confusão interior e conduz, ou tenta conduzir, a interpretação do outro. Como se pode constatar, essa é uma estratégia de preservação da autoimagem pública, fenômeno já apontado num outro momento deste capítulo, e que novamente se apresenta como estratégia interacional de persuasão. Da mesma maneira que uma das interlocutoras do texto do NURC realiza uma autocorreção para manter a imagem de conhecedora do português, o narrador-protagonista cuida dos traços faciais, a fim de impor a auto-imagem pública de médico, de forte e de corajoso.

Do que se inferiu até aqui, a partir da observação dos dois textos, é possível reafirmar que o texto oral, além dos aspectos explicitados, tem uma dimensão presumida, isto é, uma dimensão extraverbal que se integra necessariamente ao conjunto textual, participando ativamente da estruturação, da organização e da significação compreendidas pelo evento interacional. As estratégias interacionais desenvolvidas pelos interlocutores visam à adequação do processo, tendo em vista as especificidades de cada situação.

Considerando os dois tipos de interação focalizados aqui, e tendo consciência de que há inúmeros outros, é possível imaginar algumas situações de interlocução:

- conversa informal, espontânea, travada entre amigos, conhecidos, sem preparação prévia;
- conversa informal, espontânea, travada entre desconhecidos, sem preparação prévia nem tema definido (numa festa, num ponto de ônibus);
- conversa entre pessoas que se conhecem muito pouco;
- conversa entre pessoas pertencentes a níveis socioculturais diferentes;
- conversa entre rivais ou adversários políticos;

- encontro institucionalizado, formal, com objetivos definidos, em situações e contextos caracterizados por normas convencionadas;
- conversa informal, travada entre amigos, mas com preparação prévia e tema determinado.

Como se pode observar, uma gama muito grande de variações coloca-se entre a extrema informalidade de uma conversa espontânea entre velhos amigos e a extrema formalidade de uma situação num tribunal ou num encontro protocolar entre um presidente da República e um príncipe da Inglaterra.

Apesar dessa variação, os estudiosos destacam aspectos comuns, constantes nas diferentes situações de interação, e aspectos que acentuam, destacam e individualizam o processo interacional numa conversação.

Nesse sentido, considerando-se mais uma vez os textos selecionados para análise e acompanhando MARCUSCHI (1986), uma primeira constante deve ser assinalada: **a interação acontece, necessariamente, entre pelo menos dois falantes que se caracterizam como atores da interlocução e que vão se relacionar enquanto parceiros**. Esses interlocutores revezam-se na condição de falante e ouvinte, ou seja, se sujeito comunicante e sujeito interpretante. A primeira consequência a ser tirada dessa constante diz respeito à **mecânica da interlocução**: o sujeito interpretante não reconstrói pura e simplesmente as significações produzidas pelo sujeito comunicante. Sendo a interlocução aberta (há o revezamento de posições), cada um dos participantes interage parcialmente no projeto de construção de sentido do outro. Isso significa dimensionar a interação verbal como uma **atividade cooperativa**, que implica um conjunto de movimentos coordenados da parte dos participantes e, ainda de acordo com Marcuschi, emergente da seqüência da troca interativa organizada. É provavelmente a partir dessa constatação que se pode definir a interação como negociação de sentido.

Na seqüência extraída do **Inquérito 333**, a interação configura-se de imediato na medida em que o diálogo se dá entre duas participantes que se revezam na condição de falante e ouvinte. O modo de presença da terceira pessoa – a documentadora, que em Análise da Conversação denomina-se audiência individual e, enquanto tal, representa uma extensão do ouvinte –, desempenha um papel significativo na interação. Essa importância da audiência se faz notar mesmo num texto que, como o do NURC, restringe a participação à proposta do tema e à recomposição

dos tópicos, no sentido de retomar aspectos diretamente ligados ao que foi proposto no começo, conforme se pode observar no texto todo e não apenas no trecho transcrito.

- 1 Doc. gostaríamos que dessem as suas opiniões a respeito de televisão...  
 301 Doc. e como vocês vêem a evolução da TV?  
 626 Doc. e sobre o cinema... o cinema atual?  
 698 Doc. a que se deve esse hiato que a senhora mencionou?  
 700 Doc. esse hiato  
 806 Doc. não mais...mais ()  
 808 Doc. e quanto ao teatro? ... poderiam comentar alguma coisa?  
 907 Doc. não estava indo para o teatro né? ... e o que vocês acham que seria uma televisão ideal numa comunidade como São Paulo?  
 988 Doc. vocês acham então que o noticiário em TV tem melhorado bastante/  
 993 Doc. em que sentido  
 1068 Doc. e problemas como o Sílvia Santos como vocês entendem?  
 1188 Doc. anti-psicológico... e só para terminar vocês acham que no futuro a TV vai realmente sobrepujar o cinema? ... aqui no nosso caso principalmente  
 1215 Doc. e a dona I. também ...

Os demais aspectos que participam da organização elementar da conversação (MARCUSCHI, 1986) são: ocorrência de pelo menos uma troca de turno (v. cap. 3), presença de uma seqüência de ações coordenadas, execução efetuada numa identidade temporal e envolvimento numa interação centrada.

Todos esses aspectos aparecem no texto escolhido para análise e cada um contribui, a sua maneira, para a particularização do processo interacional em observação.

### 3. Turno conversacional e interação

O ditado **Quando um burro fala, o outro murcha a orelha** é, em outras palavras, uma norma conversacional: fala um de cada vez. Esse fator que visa a disciplinar a atividade conversacional, funcionando como um mecanismo central da organização do texto, demonstra, por meio de uma série de aspectos, as estruturas de poder que governam a conversação: quem fala primeiro, tendo esse direito previamente estabelecido ou não, as falas simultâneas ou sobrepostas, os silêncios, as hesitações, o assalto ao turno do outro etc. A forma de presença desses aspectos na seqüência textual é que dimensiona o maior ou menor grau de simetria ou assimetria do processo interacional.



A caracterização dessa marca está diretamente ligada ao tipo de interlocução focalizado. Das condições específicas da interação é que vão depender os efeitos psicológicos produzidos sobre os interlocutores e, ao mesmo tempo, são essas condições que vão determinar as características próprias da encenação discursiva. A tomada de turno ajuda a perceber não somente a negociação e a cooperação existentes na interação verbal, mas também a disputa pela palavra, o jogo de poder que se estabelece durante o intercurso verbal.

No texto observado, já se sabe que a situação de interação é, em princípio e inicialmente, simétrica. Entretanto, basta examinar a organização dos turnos para perceber a dominância de L1 sobre L2, ou seja, a assimetria acontece com o desenrolar da interação. Antes mesmo que haja qualquer combinação para saber quem fala primeiro, L1 – a jornalista – toma o turno, fala um longo tempo (até linha 23) e, no final, dá a deixa para L2 entrar, propondo o aspecto do tópico a ser tratado.

22 L1 agora voCÊ ... foi dos tempos heróicos ... da mencionada luta

É bem verdade que L2 toma a palavra, colaborando com sua interlocutora e confirmando o aspecto cooperativo que marca a interação.

25 L2 eu estava na Tupi trabalhando como :... funcionária da Tupi ... da rádio ... Tupi ... quando foi lançada a primeira ... (primeira) televisão ... de modo que eu vi nascer propriamente a a ... televisão ...

Mas fala pouco, em comparação com o tempo utilizado por L1 sem nenhuma interrupção. Ao final dessa quarta linha já há uma superposição da L1:

nascer propriamente a a ... televisão ...  
L1 |  
vinte e cinco anos né?

Avaliando-se o tempo durante o qual cada uma das interlocutoras detém a palavra ao longo do trecho selecionado para análise, constata-se que L1 não apenas inicia e conclui o diálogo recortado na seqüência, como também fala muito mais que L2.

Embora a estrutura dos turnos demonstre a cooperação existente entre as participantes, como se pode observar nas linhas transcritas a seguir, é impossível não detectar, por meio desse aspecto conversacional,

marcas das estruturas de poder, isto é, marcas de que L1 assume o papel preponderante na condução das relações interpessoais.

esses e os erres do carioca ...  
L1 |  
sibilados ...  
(...)  
40 L2 erres" ... esse era o teste ...  
L1 é ...  
(...)  
L2 o Chico Anísio está ... ah ah ah ... caçoando...  
45 L1 é  
L2 no programa dele ...  
L1 no programa dele  
L2 do Chico Anísio ... não é? ele ... ca/ eh ... eh ... ele  
inSISte ... DORme em cima dos esses e dos erres né?  
50 L1 dos erres ... ahn

Se por um lado as sobreposições, as repetições e as presenças do é são marcas da atenção de L1 e refletem o envolvimento interacional e a cooperação de L1 para com L2, por outro demonstram também, no conjunto textual, que as mínimas hesitações de L2 são preenchidas com palavras de L1, numa clara insistência de controle da fala.

#### 4. Tópico conversacional e interação

Para que haja interação, como já foi assinalado neste capítulo, é preciso que dois participantes se alternem na troca de turnos. Mas, para que isso aconteça, é indispensável um tema, "alguma coisa" para a qual a conversa possa convergir, que dê motivos para a continuação do evento interacional e tenha um desenvolvimento graças ao esforço de cada um dos participantes. Esse elemento, que pode ser denominado tópico discursivo (v. cap. 2) é parte constitutiva do texto oral, na medida em que os interlocutores só podem se relacionar a partir da presença desse aspecto.

No trecho destacado para análise, esse é um dado fundamental para se constatar, lingüisticamente, o jogo intersubjetivo que torna as interlocutoras não apenas cúmplices com relação à maneira de conduzir o tema proposto – televisão –, mas também lhes dá oportunidade de demonstrar conhecimentos partilhados e particularidades que vão definin-

do melhor a auto-imagem pública que cada uma pretende expor, bem como as estratégias utilizadas para constituir e impor essa dimensão persuasiva.

O diálogo começa com o tópico proposto pela documentadora, tendo início, a partir desse momento, o processo interacional, que estará centrado no tema televisão.

A primeira fala pertence espontaneamente a L1, que de imediato recorre à sua experiência pessoal para demonstrar conhecimento, intimidade com o assunto. Depois de utilizar o marcador conversacional **olha** seguido do nome da sua interlocutora, agora lingüisticamente instaurada como ouvinte, L1 recorre à fórmula **como você sabe** para estreitar os laços interativos e pressupor conhecimentos partilhados. Mas é verdade também que, antes da fórmula mencionada, ela já havia expresso o pronome **eu**, operando uma espécie de mudança momentânea de foco que, sem prejuízo do tópico, do objeto central da conversa, ilumina o sujeito e sua relação com a televisão.

A partir dessa estratégia, uma narrativa é disparada, dando oportunidade a L1 de expor sua condição de intelectual, seu contato com a televisão e sua falta de preconceito em relação ao veículo, apesar de considerar que a literatura exigia muita atenção e a televisão, ao menos no início de seu contato, era uma forma de descanso. Há aqui alguns elementos a serem considerados.

Em qualquer diálogo, contar histórias funciona como um aspecto importante para a interação, como demonstra PRETI em sua obra **A Linguagem dos Idosos** (1991). No texto do NURC, o fato de as interlocutoras terem 60 anos é mais uma justificativa para o aparecimento dessa estratégia interacional. Contar histórias, especialmente de caráter pessoal, implica a experiência de vida que, nesse diálogo, está ligada ao tema proposto: ambas vivenciaram profissionalmente a televisão. L1 narra o fato de ter sido convidada para escrever sobre televisão e dá a deixa para a outra lembrar o início desse meio de comunicação no Brasil, uma vez que sua interlocutora participou do que ela chama de "tempo heróicos". Portanto, ambas são protagonistas e testemunhas diretas das histórias contadas.

[O conteúdo é um aspecto essencial a ser observado no desenvolvimento do tópico, na medida em que fornece importantes pistas interativas.] Mas, além do conteúdo, outros elementos participam de maneira decisiva na estruturação do evento conversacional.

No trecho em exame, é por meio do tópico e da maneira como é conduzido que se pode perceber a ambígua relação estabelecida entre as

protagonistas. Por um lado, é o tópico conversacional que evidencia a cumplicidade existente entre as duas. Por outro, é esse mesmo elemento constitutivo do diálogo que deixa entrever uma certa disputa, que não chega a configurar-se como uma luta pela posse do turno, mas que revela, por meio de alguns "assaltos ao turno" e algumas inserções, duas interlocutoras caracterizadas como não passivas.

A cumplicidade evidencia-se ao longo de todo o trecho transcrito. No momento em que L1 interrompe a narrativa de sua experiência para passar a palavra a sua interlocutora, sugere a narrativa dos tempos passados. L2 revela-se cooperativa, aceita a proposta tópica de L1 e demonstra até um certo interesse. Mas imediatamente, sem comprometer a cumplicidade e o processo cooperativo, lança um subtópico que lhe dá oportunidade de demonstrar conhecimentos e impor-se enquanto falante: L2 resume rapidamente a história de sua experiência ligada ao início da televisão e deriva o tópico para as diferenças de pronúncia existentes entre paulistas e cariocas.

- 30 L2 é ( ) eu ... eu vi nascer ... eu estava lá ... ah ...  
todo momento né? e::: uma coisa que eu gostaria de:::  
lembrar a você justamente a respeito de linguagem ... é o  
seguinte que eu noto ... que muito paulista fica um  
pouco chocado ... com o linguajar carioca ... com os  
esses e os erres do carioca ...
- 35 L1 |  
sibilados ...

Instaura-se, então, a cumplicidade, na medida em que todas as intervenções de L1, até a linha 136, apontam para a aceitação do tópico e para a eficaz cooperação interativa. Na verdade, o tópico principal acaba apontando para a questão da pronúncia e a televisão é o elemento que serve de exemplo às opiniões comungadas pelas duas. Nesse sentido, a interação é tão harmoniosa que após criticar de várias maneiras a inadequação desse aspecto da fala carioca, numa atitude profundamente bairrista e mais especificamente paulistana, elas concluem pela necessidade de uma forma unificada da pronúncia, tarefa atribuída ao governo, lamentando a ausência de uma normatização fonética.

Nesse ponto, é necessário destacar alguns aspectos. Essa particularização do tópico numa característica específica da linguagem, a pronúncia, e que toma a televisão unicamente como exemplo e pretexto, é a maneira encontrada pelas interlocutoras para demonstrar seus conheci-

mentos a respeito do que elas consideram língua culta. A causa desse desvio parece realmente residir no fato de a língua culta funcionar, nesse evento interativo, como uma espécie de "fantasma" motivador do verdadeiro assunto em pauta. A documentadora, embora em silêncio e sem interferir nenhuma vez nessa seqüência, é tomada como a representante da audiência a quem a fala, registrada pelo gravador, dirige-se.

Assim sendo, a cumplicidade não se dá unicamente porque ambas concordam com o tópico abordado, mas também porque ele é bastante adequado para expor, de forma a impressionar a documentadora, a longa e consciente tradição de usuárias desse registro. Ou ao menos daquilo que elas imaginam ser um aspecto essencial ao conceito de norma culta: a pronúncia exata e correta dos paulistas...

Por outro lado, a disputa revela-se na estruturação e na maneira de conduzir o tópico. Se L2 é a falante que dá a deixa principal para o desenvolvimento desse aspecto interativo, ou seja, para a exposição de conhecimentos a respeito de pronúncia, L1 vai limitando suas intervenções, até a linha 57, a lacônicas falas cooperativas:

- 28 L1 vinte e cinco anos né?
- 35 L1 sibilados
- 41 L1 é...
- 47 L1 no programa dele
- 50 L1 dos erres... ahn
- 54 L1 exata
- 57 L1 dos cariocas

Entretanto, a partir da linha 59, L1 retoma a liderança "tópica", reduzindo as intervenções de L2 a raras falas que não sejam meros sinais interacionais de concordância e repetição. Essa situação é exacerbada no momento em que L1 deixa de responder a uma pergunta feita por L2 na linha 94 e reiterada por meio de uma paráfrase (v. cap. 5) na linha 96.

- (...)
- 90 ... uma grande atriz que é a Maria Fernanda ... faz uma paulista de quatrocentos anos exatamente com a linguagem que você assinalou ... de esses sibilantes como cobras ... que Maria Fernanda tem todos aqueles cacocetes de linguagem ...
- L2 ela nunca morou aqui não é?
- L1 de uma carioca é
- L2 Maria Fernanda nunca morou em São Paulo ?
- L1 | e é uma grande atriz ... então choca demais ... aquela paulista quatrocentona que ela faz bem

## 5. Algumas considerações finais

A maneira como a interação foi abordada neste capítulo não é exaustiva de um ponto de vista teórico e nem dá conta de todos os aspectos interativos envolvidos no diálogo escolhido. Na verdade, cada um dos assuntos tratados pelos diferentes capítulos que compõem esta obra apontam para elementos que fazem parte do processo interacional da conversação.

Caracterizar a interação como um fenômeno que inclui aspectos sociais, culturais, discursivos e lingüísticos, e que representa um processo essencial na organização do texto oral e nos sentidos e efeitos de sentido aí constituídos, talvez seja o aspecto a ser destacado no conjunto representado por este capítulo. O fato de ser uma atividade cooperativa que envolve pelo menos dois participantes numa situação específica demonstra, mesmo nos contextos menos formais e aparentemente mais simétricos, como é o caso do diálogo escolhido para análise, que há sempre manifestações de poder nas diferentes formas de interação.

Como se pode observar, conversação e interação são dois conceitos profundamente relacionados: os participantes do ato conversacional engajam-se na conversação porque têm o propósito de interagir. Reciprocamente, é o desenrolar da conversação que possibilita a continuidade da interação. Assim sendo, e como este capítulo procurou demonstrar, é necessário aproximar conversação e interação, uma vez que a conversação é o palco privilegiado da interação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERCROMBIE, D. (1972) "Paralanguage". In: LAVER, J. & HUTCHESON, S. *Communication in Face Interaction*. Harmondsworth, Penguin books. p. 64-70.
- BAKHTIN, M. (VOLISHINOV) (1979) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud, Y. F. Vicira e outros. São Paulo, HUCITEC.
- \_\_\_\_\_ (1981) *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio, Forense Universitária.
- BLANCHET, A. et al. (1991) *L'interaction: négociation du sens. Connexions, 57*. Toulouse, Éditions Érès.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. C. (1987) *Politeness: some universals in language use*. Cambridge, Cambridge University Press.

- \_\_\_\_\_ (1989) "La conversation entre le situationnel et le linguistique". *Connexions*, 53. p. 9-22
- CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo, A. T. Queiroz/FAPESP. Vol. II.
- CHARAUDEAU, P. (1984) "L'interlocution comme interaction de stratégies discursives". *Verbum*, VII, fasc. 2/3. p. 165-183.
- GOFFMAN, E. (1974) *Les rites d'interaction*. Paris, Minuit.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1990) *Les interactions verbales*. Paris, Armand Colin. T.I.
- MARCUSCHI, L. A. (1986) *Análise da conversação*. São Paulo, Ática.
- \_\_\_\_\_ (1988) "Manifestações de poder em formas assimétricas de interação". Cópia xerografada.
- PRETI, D. (1991) *A linguagem dos idosos*. São Paulo, Contexto.
- ROSA, J. Guimarães (1969) "Famigerado". In: *Primeiras estórias*. 5 ed. Rio, José Olympio. p. 9-13.

## 10. A LÍNGUA FALADA E O DIÁLOGO LITERÁRIO

Dino Preti

### TEXTO

O caso de F.A.

Rubem Fonseca

"A cidade não é aquilo que se vê do Pão de Açúcar. Na casa de Gisele?."

"Foi", respondeu F.A.

"Aquela francesa é mesquinha e ruim. E também uma trepada de merda. Dizem"

"Eu dou qualquer dinheiro", disse F. A.

"Hum", respondi.

"Você disse que dinheiro compra tudo. Eu gasto o que for preciso", disse F. A.

"Sei. Continua."

"Quem me recebeu foi o... pederasta, a Gisele não estava. Fui correndo para o quarto, enquanto ele dizia, "uma coisa especial, o senhor vai gostar, acabou de se perder". Eu estava com medo de ser reconhecido, havia na sala algumas pessoas, dois homens, uma mulher. Quando entrei no quarto, ela encostou-se na parede com uma das mãos na garganta. Apavorada, entendeu?"

"Sei. E depois?"

"Eu disse: não tenha medo, quero apenas conversar com você. Ela continuou amedrontada, com os olhos arregalados, sem dizer uma palavra.

Segurei sua mão muito de leve, sentei-a ao meu lado na cama. Ela estava dura de pavor, mal respirava".

F. A. passou a mão sobre os olhos.

"Estou com pressa", eu disse.

"Ficamos dentro do quarto duas horas. Não toquei nela. Falei, falei, falei, disse que também estava com horror daquilo. Estou mesmo, não agüento os encontros mecânicos com esses infelizes, sem amor, sem surpresa. No fim ela começou a chorar. Só falou uma vez, para dizer que desde que saíra de casa eu era a primeira pessoa que a tratara como um ser humano. Eu tinha reunião do Conselho e não podia ficar mais tempo. Paguei e saí."

"Pagou a quem?"

"A Gisele. Ela havia chegado e estava na sala."

"A Gisele disse alguma coisa?"

"Acho que disse. Perguntou se eu tinha gostado, uma coisa assim. Eu disse que estava com pressa. Paguei o dobro."

"Por quê?"

"Não sei. Acho que quis impressionar a Gisele. Não, impressionar a garota."

"A garota não vai saber de nada. Você devia ter dado o dinheiro para ela."

"Fiquei com vergonha."

"Você já deu para outras. O viado estava na sala de espera?"

"Não. Só a Gisele."

"Alguém telefonou para você depois?"

"Não."

"Você ligou para alguém?"

"Ah... liguei. Mandei chamar a garota. A Gisele disse que ela não podia atender, que eu fosse lá."

F.A. me segurou pelo braço: "A garota está numa prisão. Eu quero tirá-la de lá antes que ela se corrompa. Você precisa me ajudar."

"Você voltou lá?"

"Não."

"Você só viu a garota uma vez e ficou tarado por ela?"

"Bem... eu a vi mais de uma vez..."

"Conta essa merda direito, porra."

"Voltei lá umas quatro vezes..."

F.A. calou-se.

"Desembucha logo, estou com pressa."

"A garota fugiu de casa, depois de fazer um aborto. O pai deu uma surra nela. Uma parenta do namorado arranhou o endereço da Gisele. A Gisele a obriga a prostituir-se, ameaçando-a com o Juiz de Menores."

"Parece um romance intitulado: A Escrava branca da Avenida Rio Idem", eu disse.

"Você acha graça?" perguntou F.A. ofendido.

"Eu estou rindo? Continua."

"Não fui para a cama com ela nem uma vez. Ontem eu avisei que iria tirá-la de lá. Ela tremeu e disse para eu tomar cuidado."

"Cuidado? Um viado e uma puta francesa?"

"Você sabe, eu não posso me expor, um escândalo desses me arruinaria. Mas não são apenas os dois. Agora anda por lá um grandalhão de bigodes. Ele fica lendo estórias em quadrinhos na sala; quando passo me olha com desprezo."

"Esse sujeito falou alguma coisa com você?"

"Não. Mas eu tenho a impressão de que a qualquer momento ele vai me cuspir ou dar um soco na cara. É duro passar por aquela sala de espera. Não sei o que é pior, o gorila ou os... clientes..."

"Acho que não preciso saber mais nada. Espera uma notícia minha. Vá para casa. Deixa a chave daqui comigo."

"A chave daqui?"

"Você não está mais usando isto, está? Como posso trazer a garota para cá sem a chave?"

"Como é que você vai fazer?"

"Não sei."

"Não sabe?"

"Não sei."

"Mas você tem um plano, não tem?"

"Não tenho porra de plano nenhum."

"Mas como?... Me diz... de que maneira..."

Eu estava com pressa, sem paciência: "Vai pra casa, para perto de sua mulher, dos seus filhos, para perto dos seus colegas Conselheiros, vê se não me aporrinha, deixa que eu quebro o galho."

F.A. passou a mão nos olhos, fez cara de infeliz.

"Anda logo, a chave", eu disse.

"Você está precisando de dinheiro?", perguntou F.A., enquanto me dava a chave.

"Por enquanto não."

"Quando é que você traz a menina?"

"Não sei."

"Quero levá-la comigo para Paris, no mês que vem. Vou em missão do governo. Uma oportunidade ótima."

"Aposto que você já falou isso com ela."

F.A. se perturbou. O putro tinha falado. O ovo no cu da galinha.

"Vamos embora", disse para ele.

Descemos.

"Cuidado com o meu motorista. Não confio nele. Quem empregou foi minha mulher", disse F.A.

"Me deixa na Gustavo Sampaio", eu disse.

Viajamos em silêncio. Várias vezes F.A. me olhou ansioso. Quando saltei, me apertou a mão com força, "telefone, dê notícias", disse.

("O caso de F.A.". In: **O homem de fevereiro ou março**. Rio, Arte-nova, p. 191-218)

---

Este diálogo inicia um conto de um dos mais conceituados prosadores brasileiros, Rubem Fonseca.

Quando se analisa um texto literário, é importante observar a época em que foi escrito, bem como as características estéticas predominantes na obra do autor. Ou melhor dizendo: o estilo do escritor e suas relações com as correntes literárias.

Uma narrativa de um autor contemporâneo não tem as mesmas características encontradas na prosa realista ou romântica do século XIX. Não nos interessa, porém, dentro dos limites deste estudo, divagar em torno dos problemas das chamadas escolas literárias e de suas manifestações em nível lingüístico. Se o fizéssemos, todavia, constataríamos que foram desiguais, ao longo da história literária, as relações entre a linguagem literária e a linguagem oral.<sup>1</sup>

Como constitui uma manifestação escrita, a linguagem literária tem afinidades maiores com essa modalidade de língua. Por mais que se pretenda aproximá-la do fenômeno da oralidade, o escrito literário pressupõe uma elaboração por parte do escritor, ainda mesmo quando sua intenção seja a de aproximar o que escreve da naturalidade da fala.

Além do mais, como língua escrita, o texto literário configura uma situação de comunicação absolutamente diversa da língua oral: "Não temos mais o ouvinte à nossa frente, face a face, com o qual interagimos. Não conhecemos as reações que nossas palavras provocam. Não contamos mais com os recursos entonacionais. Na língua escrita, podemos até

mesmo não saber quem lerá nosso texto e, portanto, só poderemos presupor suas reações às nossas idéias. Além disso, pensamos para escrever, temos a oportunidade de refazer nosso texto, corrigi-lo, reelaborá-lo, o que não ocorre com a fala. Sobre a produção de nossos textos pesa intensamente uma cultura lingüística, nosso nível de escolaridade, nossas leituras, nossos conhecimentos gramaticais, nossa possibilidade de consultar o dicionário. São fatores de controle dos textos que redigimos. A tendência, pois, é atendermos com mais atenção às normas da linguagem culta escrita, ainda que o coloquial, o falado possa também fazer parte de nosso estilo".<sup>2</sup>

Embora Coseriu afirme que, consideradas as variações de norma lingüística, pode-se falar em uma 'língua literária', a verdade é que, como os objetivos do escritor são de natureza estética, não há limites entre as variações de linguagem para atingi-los.<sup>3</sup> Logo, não há uma linguagem literária, mas estilos literários diversificados, que se valem das características mais comuns da língua escrita, mas também da naturalidade da fala, mais comprometida com as variantes populares. Ou conforme diz Urbano, apoiado em idéias de Granger: "*A língua literária é uma variante da língua escrita, mas também o é da língua popular, da língua culta etc., no sentido de ser 'uma combinação de códigos auxiliares, superpostos ao código comum' de que fala Granger. Na verdade, sendo a obra literária de ficção uma transposição da realidade, recria no texto literário todas essas espécies ou modalidades lingüísticas, porém sob o aspecto abrangente da intenção artística e estética.*"<sup>4</sup>

Como podemos observar esse processo criativo no texto que estamos estudando? Alguns esclarecimentos sobre um contexto maior (o conto inteiro) são necessários para entender os comentários que se seguirão.

No fragmento lido, observa-se o confronto entre duas personagens, que se revelam ao longo do diálogo inicial e durante a narrativa, bem diferentes: de um lado um advogado, a personagem-narrador, que trabalha em especial com o crime, pouco escrupuloso, mas extremamente esperto, inteligente na execução de suas tarefas, que mais se assemelham às de um detetive ou delegado de polícia. Os vários momentos da narrativa

(2) Cf. PRETI, Dino. Mas, afinal, como falam (ou deveriam falar) as pessoas cultas? São Paulo, *O Estado de São Paulo*, suplemento Cultura, 22/9/90, p. 4.

(3) COSERIU, Eugênio. *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*. Madrid, Gredos, 1967, p.98.

(4) URBANO, Hudinilson. *A elaboração da realidade lingüística em Rubem Fonseca*. São Paulo, FFLCH da USP, tese de doutorado, 1985, p.152.

(1) Cf. PRETI, Dino. "A língua oral e a literatura: cem anos de indecisão". In: PRETI, Dino. *A giria e outros temas*. São Paulo, T. A. Queiroz/ EDUSP, 1984, p. 103-125.

mostraram sua atuação com as mulheres, seu conhecimento do mundo da prostituição, suas experiências sexuais etc. Trata-se de um tipo que, no entanto, assume inteiramente suas atitudes violentas, seus valores afetivos e não esconde, nem se questiona moralmente ao longo da narrativa. Quanto ao seu interlocutor (também o contexto esclareceria o leitor), é um ilustre conselheiro de Estado, que se entrega a aventuras extra-conjugais, mas que quer manter inalterada sua imagem pública, para a qual é indispensável a sua condição de homem de família. E está disposto a pagar por isso, contratando os serviços do advogado. Esse jogo entre a verdade e a hipocrisia marcará o desenvolvimento do conto.

As personagens se conhecem desde a infância e suas diferenças sociais são resumidas pelo narrador (o advogado) numa breve lembrança do passado:

*"Meu pai era imigrante. O pai dele era ministro. Na época em que eu lavava chão e espanava balcões e vendia meias, das 7 da manhã às 7 da noite e corria pro colégio, sem jantar, onde ficava até as 11 horas, o puto ganhava medalhinhas no colégio de padres e passava as férias na Europa."* (p. 204-205)

Essas explicações contextuais são necessárias, porque o processo interacional da conversação sofre o reflexo, ora de **fatores situacionais** (isto é, das condições em que o diálogo se realiza, do tema, do grau de intimidade entre os falantes, do local), ora de outros fatores exteriores à própria conversação, que agem por fora, sobre os interlocutores, como, por exemplo, o *status* social dos falantes, seu sexo, idade, grau de escolaridade etc.

No trecho que estamos analisando, vemos que existe uma condição de poder bem marcado da personagem-narrador sobre o conselheiro, em virtude, principalmente, da situação de comunicação que se instaurou. O primeiro sente, desde o início, que tem força sobre seu interlocutor, porque este está sob sua dependência, não só pela revelação de um ato moralmente condenável, mas também porque precisa do seu silêncio para acobertá-lo e ajudá-lo na solução. Em conseqüência, as intervenções da personagem-narrador revelam esse domínio e, também, a agressividade de quem, embora aceitando uma atividade profissional encomendada (e, portanto, paga) quer fazê-lo, usando a todo momento da humilhação sobre seu cliente.

A impaciência é o primeiro índice desse poder e desse desprezo do falante sobre seu ouvinte:

*"Eu dou qualquer dinheiro", disse F. A.*

*"Hum", respondi.*

*"Você disse que dinheiro compra tudo. Eu gasto o que for preciso", disse F. A.*

*"Sei. Continua."*

.....  
*"Sei. E depois?"*

*"Eu disse: não tenha medo, quero apenas conversar com você. Ela continuou amedrontada, com os olhos arregalados, sem dizer uma palavra.*

*Segurei sua mão muito de leve, sentei-a ao meu lado na cama. Ela estava dura de pavor, mal respirava".*

*F. A. passou a mão sobre os olhos.*

*"Estou com pressa", eu disse.*

.....  
*"Você só viu a garota uma vez e ficou tarado por ela?"*

*"Bem... eu a vi mais de uma vez..."*

*"Conta essa merda direito, porra."*

*"Voltei lá umas quatro vezes..."*

*F.A. calou-se.*

*"Desembucha logo, estou com pressa."*

Estas citações nos permitem demonstrar como o narrador exterioriza sua irritação com o interlocutor, que tudo aceita, pois está na sua dependência total.

Por outro lado, embora os interlocutores sejam, ambos, falantes cultos, sua linguagem e, em particular, seu vocabulário possuem distinções evidentes. Gíria, termos obscenos, frases violentas marcam o contraste entre um narrador de expressão livre, natural, mais autêntica, ao lado de um interlocutor que hesita em empregar vocábulos chulos, principalmente os que se referem aos atos sexuais, procurando sempre os termos científicos ou os eufemismos:

*"Quem me recebeu foi o... pederasta, a Gisele não estava".*

O autor marca bem a hesitação, que seria natural na fala dessa personagem, nessa situação. Além disso, **pederasta** é um vocábulo da linguagem culta, pouco empregado na fala do dia-a-dia. Para expressar

essa mesma idéia o advogado usará o vocábulo chulo **viado** (a grafia acompanha a pronúncia popular):

"O viado estava na sala de espera?"

Num outro momento, referindo-se à prostituição e à condição das prostitutas, o conselheiro empregará outros eufemismos (**daquilo e infelizes**):

*"Ficamos dentro do quarto duas horas. Não toquei nela. Falei, falei, falei, disse que também estava com horror daquilo. Estou mesmo, não agüento os encontros mecânicos com essas infelizes..."*

A hesitação é um fenômeno natural e constante na conversação. Pode refletir um esquecimento momentâneo como ocorre com frequência na linguagem dos falantes idosos<sup>5</sup> ou momentos de constrangimento criados pela situação de comunicação. Nesse texto, conforme já vimos acima, o conselheiro hesita em usar termos vulgares ou obscenos, buscando eufemismos ou fazendo pausas que dão a idéia de seu constrangimento:

*"Não sei o que é pior, o gorila ou os... clientes..."*

A palavra **clientes**, evidentemente, lhe cria um constrangimento, porque seu significado está ligado à idéia de pagamento, de dinheiro, o que o constrange profundamente, pois a todo momento, na história, está referindo-se a seu amor pela jovem que mora no bordel, mas que ele não quer acreditar que seja uma prostituta, mas sim, vítima das circunstâncias.

Da mesma maneira, será o constrangimento que o levará a empregar uma frase como "*Não fui para a cama com ela nem uma vez*", em lugar do vocábulo obsceno tão usado pelo narrador, **trepar**.

*"Aquela francesa é mesquinha e ruim. E também uma trepada de merda. Dizem."*

Esse jogo verbal de atenuação ou intensificação de expressões tabus culmina, no decorrer da história, com o diálogo em que o advogado

(5) Cf. PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo, Contexto, 1991, p. 32-52.

se revela agressivo e irônico, enquanto o conselheiro procura "preservar sua face"<sup>6</sup>, isto é, manter sua imagem social na conversação:

*"A Gisele está desconfiada."*

*"Desconfiada de quê?"*

*"De mim."*

*"Meu Deus!..."*

*"Não faz drama. Deus não existe. E se existisse não ia fazer porra nenhuma por você."*

*"O que você vai fazer?"*

*"Não sei."*

*"Você gosta de martirizar..."*

*"Ora vai te fuder!..."*

*"Pra que toda essa pomografia?"*

*"Digo, vá ter relações sexuais com Vossa Senhoria mesmo!"*

(p. 205)

Seria escusado afirmar, para o leitor que leu os capítulos precedentes, que o diálogo que se trava no conto não é uma conversação **real** por mais natural que ela nos pareça. E é justamente essa naturalidade elaborada que nos introduz na falsa idéia de um diálogo real, notadamente pela dinâmica das frases. Mas, de qualquer modo, não existe no leitor uma "expectativa" para a transcrição de uma conversação onde sejam frequentes como na fala natural, o abandono dos segmentos sintáticos, os anacolutos, os cortes de palavras, as parentéticas, as sobreposições de voz, as repetições, a luta pelo turno, os processos de refeitura da frase, os marcadores conversacionais, como os vários capítulos deste livro têm mostrado.

Mas, ainda assim o processo literário persegue, em certos momentos, a realidade conversacional. Sabemos, por exemplo, que uma das características comuns da conversação é a mudança rápida dos tópicos, conforme as necessidades da situação de comunicação.<sup>7</sup> Assim se estamos desenvolvendo um tópico central no diálogo, podemos, de repente, fazer um comentário sobre algo que nos chamou a atenção ou que esta-

(6) Na interpretação verbal, o falante procura manter a sua imagem social que está na dependência da aceitação ou não de seu discurso, por parte do ouvinte. É a teoria da "preservação da face", criada por Erving Goffman (Cf. *Relation in public*, New York, Penguin, 1971).

(7) Estamos tomando o sentido da palavra **tópico**, aqui, associado ao de tema ou "sobre o que trata uma conversação." Portanto, os subtópicos seriam, igualmente, os subtemas.



mos momentaneamente observando. Depois voltamos ao tópico que desenvolvíamos, sem que essa alteração cause problema ao interlocutor. O autor inteligentemente inicia o conto, como se um diálogo já estivesse em andamento. Dessa forma, a primeira frase do narrador personagem refere-se à paisagem que está observando da janela do apartamento de encontros do conselheiro:

"A cidade não é aquilo que se vê do Pão de Açúcar."

Já a segunda frase é uma pergunta sobre a revelação que o conselheiro lhe fizera antes sobre o local em que se encontrara com a cobiçada jovem. E esse trecho de sua narrativa não o conhecemos, pois está subentendido na pergunta do narrador-personagem:

"Na casa Gisele?"

Trata-se de um recurso original do ponto de vista estilístico, que nos introduz na naturalidade da fala: os tópicos ou subtópicos paralelos a um tópico principal em desenvolvimento.

Embora sem a constância com que surgem na conversação natural, o texto estudado também apresenta marcadores conversacionais do ouvinte, que são formas de este monitorar o falante, indicando-lhe que deve prosseguir, que está entendendo ou até apoiando suas idéias:

"Hum", respondi.

"Sei. Continua."

"Sei. E depois?"

Esse monitoramento pode tomar a forma de frases diversas que indicam, sob um ponto de vista pragmático<sup>8</sup>, um sentido realmente diferente do que as palavras parecem significar:

"Estou com pressa" eu disse.

(8) Para Peirce, existem vocábulos ou frases que são interpretados somente em relação à situação na qual o falante se encontra (Cf. C. S. Peirce, *Semiótica e Filosofia*. São Paulo, Cultrix, 1972). Grice mostra que, numa conversação, o ouvinte reconhece a intenção do falante não propriamente pelo que este falou, mas em função da situação de comunicação em que a fala se deu. São as *implicaturas* conversacionais de que trata o autor (Cf. H. P. Grice, *Logic and conversation*. On: Cole, P. e J. Morgan. *Syntax and semantics*. New York, Academic Press, 1975, p.41-58).

Na verdade o narrador-personagem, na sua impaciência está querendo dizer com isso: "Fale, conte logo."

São recursos de que nos valem na realidade falada para economizar nosso tempo e monitorar o falante, para o desenvolvimento do tema que desejamos ouvir. A literatura pode incorporar esses traços da língua falada, mas dificilmente o escritor, ainda que adote um ritmo ágil, poderá levar para a escrita toda a variedade dinâmica da conversação, com as sobreposições de vozes ou a luta pela posse dos turnos. Estes são distribuídos organizadamente e o próprio escritor se encarrega, pelos verbos *dicendi* de indicar qual o interlocutor que está com a palavra:

"Parece um romance intitulado: *A Escrava Branca da Avenida Rio Idem*", eu disse.

"Você acha graça?" perguntou F. A. ofendido.

E mesmo que o diálogo se torne nervoso, tenso, ainda assim, no texto literário, ele se manterá organizado, pois a literatura não prevê sequer a possibilidade de indicação gráfica de sobreposições de vozes, que dificultariam a leitura e que constituem em fenômeno muito freqüente na fala, conforme vimos nos textos transcritos em outros capítulos deste livro.

Mas pode ocorrer a indicação de uma tomada de turno, como ocorre neste trecho do diálogo:

"Mas você tem um plano, não tem?"

"Não tenho porra de plano nenhum."

"Mas como?... Me diz... de que maneira..."

Eu estava com pressa, sem paciência: "Vai pra casa, para perto de sua mulher, dos seus filhos, para perto dos seus colegas Conselheiros, vê se não me aporrinha deixa que eu quebro o galho."

Notamos que o narrador-personagem interrompe o turno do conselheiro para dizer a frase final. Essa interrupção indicada ao leitor pela explicação: "Eu estava com pressa, sem paciência", seguida imediatamente dos dois pontos, para mostrar a rápida entrada da frase do narrador-personagem.

Do ponto de vista lingüístico, portanto, vemos que o diálogo literário tem suas limitações, em relação à grande flexibilidade da língua falada, consideradas as próprias limitações da língua escrita.

Fundamentalmente, o léxico é o melhor indicador dos registros nas falas, como dissemos antes.<sup>9</sup> Mas as variações sintáticas, a busca de uma frase que exprima o tanto quanto possível, não só o grau de escolaridade do falante, mas também a situação de comunicação em que se envolve, também pode ser uma marca de um diálogo literário "real".

Assim, por exemplo, embora os interlocutores sejam falantes cultos, nota-se que o narrador-personagem mistura constantemente em suas falas a terceira com a segunda pessoa gramatical. Tal fato, longe de representar um índice de incultura tornou-se uma marca característica da linguagem urbana brasileira, como a do Rio de Janeiro (onde se desenvolve a história) e São Paulo. O que ocorre é a presença de um tratamento *você* com verbos em segunda pessoa do singular, em especial nos imperativos:

*"Desembucha logo, estou com pressa."*

*"Vai pra casa..."*

*"... vê se não me aporrinha, deixa que eu quebro o galho."*

*"Anda logo, a chave", eu disse.*

Apesar de o pronome de tratamento *você* não estar nessas frases, ele é o tratamento que vem sendo usado durante todo o diálogo.

Esse comportamento pode sofrer exceção:

*"Espera uma notícia minha. Vá para casa. Deixe a chave daqui comigo."*

O uso de *vá* concorrendo com *vai*, na mesma situação de comunicação pode indicar uma falha da elaboração do diálogo do escritor.

Essa mistura do tratamento *tu/você* nas pessoas dos verbos reflete-se igualmente no uso dos pronomes possessivos, que deveriam acompanhar as pessoas gramaticais do verbo, o que nem sempre acontece também na realidade falada. Numa frase em que se usam os verbos na segunda pessoa, os pronomes possessivos são todos de terceira, o que demonstra que, realmente, o tratamento em uso é *você*:

*"Vai para casa, para perto de sua mulher, dos seus filhos..."*

(9) Registro ou nível de linguagem, ou nível de fala são chamadas as variações que ocorrem na fala de um indivíduo, consideradas as situações de comunicação em que se envolve

Sintaticamente, ainda, podem-se observar as construções mais tensas na fala do conselheiro, onde cuidadosamente predominam as formas cultas:

1. Verbo haver no sentido de existir:

*"...havia na sala algumas pessoas..."*

2. Ênclise pronominal:

*"Quando entrou no quarto ela encostou-se na parede..."*

3. Pronome pessoal oblíquo (objeto direto):

*"...sentei-a ao lado na cama."*

*"Ontem eu avisei que ia tirá-la de lá."*

4. Uso do pretérito mais-que-perfeito, em lugar do tempo composto, na reconstituição de falas pelo discurso indireto, cuidadosamente elaborado quanto à correlação dos tempos verbais;

*"Só falou uma vez, para dizer que desde que saíra de casa eu era a primeira pessoa que a tratara como um ser humano."*

5. Uso do imperativo de 3ª pessoa com verbo na mesma pessoa:

*"Telefone, dê notícias", disse.*

Do ponto de vista do discurso do narrador-personagem pode-se notar a absoluta coerência que existe em sua linguagem, em geral distensa e, não raro, violenta, como a sua própria linguagem, enquanto apenas narrador. Trata-se de uma qualidade importante da linguagem do conto, equilibrando perfeitamente a narrativa. Além disso, dá a sensação de que a mesma personagem ora fala ao conselheiro, ora fala ao leitor. E a narrativa ganha naturalidade própria de uma conversação de que estivéssemos participando ou ouvindo:

*"Quero levá-la comigo para Paris, no mês que vem. Vou em missão do governo. Uma oportunidade ótima."*

*"Aposto que você já falou isso com ela."*

F.A. se perturbou. O puto tinha falado. O ovo no cu da galinha.

Observe-se que a metáfora popular, obscena, ajuda a manter a ilusão da narrativa oral.

Nestas considerações sobre as marcas da oralidade no texto literário, não podemos deixar de levar em conta que, apesar da violência da linguagem – talvez decorrente do próprio tema das personagens envolvidas – existe um limite bem demarcado entre uma transcrição de texto

oral, como vimos em outros capítulos desta obra, e o diálogo literário, imaginado na sua realidade pelo escritor. Esse limite, de certa forma, está regulado pela própria "expectativa" do leitor, pelo seu grau de aceitabilidade das formas lingüísticas populares na linguagem escrita,<sup>10</sup> ou seja, pelo que ele "espera" encontrar num texto literário (desde que ele, *a priori*, o admita como tal).

Esses limites entre o oral e o escrito são difíceis de definir e têm preocupado os bons prosadores em todas as épocas literárias. O analista – e mesmo o leitor comum – não pode deixar de refletir sobre as imensas dificuldades que existem nessa transposição, tendo em conta a unidade da narrativa e a construção das personagens, pois a linguagem é o índice inequívoco de personalidade.

Tentamos mostrar aqui que há contrastes entre o narrador-personagem e o conselheiro, não apenas nos atos que praticam, mas na sua origem socioeconômica, nas suas profissões, na sua moral, mas também, e sobretudo, na sua linguagem que, afinal, é a revelação imediata de todas essas diferenças.

Por que esse texto de Rubem Fonseca revelaria um grande escritor na organização do diálogo? Apenas porque esses limites entre o oral e o escrito foram perfeitamente respeitados considerando-se todos esses fatores apontados. E o alto grau de elaboração que a linguagem revela nos faz criar a ilusão da realidade que é, afinal, um dos objetivos e um dos índices da obra de arte.

SBD / FFLCH / USP

Bib. Florestan Fernandes Tombo: 325969

Aquisição: DOAÇÃO /

Proc. /

N.F.

/ R\$ 40,00 27/7/2010

(10) Na literatura, onde maior é o peso da tradição da linguagem culta, é preciso que o escritor rompa com certa expectativa do leitor, para uma linguagem desse tipo e quebre certos tabus lingüísticos, introduzindo vocábulos obscenos, formas injuriosas, gírias, quando necessários. O grau de aceitabilidade dessas formas dependerá do contexto literário, da convicção do leitor de que elas são absolutamente indispensáveis para que o autor realize convenientemente sua "realidade" lingüística na obra.

## GLOSSÁRIO

- \* **ASSALTO AO TURNO:** caso de troca de falantes em que a intervenção do ouvinte não foi solicitada ou consentida. Neste caso, o ouvinte "invade" o turno do falante fora de um lugar relevante para a transição (LTR). (v. tb. PASSAGEM DE TURNO)
- \* **ASSIMETRIA:** situação de conversação em que apenas um dos interlocutores desenvolve o assunto por meio de uma série de intervenções de caráter informativo, enquanto o outro apenas "vigia" ou "segue" o seu parceiro com breves turnos inseridos. (v. tb. INTERAÇÃO ASSIMÉTRICA; SIMETRIA)
- \* **AUTOCORREÇÃO:** correção realizada pelo falante ao seu próprio texto. (v. tb. CORREÇÃO)
- \* **AUTO-REPARAÇÃO:** correção de regra conversacional em que a falha é corrigida pelo mesmo falante que a cometeu. (v. tb. REPARAÇÃO)
- \* **AUTOPARÁFRASE:** paráfrase realizada pelo falante a um seu enunciado anterior. (v. tb. PARÁFRASE)
- \* **CENTRAÇÃO:** propriedade do tópico pela qual os falantes têm a atenção voltada para um ou mais assuntos do texto conversacional, implicando a utilização de referenciais explícitos ou inferidos. Uma nova centração supõe necessariamente um novo tópico.
- \* **COERÊNCIA DISCURSIVA:** propriedade de um texto conversacional em que os referentes apresentados nos tópicos discursivos podem ser alinhados como pertencentes a um mesmo tópico.
- \* **CONCERNÊNCIA:** traço da centração que corresponde à relação de interdependência semântica entre os enunciados (v. tb. CENTRAÇÃO).
- \* **CONHECIMENTO COMPARTILHADO:** conhecimento extra-textual comum aos interlocutores. Quanto maior for o conhecimento compartilhado entre os participantes envolvidos na conversação, menor será a necessidade de verbalização.

- \* **CONTEXTO CONVERSACIONAL:** situação em que se desenvolve a interação entre os falantes.
- \* **CONTEXTO INTERACIONAL:** conjunto de marcas que configuram a interação entre os falantes, como: expressões faciais, gestos, postura, atitudes corporais etc.
- \* **CONTEXTO SITUACIONAL:** ambiente extralingüístico (momento, espaço, relações sociais) em que se desenvolve a conversação. Situação de comunicação.
- \* **CONTINUIDADE:** organização seqüencial dos tópicos, de modo que a abertura de um se dá após o fechamento do precedente. (v. tb. DESCONTINUIDADE)
- \* **CONVERSAÇÃO :** evento comunicativo dinâmico, que tem por características básicas a alternância entre os papéis de falante e ouvinte.
- \* **CONVERSAÇÃO ESPONTÂNEA:** conversa que não sofreu qualquer tipo de planejamento (temático ou lingüístico), e que ocorreu na ausência de observadores, não participantes da atividade da fala.
- \* **CONVERSAÇÃO NATURAL:** (v. tb. CONVERSAÇÃO ESPONTÂNEA)
- \* **CORREÇÃO:** reelaboração do discurso que suspende temporariamente o andamento da frase, no sentido de "consertar" formulações consideradas inadequadas ou pelo próprio falante ou por seu interlocutor. Ato de reformulação textual, por meio do qual o falante anula, total ou parcialmente, a formulação anterior, com função de garantir a boa compreensão entre os participantes da conversação. (v. tb. REPARAÇÃO, PARÁFRASE)
- \* **DESCONTINUIDADE:** interrupção do fluxo formulativo, ou seja, perturbação na contigüidade dos tópicos: a descontinuidade caracteriza-se pela introdução de um tópico na seqüência linear, antes de ser esgotado o precedente, que pode ou não retornar.
- \* **DIGRESSÃO:** desvio tópico por meio da inserção de uma "porção de conversa" que não se acha diretamente relacionada com o assunto que vinha sendo desenvolvido, mas que culmina com a reintrodução deste.

- \* **DISTANCIAMENTO:** falta de sintonia do(s) interlocutor(es) com o assunto da conversa.
- \* **DIÁLOGO:** (v. tb. CONVERSAÇÃO)
- \* **EGO-ENVOLVIMENTO:** envolvimento do falante com o texto em elaboração.
- \* **ENUNCIADO DE ORIGEM:** segmento textual que, nas relações de reformulação (paráfrase ou correção), é reelaborado.
- \* **ENUNCIADO REFORMULADOR:** segmento textual que, nas relações de reformulação (paráfrase ou correção), reelabora o enunciado de origem.
- \* **ENVOLVIMENTO:** contínua sintonia dos interlocutores com o conteúdo do diálogo.
- \* **FORMULAÇÃO:** atividade lingüística de um interlocutor para dar forma e organização lingüística às suas intenções comunicativas e garantir a intercompreensão conversacional.
- \* **FRAGMENTAÇÃO:** ruptura na construção sintática por meio de cortes que tornam as frases sintaticamente incompletas.
- \* **HESITAÇÃO:** recurso lingüístico que garante ao locutor o tempo necessário para organização e planejamento do turno em andamento, decorrendo, entre outras causas, de falhas de memória, desconhecimento do assunto, vocabulário, estruturas lingüísticas etc.
- \* **HETEROCORREÇÃO:** correção realizada pelo falante ao texto do outro.
- \* **HETEROPARÁFRASE:** paráfrase realizada por um falante, a partir de um enunciado anterior proferido pelo seu interlocutor.
- \* **HETERORREPARAÇÃO:** correção de regra conversacional em que a falha é consertada pelo interlocutor, ou seja, o falante viola a regra e seu interlocutor o corrige.

- \* **INQUÉRITO:** procedimento usado para recolher material lingüístico, para análise. Material assim obtido no Projeto NURC. São três os tipos de inquérito: Diálogo entre dois Informantes (D2); Diálogo entre Informante e Documentador (DID); e Elocuções Formais (EF).
- \* **INTERAÇÃO ASSIMÉTRICA:** situação de conversação em que apenas um dos interlocutores detém a palavra e "domina a cena" por meio de uma série de turnos nucleares, ao passo que o outro só contribui com intervenções episódicas, marginais em relação ao tópico do fragmento. Entrevistas e consultas, entre outras, constituem exemplos de interações assimétricas. (v. tb. ASSIMETRIA)
- \* **INTERAÇÃO FACE A FACE:** situação de conversação que ocorre com a presença física, num mesmo tempo e espaço, entre dois ou mais interlocutores.
- \* **INTERAÇÃO SIMÉTRICA:** situação de conversação em que todos os interlocutores dão contribuições relevantes em relação ao tópico, engajando-se substantivamente na consecução do objetivo comum. Todos os interlocutores têm igual oportunidade de falar como nas conversas corriqueiras do dia-a-dia. (v. tb. SIMETRIA)
- \* **INTERAÇÃO:** atividade cooperativa entre pelo menos dois falantes que se revezam na condição de sujeito comunicante e sujeito interpretante.
- \* **INTERLOCUTOR:** participante do diálogo: o(s) falante(s) e o(s) ouvinte(s) envolvidos na conversação.
- \* **INTERVENÇÃO:** cada uma das diferentes participações dos interlocutores na conversação.
- \* **LINEARIDADE:** articulação intertópica em termos de adjacências na linha discursiva, que se vincula à introdução de informações novas. (v. tb. CONTINUIDADE; DESCONTINUIDADE)
- \* **LUGAR RELEVANTE PARA A TRANSIÇÃO (LRT):** lugar intuído pelo ouvinte como adequado para se tomar o turno e dar a sua contribuição para o desenvolvimento do tópico. Momento – marcado por si-

nais como o silêncio, pausas longas, gestos, olhares etc. – em que o ouvinte percebe que o turno de seu interlocutor está completo e que, portanto, pode ser a sua vez de falar. (v. tb. TURNO; ASSALTO AO TURNO; PASSAGEM CONSENTIDA)

- \* **MARCADOR CONVERSACIONAL:** vocábulos ou expressões fixas e estereotipadas, que podem ser desprovidos de seu conteúdo semântico e de função sintática, e que permitem ao falante tomar e iniciar o turno, mantê-lo e encerrá-lo, bem como envolver os parceiros na conversação. São elementos típicos da fala, que funcionam como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto e como elementos orientadores da interação.
- \* **MATRIZ:** denominação dada ao enunciado de origem da palavra (ou de outra atividade de reformulação).
- \* **ORGANICIDADE:** propriedade do tópico de estabelecer relação de interdependência estrutural nos planos linear e vertical, entre os supertópicos e os tópicos e, subtópicos constituintes. (v. tb. TÓPICO)
- \* **PARÁFRASE:** enunciado reformulador que mantém com o enunciado anterior uma relação de equivalência semântica (explicação, reiteração, ênfase) com objetivo de assegurar a intercompreensão entre os participantes da conversação. (v. tb. CORREÇÃO; REPARAÇÃO)
- \* **PASSAGEM CONSENTIDA:** passagem correspondente a uma entrega implícita do turno, isto é, o ouvinte intervém e passa a deter o turno sem que a sua intervenção tenha sido diretamente solicitada. (v. tb. TURNO; PASSAGEM DE TURNO)
- \* **PASSAGEM DE TURNO:** modalidade de troca de falantes em que a colaboração do outro interlocutor é de alguma forma solicitada. A passagem de turno pode ser requerida pelo falante ou consentida por este (v. tb. ASSALTO AO TURNO).
- \* **PASSAGEM REQUERIDA:** passagem de turno em que a participação do ouvinte é explicitamente solicitada.

- \* **PAUSA:** marcador lingüístico de caráter prosódico indicador, de momento para replanejamento e organização verbal. Propicia mudanças de turno, pois funciona como lugar relevante para a transição (LRT).
- \* **PLANEJAMENTO DISCURSIVO:** processo de elaboração do texto conversacional, em nível de tema (planejamento temático) ou em nível de elaboração lingüística (planejamento lingüístico).
- \* **REFORMULAÇÃO:** reelaboração textual, a partir de mecanismos específicos do texto falado, tais como a correção, a repetição e a paráfrase, no intuito de reiterar idéias e facilitar a intercompreensão. (v. tb. **CORREÇÃO; PARÁFRASE; REPETIÇÃO**)
- \* **RELEVÂNCIA:** traço da centração que corresponde à proeminência de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis. (v. tb. **CENTRAÇÃO**)
- \* **REPARAÇÃO:** correção de regra conversacional, violada pelos participantes do diálogo. (v. tb. **CORREÇÃO; PARÁFRASE**)
- \* **REPETIÇÃO:** ato de reformulação do discurso em que a relação semântica entre o enunciado de origem e o enunciado repetido é idêntica ou muito forte.
- \* **SEGMENTAÇÃO TÓPICA:** delimitação de pequenas porções tópicas, com base no princípio da centração. (v. tb. **CENTRAÇÃO**)
- \* **SEQÜENCIALIDADE:** sucessão linear dos tópicos. (v. tb. **LINEARIDADE**)
- \* **SIMETRIA:** característica da conversação em que os interlocutores se revezam constantemente nas posições de falante e ouvinte, colaborando igualmente para o desenvolvimento do tópico conversacional com turnos nucleares. (v. tb. **INTERAÇÃO SIMÉTRICA; ASSIMETRIA**)
- \* **SOBREPOSIÇÃO DE VOZES:** situação de comunicação em que, por alguns segundos, ocorrem falas simultâneas, que indicam grande envol-

vimento dos interlocutores, até que um deles desista e o outro permaneça definitivamente com a posse do turno.

- \* **SUSTENTAÇÃO DA FALA:** conjunto de mecanismos utilizados pelo falante para manter o seu próprio turno, ou pelo ouvinte, para "ajudar" o falante a continuar com a palavra.
- \* **TEXTO CONVERSACIONAL:** texto falado, resultante de um trabalho cooperativo entre dois ou mais interlocutores que o vão compondo à medida que a conversa se realiza.
- \* **TURNO:** elemento constitutivo do processo interacional, pelo qual o interlocutor contribui com direito a tomar a palavra e participar da conversação. Qualquer intervenção dos falantes, com ou sem caráter referencial, no decorrer da conversação.
- \* **TURNO CONVERSACIONAL:** (v. **TURNO**)
- \* **TURNO INSERIDO:** breve turno por meio do qual o interlocutor indica que está acompanhando seu parceiro, sem contribuir necessariamente para o desenvolvimento do tópico conversacional. Constitui sinal de que o falante aceita a sua posição de ouvinte e consente que outro interlocutor prossiga a sua fala.
- \* **TURNO NUCLEAR:** intervenção de nítido caráter informativo com que o falante contribui para o desenvolvimento do tópico da conversação.
- \* **TURNO NUCLEAR EM ANDAMENTO:** turno nuclear que não se limita a uma única intervenção: cada participação do interlocutor dá continuidade, nos planos semântico e pragmático (e às vezes também sintático), à sua participação anterior, podendo prolongar-se por várias intervenções consecutivas.
- \* **TURNOS NUCLEARES JUSTAPOSTOS:** seqüência de turnos nucleares em uma conversação simétrica.

\* **TÓPICO:** assunto, tema tratado em determinado trecho da conversação, é o "acerca de" de que se fala, podendo subdividir-se em subtópicos.

\* **UNIDADE ENTONACIONAL:** expressão lingüística de uma informação ou idéia, atualizada e reconhecida, num dado momento, por meio de uma curva melódica específica.

#### Ficha Técnica

<i>Divulgação</i>	Humanitas Livraria – FFLCH/USP
<i>Mancha</i>	10,8 x 17,8 cm
<i>Formato</i>	13,8 x 21 cm
<i>Tipologia</i>	Times New Roman
<i>Papel</i>	miolo: off-set branco 75 g/m <sup>2</sup> capa: cartão branco 180 g/m <sup>2</sup>
<i>Impressão da capa</i>	Preto e laranja
<i>Impressão e acabamento</i>	Seção Gráfica – FFLCH/USP
<i>Número de páginas</i>	237
<i>Tiragem</i>	2000